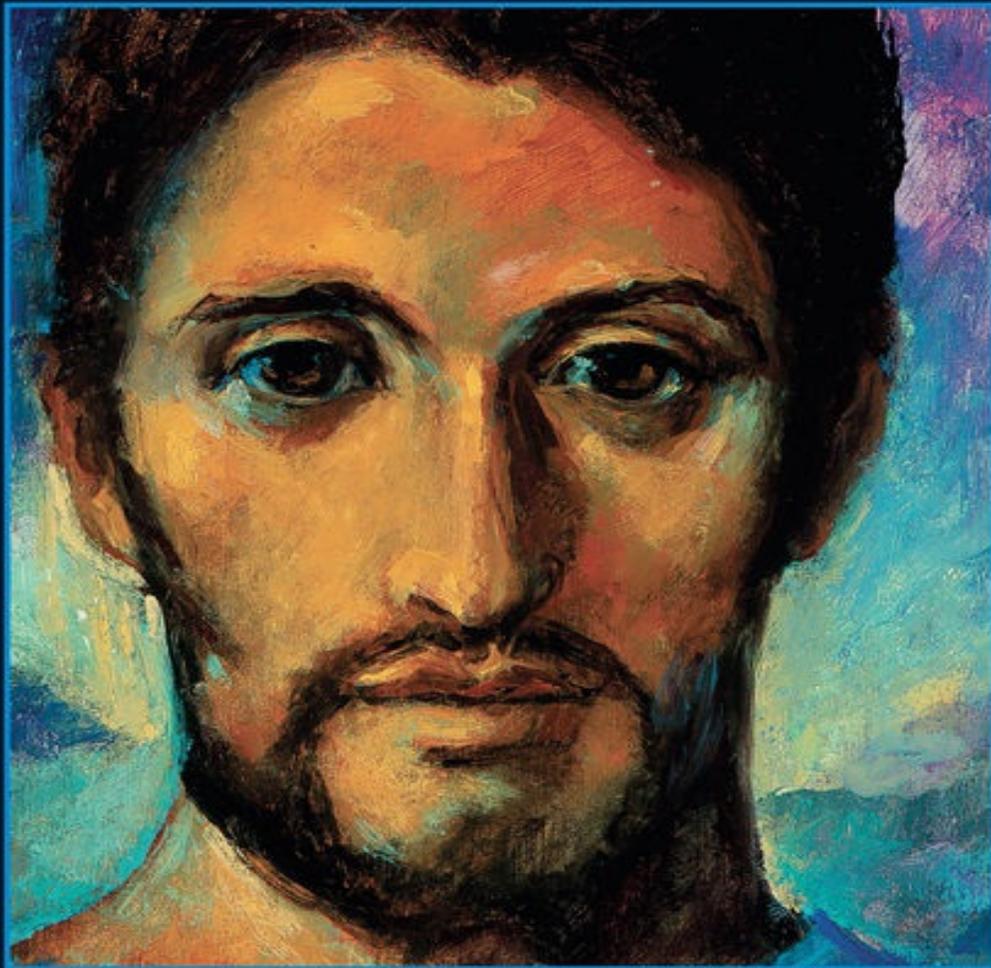


Jesus segundo o judaísmo

Beatrice Bruteau (org.)



Rabinos e estudiosos dialogam
em nova perspectiva
a respeito de um antigo irmão

JESUS SEGUNDO O JUDAÍSMO

BEATRICE BRUTEAU

(org.)

JESUS
SEGUNDO O JUDAÍSMO
Rabinos e estudiosos dialogam
em nova perspectiva



Índice

[Prefácio](#)

[Convite aos colaboradores](#)

[Agradecimentos](#)

[Uma judia escreve sobre Jesus, o judeu - LAURA BERNSTEIN](#)

[PRIMEIRA PARTE - CONCEPÇÕES HISTÓRICAS E TEOLÓGICAS](#)

[1. A Evolução das concepções judaicas a respeito de Jesus - MICHAEL J. COOK](#)

[2. Jesus como judeu histórico - ARNOLD JACOB WOLF](#)

[3. “Quem você diz que sou?” - BYRON L. SHERWIN](#)

[4. Conversando sobre a Torá com Jesus - HERBERT BRONSTEIN](#)

[SEGUNDA PARTE - AVALIAÇÕES E INTERPRETAÇÕES](#)

[5. O primo incômodo - ANDREW VOGEL ETTIN](#)

[6. Yeshua, o hasid - DANIEL MATT](#)

[7. Carta do Rabino Gamaliel ben Gamaliel - STANLEY NED ROSENBAUM \(tradutor\)](#)

[8. Reflexão judaica sobre imagens de Jesus - DANIEL F. POLISH](#)

[9. Jesus, os rabinos e a imagem numa moeda - ARTHUR WASKOW](#)

[10. Que tipo de homem? - HOWARD AVRUHM ADDISON](#)

[TERCEIRA PARTE - CONCEPÇÕES PESSOAIS](#)

[11. A palavra “J” - ALLEN SECHER](#)

[12. Meu amigo Jesus - JOSEPH GELBERMAN](#)

[13. Meu almoço com Jesus - LAWRENCE KUSHNER](#)

[14. Jesus e eu - LANCE FLITTER](#)

[QUARTA PARTE - A CONVERSAÇÃO CONTINUA](#)

[15. “Como Vocês Lêem?” - LAWRENCE EDWARDS](#)

[16. Novos olhos - MICHAEL LERNER](#)

[17. Yehoshua e a Aliança intacta - DREW LEDER](#)

[18. Jesus - LEWIS D. SOLOMON](#)

[19. Escutando Jesus para ouvir a Deus - RAMI M. SHAPIRO](#)

[Conclusão](#)

[Epílogo](#)

[Recursos para continuar a conversação](#)

[Colaboradores](#)

PREFÁCIO

Três motivações levaram à compilação deste livro — mas, permitam-me dizer desde o início, a fim de evitar mal-entendidos, que estimular a conversão de judeus a alguma forma de cristianismo não é uma delas. Poder-se-ia dizer que se trata quase do contrário: há um intenso interesse em resituar Jesus em seu judaísmo originário.

Minha primeira motivação tem que ver com o próprio Jesus. Faz já algum tempo que tenho a impressão de que o cristianismo, na qualidade de religião que fala de Jesus, é em muitos aspectos sobremodo distinta da religião que Jesus praticou pessoalmente e cuja prática estimulou. Claro que essa religião que Jesus propôs foi a versão do Judaísmo do segundo Templo. Convidar judeus a comentá-lo nesse contexto seria um passo para devolver a Jesus sua voz própria. Isso poderia nos permitir melhor perceber os elementos que ele acentuou nos termos de sua cultura e de sua tradição históricas. Pô-lo outra vez a conversar com seus correligionários seria um movimento rumo à verdade e à justiça, na hipótese de que desenvolvimentos posteriores tenham distorcido suas intenções originais.

Sou simpática ao sentimento com o qual Geza Vermes¹ encerra a introdução de seu livro *Jesus, o Judeu: Se pudermos reconhecer que “esse homem, distorcido pelo mito cristão tanto quanto pelo judaico, não era na verdade nem o Cristo da Igreja nem o apóstata e fantasma assustador da tradição popular judaica, já teremos dado os primeiros passos rumo ao resgate de uma dívida há muito contraída com ele”*.

Jesus deveria ter a oportunidade de ser conhecido em seus próprios termos — se for possível desenredar esses termos das teologias e instituições que os envolvem. Claro que temos de reconhecer que judeus de dois milênios depois vão ver por suas próprias lentes, assim como o fazem e têm feito os cristãos. Mas sua perspectiva vai ser diferente, e isso pode ajudar.

A segunda motivação tem relação com o povo judeu. Os maus-tratos sofridos por judeus da parte de cristãos é uma longa história de vergonha e amargor. O grau e a persistência da perseguição patrocinada pela religião são bem mais amplos do que se pode acreditar. E isso foi feito em nome de Jesus! Trata-se de evidente injustiça aos judeus, mas também ao próprio Jesus. É

trágico que os judeus viessem a odiá-lo em função do que os cristãos fizeram com eles. Muitos deles não suportam sequer a menção de seu nome!

Todavia, se o próprio Jesus não é a causa dos tantos padecimentos dos judeus, os maus-tratos que lhes são infligidos o atingem na mesma medida. Ele está do lado das vítimas, não dos perpetradores. Se esta for a concepção correta, deve-se fazer tudo o que se puder para sanar essa dolorosa ferida.

A terceira motivação está vinculada com os cristãos. O livro não se destina primordialmente a eles, mas a Jesus e seus companheiros judeus. É, contudo, provável que venha a ser lido por um número de cristãos bem maior do que de judeus. Em nossos dias, muitos são os cristãos que anseiam por ver Jesus em seu contexto original e que se interessam por ver o que outros judeus como ele fazem dele e por aquilo que os cristãos podem aprender com essas perspectivas judaicas.

Vamos pô-lo em pé de igualdade com outros mestres judeus, sem nenhuma reivindicação especial, sem nenhum privilégio específico, no intercâmbio do estudo e do debate judaicos, e vejamos o que acontece. Há ainda o contexto dos judeus místicos e çaddikim, pessoas de notável virtude e santidade, muitíssimo generosas, cuja vida é devotada a servir os semelhantes. Irão os cristãos que buscam o “Jesus histórico” ver algum elemento adicional por contar com essa ajuda judaica? Podemos pensar que sim. Desse modo, também para eles os benefícios de tal discussão podem ser valiosos.

Essas são as motivações da organizadora ao compor o livro. Mas é de igual importância que o leitor tenha conhecimento do tipo de convite que se fez a possíveis colaboradores, qual a tarefa se apresentou a eles, ao que eles respondem ao escrever seus textos. Com esse fim, reproduzo aqui o material que lhes enviei. Eu não sabia o que eles iriam se dispor a dizer, e a nenhum rejeitei por causa do que disseram.

As respostas são amplamente variadas. Alguns colaboradores são acadêmicos e apresentam concepções históricas e teológicas. Outros são rabinos de congregação, que falam com base em sua experiência com pessoas cuja vida é afetada por algumas dessas questões. Há aqueles que partilham sentimentos e vivências sobremodo pessoais que têm Jesus por objeto. A maioria ainda tem dificuldades para “deixar o cristianismo fora disso” ao discutir Jesus. Alguns oferecem um modo de ver o assunto que esperam venha a constituir um terreno comum com os cristãos. Muitos começam nos

recordando do que se fez ao povo judeu por causa de Jesus. Alguns observam que não sentem em si nenhum ímpeto que lhes desperte um interesse particular por Jesus; ele não acrescenta coisa alguma de que já não disponham. Outros o vêem como mestre a ser honrado no universo dos mestres judeus. Os colaboradores não têm o mesmo grau de conhecimento acadêmico, e há diferenças entre seus estilos — há alguns formais, outros coloquiais, quem sabe bem-humorados, talvez místicos. Do meu ponto de vista, isso nos traz benefícios. Era meu desejo ver uma variedade de perspectivas vindas de diferentes tipos de pessoas. Eu pretendia iniciar uma conversa da qual muitas pessoas pudessem participar. Alimento a esperança de que ela tenha continuidade.

¹ Geza Vermes, *Jesus the Jew: A Historian's Reading of the Gospels*, Filadélfia, Fortress, 1973, p. 17.

CONVITE AOS COLABORADORES

Este livro é uma coletânea de textos escritos por judeus impelidos a examinar de maneira independente aquilo que o autor deseja isolar como “o Jesus histórico” depois de ter descartado interpretações, elaborações, desenvolvimentos teológicos, polêmicas anti-judaicas e de outro teor, e assim por diante. A idéia consiste em coligir concepções judaicas de um Jesus integralmente judeu, algo que ele foi (pelo que se sabe) antes de existir qualquer vestígio de cristianismo. As concepções devem ser pessoais e honestas e podem estar inseridas em quaisquer contextos que sejam do agrado do autor.

Os historiadores julgam dispor hoje de bases razoavelmente sólidas para submeter a escrutínio o material sobre Jesus e classificar vários itens como palavras e atos historicamente reais, ou pelo menos como representações precisas de sua mentalidade. Julgando com base nessa posição, os historiadores podem atribuir a outros itens o rótulo de duvidosos ou fictícios. Arqueólogos, antropólogos e especialistas em linguagem e em literatura também contribuem para o presente estudo. Há vários métodos de avaliação, havendo razoável grau de debate a respeito. Esse tipo de pesquisa obriga inevitavelmente os eruditos e seus leitores a levar muito a sério o fato de que Jesus foi um judeu. (Parece ridículo ter de dizer isso, mas um número surpreendente de pessoas parece não de dar conta desse fato.)

Nesse sentido, quem se acostumou com essa idéia imagina, como é de esperar: que imagem têm de Jesus outros judeus? (Devemos considerar o fato de que o judaísmo moderno é ele próprio um desenvolvimento reformulado da antiga cultura/religião israelita que não tem a mesma natureza do judaísmo do qual proveio.) Mas, supondo que se pudesse remontar ao próprio Jesus, antes do cristianismo, antes de todas as elaborações teológicas, ao tempo em que ele era simplesmente um judeu entre judeus, como seria ele? Poderia um judeu de nossos dias imaginar isso? E, se puder, que imagem emergiria?

Quando faço esta proposta, é importante insistir que ao criador dessa imagem não importa coisa alguma provinda de desenvolvimentos cristãos posteriores. Isso significa que ele terá de tomar decisões, ao percorrer as fontes, acerca do que há de ficção, de apologética, de polêmica, de catequese, de liturgia e de outros materiais de cunho não-histórico. É nesse ponto que os

“olhos judeus” podem ter acentuada vantagem. A expectativa é que os olhos judeus vejam diferente, significativa e proveitosamente. A organizadora espera em particular que se lance mais luz sobre o que o Jesus histórico fazia no contexto judaico que era seu por direito e se alguma coisa — os princípios básicos e, quem sabe, os contornos gerais de sua aplicação prática — poderia ser hoje aplicada de maneira benéfica. Por exemplo, Jesus tinha alguma idéia, ou, quem sabe, programa para a Tikkun Olam [a restauração do mundo mediante a ação social] e será que essa idéia ou programa iriam funcionar?

Outra obviedade que tem de ser dita é que Jesus não é anti-judaico. Ele não está “superando” a religião judaica, mas acha-se precisamente imerso nela. Se os judeus puderem começar a diferenciar Jesus, na própria realidade histórica dele, de todas as terríveis coisas feitas a seu povo em associação com o nome dele, se puderem começar a ver que essas injustiças e horrores não são culpa dele, mas que, ao contrário, também Jesus é vítima dessas distorções, poderá daí advir algum alívio.

Logo, este livro pode ser visto, de um lado, como forma de fazer justiça a uma figura histórica, e, de outro, como forma de fazer justiça ao povo e à tradição que o produziram e que, em função disso, têm a primazia no que se refere a discorrer sobre ele. As ironias extremas presentes ao que a História fez à sua memória e ao seu povo merecem quaisquer correções que pudermos oferecer.

A exposição a novas perspectivas é de modo geral estimulante e muitas vezes desencadeia inovações e revitalizações completamente inéditas. Pode uma nova perspectiva judaica sobre Jesus e, em especial, a respeito de suas idéias e programas, caso estas venham a ser julgadas valiosas, dizer algo de importante para nossa atual situação? Se o estudo que propomos resultar em trazer à luz intuições e valores que em si mesmos ainda têm importância e vigor para nossas necessidades contemporâneas, nosso projeto terá posto na mesa do mundo um útil recurso.

AGRADECIMENTOS

A organizadora e o editor agradecem enfaticamente pela permissão de reprodução dos excertos de obras já publicadas relacionados a seguir:

Lawrence Kushner: *Jewish Spirituality: A Brief Introduction for Christians* © 2001 Lawrence Kushner (Woodstock, Vermont, Jewish Lights Publishing). \$12.95 + \$3.50 para envio. Pedidos por carta ou pelo telefone 1 800-962-4544, ou, online, em www.jewishlights.com. Permissão concedida por Jewish Lights Publishing, P.O. Box 237, Woodstock, VT 05091.

Michael Lerner: *Jewish Renewal* © 1994 Michael Lerner. Usado com a permissão da Putnam Berkeley, divisão da Penguin Putnam, Inc.

Daniel Matt: Excerto de *God & The Big Bang* © Daniel Matt (Woodstock, Vermont, Jewish Lights Publishing). \$16,95 + \$3,50 para envio.

Byron L. Sherwin: “Who Do You Say That I Am? (Mc 8:29): A New Jewish View of Jesus”, publicado pela *Journal of Ecumenical Studies*, vol. 31, n. 3-4 (verão-outono 1994) em versão mais extensa.

Lewis D. Solomon: Excertos de *A Modern Day Rabbi’s Interpretation of the Teachings of Jesus* © 2000. Usado com a permissão de SterlingHouse, Pittsburg, Pensilvânia.

Arnold Jacob Wolf: “Jesus as a Historical Jew”, *Judaism*, 48, n. 3 (verão de 1997).

A organizadora reconhece os créditos e agradece a Stanley Ned Rosenbaum por sugerir o título original; a Lance Edwards por uma observação feita em conversa telefônica, “desejo convidar Jesus para uma nova conversa”, que veio a ser o subtítulo do livro; a Drew Leder por recomendar a ilustração da capa; a Marshall e Mark Marvelli (pai e filho), de Winston — Salem, Carolina do Norte, e a Stanley Ziobro, de Pfafftown, North Carolina, pelas muitas horas de trabalho técnico na versão eletrônica dos originais; a Stuart Matlins por seus valiosos conselhos; e a Michael Leach, da Orbis Books, pela ajuda e estímulo constantes.

UMA JUDIA ESCREVE SOBRE JESUS, O JUDEU

LAURA BERNSTEIN

Não posso escrever sobre Jesus.
Sobre como você entrou em minha vida abruptamente,
em meus 17 anos
quando meu primeiro amor, do Moody Bible Institute,
me apresentou a você
e você se tornou meu segundo amor
por algum tempo. Aprendi a rezar
em seu nome e também consultei sua mãe
sobre questões espirituais.
Minha mãe disse que cultuar você
era pior que ser prostituta.

Fui para a faculdade, meu coração oprimido,
minha cabeça em uma coroa de espinhos.
Durante anos parei de me comunicar com você.
Tivemos um estremecimento.
Parei totalmente de rezar
e comecei a pagar a psiquiatras
pela minha salvação. E tornei-me eu mesma
terapeuta, um médico ferido,
ainda buscando, ansiando, sofrendo;
ainda não rezando.

Décadas mais tarde, a escola rabínica me atraiu,
e vi-me lançada no deserto
de seu gramado natal, Jehoshua —
aprendi hebraico, li a Torá,
cantei salmos, entoei súplicas místicas.
Chamei você de meu amado irmão
quando os homens amish que estavam no jardim

me perguntaram se eu o amava.

E você veio a mim em um sonho:
Juntos recitamos orações litúrgicas em outro jardim.
Seu olhos eram transparentes, suas mãos macias.
Você me deu dois presentes — um cachecol
e um par de meias, vestes para a jornada.
Para manter abrigado meu pescoço?
Para evitar que me esfriassem os pés?
Nas minhas mãos, reluzia o tetragrama
como estigmas — o nome sacratíssimo,
impronunciável, de nosso pai.
Está bem... Tudo está bem.
Posso escrever sobre Jesus.

PRIMEIRA PARTE

CONCEPÇÕES HISTÓRICAS E TEOLÓGICAS

A EVOLUÇÃO DAS CONCEPÇÕES JUDAICAS A RESPEITO DE JESUS

MICHAEL J. COOK

Esta apresentação se concentra não no próprio Jesus, mas em concepções judaicas a seu respeito e nas mudanças pelas quais passaram essas concepções ao longo do tempo. Designo com a expressão “concepções judaicas” percepções que têm de Jesus os judeus que se dissociam da afiliação e da afirmação cristãs.¹ Durante muitos séculos, essas percepções foram todas elas desdenhosas. A partir do estabelecimento do estudo acadêmico judaico do século XIX, ocorreu uma substancial reversão: muitas avaliações de Jesus (como figura histórica) feitas por judeus passaram então a ter inclinação mais positiva, tendência que vigora ainda hoje.

Dada uma tão ampla extensão no tempo, é útil destacar cinco períodos aos quais devemos dedicar especial atenção:

Período 1: Durante o ministério de Jesus (c. 30 d.C.) só um número relativamente pequeno de judeus — excetuando seus seguidores — pode ter tido conhecimento da existência de Jesus, e não podemos determinar com nenhum grau de certeza o que pensavam a respeito dele.

Período 2: Da morte de Jesus (ca. 30 d.C.) ao final do século II, há muitíssimos poucos escritos judaicos que mencionem Jesus. Mas algumas obras cristãs podem nos dar uma ajuda indireta. A partir delas, podemos inferir que as avaliações judaicas acerca de Jesus costumavam conter elementos pouco lisonjeiros.

Período 3: Com a era da primeira literatura rabínica (aproximadamente entre o século III e o VI), começamos a encontrar mais avaliações de Jesus em fontes judaicas propriamente ditas (algumas das quais são provavelmente tradições orais perpetuadas que vieram da era

precedente). Essas avaliações de Jesus eram de modo geral difamatórias.

Período 4: Na Idade Média, registros de disputas entre cristãos e judeus nos dizem muito sobre concepções judaicas de Jesus, mas é difícil discernir até que ponto esses registros refletiam a opinião popular geral dos judeus. Em acréscimo, podemos examinar um tratado polêmico de nome Toledot Yeshu (A História da Jesus); obra que nega enfaticamente alegações cristãs, o tratado faz uma caricatura de Jesus por meio de traços que persistiram, em alguns círculos, pelos séculos vindouros.

Período 5: No curso do período moderno inicial, que se inicia na década de 1800, com a saída de gerações de judeus da estagnação dos guetos, começa a se processar uma mudança substancial — que fez que muitos judeus passassem a ser mais receptivos a uma avaliação mais favorável de Jesus (do Jesus histórico).

PERÍODO 1 — O MINISTÉRIO DE JESUS

O ministério de Jesus precedeu a composição de toda e qualquer fonte escrita (judaica, cristã ou outra). Nesses termos, a reconstrução daquilo que judeus de sua época pensavam a seu respeito se reveste de caráter problemático. Algumas “cortinas” eclipsam o Jesus histórico a ponto de ele não ser visto sequer pelos próprios autores dos evangelhos. Essas mesmas cortinas nos impedem de determinar que idéia os judeus faziam dele durante seu ministério.

- A primeira cortina é cronológica: houve o intervalo de uma ou duas gerações entre o ministério de Jesus (ca. 30 d.C.) e a eventual composição final dos evangelhos canônicos (ca. 70-100 d.C.). Esse longo hiato dá margem a dúvidas — qual o grau de precisão com que esses escritos preservam não somente as realidades de Jesus e de seu ministério como também as particularidades a respeito de como e o que pensaram dele os judeus durante seu ministério?
- Há em segundo lugar uma cortina geográfica: o Cristianismo primitivo se disseminou com rapidez da Palestina para e pela região mediterrânea mais ampla. A maioria dos membros dessas novas Igrejas desconhecia a Palestina, para não mencionar o ambiente do ministério de Jesus. Ao menos dois ou três evangelhos, e possivelmente

os quatro, foram completados nessas regiões de Diáspora. Quanto a nosso interesse específico, a distância geográfica prevenia o acesso a informações não só a respeito do Jesus histórico como também de como os judeus palestinos da época de seu ministério o viam.

- A demografia é a terceira cortina: à época do término da elaboração dos evangelhos (70-100 d.C.), as fileiras cristãs haviam sofrido uma dramática alteração. A maioria dos cristãos era agora de extração gentia, em vez de judaica.² Que impacto teve essa circunstância sobre a maneira pela qual os evangelhos descreveram as imagens que os judeus tinham de Jesus durante seu ministério? Tratar-se-ia de recontagens formuladas de algum modo para atender a interesses gentios (condicionados como eram, por sua vez, por novas épocas e locais)?
- Alguns cristãos gentios não eram simplesmente, como o são por definição, não-judeus; eram também anti-judeus. Isso evoca uma cortina ideológica. Da mesma forma como as descrições dos judeus nos evangelhos, também as representações de como os judeus percebiam Jesus durante seu ministério podiam manifestar ou refletir nuances tendenciosas.

Cada uma dessas cortinas, consideradas em si mesmas, constituem para nós um considerável obstáculo. Vistas em combinação, ou em sobreposição, essas cortinas assumem dimensão ainda mais ponderável! O atual problema — determinar como viam Jesus os judeus de sua época — requer a visualização conjunta das quatro cortinas: porque, subjacentes às descrições dadas nos evangelhos a respeito das percepções judaicas, havia tradições já sob a oclusão da passagem do tempo, algumas moldadas em comunidades cristãs gentias geograficamente distantes da Palestina, tendo muitas delas se associado em anos de amargas invectivas ideológicas entre cristãos e judeus (especialmente entre os anos 70 e 100 d.C.). A interação de todas essas dinâmicas impossibilita avaliar de maneira confiável o grau em que os contemporâneos judeus de Jesus (afora seus seguidores) o viam em termos positivos, negativos ou até mesmo se se davam conta de sua existência!³

Ainda que não possamos saber com precisão como os judeus da época de Jesus o viam, acaso podemos ao menos ter certeza de que pensassem nele? Não alimentou Jesus milhares de pessoas, por duas vezes, às margens do mar da Galiléia? Não compareceu a população de Jerusalém em massa para saudá-lo no Domingo de Ramos?⁴ Essas tradições, contudo, ao lado de repetidas afirmações nos evangelhos de que a fama de Jesus se disseminara

por um amplo território e entre muitíssimas pessoas,⁵ correspondem por coincidência ao formato helênico comum das fábulas sobre realizadores de prodígios. Alguns elementos religiosos do mundo mediterrâneo divulgavam sagas (denominadas aretalogias) que engrandeciam rotineiramente a fama, as palavras e as obras de um herói, com muita frequência com o fim exclusivo de atrair novos fiéis ou adeptos. As tradições cristãs primitivas podem igualmente ter edulcorado a fama de Jesus seguindo as convenções vigentes para outras figuras carismáticas da época.

Se mesmo assim persistirmos na aceitação pura e simples das estatísticas trazidas pelos evangelhos — e que sugerem que Jesus era de fato bem conhecido dos judeus de sua época —, ainda nos será necessário explicar o exíguo número de fontes que o mencionam (afora os próprios escritos neotestamentários). Suetônio, historiador romano do início do século II, por exemplo, alude a um distúrbio instigado por um certo “Chrestus” (Da Vida dos Césares, “Cláudio”, 25). Embora pudesse ter “Cristo” em mente, Suetônio data sua existência do ano 49 d.C. (Jesus morreu por volta do ano 30) e o situa em Roma. Logo, o mais provável é que se refira a um incidente que envolveu não o próprio Jesus, mas missionários cristãos que, ao pregar “Cristo”, causaram comoção — provavelmente no próprio bairro judeu de Roma. Tácito, contemporâneo de Suetônio, confirmou por outro lado que “Cristo” foi executado na época em que Pôncio Pilatos ocupava o cargo de procurador (governador) da Judéia (26-36) (Anais 15.44).⁶ Mas, na época de Tácito, os evangelhos há muito estavam em circulação. Logo, ele pode muito bem ter extraído essas informações da exposição aos próprios evangelhos ou ao menos de um conhecimento superficial de seu conteúdo — em vez de recorrer diretamente a registros oficiais independentes sobre Jesus (como os próprios arquivos romanos).⁷

Flávio Josefo, historiador do século I, atesta em seu Antigüidades (93 d.C.) o seguimento de outra figura neotestamentária, João Batista (18.116-19). Mas as duas referências que faz a Jesus devem ser tomadas com cautela. Seu longo parágrafo sobre Jesus, chamado o “Testimonium Flavianum” [Testemunho de Flávio (Josefo)], é tão adulatório e compatível com o que se esperaria de uma avaliação cristã que a maioria dos estudiosos o descarta como reelaboração, e até mesmo como fraude pura e simples, feita por mãos

crístãs posteriores (18.63-64).⁸ Adiante, nessa mesma obra (20.197-203), Josefo descreve a execução (em 62 d.C.) de certo Tiago — identificado como “o irmão de Jesus, chamado o Cristo”. Esse fraseado transmite pouca coisa substantiva acerca do próprio Jesus. Mas, supondo que a passagem seja autêntica, a identificação de Tiago mediante a referência a Jesus poderia indicar que Josefo apresentara Jesus a seus leitores em algum momento anterior das Antigüidades — possivelmente no lugar em que está agora o “Testimonium” (como reformulação ou em substituição?). Nem essa conclusão, naturalmente, sugere de modo necessário que o próprio Jesus fosse particularmente bem conhecido de seus compatriotas judeus, porque Josefo também descreve outras personagens da época de Jesus que provavelmente não eram conhecidas, e eram mesmo desconhecidas, pela maioria de seus contemporâneos.

Vemo-nos por conseguinte às voltas com um dilema. Se Jesus tinha de fato tanta fama como alegam algumas passagens dos evangelhos, por que motivo dispomos de tão poucas fontes (não-cristãs) do século I, e até do século II a seu respeito? Mas, se concedermos que provavelmente Jesus não era amplamente conhecido, qual o grau de produtividade ou de relevância de nossos esforços de reconstruir especificamente visões judaicas sobre ele existentes em sua própria época?

Passando agora aos períodos 2 a 4, vamos encontrar descrições cada vez mais negativas — e mesmo crescentemente estranhas — de Jesus por parte de judeus. Algumas delas são explicáveis pelo pressuposto de que, no começo, poucos dados que levassem a uma compreensão precisa de Jesus foram transmitidos por judeus contemporâneos a judeus de gerações ulteriores. Temos, contudo, de levar em conta que Jesus era judeu, não cristão; assim, quanto mais plenamente tenha ele vivido e falado como judeu, tanto menos motivos haverá para ser especialmente conhecido ou lembrado por seus conterrâneos judeus. Não há dvida de que o Jesus, ao qual mais tarde os judeus desencadearam uma reação, não foi tanto aquela personagem histórica quanto suas reconfigurações ulteriores pelos evangelhos — condicionadas, por seu turno, pelas necessidades da Igreja em desenvolvimento e pelos fatores de complicação já assinalados: cronologia, geografia, demografia e ideologia.

Qualquer indício de que Jesus pudesse não ser amplamente conhecido por

judeus de sua época pode afetar nossa avaliação do chamado segredo messiânico em Marcos, o Evangelho mais antigo (ca. 70 d.C.): a idéia de que Jesus instruíra os discípulos a ocultar a identidade dele até depois da ressurreição.⁹ Trata-se de um curioso motivo, dado que contradiz outras tradições, no próprio Marcos, que afirmam a fama de Jesus já durante seu ministério.¹⁰ Mas o “segredo” se torna mais inteligível como artifício marciano para desfazer uma anomalia de outro modo flagrante, ou seja: se “o Messias” originou-se como conceito judeu e se Jesus era genuinamente o Messias, por que tão poucos judeus o reconheceram? Como estratagema, a sugestão de que a identidade de Jesus permaneceu de início oculta tornaria mais compreensível o motivo de a vasta maioria dos judeus, já desde a época de Jesus, não lhe terem dado o reconhecimento apropriado — se de fato vieram a saber de sua existência.¹¹

PERÍODO II — DA MORTE DE JESUS A 200 d.C.

Nosso segundo período cronológico estende-se da morte de Jesus (ca. 30 d.C.) ao final do século II. Também nele é difícil determinar como os judeus viam Jesus — se nos limitarmos a fontes judaicas. Filo de Alexandria, filósofo-historiador que morreu por volta de 40 d.C., cobre esse período, mas seus escritos nada nos dizem a respeito de Jesus. Embora alguns dos manuscritos do mar Morto venham dessa época, nenhum deles menciona Jesus.¹² Nem têm utilidade quanto a isso os Apócrifos e Pseudo-epígrafos do período.¹³ Quanto a Josefo, já observamos que seu testemunho sobre Jesus é problemático.

Poderiam os escritos cristãos ser de ajuda? Como os autores dos evangelhos elaboraram partes de suas narrativas em resposta a oponentes judeus de sua época (70-100 d.C.),¹⁴ não seria possível submeter esses escritos a um exame detalhado a fim de identificar indícios relevantes sobre o que os judeus (não-cristãos) — de uma época posterior ao ministério de Jesus — diziam a seu respeito?

- Alguns judeus, por exemplo, alegavam que Elias, o arauto do Messias, ainda não aparecera (Mc 9,11) — como podia então Jesus ser o Messias?¹⁵

- Outros insistiam que não se esperava que o Messias viesse da Galiléia — como podia Jesus de Nazaré (um galileu) ser o Messias? (*ver Jo 7,52)?¹⁶
- Alguns duvidavam que Jesus fosse descendente do Rei Davi (Jo 7,40-42; cf. Mc 12,35-37) — isso era considerado de modo geral uma condição necessária para o Messias.
- Outros julgavam que Jesus rejeitara ou ao menos deixara de reafirmar a Lei de Moisés¹⁷ — dois casos tidos como incompatíveis com a condição de Messias.
- Jesus fora crucificado — mas esperava-se que o Messias vencesse Roma.¹⁸
- Jesus ressuscitara, insistiam seus seguidores — mas os céticos negavam liminarmente essa alegação.¹⁹

Uma fonte cristã ulterior, o Diálogo com Trifão,²⁰ de Justino Mártir, também sugere de que maneira os judeus desse segundo período viam Jesus. Composto entre 155 e 161, esse suposto diálogo foi situado na cidade de Éfeso (onde hoje está a Turquia). Os participantes eram Justino, padre da Igreja primitiva, e Trifão, um judeu erudito que se dizia ter fugido da Palestina na esteira da fútil revolta judaica liderada por Bar Kokhba contra Roma (132-135 d.C.). A conversação não passava de artifício imaginativo de Justino — sendo “Trifão” uma personagem inventada (cujo nome talvez viesse do Rabino Tarphon, um destacado crítico do cristianismo do século II). Mas, artifício à parte, os argumentos que Justino atribui a Trifão devem refletir preocupações correntes na época. Como estava mostrando de que modo os cristãos deveriam responder a críticos judeus, Justino tinha de atribuir a “Trifão” asserções compatíveis com aquilo que os cristãos do século II estavam de fato ouvindo.

Os judeus (personificados por Trifão) alegavam então que “você cristão recebeu falsas informações e criaram um Cristo para si mesmos, em cuja defesa arriscam impensadamente a própria vida” (“Introdução”); as Escrituras Hebraicas “nunca reconhecem nenhum outro Deus além do Criador Único de todas as coisas” (§ 55); a idéia de ter Deus descido à terra para encarnar como homem é “incrível e quase impossível” (§ 68). As visões cristãs de Jesus se baseiam na citação claramente seletiva e arbitrária de textos de prova das Escrituras Judaicas — por outro lado, trata-se de passagens retiradas apenas da tradução grega, não do original hebraico (§§ 27, 68); a imagem de Jesus

no cristianismo depende muito de empréstimos feitos à mitologia greco-romana (§ 67); além disso, a crucifixão lembra o enforcamento, uma forma de execução particularmente amaldiçoada conforme o Deuteronômio 21,23 (§ 89); Jesus, por outro lado, violara a Lei de Moisés — poderia o verdadeiro Messias abandonar a própria essência do judaísmo (cf. § 67)?

Na verdade, (o judeu) Trifão parece se opor menos à idéia de que o Messias já chegara do que à sua identificação com Jesus em particular! Trifão nos diz assim não tanto quem os judeus pensavam que Jesus era quanto quem pensavam que ele não era! O mais provável é que os judeus da época acreditassem ter sido Jesus uma personagem real da Galiléia que reivindicara status divino e que violara a Lei. Ele se declarara Messias, porém sem nada de substancial em favor disso. Como os judeus estavam sem dúvida desiludidos com o fracasso e a morte de Bar Kokhba, o fato (para não mencionar a maneira) da execução de Jesus pode ter feito as alegações messiânicas a seu respeito parecerem deveras absurdas.

PERÍODO 3 — PRIMÓRDIOS DA LITERATURA RABÍNICA (DO SÉCULO III AO SÉCULO VI d.C.)

Na literatura rabínica inicial (vinda tanto da Babilônia como da Palestina) encontramos afirmações sobre Jesus em fontes especificamente judaicas. Mesmo assim, como o Talmude, o Midrax e obras com eles vinculadas são vastos compêndios de leis e costumes judaicos, suas alusões a Jesus são extremamente esparsas. Do mesmo modo, essas menções se acham de tal maneira dispersas que temos de procurar agulhas em um palheiro simplesmente para compor um perfil viável — baseado em rabinos, gerações e academias diferentes. Aumenta o problema a confusão acerca da possibilidade de passagens que originalmente não aludiam a Jesus não terem sido mais tarde entendidas como referentes a ele. Textos rabínicos que tratam de outras figuras (por exemplo, ben [“filho de”] Stada, Pelsoni [“certa pessoa”], [ben] Netzer) mais tarde foram aplicados erroneamente a Jesus.²¹ Referências supostamente camufladas a Jesus (sob a designação “Balaão”²²). Mas, uma vez processadas dessa maneira, alusões errôneas a Jesus entraram na mistura de supostas percepções rabínicas a seu respeito e complicaram, ou mesmo corromperam, um quadro que já antes causava

bastante perplexidade.²³ Desse modo, compreensões rabínicas de Jesus foram aumentando de número e perdendo o sentido. O que disso resulta não é só um tipo grosseiro de colcha de re-talhos mas também virtualmente uma espécie de caricatura.

Uma análise adequada desse conglomerado de tradições seria absurdamente complexa, requerendo (para começar) a com-partimentação de textos de acordo com sua origem cronológica e geográfica. Claro que as descobertas advindas desse exercício poderiam esclarecer a maneira pela qual as tradições rabínicas sobre Jesus se desenvolveram. Contudo, diante do considerável impacto que tiveram as tradições rabínicas sobre avaliações judaicas posteriores de Jesus, fica obscuro, em termos gerais, se essas conclusões teriam muita relevância prática.

Em termos do conhecimento rabínico cumulativo sobre Jesus, alguns chegaram a pensar que ele, enquanto estivera no Egito, tinha sido instruído na arte da feitiçaria e dos encantamentos e fórmulas necessários à realização de façanhas mágicas. Era possivelmente desse modo que os rabinos explicavam (ou descartavam) os milagres que os evangelhos atribuíam a Jesus — dado que o que os fiéis viam como “milagres” era negado com facilidade pelos céticos como truques.²⁴ Quanto a datas referentes a Jesus, trata-se de mais um ponto surpreendente. Os rabinos mencionaram Jesus em conexão com figuras cujo horizonte temporal, quando combinados, alcançavam dois séculos.²⁵ Mas os testemunhos dos evangelhos atribuíram o ministério de Jesus a um curto período durante o qual a Judéia foi governada por Pôncio Pilatos (26-36 d.C.) — e em que Jesus tinha “cerca de 30 anos” (Lc 3,23). (Claro que, bem mais tarde, os rabinos — especialmente na Babilônia — teriam muito poucas diretrizes para datar o próprio governo de Pilatos.) Em uma matéria ainda mais importante, o Talmude atribuiu a Jesus apenas cinco discípulos, ainda que os todos os evangelhos lhe tenham atribuído doze.²⁶ Era mera convenção rabínica julgar que os mestres sempre tinham cinco discípulos (foram atribuídos cinco a Johanan bem Zakkai, fundador tradicional da academia Jâmnia [Yavneh]; e Judah ben Baba ordenou cinco discípulos de Rabbi Akiba²⁷)? Alternativamente, é ao menos remotamente concebível que os rabinos tenham negado a Jesus o ter “doze” discípulos a fim de obstruir alegações cristãs de que o cristianismo (simbolizado pelos

doze discípulos) tinha suplantado o judaísmo (simbolizado por doze tribos)?
²⁸ Também surpreende que os rabinos pudessem ter confundido a mãe de Jesus, Maria, com Maria Madalena (lapso igualmente típico de alguns judeus de nossos dias)!²⁹

Mas em outros momentos os rabinos pareciam não só estreitamente alinhados com as tradições dos evangelhos mas também abertamente favoráveis a elas. Eles naturalmente viam os sentimentos anti-judaicos atribuídos a Jesus pelos evangelhos como algo que vinha dele pessoalmente, em vez de retrojeções da Igreja ulterior. Eles também tinham por certo que Jesus se proclamara divino; logo, todo judeu que o cultuasse estava comprometendo o monoteísmo. Assim, é irônico que o mesmo Jesus que designara a Shemá (“Ouve, ó Israel, o Senhor teu Deus é o único Senhor” (Mc 12,29, citando Dt 6,4) sua diretriz proeminente pudesse ser sumariamente acusado de ter negado o ensinamento cardinal do judaísmo!³⁰ Atentos ao fato de que alguns judeus na verdade já tinham sido atraídos para as fileiras cristãs, os rabinos denunciavam o próprio Jesus por ter tentado “instigar e desviar Israel”, ou seja, levar à apostasia e à idolatria.

³¹ No final, coerentemente, os rabinos podiam tornar plenamente crível relatos dos evangelhos sobre o julgamento de Jesus no Sinédrio. Essas formulações apresentam Jesus condenado por “blasfêmia” (Mc 14,64 e par.)³² e culpa as autoridades judaicas, em vez das romanas, por sua execução (ambos os pressupostos viriam a ser vigorosamente contestados pelos judeus no curso do período 5). Mesmo assim, ainda que aceitem essas premissas, os rabinos negavam que o julgamento de Jesus tivesse sido de alguma forma apressado e injusto, dado que um arauto (assim fantasiavam eles) havia percorrido a Palestina durante quarenta dias proclamando: “Ele vai ser apedrejado por ter praticado a feitiçaria e instigado e desviado Israel. Quem souber o que quer que seja em seu favor venha e apele em seu benefício” (Sanhedrin 43a).³³ O fato de ninguém se ter apresentado confirmava a culpa de Jesus e validava sua condenação pelo Sinédrio.

Como quer que expliquemos essa e outras tradições rabínicas, o julgamento geral permanece inalterado: os rabinos transmitiram pouca coisa confiável, se é que o fizeram, acerca do Jesus histórico.³⁴ É plausível que

concepções judaicas de qualquer época possam ter influenciado — e até determinado — as de anos subsequentes. Se, como se alega, Jesus não era muito conhecido pelos judeus à época de seu ministério, a tradição judaica pode não ter chegado a uma compreensão precisa de quem ele foi. Essa circunstância poderia facilmente ter dado origem não apenas a concepções errôneas sobre Jesus num período relativamente imediato mas também à sua retenção e embelezamento por judeus de outros períodos. Certo é que, no curso do período 3, o perfil de Jesus feito pelos rabinos antigos já parece sobremodo distante da figura real. Descrições que encontramos na Idade Média podem estar ainda mais afastadas.

PERÍODO 4 — IDADE MÉDIA

Avaliações judaicas a respeito de Jesus foram expressas em muitos escritos medievais de natureza apologética e polêmica. Também dispomos de registros de debates levados a efeito em público, no qual contendores cristãos e judeus digladiavam entre si.³⁵ Apesar disso, tais textos ocultam tanto quanto revelam. Sua argumentação se baseia em sutilezas da interpretação, da filosofia, da teologia e do misticismo bíblicos e rabínicos. Parece, portanto, improvável que esses materiais nos proporcionem uma leitura clara acerca de como Jesus era de modo geral percebido pela população judaica mais ampla.³⁶

Além disso, até que ponto podemos levar a sério as observações transcritas de oponentes judeus em debates travados em público?³⁷ Como “ganhar” um debate podia ameaçar a segurança da comunidade judaica mais ampla, considerações políticas por certo entravam na determinação daquilo que os debatedores judeus podiam dizer ou deixavam de dizer publicamente.³⁸ Está claro que, naquele momento, caracterizações de Jesus vindas de séculos anteriores afluíam como potencialmente embaraçosas para os contendores judeus, que com freqüência tinham de fazer concessões ou descartar algumas menções talmúicas a Jesus — ou mesmo negar liminarmente que o Jesus a que se fazem referências nos escritos rabínicos fosse o Jesus do cristianismo (era outra pessoa)! Acresce que as transcrições oficiais desses procedimentos podem não reproduzir o que de fato acontecia; em alguns lugares, as

transcrições não registram a ação ao vivo, por assim dizer, mas a revisão polêmica cristã composta depois do fato. Logo, quando filtrado por todos esses amplos e variados problemas, o material que possuímos se mostra bem mais difícil de receber um tratamento do que pareceria à primeira vista.³⁹

Fornece-nos um tipo bem distinto de critério um tratado judaico medieval intitulado (Sefer) Toledot Yeshu (“[O Livro da] História de Jesus”). Por infelicidade, não sabemos quem é (são) seu(s) autor(es) nem temos outros detalhes de sua criação (data, lugar de origem, e assim por diante). As mais antigas referências à sua existência vêm de dois arcebispos franceses do século IX, mas é provável que o tratado já circulasse bem antes de atrair sua atenção. O texto merece exame porque traz ecos discerníveis — estendendo-as diretamente — de tradições que já destilamos de fontes rabínicas, agora entrelaçadas com motivos dos evangelhos e, em alguns trechos, chegando mesmo a imitar o estilo destes. As muitas versões e traduções de Toledot Yeshu sugerem que as atitudes e lendas que perpetuou, edulcorou ou engendrou se haviam disseminado amplamente em nível popular.

Essa recontagem paródica da vida de Jesus (aqui severamente resumida) se inicia com a apresentação de uma mulher casta, Miriam (Maria), que viveu em Belém, na Judéia, e foi prometida em casamento a um homem justo da casa real de Davi. Mas morava nas proximidades o desonesto José Pandera (soldado romano?).⁴⁰ Certa noite, fingindo ser o marido prometido de Miriam, ele a violou. No devido tempo, ela deu à luz Yehoshua, nome mais tarde abreviado para Yeshu (Jesus).⁴¹ Quando chegou à idade certa, Yeshu iniciou estudos na escola judaica. Mas, quando se tornaram públicos seus antecedentes, ele teve de fugir para a Galiléia.

Mais tarde, já adulto, ele voltou à Judéia pretendendo entrar no Templo de Jerusalém — cuja pedra fundamental traz as letras do Nome Inefável de Deus. Yeshu estava determinado a aprender as letras porque sua posse lhe permitiria realizar façanhas mágicas (milagres). Mas o conhecimento dessas letras era de ordinário impossível de conservar por serem elas guardadas por leões de bronze. Quando rugiam, os leões induziam ao esquecimento. Esperto, Yeshu entrou no Templo, sem deixar que o vissem, com um pequeno pergaminho. Depois de aprender as letras, ele as inscreveu no pergaminho, que inseriu num talho que fez na coxa.⁴² Quando ele partia, os

leões rugiram — e ele esqueceu imediatamente as letras. Porém, depois teve acesso a elas ao encontrar e remover da coxa o pergaminho. A partir daí, ele pôde realizar espantosos feitos a fim de silenciar seus oponentes!

Os líderes judeus, depois de numerosas tentativas, acabaram por prendê-lo. Acusaram-no de prática da feitiçaria e de tentativa de enganar e desviar os judeus. Mas, pouco tempo depois de sua execução, seus seguidores disseram à Rainha Helena⁴³ que haviam encontrado o túmulo dele vazio — que ele ressuscitara! Os líderes judeus ficaram consternados, sem poder imaginar como isso podia ter transpirado. Um dignitário incomodado, Rabbi Tanhuma (que na verdade viveu séculos depois de Jesus), encontrou por acaso certo jardineiro que afirmou poder explicar o fato de o túmulo estar vazio por ter sido ele o responsável por isso! Temendo que os seguidores de Yeshu roubassem o corpo deste e o proclamassem ressuscitado, o jardineiro o removera e o enterrara em seu jardim. (Lembremos aqui de Mt 28,15 e de Jo 20,15: Mateus nos informa que os judeus da época procuravam desacreditar a ressurreição como farsa: os discípulos tinham levado o corpo de Jesus e declarado que ele ressuscitara dos mortos. Em João, Maria Madalena de início confundiu o Jesus ressuscitado com um jardineiro, que ela pensara ter removido o corpo; Toledot Yeshu aceitou e capitalizou a suspeita original de Maria Madalena!)

Toledot Yeshu é um relato ultrajante e, para alguns, vergonhoso. Apesar de dificilmente ser uma fonte histórica sobre a pessoa a quem descreve, constitui um reflexo preciso do clima da Europa cristã, na qual os judeus, uma minoria perseguida, costumavam se ver sujeitos a uma constante pressão para se converterem. Uma contra-narrativa que impugnasse as alegações dos evangelhos do nascimento de Jesus de uma virgem, dos milagres, do túmulo vazio e da ressurreição era potencialmente útil para afastar os prosélitos. Infelizmente, esse tipo de formulação também parece ter moldado e distorcido de maneira acentuada elementos da mentalidade judaica popular acerca de Jesus durante várias gerações futuras. Quando o século XX já ia bem avançado, os judeus europeus ainda recontavam aos filhos histórias folclóricas yiddish sobre Yoshke Pandre (Yeshu [filho de] Pandera)!⁴⁴

PERÍODO 5 — OS PRIMÓRDIOS DA ERA MODERNA

Evidencia-se claramente que as visões judaicas de Jesus anteriores ao período moderno haviam se tornado uma grosseira distorção da figura real. Os vários séculos durante os quais os judeus foram mantidos dentro dos muros dos guetos atrasaram ainda mais toda mudança no sentido do esclarecimento das coisas.⁴⁵ Sujeitos a tamanho isolamento, os judeus permaneceram relativamente estagnados também em outras frentes, de modo geral sem se dar conta, ou esquecidos, dos extraordinários desenvolvimentos formativos que se processaram no cenário mais amplo: a descoberta do Novo Mundo, a Renascença, a Reforma Protestante e as revoluções comercial e industrial. Quando, porém, os muros do gueto foram derrubados, no começo do século XIX — em larga medida devido às conquistas napoleônicas —, os judeus que entraram em toda a Europa cristã se sentiram diretamente afetados por alegações que tinham Jesus por objeto. Alguns deles começaram então, depois de tanto tempo, a deixar de lado séculos de concepções errôneas a respeito dele. Ajudou-os o sério empreendimento, levado a efeito por estudiosos cristãos, que costuma receber o nome de a “Velha busca pelo Jesus histórico”.

Os estudiosos que instavam para que se fizesse essa busca perceberam a importância da reconstrução da vida de Jesus à luz de seu contexto especificamente judaico, antecipando assim a relevância das antigas literaturas judaicas, incluindo as de cunho rabínico, na revelação e detalhamento desse ambiente. O interesse primordial desses eruditos não eram as antigas compreensões judaicas de Jesus per se, mas as descrições das instituições e padrões de pensamento que haviam formado o pano de fundo do ministério de Jesus (o Templo, o Sinédrio e as sinagogas; as festas e costumes judaicos; os ensinamentos teológicos e éticos e as parábolas farisaicas; os elementos e refrãos litúrgicos, e assim por diante). Os estudiosos judaicos, por sua vez, sentiram-se então estimulados a assistir seus colegas cristãos na compreensão especialmente da literatura hebraica e aramaica com que a maioria dos estudiosos cristãos se considerava incapaz de lidar sozinhos. Como subproduto dessa reciprocidade, livros e palestras dos próprios historiadores judeus⁴⁶ cedo começaram a incorporar a discussão a respeito de Jesus, de Paulo e das origens cristãs em relação ao contexto judaico da época intertestamentária.

Os resultados coletivos dessas novas avaliações judaicas de Jesus podem

agora ser esboçados em termos de três amplos contrastes:⁴⁷

1. No curso do fim da Antigüidade e na Idade Média, os judeus de modo geral caricaturaram Jesus de feiticeiro que tinha tentado enganar e desviar o povo judeu. A moderna reavaliação judaica destruiu essas visões preconceituosas anteriores, restaurou a respeitabilidade da imagem de Jesus e então o reivindicou para si como um judeu que não tinha estabelecido uma nova religião! Dizia-se então que os elementos do cristianismo que tinham produzido seu rompimento com o judaísmo haviam surgido depois da morte de Jesus.

2. Tendo reabilitado e restaurado a respeitabilidade de Jesus no âmbito do judaísmo, os estudiosos judaicos tinham agora de reconsiderar o motivo de seus predecessores rabínicos terem parecido resolutos, e mesmo precipitados, em sua decisão de executá-lo. Seguiu-se uma inevitável reavaliação das razões de sua prisão, o que culminou no juízo segundo o qual os funcionários romanos (em vez da liderança farisaica/rabínica) foram primordiais, se não exclusivamente, responsáveis pela morte de Jesus! De modo coerente com essa nova reconstrução, os estudiosos judeus também concluíram que a verdadeira razão da prisão de Jesus não foi a blasfêmia, a apostasia, a feitiçaria nem as atividades de agitação (motivos que constavam da literatura rabínica inicial e do Toledot Yeshu), mas antes a suspeita das autoridades romanas de que Jesus fosse um subversivo. As presumidas aspirações e atividades sediciosas de Jesus, justificadas ou não, tinham ocasionado sua detenção e crucificação, não da parte dos “judeus”, mas de Pôncio Pilatos, agindo em conjunção com seu funcionário nomeado/subordinado, o sumo sacerdote Caifás.

Os autores dos evangelhos, afirmava-se então com ênfase, devem ter se curvado a pressões de sua própria época quando compuseram suas narrativas do julgamento de Jesus décadas depois de ocorrido o fato. Fora seu temor de Roma⁴⁸ que os levava a fazer o perfil de Pôncio Pilatos como alguém que “lavara as mãos” com respeito a Jesus uma ou duas gerações antes. Diante da premência de estabelecer a lealdade de Jesus em re-lação a Roma (e, por conseguinte, também a adesão de suas co-munidades), os autores cristãos dificilmente poderiam sentir-se livres para acusar Roma de culpada da execução de Jesus! Assim, retirou-se de Roma a culpa, que foi atribuída a

outro agente qualquer. As tensões com os fariseus/rabinos na época dos evangelistas encorajaram a transferência da responsabilidade pela condenação de Jesus aos fariseus, aos “sacerdotes principais” e ao Sinédrio. Esse deslocamento foi realizado em termos literários por meio da idéia fictícia de que Jesus tivera uma audiência com Pilatos, de modo geral implacável, em que este se convencera da inocência de Jesus, mas fora pressionado pelos judeus a crucificá-lo!

3. Em séculos anteriores, a radical separação entre judaísmo e cristianismo fora explicada de modo rotineiro como causada da apostasia cometida pessoalmente por Jesus. Mas a opinião judaica moderna transferiu para Paulo o papel decisivo nessa clivagem. Essa conclusão adveio da consideração de que as cartas de Paulo (c. 48-62) não apenas são nossos mais anti-gos escritos cristãos como também de que o pensamento de Paulo (tenha ele sido ou não interpretado da maneira correta) podem ter determinado de maneira vital as direções seguidas por vários segmentos do cristianismo ulterior. A ênfase aqui não é tanto no que Paulo de fato disse ou pretendeu quanto o papel influente daqueles que interpretaram Paulo (mesmo de maneiras amplamente divergentes entre si) sobre como Jesus veio a ser retratado por tradições posteriores dos evangelhos (ca. 70-100 d.C.).

A conceituação nesse caso foi a de que as imagens mais antigas do Jesus histórico e seus ensinamentos passaram em muitos casos pelo filtro da interpretação de Paulo sobre o significado de Cristo (e, portanto, também pelas lentes das interpretações que outros fizeram das interpretações de Paulo). A consequência desse processo de filtragem é que a imagem e os ensinamentos de Jesus não foram simplesmente preservados, mas também edulcorados e, em muitos casos, significativamente transformados. No que se refere às relações subseqüentes entre cristãos e judeus, presumiu-se que ao menos três temas evangélicos de importância decisiva foram gerados por meio desse processo, estando cada um deles marcado seja pelo que o próprio Paulo pregara, seja por aquilo que outros fizeram, correta ou erradamente, daquilo que ele pregara. Esses motivos foram:

- que Jesus havia rejeitado a Lei de Moisés (ver Gl 2,16; 3,10-11.23-26; Rm 7,1-6;
- que os missionários cristãos tinham deixado de ter por foco de sua pregação os judeus e se concentrado em vez disso nos gentios (ver Gl 1,15s; 2,7; 3,11-14); e

- que os judeus tinham sido substituídos pelos gentios como povo eleito de Deus (ver Gl 4,22-30; Rm 9,6-12.25-26.30-32).

Embora os evangelhos retratem o próprio Jesus como refletindo, ou encorajando esses três pontos de vista, os estudiosos judeus passaram então, de modo generalizado, a negar que Jesus tivesse alguma vez rejeitado categoricamente a Lei de Moisés, aconselhado que se desistisse dos judeus e de que tentasse converter os gentios ou sancionado qualquer noção da substituição dos judeus por gentios como povo eleito. Fora em vez disso o pensamento paulino, anos depois do ministério de Jesus, que primeiro estimulava a apresentação desses temas, e os defensores dos temas começaram a lhes conferir um enorme destaque — e a atribuí-los retrospectivamente ao próprio Jesus. Antes disso, os seguidores mais próximos de Jesus haviam-se oposto vigorosamente ao próprio Paulo precisamente porque viam estar ele se distanciando daquilo que eles julgavam ter sido a fidelidade do próprio Jesus à Lei e ao povo judeu!

Os três temas em questão contribuíram originalmente de maneira notória para o estereótipo, presente na tradição judaica antiga, de Jesus como apóstata (bem como para a teologia substitutiva e triunfalista de alguns cristãos do passado e do presente). A própria sugestão de que esses motivos derivaram mais da maneira como Paulo foi interpretado do que daquilo que o próprio Jesus dissera constituía agora uma orientação revolucionária do pensamento judaico. Porque significava que só depois do rompimento de Paulo com a Lei é que as tradições de Jesus — que sustentavam as atitudes de Paulo — foram elaboradas de modo a acolher diretamente as concepções paulinas anteriores!

RAMIFICAÇÕES PARA OS NOSSOS DIAS

As limitações desta apresentação não permitem uma crítica nem uma defesa dessa nova orientação judaica em relação a Jesus.⁴⁹ A tarefa realizada aqui restringiu-se a fazer um panorama da evolução de concepções judaicas com ênfase particular em cinco períodos cronológicos.

Quando se trata de avaliações judaicas do Jesus histórico em nossos dias, é irrealista esperar um consenso absoluto em todos os aspectos. Mesmo assim, a maioria — se não a totalidade — das conclusões a seguir tipificam muitos

perfis judaicos modernos dele:

- Jesus foi judeu, e seus seguidores eram judeus. Ele não fundou o cristianismo, que foi um movimento ulterior que atribuiu retrospectivamente a ele sua origem.
- Jesus agiu como judeu. A ruptura fundamental do cristianismo com a Lei deve ser atribuída a Paulo e não a Jesus, ainda que este possa ter tido disputas com compatriotas judeus acerca de questões legais específicas ou sobre qual deveria ser a ênfase adequada de observâncias legais.
- Jesus foi um grande mestre de ética judaica (ocasionalmente comparado, por alguns judeus de nossos dias, aos antigos profetas hebreus).
- Jesus deve ser visto contra o pano de fundo do contexto judaico de sua época, não isoladamente. Ao contrário da impressão advinda dos evangelhos, Jesus foi na verdade influenciado por sua época; não foi só a época que sofreu sua influência.
- Essa análise revela que a peculiaridade de Jesus pode ter decorrido mais de sua personalidade do que de sua originalidade. Como a maioria de seus ensinamentos parece análoga aos da tradição judaica antiga, o que mais pode ter notabilizado Jesus foi seu carisma como mestre, possivelmente uma crença de sua parte de que tinha uma missão pessoal (e mesmo messiânica) e por certo sua convicção de que o final da ordem do mundo estava próximo — o que explicaria seu fervor para alertar os outros sobre a vinda do reino de Deus. Mas dificilmente Jesus poderia ter imaginado que era divino, dado que isso sem dúvida o teria apartado de sua própria afiliação judaica.
- Jesus pode ter considerado a si mesmo o Messias, mas, se o fez, estava enganado; ele não produziu aquilo que se esperava do Messias judeu — a saber, a independência da Palestina das mãos da opressão romana, ao lado da restauração da idade de ouro davídica.
- As acusações com base nas quais Jesus foi preso tiveram orientação política. É possível que sua pregação da vinda do reino de Deus tenha sido entendida como previsão ou incitação à derrubada do regime romano pelo funcionário nomeado pelos romanos, Caifás (ao lado de outros elementos pró-romanos da hierarquia sacerdotal judaica). O mais provável é que a sua tenha sido uma detenção rotineira, que atingira igualmente outras personagens percebidas nessa mesma perspectiva, e executado num processo cuja autoridade subjacente derivava em última análise de Roma.

PENSAMENTO CONCLUSIVO

Um relato judaico fantástico de origem incerta conta que o Messias de fato apareceu um dia. Depois de muito tempo, judeus e cristãos puderam organizar um encontro e celebrar o estabelecimento do reino de Deus. Mas,

como ocorrera tantas vezes no relacionamento entre judeus e cristãos, em vez de simplesmente se rejubilar juntos (nesse caso por ocasião da vinda do Messias), os dois grupos começaram a discutir acerca de quem afinal tinha razão ao longo dos séculos. Por causa disso, durante uma “entrevista coletiva” arranjada às pressas, a principal pergunta foi: “Messias, esta sua vinda é a primeira ou a segunda?”. Para a sua frustração, o Messias arriscou apenas uma abrupta declaração: “Sem comentários!”.

Dadas as condições de nosso mundo, parece que a era messiânica ainda não chegou. Em vez de debater quem estava desde sempre com a razão, não seria mais produtivo unir nossas energias para conviver uns com os outros, de maneira que, no espírito dos empreendimentos conjuntos, pudéssemos reformular nós mesmos o mundo a fim de aproximá-lo mais da era messiânica? Então, talvez, o Messias fosse induzido a aparecer — e, assim, tivéssemos perguntas mais substanciais a fazer durante essa entrevista coletiva!

¹ Estão, portanto, excluídas as concepções sobre Jesus que podem ter sido sustentadas por seu seguidores judeus, por Paulo e por todo e qualquer redator do evangelhos que possa ter sido judeu; aplica-se o mesmo a concepções de cristãos modernos que se imaginam judeus (por exemplo, os autodenominados “hebreu-cristãos” “Judeus-em favor-de-Jesus” e “Judeus Messiânicos”).

² Ver Michael J. Cook, “The Mission to the Jews in Acts: Unraveling Luke’s Myth of the ‘Myriads’”, in *Luke-Acts and the Jewish People: Eight Critical Perspectives*, org. Joseph B. Tyson, Mineápolis, Augsburg, 1988, pp. 102-2, 152-58.

³ E que dizer dos judeus que conheceram Jesus por meio do envolvimento em seu julgamento no Sinédrio? A historicidade desse episódio é altamente questionável. Ver Michael J. Cook, “The Death of Jesus: A Catholic-Jewish Dialogue [tendo como adversário Raymond Brown], in *No Religion Is an Island: The Nostra Aetate Dialogues*, Nova York, Fordham University Press, 1998, pp. 56-100; ver também, idem, “Destabilizing the Tale of Judas Iscariotes”, in *An American Rabbinate — a Festschrift for Walter Jacob*, Pittsburg, Rodef Shalom Press, 2001, pp. 114-47.

⁴ Mc 6,35ss; 8,1ss e 11,7ss (e paralelos); também Jo 6,1ss; 12,12ss.

⁵ Por exemplo, Mc 1,28; Mt 4,24; 9,26.31; 14,1; Lc 4,14.37; 5,15.

⁶ A designação por Tácito de Pilatos como “procurador” é incorreta. Pilatos era “prefeito”.

⁷ Ver E. P. Sanders, *The Historical Figure of Jesus*, Londres, Allen Lane, 1994, p. 49: “As fontes romanas que mencionam Jesus baseiam-se, todas elas, em relatos cristãos.” O erro de Tácito — dizer que Pilatos era “procurador” (ver nota anterior) — também sugere que ele não recorreu a registros romanos oficiais.

⁸ Tendo preservado os escritos de Josefo, a Igreja teve a oportunidade de revisá-los. As parcelas em

itálico aqui apresentadas tornam o “Testimonium”, na forma que chegou a nós, suspeito: “Vivia por essa época Jesus, um homem sábio, caso se possa chamá-lo de homem. Porque ele era alguém que realizava surpreendentes façanhas, e era mestre de pessoas que aceitavam de bom grado a verdade. Ele conseguiu a adesão de muitos judeus e de muitos gregos. Era o Messias. Quando Pilatos, ao ouvir acusações contra ele feitas por pessoas de elevada posição em nosso meio, o condenou a morrer crucificado, aqueles que desde o início tinham passado a amá-lo não renunciaram a sua afeição por ele. No terceiro dia, ele lhes apareceu devolvido à vida, porque os profetas de Deus haviam profetizado essas e inúmeras outras coisas maravilhosas a seu respeito. E a tribo dos cristãos, assim denominada a partir de seu nome, ainda em nossos dias não desapareceu.” (Loeb Classical Library, vol. 9, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1965). Raymond Brown afirma ser genuinamente de Josefo o trecho “ao ouvir acusações contra ele feitas por pessoas de elevada posição em nosso meio” (The Death of the Messiah, vol. I, Garden City, Nova York, Doubleday, 1994, pp. 373ss.). Ver também John P. Meier, “The Testimonium: Evidence for Jesus outside the Bible”, Bible Review 7, n. 3, 1991, pp. 20-25, 45.

[9](#) Marcos 9,9: “...ele lhes ordenou que não contassem a ninguém o que tinham visto até depois de o Filho do Homem ter ressurgido dos mortos”. As citações bíblicas são da The New Oxford Annotated Bible with the Apocryphal/Deuterocanonical Books, New Revised Standard Version, org. por Bruce M. Metzger e Roland E. Murphy, Nova York, Oxford University Press, 1994.

[10](#) Por exemplo, 1,28.45; 2,13; 3,7s; 4,1; 5,24; 7,36b etc.

[11](#) Encontramos uma dinâmica similar em 16,8, o fim original do Evangelho de Marcos: “... [as mulheres] fugiram do túmulo... e não disseram uma palavra a ninguém, porque tinham medo” (16,8). A história do túmulo vazio permaneceu desconhecida até surgir (ser criada?) na época de Marcos. Mais uma vez, Marcos se socorreu do motivo do ocultamento — como se dissesse que o episódio do túmulo vazio ainda era desconhecido dos judeus porque as mulheres tinham mantido em segredo o que viram!

[12](#) O fato de alguns acreditarem que os Manuscritos se referem a Jesus e a João Batista sob nomes simbólicos “prova simplesmente que a fantasia erudita não conhece limites”, John P. Meier, A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus, vol. 1, Nova York, Doubleday, 1991, p. 94.

[13](#) Caso se descartem, é claro, acréscimos cristãos ulteriores — por exemplo, caps. 1-2 e 15-16 de 2 (4) Esdras (nos Apócrifos).

[14](#) Ver Michael J. Cook, Mark’s Treatment of the Jewish Leaders, Leiden, Brill, 1978, especialmente pp. 15-28.

[15](#) Isso induziu os evangelistas a apresentar João Batista como Elias (Mc 9,13 e especialmente Mt 17,13).

[16](#) Em resposta, Mateus e Lucas apresentaram relatos do nascimento de Jesus mostrando Jesus de Nazaré (na Galiléia) como tendo nascido em vez disso em Belém (na Judéia).

[17](#) Mc 1,22.27; 2,24; 3,2; 7,19b; cf. At 6,13-14. Enquanto Mateus pode ser citado em favor da tese contrária (“... não vim abolir [a lei ou os profetas], mas cumpr[i-las], construção que provavelmente vem de Mateus, não de Jesus. Reagindo contra Marcos (e Paulo), Mateus retratou Jesus antes como legislador do que como violador da lei.

[18](#) Respostas a isso incluem Mc 10,33s. (a execução esperada de Jesus); Mt 26,53 (ele preferiu não evitá-la); Mt 26,54 (ele morreu para cumprir as Escrituras).

[19](#) Esses céticos foram contestados por meio de relatos do túmulo vazio: Mc 16,1-8, aprimorado por

Mt 27,62-66; 28,4.11-15; também Lc 24,1ss. E Jo 20,1ss.

[20](#) Writings of Saint Justin Martyr, Fathers of the Church 6, Nova York, Christian Heritage, 1948, pp. 139-366.

[21](#) Por exemplo, em Sanhedrin 67a, uma referência a ben Stada [não a Jesus] atraiu um acréscimo ulterior: “eles o enforcaram nos dias de preparativos para a Páscoa” (cf. Jo 19,31), frase usada em conjunção com o próprio Jesus em Sanhedrin 43a. Sobre ben Stada, ver Tosefta Shabbat 11,15; Tosefta Sanhedrin 10,11; Sanhedrin 67a; Shabbath 104b; sobre Peloni, ver Mishnah Yebamot 4,13; Tosefta Yebamot 49ab; Yoma 66b; sobre (ben) Netzer, ver Sanhedrin 43a; Kethubot 51b (também Is 11,1).

[22](#) Por exemplo, Mishnah Abot 5,19; Mishnah Sanhedrin 10,2; Sanhedrin 106ab. Uma aparente alusão a Jesus em P. Taanit 65b se baseia em Nm 23,19 (a partir da história de Balaão).

[23](#) Os próprios estudiosos discordam sobre que passagens se referiam originalmente a Jesus. Ver R. Travis Herford, Christianity in Talmud and Midrash, Londres, Williams & Norgate, 1903; Joseph Klausner, Jesus of Nazareth, trad. De Herbert Danby (reimp. Nova York, Macmillan, 1943, pp. 17-54; Morris Golstein, Jesus in the Jewish Tradition, Nova York, Macmillan, 1950, pp. 17-139; Jacob Z. Lauterbach, “Jesus in the Talmud”, in Rabbinic Essays, Cincinnati, Ohio, Hebrew Union College Press, 1951, pp. 471-570; David Catchpole, The Trial of Jesus: A Study in the Gospels and Jewish Historiography from 1770, Leiden, Brill, 1971, 1-71.

[24](#) Shabbat 104b; P. Shabbat 13d; xii4; cf. Mc 3,22; Mt 9,34; 12,24.

[25](#) Para uma datação no começo do século I a.C., ver Sanhedrin 107b e Sotah 47a; para uma datação no século II d.C., ver Shabbat 104b; ver também Gittin 90a. Os rabinos podem igualmente ter se confundido na datação das figuras que mencionam em alguma conexão com Jesus (por exemplo, Yehoshua ben Perahyah; Pappos ben Yehudah), chegando assim a uma datação errônea em relação ao próprio Jesus.

[26](#) Sanhedrin 43a; cf. Mc 14,10.17.43; Mt 10,2; 26,20; Lc 6,13; 22,14.47; Jo 6,70s; cf. 1 Cor 15,5.

[27](#) Ver Mishnah Abot 2,8 para Johanan ben Zakkai; Sanhedrin 14a e Abodah Zarah 8b para Akiba.

[28](#) Cf. Mt 19,28: “você que vieram após mim também vão ter assento nos doze tronos, julgando as doze tribos de Israel”; ver também Lc 22,28ss.

[29](#) Shabbat 104b; cf. Hagigah 4b e o comentário medieval Tosaphot acompanhante. Na década de 1970, uma importante organização judaica opôs-se ao fato de o musical Jesus Christ Superstar retratar Jesus em associação “incestuosa” com Maria Madalena, “sua própria mãe”! Ver Lauterbach, Rabbinic Essays, pp. 529-32.

[30](#) Cf. Tosefta Shabbat 13,5; P. Taanit 65b; e obras midráshicas posteriores: Shemot Rabbah 29.5 (ref. A Ex 20,2); Debarim Rabbah 2,33 (ref. a Dt 6,4).

[31](#) Ver Dt 13,7-12; Tosefta Sanhedrin 9,7; Tosefta Hullin 2,22-24; Shabbat 116ab; Sanhedrin 43a.67a.103a.107b; Sotah 47a.; Abodah Zarah 16b-17a. Cf. Herford, Christianity in Talmud, 60ss.; Goldstein, Jesus, 117ss.

[32](#) O fato de os rabinos terem entendido a teologia cristã de sua própria época como blasfêmia os levou a ver o próprio Jesus como blasfemo.

[33](#) Cf. Tosefta Sanhedrin 10,11; P. Sanhedrin vii.16.25cd; Sanhedrin 67a.

[34](#) Não há sentido em estudar as disparidades entre a jurisprudência capital talmúdica e os relatos dos

evangelhos sobre os procedimentos seguidos no julgamento do Sinédrio? Obras como *The Trial and Death of Jesus*, Nova York, Harper & Row, 1971, de Haim H. Cohn, aplicam erroneamente tradições rabínicas, dado que, se é Jesus que foi submetido a algum julgamento (ver Cook, “Death of Jesus”, 76ss.), não era provável que o tenha sido numa corte de tipo rabínico; ver Ellis Rivkin, “Beth Din, Boulé, Sanhedrin: A Tragedy of Errors”, *Hebrew Union College Annual*, n. 4042, 1969-70, p. 205-49; idem, resenha de Cohn em *Saturday Review*, 19 de junho, 1971, pp. 22, 61-62. Dada a data tardia de muitas tradições rabínicas, os procedimentos talmúdicos (se é que chegaram a ser seguidos) refletem a época pós-70 d.C., irrelevante para a época de Jesus.

[35](#) Ver Oliver S. Rankin, org., *Jewish Religious Polemic*, Edinburgo, University Press, 1956; Frank E. Talmage, org., *Disputation and Dialogue: Readings in the Jewish-Christian Encounter*, Nova York, Ktav, 1975; Daniel J. Lasker, *Jewish Philosophical Polemic against Christianity in the Middle Ages*, Nova York, Ktav, 1977; David Berger, *The Jewish-Christian Debates in the High Middle Ages*, Filadélfia, Jewish Publishing Society, 1979; Hyam Macoby, org. e trad., *Judaism on Trial; Jewish-Christian Disputations in the Middle Ages*, East Brunswick, Nova Jersey, Associated University Presses, 1982; Jeremy Cohen, *The Friars and the Jews*, Ítaca, Nova York, Cornell University Press, 1982; Robert Chazan, *Daggers of Faith: Thirteenth Century Christian Missionizing and the Jewish Response*, Berkeley, University of California Press, 1989. Sobre concepções judaicas de Jesus do século XVI ao XVIII, ver o útil sumário de Goldstein, *Jesus*, p. 216-21.

[36](#) Sobre a necessidade de estabelecer distinções geográficas a esse respeito — comparando-se, por exemplo, o nível educacional geral dos judeus no norte da França com o da Alemanha —, ver Ephraim Kanarfogel, *Jewish Education and Society in the High Middle Ages*, Detroit, Wayne State University Press, 1991.

[37](#) O propósito das disputas era menos atacar os judeus do que conseguir convertidos ao cristianismo e confirmar convertidos recentes em sua fé (de modo particular os que se tinham tornado cristãos sob coação). Era mais importante vencer a dúvida do que os judeus.

[38](#) Ver Martin A. Cohen, “Reflections on the Text and Context of the Disputation of Barcelona”, *Hebrew Union College Annual*, n. 35, 1964, p. 157-92; Goldstein, *Jesus*, 197ss.

[39](#) Sobre uma variedade desses e de outros problemas vinculados, ver a perspicaz análise de Susan Einbinder, *Trial by Fire: Burning Jewish Books, Lectures on Medieval Judaism at Trinity University: Occasional Papes 3*, Kalamazoo, Michigan, Medieval Institute Publications, 2000, p. 1-35.

[40](#) Para menções rabínicas a Pandera (Pandira, Pantera, Panthera, Pantiri, Panteri, Pantira etc.), ver *Tosefta Hullin* 2,22; *Shabbat* 104b; *P. Shabbat*, fim de X ou 14d; *Abodah Zarah* 40d.41a. Ver discussões em Goldstein, *Jesus*, p. 35ss; Herford, *Christianity in Talmud*, p. 39ss.; Klausner, *Jesus*, p. 23; Lauterbach, *Rabbinic Essays*, pp. 529-39. O padre da Igreja Orígenes de Alexandria (por volta de 248 d.C.) menciona (*Contra Celso* 1.28,32) uma tradição desrespeitosa segundo a qual um soldado romano de nome Pantera, estacionado na Judéia, foi o pai extramarital de Jesus. Ele cita no tocante a isso o filósofo pagão Celso (por volta de 178 d.C.), que afirmou ter ouvido a história de um judeu.

[41](#) O nome inglês Joshua traduz o termo hebraico Yehoshua, ou uma forma hebraica/aramaica ulterior deste, Yeshua — nomes que eram bastante comuns no século I d.C. Yehoshua pode significar “o Senhor é salvação” ou “o Senhor vai salvar/salva/salvou”. A forma portuguesa, Jesus, remonta ao latim (*Iesus*), que translitera por sua vez a forma grega (*Iesus*) desses nomes hebraicos ou aramaicos. Costuma-se perguntar: que nome(s) hebraico(s)/aramaico(s) era(m) usado(s) de fato para designar Jesus? Não se pode determinar isso de modo definitivo porque as fontes disponíveis mais antigas (quer dizer, existentes) que o mencionam foram compostas em grego. Outra pergunta que se costuma fazer

tem relação com o nome regular Yeshua, que pode significar “salvação”. Como o nome Yeshu — presente, por exemplo, em *Toledot Yeshu* — parece ser abreviatura de Yeshua, foi o uso dessa abreviação uma tentativa da tradição judaica no sentido de fugir a ou evitar toda associação de Jesus com “Salvador” ou “salvação”? O mais provável é que Yeshu fosse apenas uma abreviatura natural de Yeshua (sem que houvesse objetivos polêmicos, análoga à abreviatura Yosi para Yosef (“José”).

[42](#) Isso parece advir das tradições rabínicas sobre ben Stada, que teria “feito um corte na carne” (*Tosefta Shabbat* 11,15; *Shabbat* 104b).

[43](#) É obscuro quem se supõe ser a “Rainha Helena”. As candidatas mais prováveis são: 1) Salomé Alexandra (mulher de Alexandre Janeu), que deu continuidade à dinastia hasmonéia ao assumir a regência da Palestina após a morte do marido. Reinou de 76 a 67 a.C. Era igualmente irmã de Simeon ben Shetah, identificado por tradições rabínicas (ver, no *Mishnah*, *Abot* 1,8 e *Hagigah* 1,2) como importante sábio (de modo específico, ele pertenceu ao terceiro de cinco pares [zugot] seqüenciais de líderes) e como tendo sucedido nessa posição a Yehoshua ben Perahyah — de quem Jesus, ao que se diz, foi discípulo (ver *Sanhedrin* 107b). Poderia “Salomé” (que por vezes recebe o nome de “Saline”) ter sido confundida com “Helena” (ver Goldstein, *Jesus*, p. 304, n. 95)? 2) A Rainha Helena, irmã e mulher de Monobaz I, rei de Adiabene (na região do Tigre superior), e visitante da terra santa. Ela se converteu, na companhia do filho, ao judaísmo por volta de 30 d.C. (ver Josefo, *Antigüidades* 20,17-96). Em 45, durante uma fome na Palestina, ela comprou alimentos do Egito ou do Chipre para nutrir os famintos. Faz várias doações ao Templo e passou a parte final da vida em Jerusalém (onde construiu para si um palácio; Josefo, *Guerras* 5,252; 6,355). Depois de sua morte em Adiabene, seus restos mortais foram transferidos para Jerusalém. 3) Santa Helena (ca. 255-330), mãe do Imperador Constantino, o Grande e lendária descobridora (por volta de 326) da cruz. Durante sua visita à terra santa, fundou basílicas no Monte das Oliveiras e em Belém. Como não lidamos em *Toledot Yeshu* com história genuína, a identificação da rainha pode não assegurar a continuidade da investigação.

[44](#) Existem cerca de uma dezena de versões do *Toledot Yeshu*, a maioria delas impressa por Samuel Krauss. Ver, idem, “Une nouvelle recension hébraïque du Toldot Yesu”, *Revue des Études Juives*, n.s. 3, 1938, pp. 65-88, e referências, ali, de estudos anteriores de Krauss.

[45](#) O período medieval pode, portanto, ser considerado bem mais extenso para os judeus do que para os não-judeus, tendo se encerrado talvez com a abertura, no século XIX, dos muros dos guetos. Ver ainda Goldstein, *Jesus*, p. 221: “O período medieval se encerra para o povo judeu em 1776 (ou 1791)..., com a declaração dos direitos do homem, com o respeito concedido numa democracia à religião de cada homem.”

[46](#) A começar pelo livro de Abraham Geiger, *Das Judentum und seine Geschichte*, Breslau, Schletter, 1864, p. 118ss, e passim; igualmente Heinrich Graetz, *Sinai and Golghota, ou les origines du judaïsme et du christianisme*, trad. Moses Hess, Paris, Lévy Frères, 1867; ver idem, *History of the Jews*, vol. 2, Filadélfia, Jewish Publication Society, 1893.

[47](#) Fazem uma revisão dos modernos estudos eruditos judaicos sobre Jesus Herbert Danby, *The Jew and Christianity: Some Phases, Ancient and Modern, of the Jewish Attitude toward Christianity*, Londres, Sheldon Press, 1927; Claude Montefiore, “Jewish Conceptions of Christianity”, *Hibbert Journal*, n. 28, 1929-30, pp. 246-60; Thomas Walker, *Jewish Views of Jesus: An Introduction and Appreciation*, Nova York, Macmillan, 1931; Samuel Sandmel, *We Jews and Jesus*, Nova York, Oxford, 1965; Walter Jacob, *Christianity through the Jewish Eyes*, Cincinnati, Ohio, Hebrew Union College, 1974; Shalom Ben-Chorin, “The Image of Jesus in Modern Judaism”, *Journal of Ecumenical Studies*, n. 11, 1974, pp. 401-30; Jacob Jocz, *The Jewish People and Jesus Christ*, reprod. Grand Rapids, Baker, 1981; Donald Hagner, *The Jewish Reclamation of Jesus*, Grand Rapids, Zondervan, 1984.

[48](#) Em 64 d.C., o Imperador Nero acusara os cristãos por um incêndio em Roma (Tácito, Anais 15.44), infligindo-lhes por isso “tenebrosos tormentos” (Suetônio, Vida de Nero, 16). O Evangelho mais antigo, Marcos (ca. 70 d.C.), reflete a preocupação com a ofensiva romana anti-cristã. A revolta da Judéia, em 66, gerou o ominoso espectro da vingança romana não somente contra os judeus como também contra os cristãos (porque Roma confundia os dois grupos). A fim de deter a contínua perseguição romana aos cristãos, os escritores dos evangelhos tinham de distinguir entre os cristãos e os judeus (não-cristãos), e de uma maneira que sugerisse serem os cristãos aliados de Roma.

[49](#) Ver Michael J. Cook, “The Jewish Scholar and New Testament Images of Judaism”, *Lutheran Theological Seminary Bulletin* 77, n.1, 1997, p. 21-41; idem, “Jewish Reflections on Jesus: Some Abiding Themes”, in *The Historical Jesus through Catholic and Jewish Eyes*, org. por Bryan F. LeBeau, Leonard Greenspoon and Dennis Hamm, S.J., Harrisburg, Trinity Press International, 2000, pp. 95-112.

JESUS COMO JUDEU HISTÓRICO

ARNOLD JACOB WOLF

O Jesus da história, o homem que nasceu em Ereç Ysrael e viveu e morreu como judeu, é, na teologia dogmática cristã, um só com o Deus que está além de todas as limitações do tempo e do espaço. O problema consiste em conciliar o Jesus histórico com o Cristo da fé. Alguns separaram integralmente um do outro. Outros negaram o humano (Marcião) ou o divino (os Unitarianos). Ninguém uniu de maneira completa o que é inerentemente incomensurável.

Depois da obra de Albert Schweitzer, na virada do século, foram suspensos os intensos esforços de busca do “verdadeiro” Jesus da História, à luz da prova de Schweitzer de que os evangelhos, na qualidade de documentos da Igreja, só podiam revelar o Cristo ulterior da Igreja. Mas na década de 1950 a busca foi retomada, e agora a última década desencadeou um forte desejo de descobrir quem de fato foi Jesus. É inevitável que isso traga o fundador do cristianismo (se ele de fato foi esse fundador) de volta a suas raízes judaicas. Não surpreende que o Jesus histórico se mostre integralmente judeu.

Mas será possível ter algum conhecimento comprovado sobre esse judeu de Nazaré? Ou estaremos condenados a obter somente mais uma imagem especular de nós mesmos, nos termos da previsão de Schweitzer? Os liberais vêem em Jesus um camponês revolucionário. Os místicos descobrem nele um vidente escatológico. Os cristãos cristianizam seu fundador judeu. Só extraímos aquilo que nós mesmos pusemos. Parece não haver um caminho claro de volta ao Jesus original do século I na Terra de Israel.

Um exemplo ponderável do “perigo da modernização de Jesus” (H. J. Cadbury) está numa brilhante palestra proferida na University of Arizona, em 1995, por Susannah Heschel, “Transforming Jesus from Jew to Arian: Protestant Theologians in Nazi Germany” [Transformando Jesus de judeu em ariano: teólogos protestantes na Alemanha nazista]. Heschel mostra que

alguns dos mais importantes estudiosos alemães do Novo Testamento empenharam-se em provar que Jesus não era, em termos raciais, “semita”, e que ele era, ideologicamente, inimigo ferrenho do judaísmo “tardio” em sua forma decadente do século I. Esses estudiosos manipularam textos, transformaram parábolas e reinterpretaram os evangelhos a fim de torná-los compatíveis com a concepção nazista de uma religião e de um povo judeu parasita e perigoso. Não se poderia imaginar nenhum outro exemplo que prove com mais firmeza que o Jesus que queremos é o Jesus que vamos obter.

Mas o partido nazista não aceitou o Jesus revisado dos teólogos. Seus membros não acolheram esses estudiosos em suas fileiras nem usaram a nova imagem de modo disseminado ou ardiloso. Ao que parece, eles simplesmente não acreditaram no que lhes disseram os especialistas em Novo Testamento. Perceberam que havia ali algo de errado. Não puderam, ou não quiseram, acreditar que Jesus fosse um gentio. Isso indica que há limites às leituras errôneas, que a História rejeita certas coisas e que estudiosos que ao menos tentem alcançar a objetividade, a precisão e a autenticidade podem extrair uma imagem razoavelmente confiável de Jesus.

CONSENSO E CRITÉRIOS

Há um consenso entre os novos pesquisadores do Jesus histórico. Eles divergem entre si sobre muitas questões: Quanto dos evangelhos registra as próprias palavras e ações de Jesus? Quanto judaísmo Jesus conhecia e quanto praticou? Que ramo das muitas variedades de judaísmo ele preferia? Mas ninguém pensa nele como outra coisa além de um judeu, um “judeu marginal” talvez, como alega John Meier, mas mesmo assim judeu. Um “camponês judeu da região mediterrânea”, se John Dominic Crossan estiver com a razão; um carismático, um mago, de acordo com Morton Smith; ou Deus-sabe-que-tipo-de-judeu — mas com certeza um judeu. Um judeu e nada mais do que um judeu. Um judeu totalmente inserido em sua fé judaica e em suas raízes de judeu. Um judeu leal, talvez revolucionário, mas judeu, em vez de ariano; judeu em lugar de cristão; um judeu, não um caractere cifrado ou um enigma que jamais pode ser compreendido.

Como, então, sabemos que passagens do Evangelho refletem as palavras

de Jesus? Há vários critérios de autenticidade empregados pela maioria dos novos estudiosos:

1. O critério da dessemelhança. Se não reflete uma concepção judaica contemporânea nem a prática da Igreja primitiva, uma dada passagem é provavelmente autêntica. Os compiladores dos evangelhos não inventariam algo que não refletisse nem uma concepção judaica nem uma concepção cristã ulterior.

2. Em aparente contradição, o critério da compatibilidade com o(s) judaísmo(s) do século I. Jesus não diria nem pensaria nada que um judeu do século I não pudesse ter dito ou pensado. É difícil dizer como este critério se concilia com o anterior.

3. O critério das múltiplas fontes. Se vários evangelistas (ou Josefo) dizem a mesma coisa, é mais provável que o dito seja um reflexo do que Jesus disse ou fez. Infelizmente Josefo pouco diz sobre Jesus, e esse pouco se acha contaminado por interpolações cristãs.

4. O critério da compatibilidade com aquilo que Jesus disse. As ações de Jesus podem (ou não) autenticar o que ele disse. Claro que não podemos saber exatamente o que ele fez. Ele expulsou os vendilhões do Templo? Morreu na cruz por ordem romana? Essas façanhas justificam a alegação de que ele previu o fim do Templo na forma em que o conheceu ou a morte semelhante à de um criminoso que ele viria necessariamente a sofrer?

5. O critério da humilhação. Nada que humilhe o próprio autor é acréscimo feito por ele mesmo. Se se diz que Jesus foi batizado por João Batista ou teve uma morte ignominiosa, ele provavelmente passou por isso.

6. O critério da tradução. Se parece ser a tradução de um dito de Jesus presente ao original aramaico (ou hebraico?), o texto grego tem mais probabilidades de ser preciso. Se for vívido, presume-se que não seja mera adição editorial ao texto.

Todos esses critérios são relativos, ainda que nenhum seja inútil. Pode-se com eles recuperar o Jesus histórico com alto grau de plausibilidade, mas os estudiosos discordam no tocante à natureza de Jesus.

A QUESTÃO DO ANTI-JUDAÍSMO

Para nós, judeus, as narrativas do evangelho apresentam grande número de problemas, não sendo o menor deles seu claro anti-semitismo, perceptível de modo especial nos relatos do julgamento e da crucificação de Jesus, mas também em vários pontos dos quatro evangelhos — uma atitude contrária aos fariseus (isto é, os rabinos) e, por vezes, contra os sacerdotes, os anciãos ou até mesmo toda a comunidade judaica. É possível imaginar que essa hostilidade anti-judaica foi o verdadeiro sentimento de Jesus de Nazaré, que foi em tudo e por tudo judeu? Talvez um judeu marginal, um judeu revolucionário, como sugerimos, um judeu dissidente — mas havia muitíssimos judeus dissidentes e eles nunca se tornaram anti-semitas. Todos os narradores dos evangelhos, os evangelistas, eram judeus, com a possível exceção de Lucas. Eram judeus mais ou menos comprometidos, que conheciam a Bíblia Hebraica e a religião judaica mesmo quando assumiam posições um tanto diferentes das da versão dessa religião praticada por seus correligionários.

A questão do anti-judaísmo, portanto, permanece, e é impossível resolvê-la. Seriam as passagens anti-judaicas e, por vezes, francamente anti-semitas autênticas para com Jesus ou não? Estaríamos inclinados a dizer que “não”. O Novo Testamento é um documento da Igreja Católica Romana Gentia do segundo, terceiro e quarto séculos, e essa igreja claramente revisou os ensinamentos de Jesus e as antigas histórias sobre Jesus de modo a dar aos romanos o benefício de todas as dúvidas e tornar os judeus que tardiamente “rejeitaram” Jesus parecerem maus.

Do lado judaico, houve grande quantidade de evitação. Não falamos sobre Jesus. Não pensamos muito a respeito de Jesus. Não temos uma visão oficial de Jesus, exceto ocasionalmente uma visão pervertida e negativa. Maravilhoso se acaso houve preconceito ou medo ou reação, ou, talvez, até um tipo de atração. Jesus estava dizendo o tipo de coisas sobre a religião judaica que uma multidão de judeus gostaria de dizer mas não o fez. Portanto, não pensamos a respeito de Jesus, não falamos sobre Jesus, mas no mais íntimo de nosso coração ele parece ser nosso irmão. Como muitos de nós, ele, também, é um judeu dissidente.

A visão judaica convencional é a de que Jesus era um judeu razoavelmente bom, mas Paulo era um anti-semita que criou o cristianismo. O problema é que Paulo era de fato tão judeu quanto Jesus. Ele chama a si próprio de fariseu. E. P. Sanders e Krister Stendhal, entre outros, provaram que as cartas

de Paulo são documentos judaicos típicos de poucos séculos posteriores. Paulo certamente não era menos judeu do que Jesus. Ninguém poderia continuar a dizer que foi o fundador do cristianismo, a menos que perceba que de algum modo Jesus lhe tenha fornecido uma deixa, uma brecha de entrada para uma nova religião. Religiões não são inventadas a partir de nada. Paulo não criou o Jesus do Novo Testamento.

JESUS E OS ESSÊNIOS

Muitos tentaram localizar Jesus na comunidade dos manuscritos do mar Morto, que muitas pessoas acreditam ter sido uma comunidade essênica. Os essênios eram de algum modo bastante semelhantes a Jesus, e de algum modo bastante diferentes. Permitam-me listar as semelhanças e as diferenças, seguindo James H. Charlesworth.

Deus era o mesmo para os essênios e para Jesus. Partilhavam as Escrituras hebraicas como sua fonte-guia. Uma possível preferência por certos livros é particularmente interessante. Jesus e os manuscritos de Qumrã citam o profeta Isaías continuamente, e jamais citam o livro de Ester. Parecem ter tido os mesmos gostos; algumas partes da tradição e não outras eram importantes para os dois. Ambos liam as Escrituras de modo escatológico, messiânico. A Bíblia Hebraica não era propriamente um livro para ser estudado, ou uma lei a ser obedecida. Ela era um plano para o futuro, um plano escrito em código. Tanto Jesus como os Essênios tinham suspeitas quanto ao culto do Templo. Ambos partilhavam posses, viviam o celibato e condenavam o divórcio. Ambos refletiam um ânimo de expectativa escatológica, uma nova aliança para um povo envelhecido. Respiravam o mesmo ar de expectativa, julgamento e esperança.

Estas semelhanças eram suficientemente surpreendentes para levar muitos dos antigos pesquisadores dos manuscritos a identificarem por vezes Jesus com o Mestre da Justiça e os primeiros cristãos com a (putativamente) comunidade essênica. Todavia, as dessemelhanças eram por fim mais importantes para um observador imparcial. Jesus moveu-se em círculos de fiéis e opositores inteiramente abertos, enquanto a comunidade de Qumrã era quase hermeticamente fechada. Eles se comprometiam a obedecer elaboradas leis de pureza; Jesus dificilmente creditou até as comuns normas judaicas de

pureza. Ele era claramente um tipo de missionário; seus discípulos o eram claramente, enquanto os essênios não se interessavam por prosélitos, uma vez que acreditavam que o futuro estava com eles de qualquer modo. Ele falava em parábolas belas e simples (embora às vezes obscuras); eles em um código, lacrado com mil selos. Eles eram hierarquizados, autoritários, retirados. Ele era o fundador de uma comunidade aberta e acolhedora. Eles seguiam a predestinação, baseando a si mesmo em uma interpretação opaca e mística da Escritura. Ele esperava abrir a Torá a uma relação existencial. Os dois também não estavam de acordo sobre a angelologia, o martírio, o Sábado, o calendário ou a ressurreição dos mortos, pelo que podemos saber.

UM CAMPONÊS COM GÊNIO PARA A RELIGIÃO

É difícil localizar Jesus em alguma das correntes convencionais dos judaísmos do primeiro século. Afirma-se que ele ti-nha controvérsias com os fariseus, mas estes próprios proto-rabinos são compreendidos pelos modernos estudiosos de muitos e diferentes modos. Assim, por exemplo, a recente *Encyclopedia of Religion* publicada pela University of Chicago, tem dois artigos distintos sobre os fariseus, o que reflete as concepções diferentes de Jacob Neusner e Ellis Rivkin, e nenhuma das duas conseguiu ampla aceitação. Seja como for, muitos têm pensado que o próprio Jesus foi uma espécie de fariseu, ainda que me pareça melhor considerá-lo um am haareç, um camponês com inclinação religiosa.

Em que aspectos foi Jesus único, ou ao menos incomum?

Ele praticava o celibato e não tinha família, o que também ocorreu com a maioria de seus apóstolos. Seguiu uma linha dura no tocante ao divórcio, proibindo-o terminantemente, segundo uma fonte. Ignorava as observâncias estritas quanto à pureza pessoal e tinha contato com leprosos e proscritos. Confraternizava com pecadores e, ao que parece, não exigia arrependimento como condição para admiti-los como companheiros. Supunha uma espécie de autoridade pessoal que o judaísmo clássico acredita ter dado ensejo à colegialidade e ao debate entre autoridades rabínicas. Assim, por exemplo, reviu a legislação do Sabat de acordo com sua própria interpretação das Escrituras.

Diz-se que Jesus curou doentes e (tal como Elias e Eliseu antes dele) fez

peçoas ressurgir dos mortos, tendo dado esperança a muitas peçoas. Longe de estar claro se ele acreditava ou não que era o Messias prometido; mas, se acreditava, não foi o primeiro (nem o último) judeu a reclamar o título. Todos esses elementos compõem a imagem de um judeu do século I um tanto incomum, mas sem dúvida um judeu situado nos limites do possível.

3

“QUEM VOCÊ DIZ QUE SOU?”

(Marcos 8,29)

Uma nova concepção judaica a respeito de Jesus

BYRON L. SHERWIN

A maioria dos ensinamentos teológicos judaicos clássicos exprime uma visão negativa de Jesus. Embora o filósofo do século XX Martin Buber tenha chamado Jesus de seu “irmão”,¹ uma importante parcela dos ensinamentos judaicos clássicos considera Jesus um “outro” (otoh ha-ish, literalmente uma expressão negativa para designar “esse/aquele homem”), ou seja, um apóstata que subverteu os ensinamentos do judaísmo, um judeu cujos ensinamentos foram usados por seu seguidores como justificativa da perseguição do povo judeu em muitas terras ao longo de vários séculos, bem como o falso Messias paradigmático. Com efeito, os judeus excomungaram Jesus da fé judaica e do povo judeu. O que se propõe neste ensaio é uma radical reavaliação do lugar de Jesus na teologia judaica.

Trata-se do empreendimento de formulação de uma nova teologia judaica de Jesus fundada no quadro não dos atuais estudos eruditos acerca de Jesus, mas nas rubricas teológicas judaicas clássicas. Essa nova teologia judaica de Jesus não pode ser avaliada primordialmente em termos de sua confluência com a Wissenschaft moderna, mas com respeito a estes dois critérios: 1) É ela defensável no âmbito do ensinamento teológico judaico? Em termos específicos, ela viola alguma crença fundamental ao judaísmo? Nega algum ditame (halakhah) legal judaico, de cunho religioso, já estabelecido? É incompatível com alguma crença ou prática religiosa judaica? 2) É a visão oferecida incompatível com a autocompreensão teológica judaica contemporânea? De modo específico, pode e vai ser aceita, ao menos por algum segmento da “comunidade de fé” judaica contemporânea?

Na verdade, por razões que vão se mostrar evidentes, alguns judeus vão considerar a concepção aqui proposta uma opção teológica viável, ainda que

não necessariamente uma opção que possam vir a querer aceitar. Outros haverão de descartá-la liminarmente. Mesmo assim, minha posição é que a visão teológica judaica a respeito de Jesus apresentada a seguir atende aos critérios acima estabelecidos: não é incompatível com as rubricas do discurso teológico judaico; oferece uma reformulação teológica de concepções judaicas a respeito de Jesus que constituem a contrapartida de muitas corajosas reformulações teológicas recentes de concepções cristãs dos judeus e do judaísmo; e proporciona uma redução de barreiras ao discurso teológico entre judeus e cristãos no que se refere ao que há de mais importante para estes últimos, ou seja, a pessoa de Jesus. Antes de apresentar minha proposta específica, faz-se necessário delinear cinco premissas nas quais se baseia essa minha visão teológica judaica a respeito de Jesus.

CINCO PREMISSAS

1. A primeira premissa é que ensinamentos teológicos judaicos relativos a todo e qualquer assunto têm de ser compreendidos no contexto do discurso teológico judaico. Por conseguinte, seria impróprio que usássemos aqui categorias, pressupostos ou tópicos teológicos típicos de compreensões cristãs de Jesus.² A questão teológica judaica é: quem os judeus acreditam que Jesus é?

2. A segunda premissa é que, embora as alegações cristãs a respeito de Jesus não constituam um item da pauta teológica judaica, elas têm de constar da pauta social do povo judeu, dado que são alegações que levaram a maus-tratos e a perseguições movidas contra judeus. Logo, o interesse destes se vincula com a maneira pela qual as alegações em questão afetam as atitudes e as ações de cristãos em relação a judeus. Como o disse o rabino Eugene Borowitz:

Fomos a tal ponto atingidos por ensinamentos e práticas cristãos passados, preocupamo-nos tanto com os termos nos quais o mundo (ainda sob uma influência bastante intensa da opinião cristã) vai nos permitir sobreviver, que a nossa primeira pergunta a um cristão será provavelmente: “O que você acredita ser sua obrigação de cristão em relação aos judeus e qual vai ser seu comportamento no tocante a isso?”³

3. A terceira premissa é a afirmação do e o compromisso com o pluralismo

religioso, que supõe que nenhuma religião detém o monopólio da verdade, que a diversidade teológica reflete a vontade divina e que mais de uma fé desempenha um papel no plano de Deus para a redenção humana. Trata-se de uma atitude desenvolvida por teólogos judeus na Idade Média, aprimorada no século XVI pela interpretação, feita por Eliezer Ashkenazi, da história bíblica da Torre de Babel — Deus dividiu o povo em diferentes linguagens de fé a fim de evitar o absolutismo, que enrijece inevitavelmente o pensamento livre e criativo e a autêntica expressão religiosa⁴ — e que foi enfatizada em nossos dias pelo rabino Abraham Joshua Heschel, que sustentou que a Torá não é a única maneira de servir a Deus e que “a fé humana nunca é definitiva, nunca é ponto de chegada, mas antes uma interminável peregrinação”.⁵

No tocante a isso, eu gostaria de chamar a atenção, de modo especial, para a idéia apresentada pelo estudioso judeu italiano do século XV, rabino Abraham Farissol. Trata-se de algo peculiar na literatura judaica e virtualmente desconhecido, mas que é particularmente digno de nossa consideração no atual contexto. Farissol fez a sugestão criativa — e destacadamente pluralista — de que, embora Jesus não tenha atendido à definição judaica do Messias esperado, há um sentido no qual mesmo os judeus podem dizer que Jesus na verdade funcionou como redentor para os cristãos. Escreveu Farissol:

Suponhamos que seu Cristo seja o Messias para eles, e nós [judeus] não devemos negar nem afirmar aquilo que se passa com o Messias deles. Porque, na minha opinião, é claramente viável que eles tenham justos motivos para designá-lo como seu legítimo redentor. Pois eles declararam — e é de fato verdade — que, desde que ele veio e transmitiu suas doutrinas, eles foram redimidos e isentados da impureza da idolatria.⁶

4. A quarta premissa é que, em relação aos ensinamentos teológicos judaicos a respeito de Jesus, deve-se encontrar uma maneira inovadora de incorporar uma concepção positiva sobre Jesus nos ensinamentos teológicos judaicos. A principal razão para isso, dito de maneira sumária, é que Jesus foi judeu. Apesar das tentativas de historiadores e teólogos cristãos para negar que Jesus tenha sido judeu — por exemplo, os esforços de alguns teólogos alemães de demonstrar que ele era ariano —, Jesus foi incontestavelmente judeu. Na verdade, quase toda nação cristã se empenhou em expropriar Jesus de seu próprio povo. É hora de os cristãos aceitarem Jesus como judeu.

Assim como é hora de os judeus o reivindicarem como membro legítimo e honrado do povo judeu — como um irmão.⁷

O santificado rabino Leo Baeck, que foi o mais importante líder judaico da Alemanha nazista, e que sobreviveu aos horrores do Holocausto, escreveu que, contemplando Jesus,

contemplamos um homem que é judeu em todos os aspectos e traços de caráter, manifestando em cada particularidade o que há de puro e de bom no judaísmo. Este homem só poderia se desenvolver da maneira como se desenvolveu no solo do judaísmo; e somente nesse solo, do mesmo modo, poderia ele encontrar discípulos e seguidores com as características dos seus. Apenas aqui, nesta esfera judaica, nesta atmosfera judaica..., poderia este homem viver sua vida e encontrar sua morte — na qualidade de um judeu entre judeus.⁸

Falando dos evangelhos, escreveu Baeck:

A tradição do evangelho é, acima de tudo, em todos [os aspectos], simplesmente parte da tradição judaica da época... Trata-se de um livro judeu..., porque é um espírito judaico, e nenhum outro, que o habita; porque a fé judaica e a esperança judaica, o sofrimento judaico e a aflição judaica, o conhecimento judaico e as expectativas judaicas, e são somente esses elementos que ressoam pelo evangelho — um livro judaico em meio a livros judaicos. O judaísmo não pode condená-lo ao ostracismo, não pode compreendê-lo erroneamente nem desejar renunciar a todas as afirmações nele contidas. Também nesse caso o judaísmo deve compreender e dar atenção ao que lhe pertence.⁹

Estudos judaicos e cristãos recentes sobre o Novo Testamento e o judaísmo no século I demonstram que Jesus foi muito mais parte do que alguém separado da vida e do pensamento judaicos em sua época e lugar do que antes se supunha. Jesus viveu, ensinou e morreu como judeu. Com efeito, não nos é possível entender plenamente a vida e os ensinamentos de Jesus fora do contexto judaico de que procedem. A percepção disso levou alguns estudiosos contemporâneos a sustentar que é precisamente porque judeus e cristãos de outras épocas não conseguiram avaliar o fato do enraizamento de Jesus no judaísmo de sua época e lugar que os levou a crer que os ensinamentos dele são anti-semitas ou anti-judaicos. Para esses estudiosos, um exame da natureza judaica da vida e dos ensinamentos de Jesus pode servir de base a uma visão mais favorável do judaísmo por parte dos cristãos e a uma visão mais favorável de Jesus por parte dos judeus. Tanto para

cristãos como para judeus, compreender Jesus como judeu pode constituir o fundamento da remoção de barreiras entre cristãos e judeus, bem como configurar-se como o fundamento de um diálogo fraterno. Pode-se contudo observar que a recuperação da “judaicidade” de Jesus apresenta novos problemas à formulação de cristologias contemporâneas. Mas essa preocupação se acha além do escopo deste ensaio. A preocupação aqui incide sobre o significado que Jesus pode ter para os judeus em nossos dias. Quanto a isso, a recuperação da judaicidade de Jesus pode oferecer mais oportunidades a teólogos judeus do que a teólogos cristãos.

5. A quinta premissa é que a teologia judaica não pode atribuir a Jesus um status maior do que o poderiam os contemporâneos dele. O judaísmo não pode considerá-lo, para dar um exemplo, mais grandioso do que Moisés ou os profetas de Israel. Nem os mais importantes rabinos da época e do lugar de Jesus são considerados profetas pelo judaísmo. Nem podem os judeus considerá-lo o Messias definitivo, o Messias filho de Davi. Para os judeus, esse Messias ainda está por vir. Para o judaísmo, nem Jesus nem qualquer outra pessoa já é o Messias definitivo esperado. Assim como não podem aceitá-lo como o Messias, nem como profeta, não podem os judeus aceitar Jesus como autoridade rabínica.

Embora as fontes judaicas clássicas considerem Jesus um falso Messias, creio que um judeu pode afirmar que ele foi não um Messias falso, mas um Messias fracassado.¹⁰ Consideremos o conceito de fracasso e em seguida o de Messias.

UM MESSIAS FRACASSADO

Fracassar significa tão somente não alcançar a meta última que se tem. Nesse sentido, os profetas hebreus foram fracassados, dado que não atingiram seus alvos últimos de convencer o povo a se arrepender e a obedecer à vontade de Deus. Moisés foi um fracasso, pois não entrou na terra prometida nem guiou o povo para ela. Mesmo Deus fracassou, porque, de acordo com a tradição judaica, o reino de Deus deveria ter início com a revelação da Torá no Sinai, mas o povo construiu o bezerro de ouro e a expectativa de Deus não se realizou. De fato, Deus fracassou de modo tão fragoroso ao criar a raça humana que se viu forçado a acabar com ela por meio do dilúvio e começar

tudo outra vez, como o pintor que, tendo cometido um erro, tem de apagá-lo, aceitar o fracasso e recomeçar. Na realidade, os mais destacados indivíduos sempre fracassam, dado que suas metas estão sempre nas proximidades do sublime. Nem todos os fracassados são pessoas grandiosas, mas — em certo sentido — todas as pessoas grandiosas são fracassadas. Precisamente porque suas metas excedem sua capacidade, elas não podem concretizar mais do que é razoável esperar que realizem.

Em seu estudo sobre a liderança bíblica, Martin Buber observou:

A Bíblia desconhece por completo o valor intrínseco do sucesso. Ao contrário, quando anuncia uma façanha coberta de sucesso, ela tem o dever incontornável de anunciar com todos os detalhes o fracasso envolvido nesse êxito. Quando consideramos a história de Moisés, damos-nos conta de quanto há de fracasso numa grande ação bem-sucedida... Moisés sem dúvida tirou o povo do Egito; apesar de tudo, em todos os estágios sua liderança é marcada pelo fracasso..., mas ainda assim sua obra também sobrevive em uma esperança que se situa para além de todos esses fracassos... Essa glorificação do fracasso culmina na longa linhagem de profetas cuja existência é um fracasso do princípio ao fim. Vivem no fracasso; cabe-lhes lutar, não conquistar. Essa é a experiência fundamental da liderança bíblica.¹¹

Como messias final e definitivo, Jesus foi um fracasso, tendo em vista que não trouxe a redenção final e completa do mundo. Se tivesse tido pleno sucesso, não seria necessária uma parousia — uma segunda vinda. Resumindo tradições judaicas anteriores acerca de messias fracassados, Maimônides escreveu: “Se não alcança pleno sucesso, ou se é morto, é óbvio que ele não é o Messias (definitivo) prometido na Torá. Ele deve ser considerado como todos os outros reis totalmente dedicados e dignos da Casa de Davi que morreram e a quem Deus ressuscitou a fim de testar as multidões”.¹²

Tendo discutido o fracasso, passemos à discussão da idéia messiânica. Para os cristãos, Jesus não foi um messias fracassado, porque ele trouxe completa redenção espiritual. Os judeus não aceitam isso. Porém, mesmo que os judeus o aceitassem, Jesus ainda não seria um messias bem-sucedido. De acordo com a teologia judaica, a redenção messiânica não se restringe ao plano espiritual. O motivo dominante do messianismo judaico é que a redenção messiânica ocorre no tempo e no espaço, na história, na esfera sociopolítica. Para ser completa, a redenção messiânica tem de acontecer

tanto no domínio físico como no espiritual. Para o judaísmo, o físico e o espiritual estão inter-relacionados, entrelaçados um com o outro. Os judeus não podem aceitar Jesus como o Messias judaico porque ele não trouxe o tipo de redenção antecipado pelos ensinamentos judaicos a respeito da era messiânica.¹³ Por exemplo, o messianismo judaico antecipou uma era messiânica que realizaria o sonho de um mundo sem guerras — um mundo de paz, no qual “nação não vai levantar a espada contra nação, e ninguém mais vai passar pela experiência da guerra” (Is 2,4), um mundo governado pela justiça e pela compaixão, liberto do preconceito e da opressão física. Como escreveu Martin Buber pouco depois do Holocausto, “nós [judeus] demonstramos com o corpo sangrento de nosso povo a não-redenção do mundo”.¹⁴

Até que reinem a paz, a justiça e a compaixão, os judeus vão continuar a ver o reino de Deus como ainda por vir. Vão continuar a ver nosso mundo como pré-messiânico, não-redimido. Contudo, embora nosso mundo não possa ser visto pelos judeus como mundo redimido, e embora Jesus não possa ser visto pelos judeus como o Messias judaico definitivo e final, minha sugestão radical é que ele pode ser considerado um Messias judaico, um messias judaico fracassado, em vez de falso, parte da vida de seu povo e de sua esperança messiânica, em lugar de apartado delas.

O MESSIAS FILHO DE JOSÉ

A literatura teológica judaica clássica fala de um messias fracassado. Na maioria dos textos, ele é chamado Messias filho de José (ou Messias filho de Efraim). Trata-se de um messias preliminar, que vem em antecipação do, e para abrir o caminho ao Messias final, o Messias filho de Davi. É um messias que morre a fim de criar as condições, proporcionar a oportunidade, para que a redenção final ocorra.¹⁵ Essa idéia de um messias sofredor é originária do messianismo judaico. De acordo com alguns historiadores judeus, a idéia do Messias filho de José foi desenvolvido por discípulos do mais importante rabino do século II, Akiba, a fim de justificar sua principal alegação, a de que Bar Kochba, que liderou uma revolta de judeus contra os romanos, era o Messias. Quando Bar Kochba foi derrotado e morto, ficou claro que Akiba

estava enganado: Kochba não era o Messias. Ainda ocorriam guerras; a opressão política tinha continuidade. Como já se observou, os judeus não podiam aceitar como o Messias definitivo alguém que não acabasse com a guerra e com a opressão. Assim, os discípulos de Akiba concluíram que seu mestre não podia estar errado, que Kochba era um Messias, mas não o Messias definitivo. Era o Messias filho de José, não o Messias filho de Davi.¹⁶

De acordo com outros historiadores judeus, a idéia do Messias filho de José foi desenvolvida para conferir a Jesus um lugar na teologia messiânica judaica. Segundo essa concepção, a idéia foi desenvolvida para tentar convencer os judeus dos primeiros séculos que acreditavam que Jesus era o Messias de que ele era na verdade um messias judeu, mas não o Messias definitivo. Essa tentativa, esperava-se, evitaria a separação desses judeus da comunidade judaica. Os que sustentavam esse modo de ver as coisas alegam ainda que a afirmação de que Jesus descendia de Davi e era o Messias davídico foi atribuída pelos evangelhos a Jesus bem depois da morte deste, e sem fundamento. Na verdade, argumentam, Jesus era filho de Maria e de José, sendo essa a origem da designação “Messias filho de José”.¹⁷

A idéia do Messias filho de José se desenvolveu ao longo do final da Antigüidade e da Idade Média. Importantes líderes e pensadores judeus, como o grande místico judeu do século XVI Isaac Luria, foram considerados o Messias filho de José.¹⁸ De acordo com uma tradição, um Messias filho de José vem em cada geração a fim de preparar o caminho para a redenção final. Se a geração for indigna, ele não é seguido pelo Messias filho de Davi. Se a geração for digna, o Messias filho de Davi vem.¹⁹ Segundo a tradição judaica, o Messias filho de Davi ainda não veio, porém alguns Messias filhos de José podem já ter vindo.

JESUS COMO UM MESSIAS FILHO DE JOSÉ

O que vou propor é que Jesus seja considerado um messias judaico, ou seja, um Messias filho de José. Isso conferiria a Jesus um lugar no âmbito do discurso teológico judaico e encerraria a tradição de tantos séculos de sua virtual excomunhão da comunidade de fé da qual ele fez parte. Além disso,

proporcionaria a Jesus não somente um papel, mas um papel messiânico no interior da teologia judaica. Esse papel conferiria à vida e aos ensinamentos de Jesus a condição de preparatio messianica, o que é compatível com a tradição do Messias filho de José, incluindo assim Jesus no plano divino da redenção humana.

Enquanto a Igreja considerou o judaísmo antigo como preparatio evangelica, autoridades judaicas medievais proeminentes, como Judah Halevi e Moses Maimônides, reconheceram o cristianismo como preparatio messianica. Enquanto a doutrina cristã com frequência considerou o judaísmo uma fé obsoleta, essa atitude judaica reconhece a presença de um plano divino para o papel do cristianismo na história da redenção humana.²⁰ Judah Halevi descreveu o cristianismo como “a preparação e o prefácio para o Messias final que esperamos”.²¹ Maimônides descreveu Jesus como alguém que “serviu para abrir o caminho para o Rei Messias, a fim de preparar o mundo para cultuar Deus em harmonia”.²²

Já na Idade Média textos teológicos judaicos mencionam Jesus no contexto de discussões vinculadas com o Messias filho de José. Apesar de a maioria desses textos não aceitar Jesus como um Messias filho de José — isto é, um messias judaico —, essa pode ser uma decorrência do fato de estarem eles reagindo à perseguição cristã dos judeus na época. Talvez hoje, contudo, possamos afirmar uma identificação de Jesus com o Messias filho de José. Pode-se supor adicionalmente que não teria sido necessário que os pensadores judaicos medievais rejeitassem essa identificação de Jesus com o Messias filho de José, exceto se essa idéia já tivesse sido proposta em círculos judaicos.

A identificação de Jesus com o Messias filho de José já é mencionada nos escritos do místico judeu espanhol do século XIII Abraham Abulafia.²³ Essa identificação é explicitamente afirmada nos escritos do comentador e funcionário judeu do século XVI Isaac Abravanel. Abravanel considerou a tradição sobre o Messias filho de José como a fonte da influência da formulação do “Jesus histórico”. Segundo Abravanel, os cristãos primitivos aceitavam a idéia do Messias filho de José, mas mudaram seu nome para Jesus.²⁴ Ademais, como bem se sabe, a tradição cristã costuma identificar e comparar Jesus com o profeta Jonas (por exemplo, em Mt 12,40 e Lc 11,30).

Em textos místicos judaicos, incluindo alguns compostos na Polônia no século XVII, Jonas é identificado e comparado com o Messias filho de José, havendo claras referências à identificação ulterior de Jesus com um perfil particular com o Messias filho de José.²⁵

O Messias final, Messias filho de Davi, costuma ser comparado em textos judaicos com o sétimo dia da semana, o Sabbath, porque a era messiânica é descrita como a era sabática que vem no final da história humana. O dia que antecede o Sabbath é o “sexto dia”, em hebraico, Yom ha-Shishi. Em hebraico, cada letra é também um número. A tradição mística judaica dá grande importância à numerologia, isto é, ao valor numérico das letras hebraicas. O valor numérico do Yom ha-Shishi é 671. O valor numérico de Yeshu ha-Noçri, Jesus de Nazaré, também é 671.²⁶ Trata-se de uma descrição numerológica de Jesus como preparatio messianica.

UMA NOVA CONCEPÇÃO PARA A TEOLOGIA JUDAICA

Embora possa ter sido antecipada pela literatura teológica judaica clássica, a concepção de Jesus aqui apresentada é virtualmente sem precedentes no âmbito do discurso teológico judaico. Ela vai além de tudo aquilo que já foi sugerido até o momento. Oferece a Jesus e ao cristianismo não só um lugar como também um papel messiânico no interior da teologia judaica. Os judeus vão sem dúvida considerá-la demasiado ousada. Os cristãos podem não considerá-la como salto suficientemente grande.

Martin Buber foi o primeiro pensador judaico a se referir a Jesus como “irmão”, prevendo uma época na qual

a comunidade judaica, no curso de seu renascimento, vai reconhecer Jesus; e não somente como uma grande figura da história da religião como também no contexto orgânico do desenvolvimento messiânico, que se estende ao longo dos milênios e tem como meta final a Redenção de Israel e do mundo. Mas acredito com igual firmeza que a comunidade judaica nunca vai reconhecer Jesus como o Messias Vindo, pois isso estaria em contradição com o significado mais profundo de nossa paixão messiânica.²⁷

Tendo oferecido uma visão teológica judaica de Jesus, permitam-me concluir com uma visão pessoal de Jesus. As crianças judias não passam muito tempo pensando em Jesus, mas eu, quando criança, fazia isso. Como

creci nos anos posteriores ao Holocausto e conhecia o destino dos judeus poloneses, talvez não surpreenda o fato de eu considerar Jesus um judeu polonês. Em tenra infância, eu sabia que Jesus tivera uma morte terrível e que milhões de judeus poloneses tinham tido mortes terríveis. Na minha infância, cheguei a ouvir chamarem Hitler de “anticristo” e comparado com Pôncio Pilatos. Logo, desde criança retratei Jesus vestido e vivendo como um judeu polonês. Essa visão de Jesus como judeu polonês também está na obra de dois dos mais grandiosos artistas judeus vindos da Polônia: Marc Chagall e Maurycy Gottlieb.

Retrato Jesus como judeu polonês torturado, sem rumo, ferido, arrastando-se, coberto de dor, na direção da porta de um lar católico polonês durante a ocupação nazista e pedindo refúgio. Uma criancinha o vê e chama os pais: “Mãe, pai”, diz ela, “tem um judeu ferido na porta pedindo ajuda; ele disse que seu nome é Jesus.” Os pais vão até a porta e dizem: “Você é judeu? É Jesus?”. E o homem responde: “Quem você pensa que sou?”.

¹ A descrição feita por Martin Buber, de Jesus como “meu grande irmão”, está no “Prefácio” de seu estudo das relações entre judaísmo e cristianismo, *Two Types of Faith*, escrito em 1948. É provável que a visão mais positiva de Jesus e do cristianismo entre pensadores judeus clássicos esteja nos escritos de Jacob Emden, rabino alemão do século XVIII. Ver por exemplo Harvey Falk, “Jacob Emden’s Views of Christianity”, *Journal of Ecumenical Studies*, n. 19, inverno, 1982, pp. 105-11.

² Sobre cristologia e judaísmo, ver um excelente levantamento de pesquisas recentes em John T. Pawlikowski, “New Trends in Catholic Religious Thought”, in *Twenty Years of Jewish-Catholic Relations*, org. por Eugene J. Fisher, A. James Rudin e Marc H. Tanenbaum, Nova York/Mahwah, Nova Jersey, Paulist Press, 1986, pp. 169-90. Ver ainda, por exemplo, Allan R. Brockway, “Learning Christology Through Dialogue with Jews”, *Journal of Ecumenical Studies*, n. 25, verão, 1988, pp. 347-57.

³ Eugene B. Borowitz, *Contemporary Christologies: A Jewish Response*, Nova York/Ramsey, Nova Jersey, Paulist Press, 1989, p. 23. A recuperação da judaicidade de Jesus pode representar um problema para a formulação de cristologias contemporâneas por parte de teólogos cristãos; ver por exemplo Philip L. Culbertson, “What Is Left to Believe in Jesus after the Scholars Have Done with Him?”, *Journal of Ecumenical Studies*, n. 28, inverno, 1991, pp. 1-17.

⁴ Eliezer Ashkenazi, *Sefer Ma’aseh ha-Shem*, Veneza, 1583, seção “Ma’aseh Bereshit”, cap. 31 (traduções minhas, tal como o são todas as outras, do hebraico, do francês e do alemão).

⁵ Ver Abraham Joshua Heschel, “No Religion Is an Island”, *Union Seminar Quarterly Review* 21, n. 2,1, janeiro de 1966, pp. 117-33. Reproduzido em *No Religion Is an Island: Abraham Joshua Heschel and Interreligious Dialogue*, org. por Harold Kasimov e Byron L. Sherwin, Maryknoll, Nova York, Orbis Books, 1991; as referências de páginas são a *No Religion Is an Island*, pp. 14, 18-19, 16.

⁶ Citado a partir de manuscritos de Magen Avraham, de Abraham Marissol, in Samuel Lowinger, “Recherches sur l’ouvre apologétique d’Abraham Marissol”, *Revue des Études Juives*, n.s. 5, 1940, p. 38.

⁷ Para um sumário sucinto de visões positivas do cristianismo e de Jesus por parte de estudiosos judeus a partir da década de 1950, ver por exemplo John T. Pawlikowski, *Whar Are They Saying about Christian-Jewish Relations?*, Nova York, Paulist Press, 1980, caps. 3, 4. O verbete sobre “Jesus” na *Encyclopaedia Judaica* afirma que os evangelhos Sinóticos “apresentam um perfil razoavelmente fiel de Jesus como um judeu de sua época..., como um judeu que foi fiel à prática então vigente da lei”, Cecil Roth (Org.), *Jerusalem, Keter Publishing House; Nova York, Macmillan*, 1971, vol. 10., cols. 10, 13. Mesmo a mais antiga *Jewish Encyclopedia*, em seu verbete “Jesus of Nazareth”, afirmava: “sob muitos aspectos, sua [de Jesus] atitude foi especificamente judia, e mesmo com tendências que de modo geral são consideradas sinais de estreiteza judaica”, Isadore Singer (Org. Geral), *Nova York/Londres, Funk & Wagnalls*, 1904, vol. 7, p. 162. Mais recentemente, ver por exemplo escritos de estudiosos judeus como Geza Vermes, David Flusser, Ellis Rivkin, Alan Segal e outros. Ver também os ensaios contidos em *Jesus’s Jewishness*, org. por James H. Charlesworth, Nova York, Crossroad, 1991. Cf. G. David Schwartz, “Is There a Jewish Reclamation of Jesus?”, *Journal of Ecumenical Studies*, n. 24, verão de 1987, p. 104-9.

⁸ Leo Baeck, *Judaism and Christianity*, tradução e introdução de Walter Kaufman, Filadélfia, *Jewish Publication Society*, 1958, p. 101.

⁹ *Ibid.*, pp. 63, 102.

¹⁰ A idéia de Jesus mais como Messias judeu fracassado do que um falso Messias já foi sugerida pelo rabino Irving Greenberg, “The Relationship of Judaism and Christianity: Toward a New Organic Model”, in *Twenty Years*, org. por Fischer et al., p. 197-203.

¹¹ Martin Buber, “Biblical Leadership”, em seu livro *Israel and the World: Essay in a Time of Crisis*, 2a. ed., Nova York, Schocken Books, 1963, pp. 125-26.

¹² Maimônides, *Mishnah Torah — Book of Judges, “Laws of Kings and Wars”*, 11,4 — em versões não censuradas.

¹³ Ver por exemplo Joseph Klausner, “The Jewish and the Christian Messiah”, em seu livro *The Messianic Idea in Israel: From Its Beginning to the Completion of the Mishnah*, trad. De W. F. Stinespring a partir da 3a. ed. Hebraica, Nova York, Macmillan, 1955, pp. 519-31.

¹⁴ Citado em Ernst Simon, “Martin Buber: His Way Between Thought and Deed”, *Jewish Frontier*, fevereiro de 1948, p. 26.

¹⁵ Para fontes sobre o Messias filho de José, ver o Talmude, *Sukkah 52a*. O texto clássico da literatura midráshica é *Pesikta Rabbati*, caps. 36, 37. Nesse texto, também encontramos a idéia do Messias como messias sofredor. Essa idéia do messias sofredor é ao meu ver originária do messianismo judaico. A idéia do Messias filho de José foi desenvolvida nos midrashim do período gaônico (isto é, o período pós-talmúdico imediato, entre os séculos VII e IX). Ver esses textos reunidos por Yehudah Even Shmuel Kaufmann, *Midreishei Geulah*, Jerusalém, Masada, 1954, especialmente pp. 90-112, 133-42, 318-23. Ver a discussão e as fontes coligidas em Klausner, “The Jewish and Christian Messiah”, pp. 483-502. Uma tentativa de demonstrar a importância da idéia do Messias filho de José para o cristianismo está em Richard von der Alm, em seu livro *Die Urtheile heidnischer und jüdischer Schriftsteller der vier ersten christlichen Jahrhunderte über Jesus und die ersten Christen*, Leipzig, Wigand, 1864.

[16](#) Para a idéia de Bar Kochba como messias, ver por exemplo o Talmude Palestino, Ta’anit 4:3; e Lamentations Rabbah II, 2, n. 4. Os colegas de Akiba disseram, “Akiba, vai nascer grama em seu rosto se Bar Kochba for o Messias”. A idéia de que o Messias filho de José foi desenvolvido pelos discípulos de Akiba foi a teoria de Joseph Klausner. Pode-se ainda observar que o rabi Akiba morreu como mártir e que o nome de seu pai era José. Sobre percepções judaicas e cristãs sobre o alegado caráter de Messias de Bar Kochba, ver por exemplo Adele Reinhartz, “Rabbinic Perceptions of Simeon bar Kosiba”, *Journal for the Study of Judaism*, n. 20, dezembro de 1989, pp. 171-95.

[17](#) Um bom resumo das concepções de alguns estudiosos com respeito à origem da idéia do Messias filho de José pode ser encontrado em Joseph Heinemann, “The Messiah of Ephraim and the Premature Exodus of the Tribe of Ephraim”. *Harvard Theological Review*, n. 68, janeiro de 1975, pp. 1-15. Ver também Charles C. Torrey, “The Messiah son of Ephraim”, *Journal of Biblical Literature* 66, n. 3, 1947, pp. 253-77. Embora a maioria dos textos referentes ao Messias filho de José sejam de datas posteriores (algumas bastante posteriores) à ascensão do cristianismo, Torrey alega que “a doutrina antedatou a era cristã por vários séculos” (p. 255). Concordo que a idéia é anterior ao cristianismo e é parte integrante do messianismo judaico em vez de uma “aberração”, ao contrário do que sugeriu George Foot Moore em seu livro *Judaism in the First Centuries of the Christian Era; The Age of Tannain*, vol. 2, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1927, p. 370.

[18](#) Sobre Isaac Luria como o Messias filho de José, ver por exemplo Meir Benayahu (Org.), *Sefer Toledot ha-Ari*, Jerusalém, Hebrew University Press, 1967, p. 199; ver também p. 258, na qual Luria é descrito como tendo morrido pelos pecados dos outros.

[19](#) Ver por exemplo Hayyim Vital, *Sefer Pri Etz Hayyim*, Koretz, 1784, “Sha’ar ha-Amidah”, cap. 19, p. 52b. Observe-se ainda, nessa página, a referência a Isaac Luria como o Messias filho de José.

[20](#) Ver Heschel, “No Religion is an Island”.

[21](#) Judah Halevi, *Kuzari*, 4:23.

[22](#) Moses Maimonides, *Mishneh Torah — Book of Judges*, “Laws of Kings and Wars”, 10,4, em versões não censuradas.

[23](#) Ver por exemplo a discussão em Moshe Idel “Abraham Abulafia on the Jewish Messiah and Jesus”, em seu livro *Studies in Ecstatic Kabbalah*, Albany, Nova York, SUNY Press, 1988, pp. 53-55, 59, 60, e as fontes ali indicadas.

[24](#) Ver don Isaac Abravanel, *Mashmia Yeshuot*, Amsterdã, 1644, 13; *Ma’ayenei ha-Yeshua*, 1607, pp. 45, 74. Ver a discussão desse texto em Idel, “Abraham Abulafia”, p. 60 e em Joseph Sarachek, *The Doctrine of the Messiah in Medieval Jewish Literature*, Nova York, Herman Press, 1968, p. 263. A morte do Messias filho de José já é mencionada no Talmude (ver *Sukkah* 52a). Além da identificação de Jesus com o Messias filho de José em Abulafia e Abravanel, vemos ainda outra ocorrência em Flavius Mithridates (um judeu do século XV convertido ao cristianismo) e no sabateu Abraham Cardozo. Ver Flavius Mithridates, *Sermo de Passione Domini*, org. por Chaim Wirszubski, Jerusalém, Israel Academy of Sciences and Humanities, 1963, p. 121, n. 5. Sobre Cardozo, ver o manuscrito publicado por Gershom Scholem em sua obra em hebraico *Texts Concerning the History of Sabbateanism and Its Metamorphosis*, Jerusalém, Mosad Bialik, 1974, p. 289: “O primeiro Messias... é Jesus de Nazaré, que corresponde ao Messias filho de Efraim.” Como se observou, Messias filho de Efraim é outra designação para Messias filho de José.

[25](#) Ver o ensaio em hebraico de Yehudah Liebe, “Jonah as Messiah ben Joseph”, in *Studies in Jewish Mysticism, Philosophy and Ethical Literature* [em hebraico], org. por Joseph Dan e Joseph Kacker,

Jerusalém, Hebrew University Press, 1986, pp. 269-315. Como é de esperar, o perfil específico do Messias filho de José com que Jesus é identificado não é muito positivo, por exemplo, nos escritos do místico judeu do século XVII Samson Ostropoler, que morreu como mártir em 1648.

[26](#) Essa numerologia é notada por Idel, “Abraham Abulafia”, p. 59, quando se refere a Abulafia. Sobre a identificação que faz Abulafia de Jesus com o sexto dia, ver a p. 51, citada a partir do manuscrito, Nova York, JTS, 843, fol. 80a. É interessante o fato de alguns pensadores judaicos medievais terem descrito Jesus e seus discípulos como místicos judeus, isto é, como cabalistas. Ver por exemplo uma obra judaica espanhola do século XIV citada por Gershom Scholem em seu ensaio “Zur Geschichte der Anfänge der christlichen Kabbala”, in *Essays Presented to Leo Baeck on the Occasion of His Eightieth Birthday*, Londres, East and West Library, 1954, p. 177, n. 2. Essa idéia foi popular entre cabalistas cristãos do período renascentista, por exemplo, Pico della Mirandola.

[27](#) Ver Buber citado em Simon, “Martin Buber”, p. 26. Essa citação também está presente, de modo mais acessível, em Maurice S. Friedman, *Martin Buber: The Life of Dialogue*, Nova York, Harper, 1955, p. 279.

4

CONVERSANDO SOBRE A TORÁ COM JESUS

HERBERT BRONSTEIN

Quando dois se sentam juntos, e entre eles estão as palavras da Torá, a Presença Divina (Sh'chinah) os inunda.

Hananiah ben Teradion (rabino, por volta de 100 d.C.)

“Se estivesse entre nós hoje, Jesus não se sentiria à vontade em uma igreja, mas em uma sinagoga judaica reformada”. Foi essa a visão, expressa há cerca de meio século, pelo então presidente da Reform Jewish Union of American Hebrew Con-gregations [União Judaica Reformada das Congregações Hebraicas Americanas], o rabino Maurice Eisendrath. Lembro-me de ter pensado na época que Jesus, um judeu galileu do século I, estaria à vontade, muito pelo contrário, numa sinagoga, não reformada, mas ortodoxa. Ele ao menos entenderia assim a linguagem hebraica da oração. Porém, em toda e qualquer sinagoga, dada uma compreensão do vernáculo, Jesus reconheceria vários fraseados das orações e estaria familiarizado com boa parte do conteúdo, das metáforas e do ethos da oração na sinagoga tal como hoje praticada. Mas como, ao menos de acordo com alguns seguidores judeus de Jesus, ele acreditava em orações simples e curtas (Mt 6,7), ele poderia sentir-se incomodado com a extensão e as repetições de muitos dos atuais serviços. Isso se aplicaria igualmente, a propósito, a muitos dos fundadores rabínicos do judaísmo na época de Jesus e nas décadas posteriores (ver B. Berachot 61a; Sifre Num. 105).

Com base em que fundamentos fez o rabino Eisendrath essa afirmação? Como fazem todos, ele viu Jesus por meio de prismas ou lentes particulares — em seu caso, os estudos bíblicos que conhecia na época e sua própria compreensão do judaísmo. Eisendrath, um ardoroso expoente do judaísmo reformado, concebeu a consciência moral dos profetas e dos sábios do antigo

Israel como a essência da fé judaica e acreditava ostensivamente que Jesus representava uma abordagem semelhante.

VENDO ATRAVÉS DE PRISMAS E LENTES

Todos temos de ver os textos sobre Jesus por meio de prismas, alguns dos quais obscurecem, ao passo que outros esclarecem. Isso tem sido assim desde que, passado o longo período posterior à morte de Jesus, ele e seus discípulos foram apresentados pelos prismas dos próprios evangelhos. O evangelho de Mateus, por exemplo, retrata as concepções de um apaixonado defensor de um grupo de seguidores de Jesus desejosos de convencer outros judeus da verdade de uma posição religiosa que tem como centro a pessoa de Jesus e o relato dos ensinamentos de Jesus. Em alguns pontos, o evangelho de Mateus opõe Jesus a outros judeus — em particular aos “escribas e fariseus” que foram os fundadores do que se configuraria, ao longo do tempo, na “corrente principal” do judaísmo. Por causa desse antigo conflito entre dois grupos judaicos da época, várias passagens do evangelho de Mateus exprimem tom de ressentimento e de vitupério, acusando os fariseus de hipocrisia (Mt 23,13-36). Essa ríspida invectiva por parte do(s) autor(es) e editores subsequentes dos evangelhos, incluindo a acusação de responsabilidade pela morte de Jesus, muito contribuiu para o trágico sofrimento do povo judeu e para o Holocausto na Europa cristã.

Porque, por cima do prisma da descrição mateana de Jesus, subjaz ainda outro! O que quer que Mateus tenha escrito sobre Jesus, sobre sua vida, sua época e seus ensinamentos foi objeto de um trabalho editorial da parte da hierarquia institucionalizada ulterior da Igreja cristã. Isso aconteceu depois de o cristianismo se tornar a religião oficial do império — ironicamente, do próprio império, Roma, que crucificara Jesus e muitos outros judeus por ameaçar o poder imperial romano na Judéia. Esse estrato editorial adicional dos evangelhos transferiu a responsabilidade pela crucificação de Jesus da Roma imperial para uma população formada por vários grupos judeus com visões díspares, todos eles então reunidos num só: “os judeus”. Por causa dessa sobreposição, “os judeus” são descritos como exigindo a morte de Jesus e assumindo por si e por seus filhos, eternamente, a sangrenta culpa por sua execução.

Mas os estudiosos podem agora examinar esse palimpsesto editorial por meio das lentes de métodos históricos críticos que nos permitem identificar e ver essas e outras distorções semelhantes. Por intermédio dessas lentes vemos uma época de torturante opressão da Judéia e da Galiléia, tanto em termos materiais como culturais, sob os tacões da ocupação romana. Por meio do moderno conhecimento acadêmico, temos agora bem mais condições de entrar em contato com o próprio Jesus. Podemos ver que, numa época de tal opressão e de terrível pobreza para a maioria da população, surgiram não somente muitos curadores e carismáticos, alguns nos moldes de profetas anteriores como Eliseu e Elias, mas também líderes de grupos de judeus, nos moldes dos chefes de clã e de tribos, que rea-firmavam antigas crenças populares na revivescência de uma nobreza judaica que iria substituir o regime romano. Alguns mestres e pregadores do tipo profético conclamavam os judeus ao arrependimento como maneira de se contrapor ao “Regime da Arrogância” (expressão judaica para designar o regime romano) e se preparar para o reino de Deus. Roma com muita freqüência reagia a esses grupos com crucificações sumárias.

MUDANÇA CULTURAL E VÁRIAS REAÇÕES JUDAICAS

Este foi igualmente um período de mudança social subjacente. A partir da época de Alexandre, o Grande, vinha havendo uma grande infusão da cultura grega que evocou da comunidade de judeus várias autodefinições reafirmativas. E nesse período se processou ainda uma importante mudança econômica, a intrusão numa área primordialmente agrícola de novos setores comerciais. Isso deu origem a novos grupos sociais no interior da sociedade judaica e, por conseguinte, a novas perspectivas acerca de como viver nessas novas condições segundo os ensinamentos de Deus, a Torá.

Em uma época de grande desafio ao povo e à sua fé, todos os grupos estavam às voltas com a questão de como aplicar à vida cotidiana o texto literal recebido da Torá. O grupo que hoje chamamos de “fariseus” e seus sucessores rabínicos dedicaram-se a amplas reinterpretações das aplicações da Torá à vida cotidiana. Assumiram a autoridade de fazer essas mudanças com base numa “Torá dúplice”, a Torá oral interpretativa e o texto escrito da Torá. Ampliaram, com muitas novas idéias e observâncias espirituais, os

ensinamentos práticos, éticos e espirituais da Torá e dos profetas de Israel. Tinham de se achar profundamente convictos de que as radicais mudanças econômicas, sociais e culturais pelas quais passavam exigiam isso.

Seus principais oponentes, os saduceus, eram seguidores dos que se acreditavam física e espiritualmente descendentes do sacerdócio bíblico. Ainda que alguns de seus membros fossem assimilados ao poder romano e por ele cooptados, eles sabiam que sua autoridade estaria em jogo se houvesse mudanças na aplicação do texto literal da Torá. Assim, acabaram por se opor às alterações admitidas pelos fariseus.

Outros grupos, desanimados com as vicissitudes sociais e espirituais da época, e desesperados com a corrupção, sob o regime romano, do sacerdócio e, portanto, do culto do Templo de Jerusalém, simplesmente “se isolaram”, como diríamos, a fim de cultivar sua própria pureza e para esperar que Deus derrubasse Roma e seus malévolos asseclas, tanto judeus como não-judeus. Alguns esperaram conseguir isso por meio da liderança de um “Mestre de Justiça” ou “Mestre Verdadeiro”.

Se compreendermos essa panela de pressão composta pela repressão, pela mudança e pela turbulência espiritual, poderemos também compreender, para os fins de uma conversa imaginária com Jesus muitos séculos depois, “de onde vinha Jesus”. Tento ainda permanecer cômico sobre o lugar de onde venho. Tenho de conhecer minhas lentes de judeu comprometido com minha fé, de rabino e de estudioso da história das religiões. Para completar, sei que sou alguém que usa, religiosa, social e politicamente, os óculos de uma perspectiva liberal. Também estou ciente de que os estudos acadêmicos recentes sobre Jesus assumiram uma das duas formas. Uma das abordagens sustenta que nunca poderemos recuperar os ensinamentos originais e a autêntica vida da pessoa do próprio Jesus, e que a tentativa de fazê-lo é, em última análise, quimérica. Na verdade, documentos como o Sermão da Montanha e as parábolas de Jesus exprimem crenças de comunidades de fé posteriores a Jesus ao menos por uma geração, e talvez mais, mas para quem a figura de Jesus tinha caráter central. O Jesus dos evangelhos foi moldado, em outros tempos, por grupos posteriores que precisavam definir a si mesmos, ensinar uma fé sobre Jesus e afirmar suas concepções contra concorrentes contemporâneas.

Por outro lado, houve ultimamente um ressurgimento em busca de extrair dos evangelhos os reais ensinamentos nucleares e objetivos da pessoa do

próprio Jesus histórico e do gênio de sua espiritualidade particular. Esse projeto envolve um grupo de estudiosos acadêmicos cristãos cuidadosos, responsáveis e treinados associados com o trabalho e o nome de “Jesus Seminar”.¹ Também eles afirmam que os evangelhos se acham sobrecarregados por questões e dogmas de épocas posteriores. Com base em seu conhecimento coletivo e critérios comuns como o estrato mais antigo e o testemunho independente, eles chegam a um consenso quanto a seus melhores julgamentos a respeito de quais textos dos evangelhos são autenticamente de “Jesus”. Em certo sentido, isso é tudo o que podem os mais bem informados.

FICARIA EU DO LADO DE JESUS?

Com base nisso, eu me pergunto: se pudesse recuar no tempo e falar com Jesus, eu me sentiria mais próximo dele do que de alguns outros judeus de sua própria época? Creio que poderia “falar da Torá” com Jesus quase com tanta facilidade quanto o poderia com meus ancestrais espirituais, os fariseus. Eu me sentiria bem mais próximo de Jesus do que dos oponentes judeus saduceus dos fariseus. Os saduceus não podiam imaginar uma religião de Israel fora do Templo de Jerusalém, fora do culto sacrificial e sem o sacerdócio. Jesus, tal como os fariseus, podia. Tal como estes, Jesus se dedicou à “Torá oral interpretativa”. Em Mateus (ver 23,2-3), diz-se que ele afirmou serem os fariseus os reais herdeiros de Moisés, os legítimos intérpretes da Torá e dos Profetas. Ainda que eu possa concordar hoje com os saduceus quanto à existência no texto da Torá e dos Profetas de poucas justificativas, se as há, para essas doutrinas farisaicas inovadoras como a ressurreição dos mortos ou o mundo por vir, o próprio Jesus, ao que parece, acreditava nesses ensinamentos, que viriam a se tornar parte da perspectiva e do legado judaicos permanentes.

O que também tem importância é o fato de Jesus parecer mais próximo do altruísmo religioso dos fariseus, que, mais ainda do que ele, descentraram o judaísmo do Templo de Jerusalém, levaram-no para fora dos limites da terra santa e criaram uma forma de culto em “assembléias do povo” (sinagogas, em grego), que tornaram a mesa das casas um novo altar de Deus e que, depois da destruição do Templo em 70 d.C., substituíram o sacrifício e a

necessidade de um sacerdócio centralizado por “estudo da Torá, culto e boas ações” (Pirkei Avot). Além disso, muitos dos partidários saduceus do sacerdócio tinham sido corrompidos pelo controle do regime romano invasor, sendo muitos deles helenizados, romanizados e ignorantes da prática de sua própria religião, e até mesmo indiferentes a ela. Isso, em contrapartida, não poderia ser dito dos fariseus nem de Jesus.

Há outra maneira pela qual me sinto mais próximo de Jesus do que de muitos judeus de sua época. Os judeus tinham atitudes diferenciadas de como se relacionar com o regime romano, variando do conluio corrupto e de uma política de boa vizinhança, desde que Roma não interferisse no próprio núcleo do judaísmo, à resistência não-violenta e à revolta militar violenta declarada. Jesus, tal como a maioria dos fariseus, de acordo com os relatos dos evangelhos e com a contextualização feita nas histórias de Josefo, se opunha aos judeus que defendiam a derrubada de Roma por meio da força militar insurgente. Tratava-se de grupos que assassinavam soldados romanos e se dedicavam a outras ações que as autoridades romanas consideravam crimes terroristas. Os militantes mais tarde tomaram Jerusalém na guerra contra Roma, e mesmo depois do ataque romano à cidade, morreram em lugares como Masada, em desesperadas revoltas contra Roma.

Em relação a esses militantes, Jesus, pelo que se diz, ensinou: “Aquele que toma da espada vai perecer pela espada”, corolário de “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22:21). Alguns interpretaram isso da seguinte maneira: Pague os opressivos impostos a Roma e submeta-se à lei romana desde que isso não viole a lei de Deus. Trata-se de posição semelhante à dos fariseus mais destacados, que acreditavam em relações pacíficas com Roma desde que os princípios basilares do judaísmo não fossem violados. Há em tudo isso consonância com a abordagem do chamado Partido da Paz, liderado pelo rabino Yochanan ben Zackai, líder fariseu que (caso se possa designar alguém desse modo) foi um fundador rabínico do que veio a ser o atual judaísmo. Yochanan ben Zackai se opunha ao caminho militar violento para a redenção. Sua intenção depois da destruição do Templo foi construir o judaísmo para o futuro. Os que morreram em Masada, Yodevat, Gamla e outros lugares não salvaram o povo judeu nem o judaísmo; os fariseus salvaram. No tocante a isso, eu me sentiria mais à vontade falando com Jesus do que com os militantes judeus da época.

NÃO UMA NOVA RELIGIÃO

Haveria mais elementos em comum entre nós para uma conversaõ significativa a respeito da Torá? Ou Jesus conceberia a si mesmo como o fundador de uma religiã inteiramente nova que mais tarde receberia o nome de cristianismo — de modo que nem sequer estivéssemos no mesmo território judeu? Acho que não. Seus ensinamentos, como se repete claramente, destinava-se na realidade a judeus, tratando da Torá e do objetivo da Torá, o reino de Deus.

De que fundamentos disponho para pensar isso? O que se relata acerca dos sábios antigos na literatura rabínica e o que é relatado sobre Jesus nos evangelhos. Para dar um exemplo, há no Talmude coletâneas de orações curtas compostas por antigos sábios judeus, talvez para seus discípulos ou círculos de seguidores (ver B. Berachot 16b-17a; Berachot 60b). Se nesse grupo encontrássemos uma oração (Mt 6,9-13) composta por certo rabino Joshua (Jesus), seria ela tão diferente das outras contidas na coletânea, a ponto de causar choque, alguma sensação de estranheza ou mesmo surpresa? A resposta é: de maneira nenhuma.

A oração de Jesus, seja qual for a versão que encontrarmos (mais longa em Mateus, mais curta em Lucas), é perfeitamente judaica, seja em sua substância, seja em sua forma. Os judeus de hoje, mesmo os especialmente piedosos ou instruídos, reconheceriam frases inteiramente familiares, a começar pelo apelo a Deus pela designação “Pai” ou “Pai Nosso que estás no céu” (em hebraico: Avinu Shebashaim). As afirmações “Santificado seja o Teu nome. Venha a nós o Teu Reino. Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu” lembram, para judeus, frases da bem conhecida oração Kaddish. O apelo por perdão e o apelo relacionado de perdoar os outros por ofensas cometidas por eles contra nós são mais do que conhecidos pela grande maioria dos judeus que tiverem ficado o mínimo que seja na sinagoga do Dia do Perdão (Yom Kippur). Os sentimentos por trás de “Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal” estão repetidamente presentes nas orações judaicas.² Muitos judeus também ouviram o breve apelo judaico antigo a Deus: “Tu conheces nossas necessidades antes que as declaremos, e ordenas todas as coisas para o melhor. O que é bom a teus olhos o é. Louvamos a ti, Ó Deus, que escutas a oração.”

Se a oração de Jesus não tivesse sido associada com a doutrina de Jesus

como divino ou como um Cristo salvador, e com uma abordagem religiosa que difere em muitos aspectos do judaísmo, não fosse a história da perseguição em nome de “Cristo” promovida por cristãos contra os judeus e contra o judaísmo, os judeus se sentiriam à vontade com ela tanto no que se refere à sua substância como no tocante a seu espírito. Em outras palavras, se viesse de uma fonte judaica não cristianizada, essa oração poderia ter chegado a ser parte da liturgia judaica estabelecida. Com efeito, o fato de tratar-se de uma típica oração judaica é argumento em favor de sua autenticidade no que concerne a Jesus.

Se nos concentrarmos nos próprios escritos que a pessoa ocidental educada média associa com Jesus, o chamado Sermão da Montanha, que inclui a Oração do Senhor, e outros ensinamentos basilares do que viria a ser a comunidade cristã primitiva, encontraremos mais uma vez muitos pontos em comum. É em torno desses ensinamentos que vou iniciar minha conversação com Jesus. Talvez eu a inicie perguntando-lhe imediatamente qual das versões das Bem-Aventuranças, a de Mateus (mais longa) ou a de Lucas (mais curta), está mais próxima de seus ensinamentos e palavras originais. Eu lhe diria que, quando deparei com essas linhas, pensei em versículos de salmos conhecidos que começam com a palavra hebraica *Ashrei*, em geral traduzida por “afortunados” ou “felizes” em vez de “bem-aventurados”.

Um elemento básico freqüentemente repetido da liturgia judaica é uma coletânea de versículos de louvor que começam com: “Felizes os que habitam a tua casa, eles estão sempre louvando a ti; felizes aqueles sobre os quais recaem essas bênçãos; felizes aqueles cujo Deus é o Senhor” (Sl 84,5). Do mesmo modo: “Felizes aqueles que não andam na companhia dos iníquos, nem seguem o caminho dos pecadores nem se sentam à mesa com os escarnecedores, mas que se deleitam no caminho da Torá do Senhor, e sobre cuja Torá [Ensinamento] meditam dia e noite” (Sl 1,1-2). Ou ainda: “Felizes aqueles que permanecem no caminho, que andam na Torá de Deus; felizes aqueles que observam seus decretos, que o seguem de todo o coração” (Sl 119,1-2).

A palavra inicial das Bem-Aventuranças costuma ser traduzida por “Bem-aventurados” em português, mas o termo grego *makarios* (“afortunados”) tem o sentido do hebraico *Ashrei*. Como o diz sucintamente Hans Dieter Betz em sua obra monumental sobre o Sermão da Montanha: “[As Bem-Aventuranças] por certo apontam para um ambiente literário vinculado com a

sabedoria judaica, o ambiente no interior do qual também o Sermão da Montanha e o Sermão na Planície se originaram”.³ Além disso, “O Antigo Testamento e a literatura pós-bíblica contêm grande número de Bem-Aventuranças, apresentando-as em uma ampla variedade de formas e funções”. Assim, se aquilo que rezamos é uma indicação de pontos comuns, então Jesus e eu por certo partilhamos o bastante para ter uma boa conversação diretamente acerca da Torá.

“Afirma-se”, eu lhe diria, “que você insistiu: ‘Não penseis que eu vim abolir a Torá e os Profetas. Não vim para abolir (nem invalidar), mas para dar-lhes pleno cumprimento. Pois em verdade vos digo que antes que o céu e a terra deixem de existir, nem uma letra nem uma vírgula haverão de ser tiradas deles” (Mt 5,17-19). Eu lhe diria que muitos cristãos interpretaram isso como dizendo que ele era em si, em sua própria pessoa, o cumprimento da Torá e da aliança que eles agora afirmam ter sido superada. Na história da teologia cristã, foi esse um aspecto da tentativa de tornar o judaísmo o “Outro”, o oposto do cristianismo, em que Jesus supera a Torá e em que a Torá é traduzida por “Lei” e caracterizada como a “Antiga” Aliança, legalista, formalista, tribalista, ritualista, em suma, negativa e negada.

“Mas Jesus”, eu diria, “você sempre usou a palavra ‘Torá’ somente em sentido positivo. Você parecia devotado à Torá, aos Ensinamentos dos livros de Moisés e da literatura profética”. Francamente, penso que Jesus ficaria chocado ou tristonho, provavelmente as duas coisas, por ver suas palavras entendidas erroneamente. Jesus usa as mesmas palavras — “cumprir”, “invalidar” ou “abolir” — empregadas em textos rabínicos clássicos como o Pirkei Avot (Ditos dos Anciãos), que têm algumas partes que vêm de épocas bastante remotas. Nesses textos, o termo “cumprir” (l’kayem) se opõe a “invalidar” ou “anular” (l’vatel) os mandamentos. Há nesses textos, do mesmo modo, uma ênfase em cumprir o menor ou o menos importante miçvot (mandamento) com o mesmo cuidado com que se cumpre o mais importante. Há aí um exato paralelo com as ênfases de Jesus.

TANTOS PARALELOS

Um de meus professores, o falecido Professor Samuel Sandmel, estudioso das escrituras helênicas e cristãs, comentando ironicamente a ampla literatura

de comparação entre ditos de Jesus e ensinamentos do judaísmo antigo, cunhou a palavra “paralelomania”. Mas o fato é que há tantos paralelos entre os ditos de Jesus e os ensinamentos rabínicos antigos que foram necessários vários livros para catalogar as semelhanças. Por exemplo, como forma de chegar à essência da Torá, aos princípios básicos do judaísmo, aprendemos que os antigos rabinos costumavam discutir a questão: Qual o versículo mais importante da Torá? Quando fizeram essa pergunta a Jesus, ele respondeu: “Amarás o SENHOR teu Deus”, que vem da afirmação judaica, feita duas vezes ao dia, o Shema (Dt 6,4-5) e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, que vem daquilo que os judeus chamam de “Porção da Santidade” (Lv 19,18). “Este é o grande princípio da Torá”, disse Akiba bem pouco tempo depois. Baseado no mesmo princípio de mutualidade, Hillel, pouco antes de Jesus, dissera desse mesmo ensinamento: “Isto é a totalidade da Torá; ide e aprendei.” Também nos recordamos da morte de Akiba, torturado, nas mãos das autoridades romanas. Desejando ensinar até o fim, Akiba disse enquanto morria: “Nunca entendi como se podia cumprir o mandamento ‘Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com todas as tuas forças, com todo o teu ser; agora posso compreendê-lo e cumpri-lo.”

Ainda que não haja um ensinamento que eu conheça na literatura judaica antiga equivalente ao de Jesus, “Amai vossos inimigos” (Mt 5,44), há no Talmude um ensinamento que aborda a mesma questão moral/espiritual ao comentar o ensinamento “Não sejas vingativo nem guardes rancor” (Lv 19,18). O texto rabínico antigo usou a distinção implícita entre “vingativo” e “guardar rancor” na passagem original, a fim de veicular um curso de vida espiritual: não se deve praticar ativamente a vingança material por nenhum tipo de ofensa material, nem mesmo retaliação contra alguém que não lhe empresta uma ferramenta mediante a negação de um empréstimo a esse alguém. O simples fato de nos referirmos perante outra pessoa à diferença entre nossa própria atitude generosa e o comportamento intratavelmente egoísta dessa outra pessoa em relação a nós é guardar ressentimento. Não faça isso.

No caso de uma mágoa pessoal muito profunda, no entanto, é compreensível que a pessoa fique ressentida, traga esse ressentimento para si e no coração sem se vingar nem retaliar mesmo verbalmente. Além disso, conclui o texto: “Que eles sejam objeto de vitupério, mas não vituperes tu em troca; que eles ouçam a si mesmos e fiquem envergonhados, mas não

repliques tu; de quem age por amor e aceita a mágoa, diz a escritura: ‘Quem ama a Deus é como o Sol ao mostrar-se em todo o seu resplendor’ (Jz 5,31, citado em B. Yoma 23a). Em outras palavras, é isso que significa amar de fato a Deus. Creio que a discussão de tal ensinamento e de muitos ensinamentos rabínicos semelhantes revela a existência de um terreno comum entre Jesus e todo e qualquer rabino contemporâneo, se os relatos dos evangelhos forem fiéis.

Muitos outros casos poderiam ser citados. O ensinamento segundo o qual não se pode amar ao mesmo tempo a Deus e a mammon (palavra que em hebraico significa “dinheiro”) teve uma longa história na religião de Israel muitos séculos antes de Jesus, com base no confronto entre o primeiro mandamento, de um lado, e o culto do bezerro de ouro, do outro.

O REINO DE DEUS

O que é sobretudo central em toda a mensagem de Jesus é o “reino de Deus” ou o “reino dos céus”, uma metáfora judaica vital para um mundo no qual as pessoas conduzem a vida sob a soberania dos ensinamentos de Deus. Nos três evangelhos sinóticos, é claro que Jesus veio chamar as pessoas para entrar no reino de Deus. Se Jesus era judeu, é assim que deve ser. Do Cântico do Mar, que é o clímax do êxodo do Egito (“Deus reinará por todos os séculos e séculos” [Ex 15,18]) à proclamação por Isaías da soberania de Deus e à recitação diária na liturgia judaica da “Santificação”, a soberania do único Deus tem caráter central. Considere-se o Shema: (“Ouve, ó Israel, o Senhor Teu Deus é o único Senhor, e amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com todas as tuas forças, com todo o teu ser” (Dt 6,4-5). Entre os rabinos antigos, essa afirmação de fé constituía um ato de compromisso por meio da prática dos mandamentos de Deus de que se vivesse em consciência da soberania divina. “Deus reinará” aparece em todos os lugares-chave da liturgia judaica, trazendo consigo a crença de que um dia, de alguma maneira, as pessoas viverão de acordo com o ensinamento de Deus e a terra estará plena do conhecimento Dele, vivido por meio de atos. O nome religioso do povo judeu, Israel (em hebraico Yisra’El), significa “Deus regerá”.⁴ Não admira nem um pouco que, nos evangelhos, o começo, o núcleo e o final do que tanto João Batista como Jesus ensinavam fosse o reino de Deus.

Mas que entendimento tinha Jesus do reino de Deus? Eu de fato gostaria muito de conversar com ele precisamente a esse respeito. O que ele designava por isso? Como se vive o reino de Deus em termos de prática cotidiana? E que dizer da questão relacionada de Jesus como o Messias? Para o povo judeu, o Messias significava o verdadeiro “rei ungido” sob a soberania de Deus. Jesus acreditava efetivamente que era o mashiah (o “Ungido”), destinado a tornar concreto o reino de Deus ou a servir o reino de Deus?

O modo como Jesus compreendia a construção reino de Deus é uma questão objeto de controvérsias. Parece-me que hoje ainda existem três concepções a respeito. 1) Nas cartas de Paulo e na teologia cristã, a soberania do ensinamento de Deus na terra é suplantada por um conceito de salvação sobrenatural da alma individual por meio da fé em Jesus como Cristo como Salvador, mas suplantando a idéia judaica do Messias (identificado em termos restritos com o fim dos males sociais). A meu ver, a compreensão que o próprio Jesus tinha do reino de Deus difere muito da doutrina da salvação desenvolvida no âmbito do cristianismo. 2) Os novos e eruditos estudos históricos cristãos assumem a posição de que Jesus acreditava que “o reino” é potencialmente imanente, presente, a uma espiritualidade viva revelada na vida de uma comunidade. Em outras palavras, Jesus ensinava uma renovação pessoal e comunitária do ensinamento essencial da Torá no coração, na mente e nos atos de uma comunidade cristã. 3) Outro modo de ver a questão remonta ao menos ao começo do século XX, estando popularmente associado com o trabalho pioneiro de Albert Schweitzer, *The Quest for the Historical Jesus*. De acordo com essa concepção (“escatologia iminente”), a mensagem de Jesus consistia em um chamado dirigido aos judeus para que estes preparassem seu eu interior para se tornarem aptos a entrar no reino de Deus, o qual Deus dentro de pouco tempo concretizaria. Conforme essa visão, foi sob essa luz que muitos seguidores de Jesus viram nele o Messias prometido, cuja regência iria substituir o regime repressivo de Roma.

Trata-se de uma explicação lógica da execução de Jesus por Roma. De acordo com os relatos dos evangelhos, o titulus, uma observação por escrito que se costumava colocar na cruz (talvez como zombaria) pelos romanos indica que ele foi executado como Rex Judeorum, “Rei dos Judeus”. Seja como for, Jesus, seguido pelas multidões, era uma ameaça direta ao domínio romano sobre a Judéia. Em qualquer das duas últimas concepções, que se relacionam de maneira mais estreita com o judaísmo, e não com o

cristianismo, a proclamação de Jesus chama os judeus a cumprir os mandamentos de Deus, o ensinamento da Torá e dos profetas. Em ambos os casos, os judeus são conclamados ao Teshuvah, a se voltar para dentro de si mesmos (de modo geral traduzido por “arrependimento”), uma renovação e transformação de cunho espiritual.

DIFERENÇAS ENTRE NÓS

Se fôssemos sentar e discutir a Torá com Jesus, apesar de tudo haveria diferenças entre nós ao lado de todos esses acordos. Segundo o Evangelho de Mateus, Jesus divergia muito de alguns sábios judeus. Mas as diferenças de opinião não constituem um problema no judaísmo. Os rabinos e os sábios divergiam uns dos outros e ainda divergem. Uma das diferenças nos evangelhos tem que ver com o enorme rigor da exigência de Jesus de uma retidão “maior do que a dos fariseus”. Lembremo-nos, naturalmente, que muitos estudiosos consideram essas diferenças como reflexo de um período posterior ao de Jesus. Mas, mesmo assim, se supusermos que Jesus e seus seguidores acreditavam que a vinda do reino estava bem próxima, poderemos compreender bem ao menos uma diferença básica. Talvez se esperasse que os judeus vivessem só por um curto espaço de tempo na observância de um grau extremamente elevado de pureza interior e de comportamento exterior.

Por exemplo, Jesus ensinou que chamar alguém de rakah (“cabeça de vento” ou “palerma”) ou dirigir qualquer insulto público a alguém era equivalente ao assassinio, punível com o fogo do inferno. E sem dúvida encontramos certos equivalentes rabínicos. O rabino Eleazar Ha-Modai ensinou que, entre as faltas pelas quais a pessoa perderia seu lugar no “mundo por vir”, mesmo que aprendesse a Torá e praticasse boas ações, figurava insultar o semelhante em público (Pirkei Avot 3.15). Era prática comum usar a hipérbole, o exagero, para inspirar, assim como o ensinamento moral para enfatizar a importância de determinados comportamentos. Nesta linha, há uma bem conhecida homilia rabínica que explica que alguém que insulta publicamente outra pessoa comete o equivalente ao assassinio. Baseia-se essa homilia na expressão hebraica que designa o assassinio, “tirar sangue”, e na que exprime o insulto: “fazer empalidecer”. Quando se insulta alguém, a pessoa “empalidece” ou fica com o rosto branco. Logo, quando se

tira o sangue do rosto da pessoa, “fazer empalidecer” é, em termos literais, sinônimo de “tirar sangue”. Logo, insultar equivale a assassinar. Mas, se Jesus estivesse na verdade deixando implícito uma equivalência moral entre assassinio e insulto, eu teria de divergir.

De igual forma, Jesus ensina que pensamentos luxuriosos equivalem ao ato adúltero propriamente dito. Concordo que haveria perigo em se deixar levar por um padrão de pensamentos e sentimentos luxuriosos. Mas o que tem caráter central para o judaísmo é aquilo que efetivamente se faz. O que conta é o ato. Quanto ao divórcio, alguns rabinos antigos concordam com Jesus que o único motivo concreto para o divórcio é o adultério. Mas o consenso rabínico tinha que ver com o bem-estar de longo prazo da comunidade, com a situação do casamento no espaço temporal de várias gerações. No meio rabínico, o bem-estar de famílias e pessoas incluía também outros motivos para o divórcio. Mas Jesus podia estar preocupado em proteger as mulheres, que podiam ser atingidas pelo divórcio por motivos fúteis.

Se Schweitzer estava certo, essas diferenças poderiam ser facilmente explicadas. Se supusermos que Jesus e seus seguidores acreditavam que o reino viria dentro de bem pouco tempo, esperava-se que os judeus alcançassem, nos termos de algumas exigências rigorosas de Jesus, um dado grau de pureza interior necessário à entrada no reino. Mas os fariseus estavam elaborando uma síntese de práticas comunitárias com base no pressuposto segundo o qual o reino estava bem longe do momento de chegar. Alguns judeus acreditavam com efeito que Deus estava enviando um messias militar para derrubar dentro de pouco tempo o regime de Roma. Porém a maioria dos judeus teria concordado com o sábio que disse ao rabino Akiba: “Vai nascer grama em seu rosto muitíssimo tempo antes de o Messias vir”.

Eu queria discutir com Jesus, de modo especial, que razão e que motivos ele daria para que se cumprissem os mandamentos, os miçvot, de Deus em nossos dias. Se os mandamentos de Deus fossem dados somente para purificar o indivíduo a fim de que ele ou ela se tornassem “aptos” para entrar no reino de Deus, eu iria discordar. Para mim, assim como para o judaísmo ao longo dos séculos, há outras razões: para ajudar gradualmente a fazer vir o reino de Deus em parceria, assinalada pela Aliança, com o próprio Deus; para preservar a harmonia do mundo (Tikkun Olam) ou para aprimorá-la; para viver uma boa vida aqui na terra; aprimorar gradual, moral e espiritualmente

a humanidade por meio da prática dos mandamentos até que aquilo que consideramos a espiritualidade excelente seja aos poucos interiorizada — concepção seguida por Rabban Gamaliel em tempos remotos.

Também discutiríamos a questão — que hoje constitui um intrincado problema, como parece ter sido na época de Jesus — da autoridade. Os fariseus acreditavam que tinham a autoridade para interpretar a Torá em virtude da transmissão oral desta do Sinai, passando pela sucessão de profetas e sábios, à sua própria época. Os fariseus buscavam, além disso, um consenso da comunidade exegética ou interpretativa de aprendizagem espiritual. Tal como descrito nos evangelhos, Jesus atribuiu a si a autoridade para ensinar fora do âmbito da estrutura de autoridade farisaica. A disputa sobre a observância do Sabbath é um exemplo. Jesus, de acordo com os evangelhos, permitia que seus discípulos colhessem grãos no Sabbath (Mc 2,27; Lc 6,5), algo que, deixando de lado a necessidade de proteger ou salvar a vida, é um trabalho, sendo portanto proibido no Sabbath. Se Jesus acreditava no final da ordem “presente” do mundo, e se a prova era a aptidão para entrar no reino de Deus, esse comportamento poderia fazer certo sentido. Mas os fariseus construíam uma comunidade para longo prazo, o que implicava uma síntese partilhada da prática religiosa que pudesse ser vivida concretamente em comunidades judaicas de todo o mundo ao longo dos séculos.

Na época de Jesus, quando havia uma crise de continuidade do judaísmo, e especialmente nas décadas posteriores, quando o segundo templo foi destruído e o centro da vida judaica na terra de Israel estava chegando ao fim, estava em jogo o próprio futuro do povo judeu. Levando a sério o conceito de que todos os membros do povo de Israel constituíam um só reino de sacerdotes e de pessoas santas, os fariseus desterritorializaram o judaísmo e, no espírito dos profetas, deram continuidade à sua universalização. Passaram o locus do judaísmo do templo para o lar ou qualquer lugar em que os judeus se congregassem, substituindo o sacerdócio hereditário por um povo dedicado ao estudo e à prática religiosa.

Ainda hoje, no mundo inteiro, os judeus têm a mesma estrutura de feriados e os mesmos padrões de culto, de leituras espirituais semanais, de observâncias do Sabbath e dos feriados, bem como instituições comuns como a festa cerimonial da Páscoa, a realização de serviços matrimoniais e as observâncias vinculadas com o ciclo da vida. Esses elementos sobreviveram a séculos de exílio, de dispersão e de diversidade de condições geográficas,

culturais e políticas. Tudo isso é obra do mesmo consenso da autoridade em termos de ensino iniciado pelos fariseus. Tornar o judaísmo a religião destinada a sobreviver por longo tempo requeria um consenso em relação à autoridade. Jesus, ao que parece, dispôs-se a ensinar fora do âmbito dessa autoridade. Ele tomou para si a tarefa de “agir sozinho”. Como eu gostaria de conversar com ele sobre isso! Se de fato decidiu agir sozinho, é certo que teriam surgido divergências com a comunidade farisaica de estudos então existente. A lembrança dessas diferenças mesmo na época de edição dos evangelhos persistiria. Além disso, essa discordância em relação à autoridade tornou-se ainda mais acirrada entre os seguidores judeus de Jesus, tal como os representa o evangelho de Mateus, e a corrente principal da comunidade farisaica.

JESUS, UM GRANDE MESTRE, PORÉM NÃO ÚNICO

Com tudo isso, não fosse o fato de Jesus ter se tornado o “Deus Salvador” e “mestre ÚNICO” de uma religião divergente do judaísmo e que, na verdade, foi a fonte de muito sofrimento ao longo de muitos séculos para o povo judeu, muitos dos ensinamentos de Jesus, ou “Joshua”, poderiam ter sido citados como admiráveis expressões espirituais com as quais muitos judeus concordariam, ainda que divergissem de algumas delas. Mas, ao lado de todos os judeus, não posso pensar em Jesus como mais filho de Deus, ou como um filho de Deus criado à imagem de Deus, do que qualquer outro dos filhos de Deus, e sou ousado o suficiente para afirmar que Jesus teria concordado com isso. Penso em Jesus da mesma maneira como penso em Hillel e em Akiba, em Jeremias, em Sidarta Gautama (o Buda), em certos sábios confucianos, taoístas e hindus — todos eles mestres —, cuja mensagem era a identificação, em espírito de amor e de serviço, com um Último que se acha além De si mesmo.

Essa abordagem que vê Jesus como mestre religioso veio à baila num debate que tive com James Hamilton, figura de destaque entre os (chamados) teólogos da “Morte de Deus”. Éramos bons amigos em Rochester, Nova York, no próprio auge do movimento da “Morte de Deus”. Apesar de nossas diferenças teológicas, Jim Hamilton e eu éramos solidários em termos de questões sociais. Estávamos um e outro muito envolvidos nos movimentos

em favor dos direitos civis e contra a guerra do Vietnã. Juntos elevamos nossa voz contra o programa nacional de abrigos nucleares falsos, que era na época objeto de intensa atividade de propaganda promovida pelo então governador do estado, Nelson Rockefeller. Estávamos envolvidos juntos com muitas comunidades e no diálogo entre as fés.

Nesse debate, ele sustentou que, como “Deus está morto” — em outras palavras, como a crença em Deus já não é possível —, o judaísmo “enfrenta problemas”. Porém, disse ele, em Jesus os cristãos têm uma expressão singular e última de ensinamento religioso. Jesus era e é, argumentou ele, um modelo por excelência de espiritualidade, além de todos os outros, razão pela qual a validade do cristianismo seria mantida mesmo diante do fato de que “Deus está morto”. Minha resposta foi: sim, Jesus foi um grande mestre, mas não único. Que dizer de Jeremias? E de Sócrates? E de Confúcio? E que dizer de Buda? Em vez de responder a isso, ele disse: “Herb, você entende à sua maneira, e eu entenderei à minha.” Todos rimos muito, mas a meu ver, essa não foi uma resposta válida.

Se eu pudesse sentar e conversar com Jesus, concordaria com ele sobre muita coisa porque somos ambos judeus, porque muitas de nossas premissas básicas ainda são as mesmas. Como os profetas de Israel constituem o fundamento da mentalidade de Jesus e da minha, seu apelo em favor da renovação espiritual (teshuvah) e do reino de Deus são aspectos partilhados de nossa fé. Ele tem de fato um lugar nas fileiras mais elevadas dos mestres de muitas fés cuja espiritualidade abordou a verdade que ameaça a opressão e a exploração. Por causa disso ele morreu. Ele de fato é parte do grupo daqueles que, na vida e na morte, ensinaram o vazio de uma vida vivida apenas a serviço do sucesso pessoal de cada um. Tal como a Torá o faz, Jesus ensinou a total devoção a Deus por meio do serviço aos outros, assim como a redenção do mundo de todo tipo de sofrimento, do ódio e do mal, mediante uma vida de gentileza amorosa, ou daquilo que os judeus chamam de G’milut Chasadim.

¹ Robert W. Funk, Roy W. Hoover e o Jesus Seminar, *The Five Gospels; The Search for the Authentic Words of Jesus*, São Francisco, HarperSanFrancisco, 1997.

² No Talmude, temos “Não me deixes cair sob o poder do pecado, nem sob o poder da ofensa, nem sob o poder da tentação nem sob o poder da vergonha” (B. Berachot 60b).

³ Hans Dieter Betz, *The Sermon on the Mount*, Minneapolis, Augsburg Fortress, 1995, p. 102, 104-5.

⁴ Entendido na etimologia popular bíblica como significando “ele lutou” ou “entrou em luta com Deus”; ver Gn 32,28-29.

SEGUNDA PARTE

AVALIAÇÕES E INTERPRETAÇÕES

O PRIMO INCÔMODO

ANDREW VOGEL ETTIN

“Quem você diz que sou?” Dar atenção à pergunta que Jesus dirigiu a Pedro (Mt 16,15; Mc 8,29) já supõe que a pessoa dá a ela importância suficiente para respondê-la, e, para muitos judeus — talvez para a maioria dos judeus nesse ou naquele momento —, esse pressuposto “dá nos nervos”. Por que nos deveriam perguntar isso? Por que deveríamos dar-lhe importância? Por que deveríamos ter de lhe dar importância? Na verdade, para muitos, é melhor não dar importância a isso. Para eles, na qualidade de judeus numa cultura dominada pelos signos do cristianismo, Jesus marca a separação “entre Yisrael e kol ha’mim”, entre os judeus e “todos os [outros] povos”, entre nós e aqueles para quem Jesus é a presença definitiva na história humana e, ao mesmo tempo, uma fonte de muito sofrimento — sofrimento para nós. Na realidade, não afirmou Jesus, ao menos de acordo com Lucas 13,51, que seu propósito não é eirçnç, “paz”, porém diamerismon, “separação”?

Mas Jesus é um fato com o qual alguns de nós se sentem compelidos a lidar porque seus signos nos cercam e seus mensageiros de nossos dias nos confrontam. Por vezes eles nos confrontam com ávido interesse precisamente porque somos judeus e ele — o “Ele” deles — foi um de nós. É essa identidade original que o torna menos fácil de desconsiderar do que outros fundadores religiosos, dado que Jesus, ao contrário de Maomé, está diante de nós. Às vezes, no entanto, esses enviados mostram ter um interesse mais opressivamente dirigido, visto que consideram seu “retorno” tão ansiosamente antecipado como dependente de nossa aceitação dele como Ele. Logo, é a inclinação dessa linha histórica mais uma vez em nossa direção que pode fazer alguns de nós judeus a procurar versões de Jesus que nos permitam lidar com ele em nossos próprios termos, reivindicando-o como nosso, mas somente em nossos próprios termos.

Se, portanto, não evitarmos de modo absoluto encarar Jesus, nossos

envolvimentos com ele provavelmente serão marcados quer por uma tensão ansiosa, quer por um ritmo peculiar, mas totalmente compreensível de aproximação e retração. Seu ensinamento ético pode conseguir nosso assentimento a seus valores humanos. Mas suas controvérsias com todas as variedades de judaísmo em sua época pode nos fazer repeli-lo com intensidade ainda maior. Claro que podemos especular que as disputas quanto à interpretação e aplicação de leis bíblicas (tal como os desacordos políticos e teológicos de nossa própria época) foram exageradas pelas polêmicas da época, bem como pela política dos redatores dos evangelhos em seu próprio ambiente. É certo que, ainda que aceitemos a implicação de que todos os “saduceus” constituíam um bloco homogêneo de literalistas, é impossível crer que todos os “escribas e fariseus” não fossem mais do que aquilo que o Novo Testamento diz que foram — rematados hipócritas e ciumentos cooptados, todos eles, sem exceção. As extensas, muitas, violentas condenações constantes do Novo Testamento dos únicos grupos identificados da época de Jesus (quer essas condenações venham da boca de Jesus, quer de um seguidor dele) transformam Jesus em mais do que um antagonista das interpretações dos saduceus ou um crítico do comportamento dos fariseus; elas o tornam inimigo do próprio judaísmo, dado que reduzem os praticantes e mestres do judaísmo a estereótipos desprezados e satirizados.

UM EMBARAÇO FAMILIAR

Temos então aqui a primeira de várias visões judaicas de Jesus: ele parece um primo cujo comportamento causou, há vários anos, um tal problema familiar que raramente se faz menção a ele, e, sempre que é feito, nunca sem deixar de mostrar desagrado. Mencioná-lo significa que não se pode deixar de iniciar uma conversa sobre o que ele disse e o que isso significou para a mishpahah, a família, no curso do tempo (ou, mais raramente, o que significa para nós hoje). Ele é o aquele lá, o mundialmente famoso que consideramos notório por ter se tornado uma celebridade ao dizer em público coisas insultuosas sobre a família, aquele que teve problemas com a lei por se comportar de maneira ultrajante. Captamos aqui e ali algo de orgulho com o fato de ele, talentoso, ilustre e amplamente admirado, ser (afinal) parte da mishpahah. Sente-se ainda, com profundo incômodo, que gostar muito dele

seria um insulto ao nosso passado comum, como se ignorássemos o sofrimento causado por suas palavras e opiniões tão freqüentemente citadas.

Logo, podemos tentar evitar olhá-lo ou escutá-lo com demasiada atenção, por temor de que se possa achar a personagem demasiado atraente apesar dessa história. Esse Jesus começa como um fascinante egoísta que termina acreditando fatalmente em seu próprio mito presunçoso. Segui-lo em seu caminho significa unir-se a ele na ida para a cruz, que para ele significou a morte (ou, como o dizem seus seguidores, a vida eterna). Para os judeus, segui-lo significa morrer para a comunidade, a cultura e a história judaicas a fim de “renascer” ou se “completar” na vida cristã. Para o judeu religioso, significa ainda renunciar ao que temos compreendido como os propósitos da vida e da morte, as dimensões adequadas do monoteísmo e a fundamental inacessibilidade da Unicidade Última, que se acha além da linguagem, do espaço, do tempo ou do conhecimento. Não podemos escutar por muito tempo esse homem Jesus sem nos vermos diante da alegação de ter ele sido a encarnação singular dessa Unicidade e de seu vínculo primordial com a humanidade. Mesmo quando começamos a perguntar “Quem você diz”, nossas considerações em termos de autenticidade e de autoridade param em última análise na própria pergunta de Jesus: “Quem você diz que sou?”

VÍTIMA DE SUA PRÓPRIA FAMA

Outra visão: o real caráter de nosso primo Jesus tem sido obscurecido pelos exageros publicitários e pelas distorções nos meios de comunicação perpetrados por seus seguidores mais dedicados. Sob tudo isso, podemos perceber um perspicaz mestre e crítico social (um dentre muitos de sua época), um mestre com um jeito especial de usar um útil mashal (parábola) e um dito espirituoso, bem como dotado de uma excelente opinião acerca de suas próprias certezas. Mas sua real identidade tem sido coberta por tantas camadas de tradução e de transmissão que o Yeshua original não pode ser totalmente revelado. Em vez do próprio homem, encontramos uma questão que nos devolve o problema: “Quem você diz que sou?” Essa frase é um esperto estratagema destinado a virar pelo avesso os desafios da revelação. Moisés nunca fez essa pergunta. A pergunta dele foi “Quem anochi Y-H-W-H afirma ser?” Elias nunca a fez. Sua pergunta aos adoradores de Baal foi:

“Quem é Deus?” Observe que “Quem você diz que sou?” muito difere de “O que você pensa de mim?” A interrogação de Jesus pergunta sobre a identidade fundamental. É uma pergunta egotista, de tantas maneiras totalmente irrelevante para qualquer coisa definitivamente judaica — Que diferença faz dizer quem ele é? —, porém, em alguns poucos mas importantes aspectos, absolutamente crucial.

UMA PERSONALIDADE DESORGANIZADA

Ou talvez signifique alguma outra coisa, apontando para mais uma visão judaica de Jesus. Quando pergunta “Quem você diz que sou?”, ele por acaso não o sabe? Terá ele ficado a tal ponto envolvido por suas próprias convicções e pelos desejos dos outros de que ele seja alguma coisa específica que, em meio a pontos de vista conflitantes, já não soubesse com certeza quem e o que era, exceto a identidade que seus seguidores tinham definido para ele? Devemos perceber nessa pergunta algo de estupefação ou mesmo de premência? Mateus e Marcos registram respostas sutis, mas marcadamente divergentes de Pedro, como se Jesus ou seus discípulos fossem escolher aquela que mais lhes agradasse. Sua réplica em Mateus 16,15 identifica Jesus, de maneira grandiosa, como “o Messias, o Filho do Deus vivo”, ao passo que, em Marcos 8,29, Pedro pára simplesmente em “o Messias”, politicamente uma afirmação bastante perigosa, mas que com certeza se aproxima de uma acusação de blasfêmia.

Terá Jesus percebido que, ao adquirir, aos olhos de seus seguidores, tantas identidades diferentes, sua essência foi substituída por reflexos de seu ser? Será por isso que ele nunca parece estar totalmente sozinho, mas sempre parece apartado da multidão que o cerca? Poderia ser esse também o motivo de ele evitar as relações pessoais mais obviamente definitórias e envolventes? Ao contrário da maioria das figuras de proa da história bíblica e rabínica judaica, ele nunca se casou, nunca educou filhos, não tinha relações discerníveis com a figura paterna que o criou (José) nem com qualquer membro da família do sexo masculino, tendo em vez disso se cercado de um grupo de seguidores (incluindo sua mãe), uma família substituta cujos membros acreditavam ser ele capaz de fazer qualquer coisa — na verdade, mais do que isso: de ser tudo.

Ainda que com tanta freqüência parecesse reivindicar para si uma realidade transcendente, estava ele na verdade tão perplexo pelo que via de si mesmo refletido tanto pelos devotos como pelos detratores ao redor de si? Se era egotista, estará ele revelando por meio dessa interrogação a insegurança do egotista, desesperadamente necessitado de afirmação a partir de fora a fim de compensar aquilo que tem a respeito de si mesmo? Acaso sua autoconfiança encobre a relutância de examinar o próprio íntimo? Tendo supostamente sido uma criança precoce, brilhante, de uma família comum cuja história talvez tenha sido marcada por um quê de mistério ou de escândalo, o que poderia ele pensar acerca de si mesmo e de sua origem? O que ele teria querido pensar ou não pensar sobre isso? Fazemos essas perguntas por ser muito difícil extrair esse primo, esse Yeshua, do cristianismo, no qual sua vida e suas palavras se acham embutidas. Assim, podemos querer responder à sua pergunta com a nossa: “Quem você pensava que era?”

OCULTO POR UM VOCABULÁRIO PERDIDO

Por meio do texto e do contexto, podemos nos empenhar em apreender ao menos a resposta a essa pergunta, ao tempo em que tentamos discernir o que ele pode ter dito, pode ter pensado que dizia ou pode ter sido ouvido a dizer. Podemos descartar a construção teológica cristã de sua vida e de suas palavras. O que não podemos deixar de lado são as barreiras da língua, claras e profundas. Em algum lugar por baixo das palavras registradas para nós em grego, havia conversações e afirmações em aramaico e hebraico. No âmbito do vocabulário original perdido, por vezes mas nem sempre dedutível, viviam nuances e precisões que fazem toda a diferença no tocante ao sentido. As palavras de Jesus foram relatadas anos depois por partes interessadas com seus próprios públicos e objetivos, que as moldaram para muitos fins narrativos e propagandísticos. E, o que tem ainda maior relevância, devemos nos recordar de que a linguagem oral, as parábolas, as comparações e os exempla vivem no momento como respostas a necessidades ou estímulos particulares, e que aquele que fala não pretende necessariamente que suas palavras sejam solidificadas em posições eternas. Não obstante, ao serem tornadas sólidas, elaboradas em forma de “testamento”, essas palavras se

enrijecem em construções absolutas e duradouras.

UM HALAKHISTA DO SÉCULO PRIMEIRO

As palavras de Jesus são pois como os fragmentos de cerâmica que os arqueólogos desenterram e sobre as quais ponderam no tocante ao que estarão nos dizendo e não dizendo. Por exemplo, na passagem de Lucas 13,51 acima citada, a antítese aparentemente estranha entre “paz” e “separação” provavelmente remete a um fraseado hebraico original que joga com o vínculo cognitivo entre “paz” e “totalidade” por meio da raiz consonantal sh-l-m (shalom, shleimut).

Mas o registro verbal pode também, em lugar de revelar, ocultar. Assim, quando se afirma que Jesus disse “Eu sou o caminho” (Jo 14,6), será que o grego *hodos* exprime o que ele de fato enunciou, e como teria isso sido ouvido por um conterrâneo judeu palestino do século I? Não poderia ele estar fazendo diante de um compatriota a afirmação tão comum no Talmude, embora neste ela estivesse elaborada como afirmação de autoridade em terceira pessoa, em vez da primeira pessoa usada por Jesus: “A halakhah é de acordo comigo”? Em outras palavras, estaria ele simplesmente dizendo que sua interpretação da lei religiosa aplicada (halakhah, que vem da raiz h-l-kh, ir ou caminhar) era a “correta”, a mais próxima da intenção de Deus? Ou estaria ele afirmando alguma coisa dotada de bem mais autoridade?

E, quando ele proclama “Eu sou a luz do mundo”, esse sentimento, tão difícil de traduzir num conceito judaico, exprime de fato Yeshua, ou um João helênico ou o auge de um confronto hostil com algum de seus oponentes? Nessa investigação, as perguntas não levam a respostas, mas a perguntas ainda mais essenciais. Estamos vendo nas histórias sobre Jesus relatadas nos evangelhos as inevitáveis refrações causadas pelas perspectivas e propósitos de diferentes autores? Ou esses relatos registram as alterações e reversões de um homem no processo de descoberta e de aprimoramento de seu pensamento bem como de seu sentido de si mesmo, um homem que muda de posição e retrocede à medida que correções se fazem necessárias? Ou refletem uma abordagem dialética e empírica do ensinamento e da halakhah que seria característica de um judeu no final do período do segundo templo no papel de mestre? Se for este último caso, os relatos registram a

conversação de um Yeshua que não está propondo uma teologia sistemática, mas interpretando casuisticamente a lei, comparando uma interpretação livre num caso com uma interpretação mais estrita em outro, em resposta às circunstâncias e questões do momento, do lugar e da situação.

“Quem você diz que sou?” Examinando os pronunciamentos sociais, éticos e halákhicos de Jesus da perspectiva dos subseqüentes escritos no judaísmo rabínico primitivo, podemos muitas vezes ouvir um judeu cujas posições podemos reconhecer e harmonizar com sua cultura judaica contemporânea, alguém muitas vezes crítico dos fariseus mas cuja perspectiva muito se assemelha à deles, ainda que aparentemente influenciada pelo ascetismo e por um dualismo teológico similar ao que podemos discernir nos manuscritos do mar Morto. Trata-se de um Jesus verbalmente talentoso e de espirtuosidade flamejante, em algumas ocasiões um perceptivo crítico dos costumes sociais, muitas vezes satisfeito e complacente consigo mesmo, um homem que faz alegremente de si o personagem principal de um drama que vai destruir sua vida e fazer sua lenda, uma interessante figura para uma biografia.

Nossa resposta à pergunta cristã provavelmente vai desagradar o cristão, dado que faz bem poucas concessões, e ao nosso companheiro judeu porque pode conceder em demasia. Se Jesus é modestamente considerado um mestre judeu do século I d.C., por que não incluir seus ensinamentos em nosso próprio estudo religioso e em nossas próprias orações? Vemo-nos aqui diante do problema da *contaminatio*, a impossibilidade, seja a de desenredar os ditos de nosso primo Yeshua dos textos cristãos nos quais se acham inseridos, ou sua persona do cristianismo no qual ele se acha incluído e entronizado.¹

UMA “NOVA” TESTEMUNHA?

Mas a herem (proibição) pode ser explicada um pouco mais contra o pano de fundo do judaísmo profético primitivo, ou do judaísmo rabínico primitivo de Hillel (por exemplo), que aparentemente coexistiu com ele, e certamente do judaísmo que emerge depois dele e segue a destruição do segundo templo. Para fazer eco a um famoso jogo de palavras, o que é judaico no ensinamento de Jesus não é singular, e o que é singular não é judaico. Se perguntarmos: “O que eu como judeu aprendo dele e só dele, como podem seus

ensinamentos iluminar ou moldar de maneira peculiar meu judaísmo?”, a resposta parece ser que ele não oferece coisa nenhuma que hoje se afigure singular. Se isso ocorreu na época, ou se seu magnetismo derivava mais da energia de sua personalidade do que de suas reais idéias só nos resta especular se nos engajarmos nas tentativas acadêmicas de distinguir o que Jesus de fato disse e o que lhe é atribuído pelos autores dos evangelhos ou diferenciar entre o que ele pode ter comunicado a seus seguidores e as elaborações teológicas ulteriores de Paulo e João.

Como o sentiram alguns escritores e artistas judeus, podemos encontrar em parte da história de Jesus um Yeshua que reconhecemos e com o qual ao menos simpatizamos, talvez até uma personalidade que seja de nosso agrado. Quem vem de um ambiente yiddish do leste europeu tem mais possibilidades de captar as correspondências com sua própria experiência cultural: o jovem estudante brilhante de um ambiente humilde, o crítico social ou iconoclasta com inclinações igualitárias, o mestre de valores humanos que levou uma vida simples mas não austera, a vítima de uma aliança imoral entre um regime político opressivo e uma estrutura religiosa fantoche mas autoritária e, no final de tudo, um judeu impiedosamente condenado e assassinado pelo poder brutal de uma sociedade injusta. Esse Jesus que sentimos que conhecemos, não como figura fora do comum, mas, pelo contrário, uma figura paradigmática: não apenas Jesus como judeu, mas O Judeu como Jesus.

UM HOMEM DE AUTOCONTRADIÇÕES

Mais uma vez, confrontando o registro total transmitido pelas primeiras versões registradas de sua vida e de seus ditos, os escritores dos evangelhos, queremos devolver sua pergunta interrogando: “Quem você diz que é?” Lendo as autodefinições putativas de Jesus (ao lado das afirmações nesse sentido feitas por seus discípulos, pelos autores ulteriores dos evangelhos e por Paulo), descobrimos alguma coisa profundamente perturbadora. Esse Jesus é alternativamente agressivo e defensivo, dado ao confronto ao mesmo tempo que recomenda que se dê “a outra face”, que despreza os adversários ao mesmo tempo que proclama o mandamento de amar os inimigos, extremamente obstinado em suas opiniões embora louve a virtude da

humildade. Jesus também é cada vez mais ousado e radical em suas afirmações a respeito de si mesmo. Talvez, podemos pensar, sua jovem mãe e o marido bem mais velho desta tenham mimado essa criança talentosa. Visto por olhos judaicos séculos depois, ou, o que é mais preciso, ouvido por ouvidos judeus, ele muitas vezes parece rudemente arrogante, uma figura desagradável, cujas profissões fantásticas de uma identidade mística e mesmo divina são irritantemente blasfemas.

Ou será que em alguns momentos não percebemos as coisas direito? Pode-se imaginar algumas de suas observações como um ataque deliberado, comicamente ultrajante às sensibilidades da pequena aristocracia saducéia ou à burguesia farisaica. Assim, quem sabe, podemos suspeitar disso no tocante a Lucas 6,5, em que ele se proclama perifrásticamente *kyrios ... tou sabbatou*, senhor do Sabbath, plenamente consciente de que os “escribas e fariseus” o observam enquanto ele os contempla cuidadosamente, avaliando até onde pode ir na ridicularização da autoridade e da tradição nesse momento e lugar. Mas é claro que podemos nos dar conta ainda da saída de emergência que ele deixa aberta, caso escutemos por trás de sua expressão portentosamente oblíqua “Filho do Homem” (*huios to anthropou*) a expressão hebraica *ben adam* usada pelos profetas (por exemplo, Is 51,12; Jr 49,18; Ez 2,1) para designar simplesmente “ser humano”, ou a expressão aramaica análoga *bar einosh*, usada igualmente no Talmude.

Lendo os relatos dos evangelhos, começamos a sentir pena dos anciãos exasperados e repetidamente insultados que tentam manter uma conversação razoável sobre a Torá ou determinar a verdade factual de asserções relatadas com aquele sujeito evasivo e fluente que insiste que só ele compreende corretamente a interpretação das escrituras judaicas, ou mesmo que é um ser transcendente e que eles são tolos e vilões por não reconhecerem isso. É verdade que deve haver nessas narrativas muito trabalho dos autores dos evangelhos para moldar tendenciosamente as coisas; nelas, Jesus sempre tem as respostas certas, deixando seus oponentes estupefatos e parecendo bobos; mas a voz de Yeshua, o arrogante ofensor autoconfiante das pessoas em posição de autoridade, parece se fazer ouvir com autenticidade em meio a tudo isso. Com esse Yeshua discutimos, dele nos queixamos e por vezes a ele aplaudimos nas esquinas, nas cafeterias e nas salas de aula. Desrespeitoso, esperto, desdenhoso, às vezes arteiro, ele pode ser precisamente perceptivo ou espetacular e injustamente hostil.

A CULTURA CENTRADA EM JESUS

“Quem você diz que Jesus é?” Essa pergunta com muita frequência confronta o mestre e líder religioso judeu de nossos dias, vinda de cristãos curiosos ou preocupados, ou então de membros da congregação desejosos de orientação para responder a vizinhos ou colaboradores. Ninguém pode viver em uma sociedade ocidental ou influenciada pelo Ocidente, nem visitá-la, sem deparar com o que se pode chamar de cultura centrada em Jesus. Damos com ela em encontros casuais por meio da cruz pendurada no pescoço do caixa do supermercado, da música gospel pulsando da máquina de som na praia, dos programas religiosos cristãos encontrados repetidas vezes quando ficamos mudando de canal na televisão, mesmo nos graffiti das pontes e nos cartazes que anunciam “Experimente Jesus”, tanto como nas formas mais elevadas de música, de arte e de literatura.

Ela não está apenas presente, mas também inescapável: igrejas altamente visíveis e sobremodo numerosas em suas inúmeras denominações; feriados religiosos cristãos observados de modo generalizado; e semanas de publicidade comercial anunciando as duas principais festas da Igreja como celebração da importância de Jesus. Compradores são inevitavelmente acoitados, nos meses de novembro e dezembro, por uma pouco sofisticada doutrinação teológica cristã na forma de canções de “feriado” que saem dos sistemas de som ou de rádios na maioria das lojas, grandes e pequenas, anunciando (por exemplo): “O rei de Israel nasceu”. Escolas, tanto públicas como privadas, supostamente não confessionais, transmitem e celebram alguma manifestação da cultura cristã dos feriados, enquanto emissoras públicas de rádio e de televisão oferecem em abundância programas cristãos comemorativos do Natal e da Páscoa. Eis coisas virtualmente impossíveis de evitar. Não conhecer a cultura centrada em Jesus deixa a pessoa virtualmente incapaz para a cultura como um todo; assim, também os judeus recebem forçosamente essa educação. (Não é o mesmo que ser educado no cristianismo, ainda que alguns também passem por isso, se bem que com frequência de maneira simplificada e imprecisa, sem ver sentido em tentar discernir as nuances das diferenças doutrinárias cristãs que separam as denominações.)

O JESUS DA IGREJA: UM ESTRANHO

Tão logo nos aproximamos o suficiente para ver com mais clareza esse companheiro Yeshua e eis que outra figura obstrui sua presença, desejando usar um “E” maiúsculo na palavra “ele”. Trata-se do Jesus deus-herói grego da Igreja, uma tradução diferente de nosso remoto, combativo e escandaloso primo Yeshua, agora transformado no ho tou theou hyios Christos Iesous, “O Filho de Deus, Cristo Jesus” (2 Cor 1,19).

Esse parece falar, como diria Emmanuel Levinas, “grego”, num ambiente cultural não-hebraico, ao mesmo tempo que, contudo, se ouvem reverberações de uma aliança atrevida e chocantemente redefinida. Assim, o judeu pode (por assim dizer) examinar a Igreja como visitante, apenas para se afastar, espantado, se não repellido, pelo que é ali ensinado a respeito do primo famoso. “Quem você diz que ele é?” constitui uma pergunta para a qual o cristão pode dar respostas citando as Escrituras Hebraicas; trata-se, no entanto, de respostas que parecem tortuosamente elaboradas por meio de raciocínios post hoc, oferecendo Jesus como a resposta para uma pergunta que nunca precisamos fazer em vez de para aquelas que fizemos séculos antes e depois dele. Primo? Não. Agora é um estranho.

Um encontro judaico com Jesus, se o leitor judeu for informado e intelectualmente curioso, nunca será simples. Aproximamo-nos e retrocedemos alternadamente. Podemos sentir ser necessário transpor a distância que nos separa de nosso parente; quando chegamos mais perto, podemos perceber a freqüência com a qual suas palavras se assemelham às que conhecemos a partir de envolvimentos proféticos e com os envolvimentos rabínicos primitivos com os ensinamentos e os valores da Torá. Mas não nos atrevemos a desconsiderar as proclamações discordantes e alienantes (seja as que lhe são atribuídas, seja as expressas por seus seguidores tal como registradas no Novo Testamento). Claro que alguns estudiosos ou apologistas duvidam da autenticidade histórica das alegações mais atrevidas feitas por Jesus ou em seu nome, e, assim agindo, situam-no de modo mais ou menos plausível no interior de um espectro familiar, porém amplo de judaísmo do século I. Mesmo assim, embora os estudos eruditos possam se empenhar em enfrentar o desafio de tentar reconstruir as autênticas palavras de Jesus e assim produzir um Jesus sem cristianismo, não há como falar de Jesus da perspectiva da comunidade judaica como se nos

esquecêssemos de sua persona mítica.

Mantendo a lembrança de nossos encontros mais próximos, porém ainda insatisfatórios com sua humanidade, ficamos na melhor das hipóteses estupefatos diante daquele que eles dizem que ele é, e, no tocante a isso, tanto por seu propósito como por sua fama. Em lugar da celebrada visão de uma mamlekhet kohanim v'goi kadosh (Ex 19,6), uma “nação de sacerdotes, um povo santo”, vemos agora a figura singular do Christos/moshiah/Ungido/Messias. A Torá reconheceu Deus como o *yozer or*, criador da luz, e proclamou Israel *or goyim* (Is 42,6), uma luz para as nações; o testamento de Jesus proclamou *ego eimi to phos tou kosmou* (Jo 8,12): “Eu sou a luz do mundo”.

Para o cristão, essas novas fórmulas verbais marcam os pontos de encontro da carne e da palavra, da realidade vivida e da doutrina teológica, da encarnação e da transfiguração. Para o judeu, nessas reformulações de conceitos judaicos, perdemos de vista Yeshua, nosso primo, e, de maneira profunda, nós o perdemos. Transfigurado ele de fato é, mas em alguma coisa irreconhecível, a-histórica, como se o construtor de parábolas tivesse transformado a si mesmo em uma parábola. Suspeitamos que ele não reconheceria sua própria imagem nessa construção “Jesus”. Nessa probabilidade repousa talvez o giro final, irônico, de sua pergunta, que assumirá tom e importância diferentes: “Quem você diz que sou?”.

¹ Os estudos de Susannah Heschel tentam trabalhar com os escritos relativos à judaicidade de Jesus elaborados por líderes da moderna reforma religiosa judaica e pelos estudos históricos eruditos do século XIX (Abraham Geiger and the Jewish Jesus, Chicago, University of Chicago Press, 1998).

6

YESHUA, O HASID

DANIEL MATT

Por que desejariam os judeus ter alguma coisa que ver com Jesus? Em seu nome os judeus foram perseguidos e assassinados. O cristianismo afirmou ter suplantado o judaísmo.

Séculos de anti-semitismo cristão assentaram as bases para o extermínio que Hitler perpetrou de um terço do povo judeu — logo, por que deveria algum judeu se interessar pela vida de Jesus e por aquilo que ele ensinou? A história das relações entre o judaísmo e o cristianismo macularam e tornaram impura a imagem de Jesus. Não obstante, para que judeus e cristãos vivam juntos amigavelmente, eles têm de reavaliar a tradição uns dos outros. Não basta a absolvição dos judeus, feita pelo Vaticano, da culpa coletiva pela morte de Jesus. Os cristãos deveriam apreciar a Torá, o judaísmo rabínico e a eterna renovação do povo judeu. E os judeus deveriam reivindicar Jesus.

UM HASID GALILEU

Não me refiro àquilo em que Jesus se tornou — Jesus Cristo — mas a Yeshua, o rabino apaixonado que morreu por causa de sua visão do judaísmo. Jesus foi um hasid galileu, alguém intensamente apaixonado por Deus, embriagado do divino, anticonvencional e extremo em sua devoção a Deus e ao semelhante.

Havia outros hasidim na Palestina do século I, sendo um deles notadamente similar a Jesus: Hanina ben Dosa. Hanina viveu na Galiléia, cerca de quinze quilômetros ao norte da cidade natal de Jesus, Nazaré. Tal como Jesus, ele era louvado por sua devoção religiosa e seus talentos de cura. Uma vez, “Hanina estava rezando quando um escorpião o picou. Mas ele não interrompeu a oração. Os discípulos dirigiram-se para lá e viram o escorpião morto na entrada de seu esconderijo. Eles disseram: ‘Pobre do homem picado por um escorpião, mas pobre do escorpião que pica [Hanina] ben Dosa’”

(Tosefta Berakhot 3,20).¹ Do mesmo modo, disse Jesus: “Quem crer pode pisar em serpentes... e nada lhes acontecerá” (Mc 16,18). As orações de Hanina eram amplamente consideradas como aceitas de imediato por Deus, de modo que lhe pediam com freqüência que rezasse pelos doentes e pelos que passavam por atribulações. De acordo com o Talmude, Hanina curou à distância o filho de Gamaliel; segundo o Novo Testamento, Jesus curou à distância o filho de um centurião romano. Hanina, tal como Jesus, é conhecido por sua pobreza e falta de ambição aquisitiva. Nenhum dos dois tinha experiência em ensinamentos legais ou rituais, mas, em vez disso, eram famosos como agentes milagrosos cujo poder sobrenatural derivava de sua intimidade com Deus.

É inevitável que surjam tensões entre o hasid e a ordem religiosa estabelecida. O hasid é um não-conformista que exige muito de si e de seus seguidores. Sua intimidade com Deus, sua confiança no poder de suas próprias palavras e sua autoridade pessoal irrestrita conflitam com a estrutura do poder conservador.

Jesus veio da Galiléia, o que o tornava suspeito tanto aos olhos das autoridades judaicas quanto das romanas, dado que a Galil era um berço de revoluções. Ali os zelotes começaram sua agitação contra Roma. O prefeito romano Pôncio Pilatos matou vários revolucionários galileus. Para os ocupantes imperiais, todo galileu era um potencial criador de problemas. Os judeus da Galiléia também tinham reputação de falta de observância religiosa. Muitos de seus ancestrais tinham sido convertidos à força do paganismo ao judaísmo por João Hircano I, no século II a.C. Na época de Jesus, muitos pagãos ainda viviam na localidade. Os rabinos suspeitavam dos galileus, que falavam um aramaico imperfeito, com áspero sotaque gutural. O Talmude por vezes se refere aos galileus por meio do termo *am ha-areç* (povo da terra), o que significa camponeses ignorantes, analfabetos. A elite intelectual de Jerusalém sentia-se superior àqueles simplórios provincianos.

Exibindo o chauvinismo típico da Galiléia, Jesus insistia que fora enviado apenas para os judeus (Mt 10,5; 15,24). Os doze apóstolos eram proibidos de proclamar o evangelho a gentios ou samaritanos: sua missão tinha apenas Israel como meta. Na verdade, os discípulos de Jesus mais tarde suspeitaram de Paulo, que buscava pregar para o mundo mais amplo, dado que Jesus se concentrara quase que exclusivamente em questões pertinentes aos judeus.

A ABORDAGEM DA TORÁ POR JESUS

Paulo, que nunca conheceu Jesus em carne e osso, ensinou que Cristo tinha substituído a Torá, mas o próprio Jesus estava basicamente comprometido com a Torá e com os miçvot. De acordo com Mateus, Jesus declarou:

Não penseis que vim abolir a Torá e os profetas; não vim para aboli-los, mas para dar-lhes pleno cumprimento. Pois em verdade vos digo que, antes que o céu e a terra deixem de existir, nem uma letra nem uma vírgula haverão de ser tiradas deles até que tudo se cumpra. Aquele que deixar de cumprir um só desses mandamentos e ensinar os homens a fazê-lo será considerado o menor no reino dos céus; mas aquele que os praticar e ensinar será o maior no reino dos céus. (Mt 5,17-19)

Essas palavras podem não ser autênticas, mas os ensinamentos de Jesus derivam da Torá. (Do mesmo modo, Paulo diz no livro dos Atos, “Não afirmo coisa alguma além do que disseram os profetas e Moisés” [26,22].) Jesus é um dos que buscam a essência da Torá. Quando interrogado por um escriba: “Qual o mais importante mandamento?”, ele respondeu com dois miçvot: “Amarás YHWH teu Deus com todo o teu coração, com todas as tuas forças, com todo o teu ser” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12,28-34). Aqui, o Evangelho de Marcos preserva algo que falta nos outros evangelhos sinóticos. No relato lucano e mateano dessa discussão, há tensão entre o escriba e Jesus. Na versão de Marcos, eles têm uma troca de palavras amigáveis; Jesus e o escriba concordam que esses são os principais miçvot.

Em outro lugar, Jesus formula a essência ao parafrasear o “Ama o teu próximo”: “Tudo o que desejais que os outros façam a ti, fazei tu também a eles. Pois nisso consistem a Lei e os Profetas” (Mt 7,12). Na geração anterior à de Jesus, Hillel ofereceu um princípio similar, mas na negativa: “O que é odioso para ti, não o façais ao próximo”. Hillel era um representante típico dos rabinos de sua época: mais terra-a-terra, mais prático. Jesus era mais exigente, mais extremo, mas hasídico.

É muito difícil encontrar exemplos claros de reais transgressões da Torá por parte de Jesus.² Seu discípulos, não ele pessoalmente, são acusados de desconsiderar a ablução ritual das mãos (Mc 7,1-8). Não se tratava de uma exigência bíblica aos leigos. Era uma lei de pureza disseminada pelos fariseus que só na época de Jesus tinha passado a ser prática judaica comum. Os

galileus eram de modo geral complacentes no tocante a leis de pureza como essa.

Mais uma vez, não é Jesus, mas os discípulos que apanham espigas de trigo no Sabbath e retiram os grãos (Mt 12,1-8). Em duas fontes secundárias ficamos sabendo que os discípulos não arrancaram as espigas, mas removeram os grãos esfregando as espigas com suas mãos.³ Os galileus viam isso como permitido no Sabbath, enquanto outros julgavam que isso era permitido apenas quando eram usados os dedos, e não a mão inteira. Assim, o comportamento dos discípulos de Jesus, o Galileu, pode ser considerado como estando de acordo com uma tradição da Galiléia.

Não há indicação de que Jesus e seus discípulos comiam alimento não preparado de acordo com os preceitos judaicos. Segundo Marcos, Jesus disse: “Nada há no exterior do homem que, penetrando nele, o possa tornar impuro; mas o que sai do homem, isso é o que o torna impuro” (Mc 7,15). Marcos interpretou isso como significando que Jesus “declarou que todos os alimentos eram puros”, mas é muito improvável que isso represente o ponto de vista de Jesus. A primeira geração de cristãos não sabia que Jesus “cancelou” as leis alimentares, e não há evidência de que Jesus tenha ordenado que seus discípulos as ignorassem.⁴

Em todo caso, numerosas passagens do Novo Testamento representam Jesus como estando em conflito com os fariseus. Tais histórias, contudo, refletem a situação nas gerações que vieram depois de Jesus, quando os evangelhos eram compilados. Até o momento a Igreja Primitiva adotou a noção paulina de que as leis da Torá foram superadas por Cristo, de modo que as leis alimentares e a lei do Sabbath foram definitivamente rejeitadas. Linhas de combate foram claramente traçadas entre o cristianismo e o judaísmo rabínico, representados nos evangelhos respectivamente por Jesus e pelos fariseus.

Isso não significa reivindicar que tudo o que Jesus disse tenha derivado da Torá. Falando a um de seus seguidores: “Deixa que os mortos enterrem seus mortos” (Mt 8,22), logo foi contra “Honra teu pai e tua mãe” dos Dez Mandamentos — e contra a piedade greco-romana também. O ponto parece ser que o seguimento de Jesus superou as exigências da piedade e da Torá. Em numerosas ocasiões Jesus supõe que a dispensação mosaica é inadequada e não final. Há um nova era às portas, uma revolução escatológica.

Por vezes Jesus era mais exigente que a Torá. Proibindo o divórcio, por exemplo, ele vai além do Deuteronômio, que explicitamente permite o divórcio. Do miçvah “Não matarás”, ele conclui que a pessoa não deve ficar irada contra outras, pois a ira pode levar ao assassinio. Do miçvah “Não adulterarás”, ele conclui que apenas olhar com desejo para uma mulher casada é equivalente a adultério. Como um verdadeiro hasid, Jesus era extremado em suas exigências éticas.

O DESAFIO COLOCADO POR JESUS

Se Jesus seguiu basicamente a Torá, então por que as autoridades civis e religiosas ficaram tão perturbadas por causa dele? Ele se associava aos pecadores, mas isso em si não violava a tradição, pois Deus também desejava ardentemente que aqueles que haviam “errado o alvo”⁵ voltassem, entrassem em teshuvah. Diversos profetas bíblicos transmitiram essa mensagem. Josué ordenou aos israelitas idólatras: “Voltai vossos corações para Iahweh” (Js 24,23); Ezequiel pediu: “Formai um coração novo, um espírito novo” (Ez 18,31); e Malaquias transmitiu esta mensagem de Deus: “Voltai a mim e eu voltarei a vós” (Ml 3,7). O Midrash eventualmente retrata Deus suplicando: “Meus filhinhos, abri para Mim uma abertura de teshuvah do tamanho de um buraco de agulha, e eu abrirei para vós aberturas por onde caravanas e carros poderão passar” (Shir ha-Shirim Rabbah 5,3).

Se Jesus prometeu aos pecadores que, simplesmente crendo nele, eles poderiam entrar no reino dos céus, mesmo sem arrependimento, isso iria contra muitos que eram normalmente piedosos. Isso, porém, não explica a crucifixão. Jesus foi preso, julgado, e entregue à morte porque politicamente ameaçou tanto as autoridades romanas como a aristocracia judaica. Ele foi a Jerusalém no tempo da Páscoa, a mais popular das três festas de peregrinação e justamente a que comemorava a libertação da escravidão egípcia.⁶ A páscoa era carregada de significação política, e muitos peregrinos amargamente sentiam o faraó da ocasião: o imperador romano Tibério ou seu representante local, o prefeito Pôncio Pilatos. A agitação era mais provável nesse tempo do que em qualquer outra situação, e normalmente o prefeito romano ia de Cesaréia a Jerusalém para uma guarnição com tropas extras.⁷

Em Jerusalém, Jesus atacou os cambistas em átrios do Templo, derrubando assentos e mesas.⁸ Essa “purificação” do Templo (Mc 11,15-17; Jo 2,14-17) desafiou a autoridade política e religiosa da aristocracia sacerdotal, e os líderes judaicos concluíram que aquele galileu não deveria ter a permissão de criar mais agitação.

Jesus pode não ter dito: “Eu destruirei o Templo” ou “Eu sou rei dos judeus”. Ele pode não ter jamais ousado ser o Messias ou o filho de Deus. Todavia, suas ações ameaçadoras e o anúncio de um reino iminente solapavam o status quo com Roma. Conforme Josefo, Herodes tinha questões semelhantes com João Batista, “um homem bom, que exortava os judeus a ter vidas justas”: “Herodes ficou alarmado. Eloquência que tinha tão grande efeito sobre as pessoas poderia levar a alguma forma de sedição. Herodes decidiu então que seria melhor apanhá-lo e livrar-se dele antes que seu trabalho levasse a uma rebelião” (Antiguidades 18.117-118).⁹

O evangelho de João retrata os sacerdotes temendo que a popularidade de Jesus provocasse a intervenção e o desastre pelos romanos: “Se o deixarmos assim, todos crerão nele e os romanos virão, destruindo nosso lugar santo e a nação” (Jo 11,48). Conforme esse relato, o sumo sacerdote Caifás convenceu seus colegas a sacrificar Jesus em benefício de todo o povo: “Não compreendeis que é de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda?” (Jo 11,50). O relato de João não deve ser aceito como fato histórico, mas reflete considerações políticas que influenciaram o trágico resultado. O raciocínio alegado a Caifás ressoa ironicamente com reivindicação cristã de que Jesus morreu por todo o povo. Em todo caso, é razoavelmente certo que Jesus tenha sido interrogado pelo sumo sacerdote e depois executado sob as ordens de Pôncio Pilatos. A acusação era sedição ou traição.

A TRAIÇÃO DE JESUS

Jesus era um mestre ou curador carismático. Ele não procurou a morte em Jerusalém, mas perseguiu com devoção inflexível um caminho que o levou à morte, da qual não tentou escapar.

Jesus condenou a hipocrisia e a injustiça entre seu próprio povo e procurou preparar seus seguidores para a redenção próxima, para o reino dos céus

(malkut shamayim). Para Jesus o reino não era uma teoria piedosa ou uma promessa longínqua. Era uma realidade imediata que não poderia ser negada ou evitada. O misticismo judaico posterior identificou o reino com a Shekhinah, a presença de Deus. Jesus também identificou o reino com a presença: o reino é aqui e agora. Jesus era obrigado a tornar seu companheiro judeu consciente deste fato terrível e humilde. Para entrar no reino, disse Jesus, você precisa ser como uma criança. Inocência é uma janela para o infinito, indisponível para a mente cética até que ela pare e reflita.

Tal como hasidim ulteriores, Jesus julgava que não era suficiente seguir a Torá: temos de nos tornar a Torá, vivendo com tamanha intensidade que todas as nossas ações cotidianas transmitam uma consciência de Deus e evoque perante as outras pessoas essa consciência.

Sem o pretender, Jesus, o Judeu, fundou uma nova religião. Além de perseguir o povo judeu, o cristianismo também difundiu a mensagem judaica do monoteísmo e da ética bíblica por todo o mundo. Judeus e cristãos precisam olhar uns para os outros de maneira nova. Os cristãos devem avaliar não só suas raízes judaicas como também a vitalidade do judaísmo contemporâneo e do povo judeu — o povo de Deus. Os judeus podem aceitar Jesus, não o Jesus da Igreja ou o Jesus Cristo entendido como Messias, mas o Jesus judeu, um primo há muito afastado que por quase dois milênios tem sido incompreendido e talvez tenha estado solitário. Ao apreciar Jesus como um mestre judeu, o judeu afirma que a sabedoria da Torá se manifesta de incontáveis e imprevistas maneiras.

Jesus foi uma flor do judaísmo cortada em pleno florescer. Visto por olhos judeus, ele não foi o filho unigênito de Deus. O mito do filho de Deus explode na verdade segundo a qual todo ser humano, toda criatura, toda e qualquer coisa, é uma encarnação de Deus. Jesus não deve ser idolizado. De uma perspectiva judaica, transformá-lo no único filho de Deus é cometer uma traição contra ele.

¹ Nas páginas seguintes, baseio-me em Geza Vermes, *Jesus the Jew: A Historian's Reading of the Gospels*, Filadélfia, Fortress, 1973; E. P. Sanders, *Jesus and Judaism*, Filadélfia, Fortress, 1985 e idem, "The Life of Jesus", in *Christianity and Judaism: A Parallel History of their Origins and Development*, org. Hershel Shanks, Washington, D.C., Biblical Archaeology Society, 1992, pp. 41-83.

² Ver Sanders, *Jesus and Judaism*, 245-69; idem, "Life of Jesus", pp. 70-73.

[3](#) Ver David Flusser, *Jewish Sources in Early Christianity*, Nova York: Adama Books, 1987, p. 22.

[4](#) Ver Sanders, “Life of Jesus”, p. 72.

[5](#) A raiz hebraica ht’, “pecar”, significa, na conjugação hiph’il, “errar o alvo”.

[6](#) As outras duas festas de peregrinação são Shavu’ot (Pentecostes, ou Festa dos Primeiros Frutos) e Sukkot (Festa das Tendias).

[7](#) Sanders, “Life of Jesus”, p. 75.

[8](#) Embora, como vimos, Jesus tenha condenado a ira, ele mesmo exibe uma razoável intensidade de justa ira.

[9](#) Discutido por Vermes, *Jesus the Jew*, pp. 50-51.

CARTA DO RABINO GAMALIEL BEN GAMALIEL

STANLEY NED ROSENBAUM, tradutor

[Nota do tradutor: Mesmo em círculos acadêmicos, o rabino Gamaliel ben Gamaliel é bem pouco conhecido. As datas aproximadas de sua vida, 31 a.C.-42? d.C., o tornam contemporâneo da segunda geração do Tannaim, mas nenhuma de suas opiniões é citada no Talmude. Ele é lembrado principalmente por epigramas misantrópicos como “O que se pensa não trazer temor é muitas vezes temerariamente impensado” e “Quanto maior o número de princípios, tanto maior o de inimigos”. O texto apresentado abaixo na tradução comentada a seguir é de longe o mais extenso escrito a ele atribuído. Tentei conservar o sabor do hebraico original adicionando explicações necessárias para tornar o texto mais imediatamente acessível.

O RaGBaG, como o chamam, é tido como o filho mais novo do rabino Gamaliel, o Velho, mencionado em Atos 22 e em muitas fontes rabínicas. Contudo, os judeus não dão a crianças nomes de pessoas vivas. Se o pai morreu enquanto o menino ainda estava in utero, o que explicaria o nome incomum, então as datas relativas ao RaGBaG não são compatíveis com o que se sabe de Gamaliel. Em conseqüência, um considerável conjunto de opiniões sustenta que o RaGBaG na verdade não existiu e que este escrito é necessariamente uma fraude ou, na melhor das hipóteses, uma tentativa ulterior de criação de um texto pseudepígrafo. Deixo ao leitor individual a decisão.]

Estimado Filo,

Confio que estejas bem, e que possas continuar a estar, e que a comunidade de Alexandria esteja florescendo apesar dos recentes eventos desagradáveis de que só há pouco tivemos notícia. Nem todas as novas que te transmito serão desconhecidas de ti, mas confio que me perdoarás.

Relatos vindos de Roma dizem que Pôncio Pilatos faleceu, e não por causas naturais. Podes julgar-me vingativo, mas alegro-me por ter vivido para ver isso; o velhaco assassino não merecia destino melhor que o que ele reservou com tanta presteza aos outros. Pelo que sei, Pilatos apoiou Sejano¹ nas maquinações deste para apossar-se do Império e, quando aquele caiu, também ele foi lançado em ruína. Não há muito o que imaginar a esse respeito. Pilatos carecia das habilidades diplomáticas demonstradas pelo

primeiro Herodes depois da batalha no Monte Athos — no ano em que nasci, sem o que eu dificilmente saberia o ano de meu nascimento.

Com o fim de Pilatos, nosso Rei Agripa sentiu-se livre para dele queixar-se a Roma, falando de sua arrogância, do confisco de propriedades que promoveu, e mesmo do assassinato, sem julgamento, de nosso povo.² De início alegrei-me com a prevalência de Calígula, porque, tivesse Sejano vindo a ser imperador, quem iria saber que males não se abateriam sobre nós! Mas cada um deles é tão ruim quanto o outro, e há rumores de que Calígula é instável. Sei que ele insultou propositadamente tua comunidade ao insistir que se pusessem estátuas suas em tuas sinagogas.

Aproxima-se de cem anos a presença na terra dos amaldiçoados romanos, pestilência que rivaliza com a babilônica, cuja memória seja para sempre apagada, e tenho tido o infortúnio de ter vivido quase três vezes vinte anos e mais dez desses anos. “Em razão do vigor”, eu poderia ter dez mais se o Salmo [90,3] estiver certo, mas, com toda a franqueza, caro amigo, não os desejo. É preferível ser levado deste mundo pela morte e confiar-me à misericórdia de Deus no mundo por vir do que suportar mais a tirania romana enquanto as forças que me restam se esvaem.

Como podes conjecturar, as coisas aqui não estão melhores do que sempre foram. Herodes Antipas ultimamente planejou a morte de “João mikvah”,³ um homem que conclamou todos a imergir nas águas vivas do Jordão antes do grande e terrível dia do Senhor. Ele sustentou que esse ato nos traria a reconciliação dos pecados. Nossos sacerdotes negam com grande veemência essa alegação; admiti-la seria, é claro, torná-los desnecessários! O “crime” de João foi ter ele cometido a temeridade de pronunciar-se contra o casamento ilícito de Herodes com a esposa divorciada do próprio irmão. Logo depois, Herodes foi fragorosamente derrotado por seu ex-sogro Nabateu. Ele havia escondido a filha do homem a fim de concluir o casamento ilegal. Seria melhor que Herodes não tivesse escondido as múltiplas esposas que nossos pais tiveram. Aqui em Jerusalém dizem que a derrota de Herodes foi a retribuição de Deus pelo assassinato de João. Não é preciso acrescentar que João foi morto sem que houvesse até mesmo um falso julgamento.

O protesto de todas as nossas diligências junto a Antioquia ou Roma contra os excessos de Pilatos foi na realidade inútil. Vitélio fez gestões para a remoção de Pilatos, mas este não foi removido; ele voltou para ajudar Sejano

a garantir a condição de imperador... É inconcebível que os romanos tenham mantido no cargo por tanto tempo um homem de tão monumental brutalidade, corrupção e insolência. Ao que parece, o tão louvado “direito” romano é algo que eles impõem aos outros sem sentir a necessidade de eles mesmos o seguirem. Temo contudo que o assassinato por Pilatos de um certo Joshua ben Joseph de Nazaré, ainda que tenha se passado já há alguns anos,⁴ pouco depois de Pilatos vir para cá, se não me falha a memória, venha a ser a mais perturbadora de suas ações malévolas.

Esse Joshua era galileu, tal como o era a maioria de seus seguidores, e o povo do norte sempre foi o que se sentiu menos à vontade sob o regime romano. As revoltas contra os romanos têm início invariavelmente ali, de modo que nós judeus temos um ditado: “Pode algo de bom vir da Galiléia?”⁵ O primeiro Herodes conseguiu ser visto por Roma com bons olhos ao reduzir à impotência um grupo de galileus reunidos em torno de certo Ezequias, o que se passou pouco antes de eu vir ao mundo. Meu avô, que ouvira a história de alguém que tinha conseguido fugir, foi quem me contou. Houve desde então outras revoltas, incluindo a do filho de Ezequias, a maioria iniciada no norte, tendo todas tido o mesmo fim, previsivelmente sangrento.

Mas esse Joshua era, como João, um pregador do reino de Deus que muitos agora desejam. Não tinha ambições políticas que eu possa discernir. A própria falta de propósitos políticos de Joshua pode porém ter sido seu erro. Ele tinha discípulos entre os zelotas, que devem ter atribuído segundas intenções ao seu dito “Não vos trago a paz, mas a espada” [Mt 10,34]. Tolo iludidos! Joshua aconselhava a não resistir ao mal, porém a “dar a outra face” [Mt 5,39]. Conselho bem prudente, eu diria. Há rumores de que um dos seguidores zelotas o traiu perante os romanos, quer irritado porque Joshua não convocava um levante popular, quer na esperança de que sua morte provocasse uma.

Os romanos não fazem distinção entre movimentos religiosos e movimentos políticos, assim como não sabem a diferença entre judeus, samaritanos e galileus. Contam em seu meio com observadores de nossa história que dizem de nós: “Onde fala sua religião, espreita a sedição”. E, para ser justo, com tantos entre nós esperando confiantemente que Deus faça surgir em nosso meio um ungido, um messias que nos liberte, o atual temor dos romanos não me parece de todo infundado.

Eles observam os movimentos populares com atitude de muita precaução. Em mais de uma ocasião Pilatos fez que soldados se vestissem como os judeus que circulam em nosso meio e acabassem com nossas legítimas manifestações, atacando-nos com maças, ferindo muitos e dispersando os outros. O verdadeiro motivo da morte de Joshua foi o temor de que o movimento assumisse feições políticas.

Na crucificação de Joshua, zombaram dele como “Rei dos Judeus”, algo a que ele fez insistentes objeções. Ele dissera: “O reino de Deus está dentro de vós” [Lukas 17,21], algo com que, estou certo, pretendia comentar o versículo que diz “a Lei não está no Céu; está ao nosso alcance para que a coloquemos em prática” [Dt 30,11-14]. Era melhor mostrar essas sutilezas a porcos do que deixá-las chegar a ouvidos romanos.

Antes da vinda dos romanos, não tínhamos o poder da pena capital e o exerceríamos com enorme cautela caso o tivéssemos. Dizemos entre nós que um Sinédrio que decretasse uma só pena de morte em sete anos seria considerado “sangrento”.⁶ Não posso crer que um judeu fosse trair um companheiro diante dos romanos para levá-lo à crucificação, quaisquer que fossem suas diferenças. A crucificação é a mais dolorosa e prolongada morte imaginável, achando-se sobremodo distante de nossas práticas.⁷

Não obstante, pode ser que esse meu pensamento seja um desejo piedoso. Sei que alguns sacerdotes imploraram a Joshua para ter o cuidado de não incitar os romanos a cometer violência contra nós. Outros, no entanto, como os herodianos do grupo de Boethus,⁸ tinham obtido inúmeras vantagens ao aceitar o domínio romano — a expensas de seu lugar no mundo por vir, ou ao menos devemos esperar que seja — e poderiam vender quem quer que fosse a fim de preservar suas posições. O sogro do Sumo Sacerdote tem o monopólio da troca de moedas estrangeiras no Templo seis dias por semana. E teria durante sete se o pudesse. Ele e seus gananciosos rebentos põem as barracas no lado sul do complexo do Templo e enganam seus irmãos judeus vindos do exterior, oferecendo-lhes taxas de câmbio flagrantemente injustas.

Os judeus estrangeiros não têm escolha; não podem usar moedas que tragam imagens nem para comprar animais sacrificiais, razão porque têm de se submeter a essa ultrajante extorsão ou voltar para casa sem fazer seus sacrifícios. Desde a época de Zacarias [14,21], ninguém tinha dito coisa alguma em público até que esse Joshua teve a coragem de enfrentá-los no

próprio território deles. Quando ouviram isso, todos os “clientes” se foram, tomados pelo desgosto.

Assim, os boetusianos não tiveram escolha senão ir-se embora, ao menos por um dia, e, permito-me comentar, não de bom grado. Sua ganância poderia, Deus nos perdoe, fazê-los concordar até com o assassinato, especialmente de zelotas ou de pessoas que eles pudessem convencer os romanos de que se associam com zelotas. E ouvi dizer mais de uma vez que o único samaritano bom é o samaritano morto, ainda que eu não te-nha conhecimento de quem foi o autor dessa observação imoderada.

Dez anos se passaram, e a revolta esperada não parece es-tar acontecendo. As tensões, contudo, permanecem intensas. Eu não aconselharia nenhum judeu da Diáspora a vir para cá neste momento. Quem pode dizer quanto os zelotas vão pegar em armas contra os romanos numa guerra que não temos como vencer? Entrementes, parece não haver fim para as alegações que essa nova seita faz.

Alguns dos seguidores de Joshua, especialmente entre nossas mulheres, insistem que ele ressuscitou à maneira de Isaac, que, dizem, foi morto pelo pai, Abraão, subiu ao Céu, tendo ali recebido vida outra vez. Não tens idéia, meu caro Filo, da inacreditável variedade de histórias que circulam por aqui. Mas é verdade que teus irmãos alexandrinos sustentam a proposição igualmente absurda⁹ de que a tradução grega da Torá foi obra de setenta e dois estudiosos que produziram textos idênticos trabalhando independentemente! Suponho, então, que as fábulas não são de autoria de nenhuma pessoa particular.

É mais perturbador, de qualquer maneira, o caso dessa tradução da Escritura para o grego. Quase, eu deveria dizer, não fosse essa uma frase feita, uma espada de Dâmocles. Admito que a maioria dos judeus de nossa comunidade não conhece o hebraico o suficiente para ler as Escrituras — ouvi dizerem isso até de ti, caro amigo — mas de fato desejamos traduzi-las para uma língua na qual pode ser lida por qualquer gentio? Deixados a si mesmos, o que esses pagãos hão de fazer dela? E o que não farão?

Se estou sendo demasiado misantropo, permita-me observar que um líder martirizado tem vantagens sobre um líder vivo; não se pode matá-lo outra vez. A questão é: pode um líder martirizado continuar a liderar? Seu irmão Tiago, que vejo sempre no Templo, tornou-se líder de sua facção de

Jerusalém, mas não são apenas uns poucos que crêem na história da ressurreição de Joshua.

A ressurreição é, ao menos entre nós, uma questão controversa. Sabes com que seriedade os egípcios encaram essa matéria, preservando os corpos de todos com dinheiro suficiente para pagar por isso, independentemente do mérito. Joshua disse que é mais fácil uma corda passar pelo buraco da agulha do que um rico cruzar os portões do céu [Mt 19,24]. Sendo eu mesmo homem de certas posses, espero que a riqueza não seja uma desqualificação e dou generosamente aos pobres sem que nenhum deles saiba de onde vem a dádiva. Mas há muito que existem divergências entre nós quanto a questões do mundo por vir em termos de outros aspectos.

Os saduceus e boetusianos afirmam não haver ressurreição, mas os fariseus sustentam que tem de haver: de que outra maneira explicar Elias ascendendo ao céu e Enoc falando com Deus quando já não existia? A questão sobre a ressurreição do próprio corpo não pode ser respondida com base nas Escrituras sem introduzir à força no texto palavras que ele não contém. Nada digo contra a leitura alegórica da ressurreição, que, como sei, tanto te agrada; muitos entre nós há bom tempo se desviaram do caminho do pshat, o sentido puro e simples do texto, a fim de examinar outros sentidos, mais profundos, o que informa nossos drashim rabínicos.¹⁰

Ninguém adota esse novo uso da Escrituras com mais ânimo do que os seguidores de Joshua. Eles percorrem a Torá e os Profetas, bem como outros escritos menores, em busca de versículos que possam tornar adequados aos feitos relatados, versículos que são enfatizados ao serem repetidos, ainda que, no processo, mutilem os textos. Diz-se que ele alimentou uma multidão, tal como Elias o fizera, e, dizem outros, que fez um homem ressurgir dos mortos, tal como Elias e Eliseu fizeram. Alegam alguns que ele caminhou sobre a água, o que nenhum profeta havia feito. Outros dizem que sua linhagem remonta a Abraão, mas sustentam que ele não foi gerado de pai humano. Se não estou me repetindo desnecessariamente, quem sabe aonde pode levar essa construção de fábulas?

Seja como for, esse Joshua era inofensivo. Mas, apesar de tudo, foi uma pessoa que chamava a atenção, e era mesmo estranha, sobre quem se sabe muito pouco. Diz-se que foi um illui [um garoto prodígio] que sustentava suas próprias posições diante dos anciãos quando contava doze anos — isso

deve ter sido por volta do abominável censo da época de Quirino¹¹ — e ninguém com quem falei pode confirmá-lo. “Anedotas do norte”, como dizemos aqui, e que não se deve levar a sério. Talvez tudo o que é dito com os sotaques vulgares do norte, por mais evidente que seja, não merece crédito em Jerusalém.

Uma coisa que eu não faria — você tem meu juramento no tocante a isso — é descartar sem a devida consideração as palavras de um nortista, pouco importa de onde ele venha. Agir de outra maneira apenas revela nossa predileção pelo pré-julgamento. Não eram Elias, Amós e Oséias do norte? E a família de Jeremias era do norte, embora ele não tenha nascido a mais de vinte estádios do lugar em que agora escrevo. Costumo visitar seu túmulo para rezar. E vi-me em algumas ocasiões impressionado pelo que ouvi ser atribuído a Joshua.

Por exemplo, há cerca de três meses ouvi dizer que ele salvou no Sabbath um homem de mão seca. Quando foi criticado por isso, respondeu com um argumento sobre recuperar ovelhas no Sabbath. “Quem de vós”, disse ele, “se tivesse uma ovelha e esta caísse no poço não a iria resgatar mesmo no Sabbath? E um homem não é mais valioso do que uma ovelha?” [Mt 12,9-14]. Esse é um argumento qal v’homer e, como tal, bem conhecido de nós fariseus. Os romanos, que aprenderam esse argumento com nossos Sábios, o chamam de a fortiori, “quanto mais”.

Há porém uma curiosa falha no raciocínio de Joshua que tenho certeza de que podes perceber. As ovelhas morrem se não supridas diariamente de água, enquanto um homem nessa condição pode esperar mais um dia ou menos um dia, se isso viesse a ocorrer! Como Joshua com certeza sabia disso, por que terá raciocinado assim?

Curar por meio de palavras não é contrário à Lei, e o rabino mais rigoroso não se queixaria se ele violasse o Sabbath para manter uma vida; ouvi alegar que o remédio da garganta pode ser administrado nesse caso porque não se pode saber o grau de perigo que corre essa vida. Por extensão, também se podem aplicar outros tratamentos, a pedido da pessoa aflita.

Mas deveremos violar o Sabbath simplesmente para aliviar o sofrimento, para libertar da dor tal como o próprio Sabbath é uma libertação? É fazer o “boa” de uma “boa obra” às vezes mais importante do que evitar o “obrar/trabalhar” necessário a essa boa obra? Há muito sofrimento que se

acha além de nossa capacidade de ajuda, principalmente nestes dias, que hesito em julgar. A verdadeira razão do argumento de Joshua deve ser a ampliação da idéia de libertação.

Pelo que sei das palavras de Joshua, tem-se de dizer que ele situou-se na forte linhagem dos profetas. Faz muitíssimo tempo que começou a haver pessoas em Israel conhecidas como profetas, mas tens de admitir, meu caro Filo, que ele “convenceu-se a partir de suas próprias palavras” de que é profeta. Tal como Elias, ele chamou seus discípulos a deixar a família [1Rs 10,20]. Tal como Amós [5,21-24], o desprezo é sua única atitude em relação a pessoas que fazem exposições públicas de piedade. Tal como Miquéias [7,6], ele disse que os filhos se opusessem aos pais e as filhas às mães.

Também como Amós, ele não deixava de ser honrado, exceto em sua própria terra, como ele mesmo observou ironicamente [Mt 13,57]. Muitos dizem agora que o Todo-Poderoso não fala mais por meio de profetas. Seria temerário pensar que precisamente nesses tempos de males o Senhor devesse manter silêncio, mas o prudente, como disse Amós [5,13], segura a língua em épocas de males — embora ele mesmo não o tenha feito, para a sua eterna honra. Teria Amós coragem de pronunciar-se hoje, e a quem dirigiria ele suas palavras? Quem o fizesse provavelmente não seria conduzido ao exílio, porém mais provavelmente seria executado de forma sumária, como João.

A discussão sobre se o homem Joshua foi ou não um profeta é, por fim, estéril. O importante é o que ele disse, e, nisso, te-nho certeza, ele foi um discípulo de Hillel “em espírito”. Hillel morreu pouco depois de esse Joshua nascer, mas deixou muitos discípulos, e um deles pode ter sido seu mestre. Hillel disse: “O que é odioso para ti, não o fazei ao outro.” E Joshua disse: “Fazei ao próximo aquilo que desejais que vos façam.” Assim, temos um irmão fariseu, ainda que vindo do norte, fazendo midrash em relação ao grande Hillel. E o midrash de Joshua não é sem valor.

Seus seguidores dão a isso muita importância, demasiada até, diria eu. Prefiro a regra de Hillel, porque ela nos chama ao respeito pela Lei que Deus estabeleceu para nós, a nos mantermos no interior de fronteiras mutuamente fixadas, e a não impor impetuosamente nossa vontade aos outros, para o bem ou para o mal. Conheces minhas palavras: “Sem a Lei, seguiríamos os ditames do desejo, não o que a razão recomenda”. Porém, nos limites da Lei, há momentos e situações, não é mesmo, que requerem antes a ação do que a observância passiva?

Considera a parábola de Joshua que chamam de “parábola do bom samaritano”. Ela diz em suma que um homem atacado por malfeitores jazia ferido à beira da estrada, e foi observado, mas não ajudado, primeiro por um sacerdote e depois por um levita. Por fim, um samaritano que passava cuidou dos ferimentos do homem, levou-o a uma estalagem e deu dinheiro para que o estalajadeiro dele cuidasse até que o homem recuperasse a saúde a ponto de poder seguir viagem.

Poder-se-ia desejar que ele tivesse dito “o bom sacerdote e o mau levita”, ou alguma coisa parecida, e mudasse de acordo com isso os protagonistas. São sobretudo os samaritanos que, dentre todos os do norte, têm tido aqui no sul má reputação desde que contestaram a liderança de Esdras sobre os que voltaram do exílio, incluindo minha família.

Posso, no entanto, defender a parábola tal como foi elaborada por Joshua. Os atores desse pequeno drama representam o que vós, falantes de grego, chamam de “o alfa e o ômega” das pessoas na sociedade, em outras palavras, nós, do mais elevado ao menos elevado. Sacerdotes e levitas, a maioria dos quais são saduceus, ainda sustentam a noção de que tudo aquilo que acontece com alguém é o que esse alguém merece, seja bom ou ruim. Não se precisa recorrer às Dez Palavras [Mandamentos] e afirmar que o homem foi punido por males cometidos por seus ancestrais [Ex 20,5], ainda que se tenha sustentado por muito tempo ser isso verdade, e vi essa idéia ser defendida ainda hoje. Em nossos dias, a maioria sustenta, com Ezequiel [Ez 18], que ninguém morre pelo pecado de outrem, mas pelos que comete, porém ainda se pode afirmar que se deter para ajudar um homem ferido seria interferir na vontade de Deus; se está ferido, esse homem deve tê-lo merecido!

Não posso fugir à conclusão, mas rejeito a premissa. Apesar do que dizem alguns contra aprender com seus irmãos gregos,¹² um pouco de lógica grega aqui mostra a falácia do argumento do sacerdote e do levita. Um efeito, aquilo que segue um ato, pode ter várias causas. E mesmo que os sacerdotes e levitas estivessem corretos, e as pessoas feridas sofressem uma justa punição, não poderíamos dizer que ajudar os feridos de todo tipo entre nós é honrar a injunção de Miquéias [6,8] de “amar a misericórdia” sem deixar de “fazer justiça”?

No Yom Kippur temos de buscar primeiro o perdão de nossos semelhantes a quem fizemos mal no ano anterior. Poderia essa omissão de fazer o bem ser

fazer um mal? Se somos criados à imagem de Deus podemos por certo praticar um pouco de misericórdia, pois rezamos para que ele a mostre em relação a nós. Não é isso que quer dizer Miquéias ao falar “caminha humildemente com teu Deus”? Mas para o hesed¹³ de Deus, poderíamos ser o homem ferido e não os homens sãos que por ele passaram.

Como se pretende que a parábola se aplique a todos as pessoas, Joshua agiu com acerto ao elaborá-la da maneira como o fez.

Não pense que me tornei seguidor de Joshua mais do que se eu tivesse passado para o lado dos romanos. Admiro os romanos por sua habilidade na guerra e mais ainda por suas magníficas obras públicas, embora sejam vaidades, coisas que os homens constroem. O Templo de Herodes é uma maravilha do mundo, mas ele não viveu para habitar o palácio que construiu ao lado do mar Salgado [Vermelho]. Eu não aceitaria deles, ao contrário de alguns de nós, a cidadania em seu império maléfico, mesmo que oferecida de graça. Não, caro Filo, pode-se admirar aquilo que de que não se gosta, e há aspectos relativos a Joshua que permanecem perturbadores.

Por um motivo: ele não era casado. Jeremias, é claro, nunca se casou, mas ele diz [Jr 16,2] que isso foi uma ordem de Deus. O primeiro mandamento das Escrituras é “crescei e multiplicai-vos” [Gn 1,28], e sustento que o caminho para acabar com o mal não é simplesmente recusar esse encargo, por assim dizer, e, desse modo, eliminar por completo a humanidade da face da terra. Como eu disse: “Mesmo que a humanidade conseguisse destruir-nos a nós todos, ninguém aprenderia coisa alguma com isso.” Nem mesmo entre os essênios só havia celibatários, e ele não foi um deles, ao contrário de, penso eu, João.

No início da vida de Joshua, sua família julgou estar ele com problemas mentais [Mc 3,21], e talvez por isso nenhuma família tivesse querido que ele desposasse sua filha, mas não posso crer nisso, dado que, como já disse, ele teve muitos seguidores mulheres. Ele parece antes tê-las cultivado tal como cultivava coletores de impostos, leprosos e, por incrível que pareça, soldados romanos. Deixando isso de lado, algumas coisas que ele disse, caso tenham sido relatadas com precisão, se mostram perturbadoras, e não só para mim.

Relata-se que pouco antes de ser feito prisioneiro, ele identificou o pão e o vinho de sua refeição com sua própria carne e seu próprio sangue. Isso revelou-se um exagero mesmo para alguns de seus discípulos, muitos dos

quais o deixaram a partir disso [Jo 6,52ss]. Não admira! Fazemos tudo o que estiver ao nosso alcance para não consumir o sangue dos animais, e tanto maior não seria o nosso horror diante do consumo do sangue de nossos semelhantes? Sua metáfora, como vês, é demasiado crua.

Diz-se ainda que Joshua aconselhou-nos a “amar nossos inimigos”, algo que, acredito, é tão contrário à natureza humana que pede que se faça o impossível. Admiro os romanos, mas não tenho amor por eles, e a alguns, como Pilatos, sempre odiei. Nisso reconheço que não honro nossa Lei, que nos pede para odiar a má ação e não aquele que a pratica: “Vós que amais o Senhor, odiai o mal”, como diz o salmo [Sl 97,10]. Ela não nos diz que odiemos nossos inimigos, ao contrário do que disse de nós, segundo relatam, Joshua [Mt 5,43]. Acho que as palavras foram postas em sua boca morta por algum seguidor hiperzeloso que queria manchar nossa reputação. Muitos pretendem falar em nome dos mortos, aos quais não se pode abordar para verificar as palavras que disseram.

Devo reservar meu ódio àqueles que conhecem a Lei, mas ainda assim recusam-se a seguir seus preceitos e mandatos, homens malditos de Israel, não para os povos inferiores sem Lei,¹⁴ de quem dificilmente se pode esperar um comportamento adequado. Odiar Pilatos é, pois, minha fraqueza, e eu a assumo. Espero que isso não reduza meu valor a teus olhos. De qualquer maneira, passemos a outros assuntos.

Joshua disse que aquele que olha o irmão com raiva no coração já o matou, assim como disse que quem olha uma mulher com desejo no coração já cometeu adultério com ela. Leio as Dez Palavras no Deuteronômio, parte da Torá do norte que foi julgada vigente para nós na época de Josias como dizendo exatamente isso. Logo, não causa admiração que Joshua, nortista que é, sustente esse tão elevado padrão. Politicamente, sua rejeição da Casa de Davi foi mal concebida — como o testemunham os assassinatos e usurpações que marcaram sua história —, mas sua posição moral, tem-se de admitir, costuma ser mais elevada do que a que praticamos aqui.

No entanto, esse mandamento nos pede que sejamos tão puros de mente e de coração quanto o somos em atos, e esse é um padrão que poucos, seja do norte, seja do sul, podem alcançar. Basta, creio eu, que evitemos violar a Lei, ainda que, interiormente, por vezes rilhemos os dentes ao ter de nos autocontrolar.

Por outro lado, em questões positivas, somos chamados a fazer mais do que aquilo que manda a Lei, por exemplo, deixar partes de nossos campos sem colher para que os pobres possam, com honra, deles se beneficiar. Os rabinos estabeleceram um padrão para nós, uma parte de sessenta, mas hoje dizem que aquele que fizer só isso não fez o suficiente.¹⁵ Em todas es-sas matérias importa muito pouco qual é a nossa intenção, e mais que ao menos façamos o que ordena a Lei, e o mesmo ocorre com os outros mandamentos. Como disseram as pessoas a Moisés, “Faremos e, ao fazer, compreenderemos” [Ex 24,3], ou assim entendo o verdadeiro sentido do versículo.

Sentir-nos incapazes mesmo de cumprir toda a Lei leva inelutavelmente a deixar a Lei de lado como de cumprimento inviável. Já ouço que o principal discípulo de Joshua, um homem chamado Cefas [Pedro], declarou que os conversos gentios não precisam observar as Leis alimentares que Deus tão claramente nos deu. Trata-se de Leis eminentemente viáveis; alguns de nós parecem mesmo deliciar-se com as mais detalhadas e complicadas observâncias. Não faço díizimos de menta e cominho, mas entendo quem faz. Sabeis que Joshua disse algo nesse sentido: “Se vossa piedade não for maior que a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus” [Mt 5,20].

Ao afirmar isso, Joshua não pretendia que deixássemos a Lei de lado. Ele disse: “Não penseis que vim para abolir a Lei, mas para levá-la ao cumprimento” [Mt 5,17]. Isso eu compreendo. Desde Amós os profetas nos têm exortado a não permitir que a piedade ritual substitua as boas obras, mas para que se-ja, por assim dizer, o fundamento e a plataforma em que o edifício das boas obras, mais grandioso do que qualquer edificação romana, há de ser erigido.

Sei que nada permanece nesta terra da mesma maneira que foi para sempre, por mais que alguns possam desejar o contrário. Nosso próprio movimento, o dos fariseus, mal alcançou os duzentos anos de existência, e os essênios são apenas um pouco mais velhos. Quando eles deixaram Jerusalém, esta de fato se tornara um ninho de cobras, com famílias sacerdotais indo para Antioquia pagar propina aos sírios a fim de obter vantagens. E depois da expulsão dos sírios, Simão Macabeu proclamou-se sumo sacerdote sem que sua família estivesse qualificada para o cargo. Quanto a isso devo assinalar que o vínculo entre a política e a religião, com respeito à qual os

romanos são tão cautelosos, mostrou-se sobremodo visível.

Algumas mudanças não são para melhor, mas outras o são. Hillel teve de mudar a Lei que aborda a extensão de crédito com a aproximação do ano sabático para evitar que os ricos se recusassem a emprestar dinheiro aos pobres, levando estes últimos ao completo empobrecimento e ruína.¹⁶ Isso é porém de pouca monta em comparação com o que agora se sugere no tocante à aceitação de gentios convertidos.

Ainda que permaneça não convencido de que nosso pai Jacó tenha pregado entre os egípcios, que consideravam nossos ancestrais de uma ótica particularmente desfavorável, temos tido convertidos; Rute nos vem facilmente à lembrança, e alguns gregos, cujas traduções das Escrituras podemos conhecer, foram levados a se converter a partir de seu próprio trabalho! Muitos no império romano converteram-se à nossa fé; muitos mais provavelmente o teriam feito não fosse sua aversão à circuncisão.

Convertidos têm sido pessoas que aceitam alegremente nossos costumes; eles não pedem que se mudem os modos antigos de agir para que possam mais facilmente associar a si mesmos a orgulhosa condição de judeus [em hebraico, yehudi]. Outros se integraram às nossas comunidades, e praticam como nós sem a formalidade da conversão, e nós lhes damos acolhida, mas uma multidão de “conversos” gentios que descartam magicamente os pilares centrais da Lei como a circuncisão e as kashrut [leis alimentares judaicas] pode nos levar ao desaparecimento. A maioria dos judeus sabe que nem mesmo a plena adesão à Lei é suficiente para a salvação. “Nossas ações não constróem para nós coisa alguma”, como dizemos no Yom Kippur, mas as ações são mesmo assim necessárias. Essas ações, as miçvot, são dadas por Deus, ainda que a maioria seja aceita por todo aquele que pensar — não matar, não seqüestrar,¹⁷ não prestar falso testemunho.

Desde a época de Moisés, o nosso tem sido um governo da Lei, não dos homens. A tradição nos diz que, antes de a monarquia ser estabelecida, houve um período durante o qual “cada homem fazia o que julgava certo aos seus próprios olhos” [Jz 21,25]. Chamamos isso de tohu v’vohu, “caos”, mas a anarquia está mais perto da realidade nesse caso. Se fôssemos progressivamente retirando parcelas da Lei, dentro de muito pouco tempo não nos restaria senão aquilo que cada pessoa julgasse individualmente adequado fazer. Nem o rei Davi pôde se sobrepor à Lei com impunidade.

Não creio que Joshua desejasse se sobrepor à Lei, mas onde um homem ensina com base em sua própria autoridade, outros homens virão ensinar com base na sua, e cedo ou tarde cada qual vai fazer o que julgar correto a seus próprios olhos. Seus principais discípulos são pescadores galileus, dificilmente o tipo de pessoa de quem se pode esperar interpretações coerentes.

Não que eu esteja desmerecendo essas pessoas. Elas devem ser judias, porque discutem umas com as outras tanto quanto nós! Joshua não pode ter tido essa intenção. A última coisa de que precisamos agora é mais uma facção, especialmente uma facção que os romanos considerem perigosa. Como poderemos então separar o trigo de Joshua do joio de seus seguidores, prevenindo assim uma cisão entre nós? E, devo acrescentar, evitar que raiva romana venha a cair tanto sobre os injustos como sobre os justos? Onde está o líder dotado da sabedoria de Salomão e a força de Sansão para fazer que os pilares de nossa casa voltem a se aproximar uns dos outros sem o risco de o teto cair sobre nossas cabeças?

Se o Todo-Poderoso, bendito seja Ele, não esmagar esses romanos com pragas como as que lançou sobre o Faraó, fazendo-os assim perder o domínio que exercem sobre nós, temo que continuaremos a testemunhar revoltas. E assim como o corvo pode provocar a águia até que, finalmente, esta se vira e o faz em pedaços, também nós seremos feitos em pedaços. Eu deveria ser mais otimista, caro Filo, mas embora a passagem de tantos anos me tenha reduzido a luz dos olhos, a luz de minha consciência brilha com mais vigor ainda, e isso é o que vejo.

¹ Prefeito da Guarda Pretoriana de Roma, que pode ter seduzido a mulher do filho de Tibério, Druso, e conseguiu que ela o ajudasse a envenená-lo. Sejano foi executado por ordem do Senado em 35 d.C. O destino de Pilatos é desconhecido.

² “Legacy to Gaius”, in *The Judaic Tradition*, org. por Nahum Glatzer, Northvale, Nova Jersey, Aronson, 1987, pp. 123ss.

³ Mikveh é o banho ritual requerido de homens e mulheres judaicos para remover impurezas “rituais”, a fim de que o fiel esteja apto para reentrar no templo ou na sina-goga. A pronúncia inusual de RaGBaG, em todo caso, é correta; ela reflete Is 22,11.

⁴ RaGbaG pode ter misturado um pouco os dados cronológicos aqui, dado que sugere que Jesus foi assassinado antes de João, teoria que foi proposta e refutada no século XX. Por outro lado, como ele estava muito próximo dos próprios eventos, talvez seu relato das coisas mereça uma investigação mais

aprofundada.

5 Jo 1,46. Nenhum dos evangelhos foi escrito na época do RaGBaG, porém, exceção feita a esta referência, duas outras a João e ao Bom Samaritano de Lucas, todas as referências ao Novo Testamento vêm de Mateus. Mateus era um judeu que escrevia para outros judeus.

6 O Sinédrio era o órgão judiciário de Israel, formado por saduceus e fariseus dotados de competência no tocante a matérias civis e algumas criminais. A observação sobre a pena capital está no Mishnah Makkot (“Punições”) 1,10. Um rabino ulterior, Eleazar ben Azariah, disse: “uma [sentença de morte] em setenta anos seria chamada por nós sangrenta”.

7 Os quatro métodos legítimos de execução são o apedrejamento, o enforcamento, a queima e o afogamento.

8 Os boetusianos eram partidários de Simon ben Boethus, indicado para sumo sacerdote por Herodes, o Grande, em 24 a.C. e desde aí fiel aos herodianos.

9 A Carta de Aristeas se propõe a ser um relato da redação da Septuaginta a convite de Ptomomeu II Filadelfo (285-246 a.C.).

10 Drashim são explicações ou comentários rabínicos das Escrituras que pretendem produzir imperativos morais; costumam ter caráter homilético.

11 Esse censo foi ordenado em 6 d.C. A tradição cristã recorda-se dele erroneamente ou se apropria indevidamente dele ao situá-lo em 6 a.C.

12 Ele parece estar se referindo a uma determinação rabínica que tornava proscrito o estudo da língua grega. Ver Saul Lieberman, *Greek in Jewish Palestine*, Nova York, Feldheim, 1965, p. 16.

13 A palavra hesed significa “recompensa não merecida ou gratuita”.

14 Críticos apressaram-se a assinalar que isso é uma óbvia apropriação indébita do dito de Kipling “raças inferiores sem a Lei”, e que o autor se expõe como sendo pelo menos um autor do final do século XIX ou do começo do século XX.

15 Mishnah Peah (“Sobras”) 1,2.

16 Trata-se de uma ficção legal conhecida como prozbul (“corredor”), mediante a qual as dívidas são “vendidas” a terceiros apenas enquanto dura o ano sabático.

17 A leitura “não roubarás” nos Dez Mandamentos como “não seqüestrarás” é sugerida pelo versículo paralelo Ex 21,16 e pela observação de que o roubo puro e simples estaria deslocado no contexto de crimes que envolvem implicações capitais, como o assassinio, o adultério e o falso testemunho. O que se pretende dizer aqui é “Não seqüestrarás [a fim de escravizar]”.

REFLEXÃO JUDAICA SOBRE IMAGENS DE JESUS

DANIEL F. POLISH

Para os judeus, a discussão sobre Jesus é teologicamente o oposto de necessária. O que Jesus diz é em termos orgânicos tão parte do pensamento judeu quanto, por exemplo, a discussão sobre o deus hindu Krishna.

Há uma qualificação a fazer nessa afirmação — e uma qualificação importante. Jesus afeta a vida judaica de maneiras que Krishna ou Buda, ou um panteão de seres de outras tradições não o fazem. E tais maneiras não são teológicas, mas históricas.

Tornou-se a esta altura lugar-comum observar que o cristianismo teve origem no interior da tradição judaica. As Escrituras cristãs pressupõem, de maneiras a um só tempo evidentes por si mesmas e obscuras, os ensinamentos da Bíblia Hebraica. As formas da prática cristã foram apropriadas da prática judaica ou nela modeladas. Elementos da fé cristã foram tomados intactos da tradição-mãe. Outros elementos surgiram em contradistinção consciente aos ensinamentos judaicos.

Do mesmo modo, a tradição judaica não deixou de ser afetada pelo desvio representado pelo ensinamento mais novo dela advindo. Os estudiosos mostraram múltiplas maneiras pelas quais a tradição judaica modificou a si mesma para preservar, intensificar ou sublinhar aquilo que a distingue do cristianismo. E, é claro, em épocas ainda mais ulteriores, a prática judaica devolveu a lisonja da imitação ao se apropriar de várias práticas cristãs para seu próprio repertório.

A vida judaica partilha com o cristianismo aquilo que de modo geral não partilha com as tradições religiosas do Japão, da China ou da Índia — uma história permanente de interação. A fé cristã causou um impacto nos judeus por meio do caráter propulsor dos comportamentos dos cristãos. O que tem sido caracterizado como o aspecto lacrimoso da história judaica foi induzido ideologicamente pelo ensinamento cristão: Cruzadas, Inquisições, disputas e queima de textos sagrados judaicos, expulsões e pogroms — tudo isso

aconteceu em sociedades que eram, em todos os sentidos, cristãs. Assim, a pessoa de Jesus foi imposta à consciência do povo judeu de uma maneira que Krishna e Buda não foram. Os judeus têm vivido os dois últimos milênios predominantemente em um ambiente cristão.

Circunstâncias ambientais assim tornaram Jesus parte da consciência judaica. Todavia, voltando ao ponto original, nada de intrínseco à fé judaica exigiria de alguma maneira que os judeus refletissem sobre Jesus. Mas, vivendo como vivemos em um ambiente cristão, a questão desperta a curiosa atenção dos judeus. Logo, a questão da concepção judaica de Jesus não foge ao escopo do discurso judaico.

IMAGENS MESSIÂNICAS E OUTRAS

Que imagem pois os judeus têm de Jesus? A própria pergunta foi feita pela primeira vez pelo próprio Jesus, que segundo relatos teria dito: “Quem as pessoas dizem que sou?” (Mc 8:27). Jesus como a Segunda Pessoa da Trindade é claramente uma idéia que o judeu médio não pode sequer começar a compreender. Mesmo estudiosos capazes de definir esse conceito não são judaicamente atraídos a aceitá-lo. Trata-se simplesmente de algo incompatível com a compreensão judaica do monoteísmo. Nada há numa leitura honesta da tradição judaica que levasse a isso.

Jesus como Messias não é algo tão fácil de deixar de lado. Porque há na tradição judaica uma rica história de indivíduos que alegaram ser — e com freqüência foram aceitos por muitos como sendo — o Messias. Há na realidade em nossa época grupos judaicos que flertam com a idéia — e por vezes cruzam as fronteiras — de atribuir a seus líderes venerados a condição de messias. De Bar Kochba na época dos rabinos a Shabbtai Tzvi na Turquia do século XVII, com muitos outros que fazem a mesma alegação no intervalo entre eles e depois, pessoas têm se apresentado como sendo o prometido. Alguns chegaram mesmo a congregar muitíssimos seguidores. A diferença significativa entre os ensinamentos judaicos e o cristianismo reside contudo no fato de a comunidade normativa ter descartado todos esses candidatos como “falsos messias”.

Na verdade, a tradição judaica inculcou um profundo ceticismo em relação a todo aquele que se declarou o Messias. Mas, em relação a Jesus em

particular, existe uma extensa literatura dedicada a elaborar maneiras pelas quais (com as devidas desculpas a Jews for Jesus [Judeus por Jesus] e outros grupos judaicos messiânicos) o relato que faz da carreira de Jesus o Novo Testamento de modo algum “cumpra as profecias” da Bíblia Hebraica nem as antecipações da comunidade judaica antiga. O mais importante é que a própria idéia de que o Messias já chegou é diametralmente oposta ao que a tradição judaica ensina sobre o Messias e sobre como vai ser o mundo depois da chegada do Messias. A promessa tradicional de paz, integridade, perfeição humana e abundância como marcos da vinda do Messias parece, infelizmente, ainda irrealizada aos olhos judeus, tornando implausível a alegação de que o Messias já veio.

Assim, privados das implicações teológicas ou messiânicas da compreensão judaica, vemo-nos lançados outra vez naquilo que ao menos o cristianismo protestante tem caracterizado como a busca do Jesus histórico. O próprio desafio é desestimulante. Vários autores cristãos se empenharam em identificar um Jesus histórico para conseguir apenas uma multiplicidade de descrições variadas e contraditórias entre si. Um grupo de estudiosos tentou identificar as “palavras autênticas” de um Jesus histórico dos evangelhos e terminou com um punhado de asserções entre as abundantes afirmações que lhe são atribuídas. É bastante difícil a um cristão fiel delinear um Jesus histórico. E ainda mais difícil a um judeu condicionado a ser cético nesse domínio específico.

O que adicionaria um Jesus histórico ao universo da vida judaica? Jesus como rabino itinerante? A maioria das idéias atribuídas a Jesus nos evangelhos é compatível com ensinamentos que vemos atribuídos a outros mestres da época. As Bem-Aventuranças e a Oração do Senhor têm muitos paralelos nas palavras de mestres contemporâneos de Jesus. Mesmo o famoso pronunciamento que está em Mateus 22:36 sobre “o grande mandamento” segue a convenção retórica rabínica familiar de buscar um grande “clal” — princípio todo-abrangente de ensinamento bíblico.

Jesus como pregador milagreiro? Mesmo esse aspecto exhibe significativos precedentes na comunidade judaica da época de Jesus. Jesus como rebelde contra as normas vigentes de sua comunidade ou mestre com uma interpretação idiossincrásica de sua tradição? O Talmude está repleto de relatos de numerosas pessoas na Judéia da época de Jesus. Jesus como agitador político que formulou sua mensagem incendiária em linguagem

religiosa? Mesmo nesse caso há muitos exemplos de outras pessoas da época que realizaram o mesmo papel. Se nossa compreensão do Jesus histórico deve ser modelada nesses tipos históricos familiares, ele nada traz ao universo da experiência judaica que já não existisse sem a presença dele. Nada há nas várias versões do Jesus histórico que faça acréscimos à soma total da experiência judaica ou altere nosso sentido do que é possível em seu âmbito.

A IMAGEM DO MENINO

Há contudo um Jesus que não tem precedentes na vida judaica: o Menino Jesus. O Jesus que é antes foco do Natal do que da Páscoa. O Jesus que está literalmente no centro de tantos exemplares da arte cristã e é objeto de tantas músicas não tem análogo na tradição judaica. O menino Moisés aparece no começo do livro do Êxodo — mas com notável brevidade. Ele se torna o objeto de uma preciosa e pequena elaboração rabínica — e não é adorado em parte alguma. O Menino Jesus, por sua vez, costuma ser central e coerentemente inevitável como componente da vida religiosa cristã.

Como entender a força do Menino Jesus na tradição cristã? Tal como outros ritos e símbolos religiosos, há nesse fenômeno mais coisas do que os olhos vêem — ou que pode ser acessível à mente consciente do praticante religioso. É mais fácil que eu, como observador externo, entenda esse fenômeno religioso em analogia com um aspecto específico da tradição religiosa da Índia. Nesse universo religioso, encontramos o conceito de bhavas: as várias maneiras de amar a Deus. As várias modalidades de amor humano que vivenciamos em nossa vida podem vir a ser entendidas como vislumbres ou analogias com as emoções que sentimos em relação a Deus. As várias expressões de fé centradas em Krishna articulam certo número dessas maneiras ou bhavas. O amor que sentimos pela família e pelos amigos pode ser um modo de compreendermos o que é amar a Deus. As emoções que os servos sentem em relação a seus senhores, os sentimentos de um amigo ou de um amado, todas essas coisas são transpostas em emoções que podemos sentir em relação a Deus. E figura entre as bhavas o amor dos pais pelos filhos.

Mesmo a compaixão, a sensação avassaladora de ternura ou de proteção

que sentimos em relação a nossos filhos, oferece um vislumbre ao buscador religioso do que significa amar a Deus. Na tradição hindu, a postura religiosa se vincula com a experiência de Nanda e de Yasoda, os pais de Krishna, a encarnação do deus Vishnu. Seu amor pelo filho foi transposto para o amor da divindade cuja manifestação ele foi. E seu modo de amar tornou-se modelo para todos os devotos de Krishna em sua relação com sua divindade. Compreende-se que a experiência da intensa ternura do amor parental é um portal por meio do qual podemos todos passar em nossa busca da experiência do sentido profundo de ligação com Deus ao qual associamos o rótulo “amor”.

Significativamente, a literatura religiosa judaica nos dá a oportunidade de vivenciar emoções que estão em paralelo com as bhavas da Índia. A emoção de servidão em relação a Deus é evocada na jornada da vida de Moisés que, depois de resgatar o povo da escravidão no Egito, foi louvado como servo/escravo de Deus. A imagem de Deus como pai, e a devoção filial que nós seres humanos sentimos em relação a Deus nessa condição, são freqüentemente evocadas na liturgia judaica. O intenso vínculo da verdadeira amizade é ilustrado no amor entre Jônatas e Davi. Os comentadores judaicos tradicionais entendiam o Cântico dos Cânticos, que é dedicado “às chamas da paixão” que une os amantes, como metáfora do amor que une Deus e o povo de Israel. Mas aquele outro grande amor, o dos pais pelos filhos, não tem expressão na vida religiosa do povo judeu. Não há no judaísmo meios de transmutar essa intensa experiência humana em afirmação religiosa.

É essa experiência religioso-emocional, ausente de sua própria tradição, que os judeus podem reconhecer e apreciar na tradição cristã. Pois com certeza essa bhava do amor pelo recém-nascido é o que se acha na base da veneração ao Menino Jesus. A devoção a Jesus como menino é encontrada com tal regularidade e irradia tal intensidade que, articulada ou não, reflete mais do que uma dimensão incidental da vida cristã. Mais que mera curiosidade ou alusão histórica, a força do motivo do Menino Jesus serve de veículo à descoberta de intensas emoções, no âmbito de nossa própria experiência, que podem ser transmutadas — “despertadas” para servir a um propósito religioso mais elevado. O amor que os pais sentem pelos filhos se transmuta, por meio do envolvimento com o Menino Jesus, no amor que podem sentir por Deus. O menino — no cristianismo, o Menino Jesus — se torna a passagem para a expressão intensa de um amor mais grandioso.

Esse veículo de expressão religiosa que encontramos no cristianismo não tem — e isso chama a atenção — equivalente ou paralelo na tradição judaica. Vendo-o como parte da tradição religiosa de nossos vizinhos, os judeus podem apreciá-lo e admirá-lo de longe. Eis um caso em que a figura de Jesus oferece uma forma de espiritualidade disponível aos cristãos que não tem analogia na tradição judaica nem na experiência religiosa vivida pelos judeus.

O que os judeus podem então fazer com essa compreensão? Vendo o amor parental como portal que leva ao amor de Deus, eles podem apreciar o amor que sentem pelos próprios filhos com nova perspectiva. Compreendendo o amor pelo filho tal como se reflete na bhava do Menino Jesus no cristianismo, os judeus podem vivenciar seu próprio amor parental como oportunidade de vivenciar uma nova dimensão da devoção a Deus que é tão válida para judeus quanto o é para cristãos ou adoradores de Krishna.

JESUS, OS RABINOS E A IMAGEM NUMA MOEDA

ARTHUR WASKOW

Uma das mais conhecidas e mais enigmáticas histórias da vida de Jesus é o relato de um encontro relativo à imagem numa moeda. A história está em Mateus 22,15-22; Marcos 12,13-17 e Lucas 20,19-26. Sua elaboração utiliza quase os mesmos termos nas três passagens.

De acordo com a história, alguns dos fariseus oponentes de Jesus enviou pessoas com o fito de induzir Jesus a dizer coisas que servissem de pretexto à sua prisão. (Os fariseus constituíam o grupo religioso que iniciou as reformas e as interpretações da Torá que vieram a constituir o judaísmo rabínico, e eram pessoas que, de modo geral ficavam do lado dos pobres contra a ocupação romana e seus aliados no establishment judeu. Alguns estudiosos vêem hoje o próprio Jesus como um fariseu, membro da ala “radical”. Nesse caso, “os fariseus” como grupo provavelmente não eram oponentes dele, havendo no entanto alguns membros individuais que o eram.)

Uma das pessoas lhe perguntou: “Rabino, sabemos que o que falas e ensinas tem coerência; tu não te mostras diferente diante de ninguém, mas ensinas com toda a honestidade o caminho de vida que Deus exige. Dá-nos teu ensinamento sobre isto: ‘É ou não permitido que paguemos impostos ao imperador romano?’”

Jesus, percebendo “a jogada”, lhes disse: “Mostrai-me uma moeda de prata. De quem é a imagem que nela está e de quem é a inscrição que traz?”

Façamos uma breve pausa. Onde estava “a jogada”? Como a moeda trazia o rosto de César, com a inscrição “Divus” — Deus —, seu uso poderia constituir idolatria na lei judaica, devendo assim ser proibido. Todavia, conforme a lei romana se devem pagar impostos, de modo que “a jogada” consistia em fazer que Jesus, respondendo de uma dada maneira, violasse a lei judaica e, respondendo da outra, violasse a lei romana. Em ambos os casos ele estaria sujeito à prisão.

Mas não foi assim que Jesus respondeu. Em vez disso, sua resposta à

pergunta foi outra pergunta. (Diz o folclore que esse é um antigo hábito judeu. Tal como o ensinam: “Por que os judeus respondem a uma pergunta com outra pergunta?” Resposta: “Por que não?”

De acordo com Mateus, Marcos e Lucas, Jesus perguntou: “De quem é a imagem que está nesta moeda?”

O homem que lhe havia lançado o desafio respondeu: “De César!”

Então Jesus deu a resposta: “Pois então dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus.”

Essa resposta, dizem Mateus, Marcos e Lucas, pegou seus oponentes de surpresa, e eles foram embora e o deixaram em paz.

Apesar disso, há dois mil anos os cristãos discutem o que significa essa réplica. O que é de César e o que é de Deus? A resposta sugere duas esferas de vida distintas, uma governada por César e a outra por Deus? Significa submeter-se à autoridade de César no mundo material e aderir a Deus no mundo espiritual? Como discernir a fronteira? Por que os autores da pergunta se foram? Foi simplesmente porque Jesus evitara os chifres do dilema que eles lhe tinham levado, não podendo assim ser preso por causa de sua resposta? Ou havia um sentido mais profundo na réplica? Seria ela simplesmente um koan, uma resposta que obriga aquele que fez a pergunta a procurar uma pergunta mais profunda ou alcançar a iluminação?

Vamos introduzir uma passagem do Talmude Babilônico, a compilação da sabedoria, dos debates e diálogos, dos jogos de palavras e parábolas, das explorações filosóficas e das decisões práticas de milhares de rabinos ao longo de um período que tem início por volta do começo da era cristã e vai até cerca de 500 d.C., alguns na Babilônia e outros na Terra de Israel.

Nossa passagem do Talmude aparece em Sanhedrin 38a (Tradução de Soncino, p. 240):

Nossos rabinos ensinam: Adão, o primeiro ser humano, foi criado como uma pessoa singular a fim de mostrar a grandeza do Regente que está além de todos os regentes, o Bendito Santo Uno. Porque, se um regente humano [como o imperador romano] cunha muitas moedas a partir de um só molde, todas as moedas cunhadas trazem a mesma imagem, todas têm a mesma aparência. Mas o Bendito Santo Uno moldou todos os seres humanos segundo a imagem divina, tal como Adão foi moldado segundo a imagem divina [Gn 1,27], “b’çelem elohim”, “à Imagem de Deus”. E no entanto nenhum deles é igual a outro.

Absorvamos isso. Os rabinos fizeram uma analogia entre a imagem que um regente humano põe nas moedas de seu reino e a imagem que o Regente Infinito põe nas muitas “moedas” da humanidade. A própria diversidade das faces humanas mostra a unidade e o caráter infinito de Deus, ao passo que a uniformidade das moedas imperiais torna claras as limitações do poder de um imperador.

Agora vamos reler a história de Jesus com uma única linha e um único gesto acrescentados:

“De quem é a imagem que está nesta moeda?” — pergunta Jesus.

O autor da pergunta feita a ele responde: — “De César!”

Então Jesus põe a mão sobre o ombro do criador de problemas e pergunta: — E de quem é a imagem que está nesta moeda?

Talvez o criador de problemas balbucie uma resposta; talvez ele não precise fazê-lo. Só depois dessa resposta Jesus diz: “Logo, dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus.”

Ora, há um sentido mais profundo na resposta e na partida do criador de problemas. Jesus não se limitou a evitar a questão e a fugir do dilema. Ele deu uma resposta de maneira bem mais radical do que se tivesse dito simplesmente: “Pagai os impostos” ou “Não pagueis os impostos”, maneira que é profundamente radical mas não dá razões óbvias para uma prisão.

Jesus não propôs uma divisão das coisas entre o material e o espiritual. Ele redefiniu o assunto:

“Dai todo o vosso ser Àquele que imprimiu divindade em vós! — Vós, vós que sois um dos rabinos, meu irmão rabino — vós sabeis que é essa a essência da questão! Tudo o que fiz foi vos lembrar dela!”

A moeda do reino terreno importa muito pouco, caso o criador de problemas tenha ouvidos para ouvir.

Assim, o autor da pergunta se vai, de súbito profundamente perturbado pela questão de vida que tem diante de si.

Poderíamos perguntar: por que a linha que inseri não aparece nas três versões da história que chegaram até nós? É possível que ela tenha sido censurada quando a tradição cristã se viu diante das duas ameaças que foram um império disposto a esmagar essa religião e o convite de um império para que se tornasse a Igreja estabelecida. Ou é possível que Jesus nunca tenha dito essas palavras, dado que o fariseu autor da pergunta compreendeu o essencial da questão perfeitamente bem? Afinal, com base na passagem de

Talmude, podemos facilmente imaginar que o ensinamento que compara a imagem de Adão criada por Deus com a imagem do imperador na cunhagem já fosse bem conhecida entre os rabinos.

Para mim, essa leitura das duas passagens — a do Talmude e a do Novo Testamento — traz consigo dois níveis de maior integridade, de sentido mais profundo. O primeiro é que cada uma das passagens enriquece o sentido da outra. Lidas em conjunto, elas fundem o espiritual e o político, em vez de dividir o mundo em dois domínios. Nessa leitura, a alegação de que o divino Regente rege o imperador inclui o reino político. Deus pode criar uma infinita diversidade e uma eterna renovação, sendo por isso bem mais rico do que o tesouro do imperador — que só pode criar uniformidade e repetição. Mas não se trata de mera asserção filosófica ou biológica. Como Deus rege sobre todos os regentes, como Deus faz surgir em cada ser humano uma face peculiar de Deus, todo ser humano tem de seguir a Deus, não a César.

Sem a passagem do Talmude dos rabinos, a resposta de Jesus permanece obscura. Sem a história referente a Jesus, a passagem do Talmude dá a impressão de ser “meramente teológica”, sem incidência sobre a vida de todos os dias. Para tornar-se íntegro e criar integridade no mundo, essas passagens precisam uma da outra. Mas os editores e organizadores do Talmude e do Novo Testamento cuidaram para que em nenhum dos textos aparecessem as duas passagens. Elas foram mantidas à força separadas uma da outra. Logo, o segundo nível de integridade que essa leitura me ensina é a importância de emendar as orlas das tradições cristã e judaica.

Na tradição judaica, o que torna sagrada uma veste é a cuidadosa e consciente tecedura da tzitzit — um certo tipo de orla que vai nos cantos da peça de vestuário. Assim como o proprietário de terras tem de permitir que os pobres e os que não têm terra colham o que cresce nos cantos de seu campo, assim também esses cantos da roupa nos recordam de que não são as boas cercas que fazem bons vizinhos; o que faz bons vizinhos são boas orlas.

O que faz uma orla orla é o fato de ela ser uma mistura de minha roupa com o ar do universo. O que cria a tzitzit é sua tecedura segundo um padrão consciente, sagrado — o fato de não ser uma orla mal-acabada. Elas são orlas que celebram sua condição de orlas.

É disso que precisamos nas relações entre as duas tradições. Não a dissolução de todas as fronteiras nem a dureza da parede, da cerca, mas orlas conscientes, sagradas.

Creio que as duas passagens são tzitzit para ambas as tradições, unindo-se uma à outra como correias de ligação que também prestam honras às duas vestes diferentes de que são parte. Se não conseguirmos unir essa orlas sagradas ou de as deixarmos tornar-se invisíveis, as vestes perderão seu caráter sagrado. Portanto, voltemos o rosto com olhos recém-abertos para ver aquilo que o Rabino Jesus e os rabinos do Talmude têm em comum, bem como aquilo em que diferem.

QUE TIPO DE HOMEM?

HOWARD AVRUHM ADDISON

Que tipo de homem é este? Multidões o cercam onde quer que vá. Alguns buscam seus poderes de cura; outros desejam apenas tocar-lhe o manto. Quem é ele? Ouvi dizer que realizou milagres como, em tempos remotos, o fez Eliseu, que, pegando uns poucos pães, ofereceu alimento à multidão faminta (2 Rs 4,42-44). Diz-se que ele é a alma de João Batista rediviva para que o chamado ao arrependimento pudesse ser ouvido outra vez em nossa terra. Seus discípulos mais próximos juram que o viram ao lado de Moisés e Elias, conversando com eles. Eles de fato acreditam que ele é o legítimo sucessor de nosso libertador e do inflamado profeta de Tesbi? Ou nos querem fazer crer que os dois respondem ao chamado de seu mestre? Que tipo de homem é esse e quem eles de fato pensam que ele pode ser?

Que tipo de mestre é esse? Dizem que ele fala com uma autoridade espiritual que ultrapassa em muito a demonstrada pelos doutores da lei. Seu exemplo e sua mensagem levam o amor de Deus aos oprimidos. Mas isso soa bem próximo dos ensinamentos de nosso patriarca recente, o delicado e carinhoso Hillel. Ouvi dizer que Hillel convidou os discípulos a se banharem com ele a fim de ensinar que Deus se importa não só com nossa alma mas também com nosso corpo. Suas normas estimulam os trabalhadores a cantar louvores a Deus ao alvorecer sobre os andaimes e árvores, em vez de pôr em risco seu ganha-pão fazendo-os descer para a oração formal. Diz a lenda que ele certa feita conseguiu montaria e cavalição para salvar da vergonha um gentil-homem empobrecido, e depois percorreu pessoalmente cinco quilômetros, fazendo as vezes de cavalição quando o criado designado não apareceu. Vamos agora examinar seu convite aos que desejam entrar no reino da Torá — nunca trate os outros de uma maneira que você considere pessoalmente desagradável.¹

Diante de ferrenha oposição, seu mestre demonstrou bravura e compaixão ao transcender as observâncias estritas do Sabbath a fim de curar doentes na

sinagoga nesse santo dia. Mas os que tentaram silenciá-lo conheciam pouco nossas tradições. Não se recordaram eles do princípio de que salvar vidas se sobrepõe à proibição do Sabbath? Não foi Matatias, sacerdote de Modein, e seus filhos macabeus que nos ensinaram, em sua batalha contra os sírios helênicos há quase duzentos anos? (1 Mc 2,41). Talvez ele tivesse necessidade de lembrá-los e de nos lembrar do amor curativo de Deus, de que a própria Torá de Deus nos diz que os miçvot foram dados para que pudéssemos fazer a opção pela vida (Dt 30,19).

Por falar em preservar a vida, ouvi dizer que às vezes seus discípulos apanharam espigas de trigo no Sabbath ou comeram sem lavar ritualmente as mãos. Quando interpelados, responderam: “Os homens do Rei Davi comeram ilicitamente dos pães consagrados a Deus quando fugiram da fúria do Rei Saul... O que vem de fora e entra numa pessoa não a torna impura; as coisas que saem de dentro da pessoa é que a tornam impura” (Mc 2,23-27, 7,15).

Suas palavras forçam. É certo que mentiras, palavras que magoam e atos malévolos nos tornam impuros. Todavia, se Deus de fato se importa com a maneira como agimos, não poderia Ele igualmente se importar com o modo como comemos? Lavar as mãos antes das refeições é consagrá-las ao serviço divino, de modo que todos possam atingir o nível de sacerdotes que se preparam para fazer oferendas. Bendizer nossa comida é reconhecer a presença e a bondade do Criador antes e depois de mastigar um pedaço do alimento. Numa emergência, os homens de Davi de fato comeram do pão sagrado, em vez de se expor à morte. Mas as reações a emergências podem diferir das regras de que podemos precisar para santificar nossa vida diária.

Ele condena escribas que oferecem longas orações e depois exploram os pobres, que oferecem saídas ardilosas para que filhos possam deixar de dar do que ganham aos pais, o que é muito mais menosprezar que honrar pai e mãe. Ele está certo em desvelar o comportamento daqueles cujo casuísmo legal subverte o espírito da Torá. Em muito se assemelha a Jeremias, que atacou os que usavam o Templo como covil de ladrões, buscando furtar-se no santuário ritual às conseqüências de sua imoralidade (Jr 7,11). Ele condena os fariseus, muitas vezes equiparando esses escolásticos a hipócritas. Os verdadeiros sábios de Israel partilham essa concepção, dizendo que nos acautelemos daqueles cuja piedade ostentatória não passa de máscara da maldade que está em seu íntimo (B. Sotah 22b; Mishnah Sotah 3,4). Há séculos Ezequiel escreveu sobre uma visão na qual Deus diz aos anjos da

desolação que iniciem a destruição de Jerusalém, não somente o santuário mas também aqueles que lamentam a abominação mas nada fazem para proteger a santidade do nome de Deus (Ez 9).

Ele nos diz que a Torá só sancionou o divórcio como uma concessão à nossa dureza de coração, e que as segundas núpcias equivalem ao adultério. Devem os casais, depois de tudo fazer para alcançar a reconciliação, ser condenados a uma vida desgraçada? Ele tem razão. Sempre haverá aqueles que vão rejeitar o cônjuge à menor provocação. O profeta Malaquias retratara o próprio altar do Templo chorando por causa da proliferação de divórcios sem fundamentos razoáveis (Ml 2,14-16). Porém o mais importante dos primeiros fariseus, Shimon ben Shetach, ofereceu outra solução. Ele dificultou a dissolução do casamento e reconheceu a continuidade das obrigações deste ao determinar um valor mínimo de sustento a ser recebido pela esposa depois do divórcio (B. Ketuvot 82b).

Ele fala que devemos perder nossa vida tal como é a fim de podermos ganhar nossa alma. Se vivemos na falsidade, em busca de vaidades, ele tem razão; a falsidade e a vaidade devem desaparecer. Mas será a opção sempre tão radical? Não nos será possível encontrar a Deus também nas atividades mundanas da vida diária? Claro que as cem bênçãos que os nossos sábios nos incitam a recitar diariamente nos chamam a essa consciência. E não pode nosso auto-interesse sequer desempenhar um papel na criação de vida, bem como de conhecimento e de progresso? (Gênesis Rabbah 9,7).

Que tipo de líder é esse? Odeio a maneira como alguns anciãos tentam fazê-lo cair em armadilhas com perguntas maliciosas. Eles lhe perguntaram se judeus deviam pagar os impostos de César. Se diz sim, ele trai seus conterrâneos nessa terra oprimida, ocupada. Se diz não, é acusado diante do prefeito por sedição. Eu adoraria ter visto o rosto daqueles anciãos quando ele replicou: “Logo, dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus”. Mas ele precisava mesmo comer na companhia de publicanos, daqueles que adquirem concessões de Roma para coletar impostos e depois, a fim de obter lucro, extorquem seus companheiros judeus ao cobrar impostos que vão bem além dos valores exigidos por Roma? Admiro sua capacidade de ir ao encontro dos párias da sociedade. Claro que são os enfermos, e não os moralmente saudáveis, que precisam de cura. Mas terá sua companhia curado da ganância muitos publicanos? Ou foi ele que validou a extorsão praticada

pelo simples fato de sua presença?

Ninguém pode duvidar de que o Templo não é a instituição sagrada que deveria ser. Alguns sumos sacerdotes não sobrevivem à intriga que ali existe nem mesmo por um ano. Um desses sacerdotes era tão desqualificado que nem entendia hebraico. Imagine-se que eles tiveram de prepará-lo para os ritos do Yom Kippur em nossa língua falada corrente, o aramaico (B. Yoma 116).² Mas os fiéis vêm de muitas terras e precisam de operações de câmbio vigiadas para não serem enganados quando compram animais sacrificais ou precisam cambiar moeda para comprar bens. Teoricamente ele tinha razão. O Templo de Deus tem de ser lugar de oração, não de comércio. Mas o que ele conseguiu derrubando as barracas dos cambistas? Acaso os vulneráveis, cuja causa ele defende, obtiveram maior proteção naquele dia?

Uma coisa é certa: ele tem habilidade de aproximar-se e de tocar pessoas de todas as esferas e atividades da vida. Ele leva conforto aos aflitos e tem maneira atraente de afligir os que têm conforto. Será apenas coincidência que quatro outros companheiros seus tragam o nome de seu principal discípulo, Simão (Pedro)? Que uma mulher desolada que ele consolou e uma mulher que vivia à margem da sociedade se chamem Maria, o mesmo nome de sua mãe?. Ou, por associação, estará ele nos ensinando que o lugar mais elevado em sua hierarquia pode estar à disposição de todos, que são os desolados e os desprovidos que de fato fazem nascer aquilo que ele é? Agora que ele está preso, ouço dizer que seu companheiro de cela é um criminoso de nome Barrabás. É de fato muito adequado que mesmo ali, entre seus companheiros de prisão, ele possa reconhecer um Barrabás, “filho do Pai”!

Que tipo de homem foi esse? Quando os íntimos voltaram ao túmulo dele, seu corpo não estava em parte nenhuma. Alguns o proclamariam o Messias ressurgido dos mortos. Pessoalmente não estou muito certo sobre o que se deve acreditar. Olho ao redor e não consigo vislumbrar um leão deitado ao lado de um cordeiro. Parece haver ainda mais espadas do que lâminas de arado, mais lanças do que podadeiras. Nossos sábios, porém, falam muitas vezes da techiyat ha metim, a ressurreição dos mortos (Mishnah Sanhedrin 10,1); portanto, por que não deveriam seus devotos crer que ele foi o primeiro a ressurgir? Dizem que ele vai voltar para estabelecer visivelmente na terra o reino de Deus. Muitos julgam que o Ungido, filho de Davi, ainda não veio. Quem tem razão? Imagino que nós podemos esperar para ver.

1 Para os relatos acerca de Hillel, ver Leviticus Rabah 24,3 e o Talmude Babilônico Ketubot 67b e Shabbat 31a.

2 Daniel é o único livro escrito em aramaico.

TERCEIRA PARTE

CONCEPÇÕES PESSOAIS

A PALAVRA “J”

ALLEN SECHER

O telefone toca em meu gabinete.

— Rabino, aqui é Sherri Bernstein, mãe de Márcia Bernstein. O senhor vai casá-la com Sean McCarthy no Drake Hotel neste domingo. Achei que podia ser bom nos conhecermos um pouco antes do casamento para não sermos estranhos um ao outro.

— Boa idéia, Sherri. Diga-me uma coisa: você gosta de Sean? E ele vai ser um bom marido para Márcia?

As respostas são bastante afirmativas. Permanecemos cerca de dez minutos falando de coisas banais como fotógrafos, a ordem de entrada e microfones. Depois disso ela respira fundo. Faz uma pausa. Estou pronto.

— Diga-me, rabino. Não sei muito bem como perguntar isso. Mas o padre vai...? Você sabe! Ele vai? Você sabe!

— Ele vai usar a palavra “J”, Sherri? Não. Não é um serviço trinitário, em respeito às sensibilidades judaicas.

Eis a principal razão do telefonema de Sherri. A inscrição no painel. A palavra “J”. Sherri não está preocupada com teologia, com filosofia nem com o ritual, e a essa altura até aceitou relutantemente o fato de Márcia estar para se casar com um católico. Mas sabe muito bem que, se ouvirem a palavra “Jesus”, ela e os pais vão ficar tanto mortificados como desconcertados. Por quê? Porque a palavra “J” é o grito de guerra do *Inimigo*.

Sou da geração de Sherry. Cresci numa pequenina cidade fortemente anti-semita da parte oeste da Pensilvânia, EUA. Estive freqüentemente na posição de alvo de pedras que procuravam atingir-me a cabeça, e muitas delas conseguiram. Do atirador vinha a exclamação em voz alta: “judeu bastardo” ou “assassino de Cristo”. Em outra ocasião, recusaram-se a me atender na Emergência de um hospital católico alegando que não havia médicos presentes. E, para mim, o pior golpe veio quando não me permitiram jogar no time de golfe do colégio porque o clube era exclusivo. A canção que ouvi

constantemente e que por isso memorizei quando criança foi: “Onward, Christian Soldiers” [Avante, Soldados Cristãos]:

Avante, Soldados Cristãos,
Marchando para a guerra, com a cruz de Jesus
à frente.

Cristo, o Mestre real, lidera contra o inimigo;
Vejam seu estandarte rumando para a batalha!

[Onward, Christian Soldiers,
Marching as to war, with the cross of Jesus going on
before.

Christ, the royal Master, leads against the foe;
Forward into battle see his banners go!]

O Inimigo: Responsável pelas Cruzadas, pela Inquisição e pelos pogroms. O Inimigo que se manteve em silêncio enquanto o Holocausto acontecia.

Desposando um “gentio”, Márcia passara para o outro lado. Ela está se associando com *O Inimigo*.

Pouco importa se Sean não nasceu enquanto ocorria algum desses eventos. É bem provável que ele nem tenha uma idéia muito clara do que eles foram. Mas nós judeus temos sensores de memória embutidos. Esquecer? Nunca. Perdoar? Trata-se de algo de que falam os rabinos no Yom Kippur. Os gentios têm de se desculpar. Se desculpar. Se desculpar.

Sherri Bernstein tem de fato uma preocupação legítima, profundamente emocional, embora não expressa. Fazer shiv'á¹ — tratar a filha como morta — nunca foi considerado uma opção. Sherri é a favor do casamento. Mas fica atrapalhada por causa dele. Sua lembrança de nossa história e seu desejo presente de que a filha faça um casamento feliz evocam emoções profundamente conflitantes entre si. O casamento inter-religioso pressionou intensos “botões” judaicos que Sherri, em sua situação anterior de distância do assunto, nem sequer imaginou que possuía.

O CASAMENTO INTER-RELIGIOSO É UM FATO DA VIDA

O casamento da filha de Sherri representa uma tendência em constante crescimento na comunidade judaica. O National Jewish Population Study [Estudo Nacional da População Judaica] de 1990 relatou que 53 por cento

dos judeus que se casam escolhem parceiros não-judeus. É evidente que esses números aumentaram nos últimos dez anos. Egon Mayer escreve em *Love and Tradition* [Amor e Tradição]: “A maior explosão de casamentos inter-religiosos envolvendo judeus tem ocorrido nos Estados Unidos, justamente num período de paternidade permissiva, de liberação sexual e de grande auto-afirmação judaica. Também tem ocorrido primordialmente entre membros de segunda, terceira e quarta gerações de judeus nascidos no país”.² Todavia, enfiar a cabeça na areia, pontificar ou fazer todos os sermões do mundo não são coisas que possam mudar a realidade. O casamento inter-religioso é um fato da vida.

A palavra “J” vai ser uma constante na vida de Márcia McCarthy. Com o apoio e o estímulo adequados, Márcia tem boas chances de promover seu judaísmo, ainda que ele não tenha tido início a partir de bases sólidas. Se Bernstein desposa Shapiro, é bem comum que não haja nenhuma ameaça direta à identidade judaica. Contudo, na maioria das vezes, Rosh Hashana e Yom Kippur são ocasiões lembradas por causa das canções familiares e do som do Shofar. E as perguntas 5 e 6 no Seder são “Quando cantamos Dayeynu?” e “Quando comemos?”

Mayer prossegue:

Porque a judaicidade parece mais importante (*para os pais e avós*) nos casamentos inter-religiosos? Todas as lembranças de nosso próprio legado têm caráter fragmentário. A frequência, precisão e grau de compromisso com que cada qual se recorda de suas tradições dependem de uma combinação de ingredientes, da cultura do grupo, da história do grupo e da biografia do indivíduo.³

O que o Jewish Population Study não nos diz é quais os resultados para os casais e seus filhos quando o parceiro judeu de um casamento inter-religioso contou com a ajuda do clero. Pressionada pela família de Sean, Márcia será obrigada a examinar suas próprias raízes. Coisas que antes tinha por certas e que mal compreendia terão agora um importante papel, e ela vai ter de lidar, em nível inteiramente distinto, com a temível letra “J”.

Minha experiência com casais que têm tido problemas com seus sistemas de crença é que o parceiro judeu muitas vezes descobre uma maneira de se relacionar com Jesus como um companheiro judeu, sem lhe dar o colorido de uma teologia cristã que o tornaria divino em algum sentido singular, o “Filho

de Deus” de uma maneira que ninguém mais pode ser.

Compreender os judeus do século I ajuda. Os primeiros narradores das histórias de Jesus apoiavam-se claramente em suas próprias raízes judaicas. Foi por meio do exame de seu legado sagrado que eles puderam reconhecer a presença de Deus naquele homem intenso. E sua maneira de reagir a ele foi completamente judaica. No século I, e por vários séculos antes, os judeus costumavam chamar de “Filho de Deus” somente alguém que considerassem escolhido por Deus para realizar alguma tarefa ou alguém favorecido por Deus de alguma maneira. Mas isso não implicava nenhuma nuance de divindade.⁴ Os judeus da época e de nossos dias crêem que todos os seres humanos são “filhos de Deus”, feitos “à imagem e semelhança” de Deus. Mas, quando Deus é percebido como especialmente ativo por meio de uma pessoa particular, a presença divina é então reconhecida no singular: “filho de Deus”.⁵

Assim, nos casamentos inter-religiosos, se o parceiro judeu puder ver Jesus à luz do pensamento do século I em vez de como a divindade que ele veio a se tornar, a ponte para a compreensão no casamento tem menos probabilidades de se ver afetada por bloqueios. Quando Jesus é visto em sua própria judaicidade adequada, em vez de como inimigo do povo judeu — algo que, independentemente do que a história fez dele, ele mesmo teria negado —, não apenas o casamento inter-religioso floresce como também a identidade da família judaica é beneficiada. Quando Sherri deu à luz Márcia, nunca lhe passou pela cabeça que a filha pudesse desposar alguém que não fosse um fiel da mesma religião. Agora, porém, nesse novo confronto, ela e a família estão despertando para uma consciência judaica mais consciente e ponderada. Ela e a família se vêem forçados a lidar com seu legado e, o que tem ainda maior importância, a apreciar esse legado.

JESUS EM CASA

Para começar a ver Jesus em seu contexto original, tem-se de saber como eram as primeiras décadas do século I. Durante séculos, o mundo dos judeus não fora o que Deus tinha prometido, e estava agora ainda mais longe de ser o “reino” perfeito, objeto de tantos anseios. Os judeus sofriam sob a severa dominação romana. Seu mundo estava marcado por uma amarga desolação.

Um por cento da população — os dirigentes e a aristocracia — controlava a maioria das propriedades. Parte da terra estava nas mãos da pequena classe alta, dos sacerdotes e dos mercadores. Depois de tudo isso, o pouco que restava era submetido a pesados impostos por Roma e por déspotas locais, em sobreposição aos dízimos tradicionais necessários à manutenção do templo. As pessoas viam suas terras ancestrais passar às mãos de estrangeiros devido às dívidas que contraíam para pagar os impostos. Seu mundo se caracterizava pela pobreza, pela opressão e pela injustiça. Onde estava Deus? Por que ele não aparecia para resgatá-los? Não admira que Jesus tenha sido inspirado a compor uma oração que pedia pão e o cancelamento das dívidas!

Entra nesse cenário de devastação e de desespero aquele artesão articulado, Jesus de Nazaré, que ouvira os sonhos dos profetas por um mundo melhor. Nos ensinamentos de seus precursores-na-Torá, ele vê as instruções para criar tal mundo. De pé no alto da montanha, ele exclama que o reino de Deus está próximo, que chegou o tempo da redenção: os deprimidos conhecerão dias melhores; que os enlutados serão consolados; que os famintos podem esperar ter a barriga cheia; que os ricos terão seu merecido castigo; e que os pacificadores terão a primazia. Em consequência, ele conclama: não percais as esperanças, porque todos haveremos de participar do mundo mais justo que Deus prometeu. Mas, diz ele, há coisas a fazer para que isso aconteça, e ele começa a esboçar essas ações. Alguns comentadores recentes o consideraram “um camponês com atitude”. Prefiro vê-lo como um revolucionário camponês inspirado pela tradição.

Os *hasidim* de Jesus, seus discípulos, iniciam então aquilo que os estudiosos chamam agora de “movimento de Jesus” ou “movimento do reino de Deus”, o predecessor nascente do cristianismo. John Dominic Crossan afirma que o movimento do reino de Deus era “o programa de ‘apoderação’ [*empowerment*] de Jesus”, destinado a enfrentar a injustiça, a opressão e a pobreza. Essa injustiça flagrante não era apenas individual ou pessoal, mas sistêmica e estrutural. Jesus, diz Crossan, oferecia uma alternativa à miséria. Ecoava em sua mente passional a conhecida injunção da Torá: “Ama o próximo como a ti mesmo”. Ele cria um estilo de vida altruísta de cura gratuita — ajudar os outros sem exigir nada em troca, e oferecer uma mesa comum com lugar de aceitação social de todas as pessoas, sem questionamentos, sem consideração de pertinência a essa ou aquela classe social e com uma generosa partilha dos bens que se têm com os que passam

necessidade. Esse “reino” seria uma comunidade fundada no amor.

O amor ao próximo era para Jesus “o segundo mandamento mais importante”. O primeiro, disse ele, era “amar a Deus de todo o coração, com toda a alma (sua essência, sua vida) e com toda a sua força (seus recursos)”. O próprio Jesus, diz Crossan, vivia “uma alternativa acessível a quantos a aceitassem: uma vida de cura gratuita e de partilha do pão”. É nesse diálogo com Deus que criamos “o reino”, não na obediência a César. A visão ampliada desse reino que Jesus tinha baseava-se, de acordo com Crossan, “num igualitarismo fundamental, de contato humano sem discriminação e de contato divino sem hierarquia”.⁶ A partir disso, Jesus se empenhou em desenvolver um “companheirismo ‘apoderador’” concretizado em comunidades de base ampla que viveriam de acordo com esses princípios e, em seu apoio mútuo, iriam gradualmente escapar à injustiça, à opressão e à pobreza abjeta que padeciam.

À medida que indivíduos e comunidades se vissem providos de poder, sua tarefa seria prover de poder outros indivíduos e comunidades. Aquele reformador social estava determinado a fazer vir “o reino”.

Pode então causar espanto que, naquela sociedade imprópria, Jesus, o revolucionário, precisasse ser eliminado? Quem se imiscui em nossos padrões de governo deve estar preparado para sofrer as conseqüências.

PODEMOS NOS RELACIONAR COM ESSE JESUS?

Haverá uma maneira de Sherri Bernstein compreender tudo isso? Talvez. Temos de criar para Sherri algumas imagens mais recentes e relevantes.

Em nossa história contemporânea, vimos a crucificação de inúmeros pregadores defensores dos direitos do povo que refletem a presença de Deus e que desejam ou desejaram apaixonadamente mudar o mundo. Martin Luther King, Mohandas Gandhi, Janus Korczak, Nelson Mandela, Hannah Senesh, César Chavez, Raul Wallenberg, Eleanor Roosevelt, Andrew Goodman, James Chaney e Michael Scherner, Paul Robeson — todos eles sofreram porque nos chamaram a ser os “eleitos” e a entrar no “reino de Deus”. Todos eles enfrentaram oposição, foram menosprezados e negados. Talvez eu pudesse dizer a Sherri: “Deixe-me contar-lhe uma história pessoal”. Fiquei certa vez preso em Albany, Geórgia, na companhia de um homem. Enquanto

fazia demonstrações passivas de seu sonho de prover de poder os esmagados e despossuídos, ele fora ofendido, tivera o rosto cuspidado, fora objeto de zombarias, alvo de pedras e verduras, atacado por cães atirados contra ele, aprisionado pelas autoridades locais, e tivera até mesmo negadas suas necessidades básicas. Mas seus olhos estavam constantemente voltados para a meta. Durante nossa prisão, ele nunca perdeu o sentido de dignidade, o orgulho, o sentido de si mesmo. Seu carisma fazia luzir em nossa cela as cores do arco-íris. Eu ficava sentado, estatelado, enquanto ele falava, apegado a cada palavra que ele dizia, desejoso de segui-lo até os confins da terra.

Foi Martin Luther King um dos “eleitos de Deus”? Nem por um momento duvido de que ele foi. Ele podia caminhar sobre a água? Penso que sim. Crucificado pela bala de um assassino, King permanece um dos mártires definitivos de nossa época.

Ele estava de pé em sua Montanha em Washington, D.C., naquele quente dia de agosto de 1963, e fazia eco às Bem-Aventuranças. Jesus dissera no Sermão: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça... Bem-aventurados os pacificadores... Bem-Aventurados os perseguidos em nome da justiça: porque deles será o reino dos céus... Bem-aventurados sois se fordes insultados e perseguidos, e se disserem todo tipo de calúnia contra vós...” (Mt 5,6. 9. 10.11). Em suma, Jesus promete a salvação aos despossuídos. E King retrata uma situação que não difere essencialmente daquela descrita por Jesus aos que o escutavam:

A Proclamação de Emancipação veio como um grande farol de esperança para milhões de escravos negros que tinham murchado nas chamas da injustiça ... Todavia, cem anos depois, o Negro ainda não é livre. Cem anos depois, a vida do Negro ainda é tristemente inválida pelas algemas da segregação e as cadeias de discriminação. Cem anos depois, o Negro vive em uma ilha só de pobreza no meio de um vasto oceano de prosperidade material. Cem anos depois, o Negro ainda adocece nos cantos da sociedade americana e se encontra exilado em sua própria terra... Mas nós nos recusamos a acreditar que o banco da justiça é falível... e continuaremos a trabalhar movidos pela fé de que o sofrimento imerecido é redentor.

A salvação é precedida pelo sonho:

Digo-lhes hoje, meus amigos, embora nos defrontemos com as dificuldades de hoje e de amanhã, que eu ainda tenho um sonho... Tenho um sonho de que meus quatro filhinhos, um dia, viverão numa nação onde não serão julgados pela cor de sua pele e sim pelo conteúdo de seu caráter.

Tenho um sonho que um dia todo vale será exaltado, e todas as colinas e montanhas virão abaixo, os lugares ásperos serão aplainados e os lugares tortuosos serão endireitados e a glória do Senhor será revelada e toda a carne reunida a verá... Poderemos acelerar o dia em que todas as crianças de Deus, homens pretos e homens brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão dar-se as mãos e cantar nas palavras do antigo *negro spiritual*: “Finalmente livres! Finalmente livres! Graças ao Deus Todo-Poderoso, estamos finalmente livres!”

King conhece bem suas tradições, e nelas apóia sua eloqüência. Seus padrões de justiça são promovidos por tradições bíblicas. Tal como Jesus, ele cita a Torá, os Profetas, os Salmos.

Írá o mundo construir uma religião tendo por centro Martin Luther King? Não? Vai respeitá-lo? Sim Amá-lo? Sim. Admirá-lo? Sem dúvida! Será ele um modelo para nossos filhos? Naturalmente. Um mentor e mestre? Com toda a certeza. Esse é o século XX, não o século I. Mas se Sherri puder ver Jesus à luz de King, ou de outros como King, os sentimentos dela podem assumir uma nuance distinta. Essas vidas heróicas foram movidas por valores. Elas defendiam esses valores, pregavam esses valores, punham em prática esses valores; e foi por causa desses valores que morreram. Poderá Sherri encontrar, nesse mundo de sonhadores que giram em torno da Torá, espaço para mais um ser humano com visões utópicas? Por que Jesus não poderia também ter seu lugar aí?

DEPOIS DO CASAMENTO

Pode Sherri Bernstein viver com essa imagem em vez de se encolher cada vez que ouvir a palavra “J”? Creio que sim.

E que dizer de Sean? Não será possível que a nova compreensão e apreciação que tem Márcia e sua mãe desse judeu, que partilham com Sean, estimular a própria devoção dele depois do casamento?

Márcia e Sean são a vanguarda dos novos pacificadores. E “bem-aventurados os pacificadores”.

Jesus foi “o filho de Deus”, e todos o somos, Sherri. E todos o somos.

¹ Período de luto pela morte de parentes. N. do T.

² Egon Mayer, *Love and Tradition: Marriage Between Jew and Christian*, Nova York, Plenum, 1985, p. 102.

³ Ibid., grifos meus.

⁴ Boa parte desse material se baseia na obra de John Dominic Crossan, principalmente no livro *Who Killed Jesus?*, São Francisco, HarperSanFrancisco, 1995.

⁵ Sl 2,7 e 2 Sm 7,14 usam essa expressão referindo-se inicialmente a Davi e a Salomão.

⁶ Crossan, *Who Killed Jesus?*, p. 211.

MEU AMIGO JESUS

JOSEPH GELBERMAN

Alguns judeus acreditam que Jesus nunca existiu. Outros admitem que ele existiu, mas alegam que não foi mais que um rabino agitador — certamente não o filho de Deus, ao contrário do que acreditam os cristãos.

Minha sensação é a de que esses dois argumentos são irrelevantes. O que de fato importa é que milhões de pessoas acreditam que Jesus de fato existiu e realizou milagres. Quanto a mim, creio que ele efetivamente existiu e que era um fazedor de milagres.

Identifico-me em alguns aspectos com Jesus. Ele veio de uma família judaica bastante ortodoxa, como eu. E, como eu, ele um dia decidiu que havia alguma coisa errada em relação ao Templo e ao sacerdócio. Ele na verdade não atacou o sacerdócio como um todo nem os costumes religiosos da época, mas opôs-se aos sacerdotes do Templo que estavam transformando sua santa missão em negócio. Ficou incomodado com o fato de o Templo se transformar muitas vezes em lugar de realização de operações comerciais em vez de culto a Deus.

E permitam-me que lhes diga: tenho visto isso acontecer ainda hoje. As pessoas vão à sinagoga e, em vez de se concentrar na oração, podem muitas vezes ser ouvidas falando de negócios. Isso não está certo!

Quase me tornei parte dessa turma. Quando cheguei a este país [EUA], vindo da Hungria, no curso da ascensão do nazismo, servi a duas ou três congregações pobres. Elas estavam instaladas na parte da frente de lojas e em porões, e não havia homens de negócios falando de Wall Street na última fila. Nós nos concentrávamos no culto ao Todo-Poderoso.

Então apareceram algumas pessoas ricas que se impressionaram com a maneira como eu dirigia o serviço. Elas disseram: “Você precisa de um templo”. No momento em que concordei em ascender, vi-me despendendo um tempo cada vez maior discutindo mais as finanças do templo do que a Torá com meus abastados benfeitores.

E foi justamente a isso que Jesus objetou. Essa é uma das razões pelas quais deixei um lucrativo emprego de rabino em Nova Jersey para estabelecer aqui na cidade de Nova York um tipo bem diferente de sinagoga — sem membros contribuintes. Eu não queria cultuar o dinheiro nem me preocupar com ele. Desejava dedicar todas as minhas energias como rabino ao culto de Deus. Mesmo hoje minha renda vem de minha prática de aconselhamento, não de minha sinagoga.

Jesus foi, tal como sou, um rebelde. Mesmo sendo bastante hasídico (interiormente) em meu pensamento religioso, e certamente judeu, meu interesse pelo estudo de outras religiões e o ministério inter-religioso que organizei e continuo a coordenar mereceram a ira de muitos de meus colegas ortodoxos. Sou um proscrito em círculos ortodoxos, tal como o foi Jesus quando ultrapassou os limites da corrente dominante da vida religiosa.

Mas seu espírito rebelde seguia a tradição do judaísmo — tal como o meu! A Bíblia, afinal, não nos descreve como pessoas teimosas? Ele não gostou do que viu e pregou contra. Jesus foi um rebelde com causa — talvez mesmo membro da seita bastante ascética dos essênios, que deixaram Jerusalém e foram para as montanhas por causa de toda a corrupção que testemunhavam na cidade. Infelizmente, os valores que Jesus representou originalmente e o que veio a constituir o cristianismo a partir daí são coisas bastante apartadas entre si. A história verídica a seguir resume, creio eu, tudo.

Eu estava realizando um casamento inter-religioso na Flórida com um padre. De modo geral, eu e os padres partilhávamos o serviço, mas o padre em questão era tradicionalista e me disse: “Deixe-me fazer minha parte e depois você faz a sua. Entrementes, por que você não se senta na primeira fila até eu terminar?”

E me sentei. E, quando me sento, costumo fechar os olhos e meditar. E o padre se alongava e alongava. Passado algum tempo, abri os olhos e percebi à minha frente um grande crucifixo na parede. Eu nunca tinha visto um crucifixo tão grande. Também percebi que Jesus chorava.

Ouvi de repente uma voz. Jesus falava comigo: “Rabino”, disse ele, “o que você está fazendo aqui?”

Respondi: “Rabino Jesus, o que você está fazendo aqui? E por que está chorando?” E nós nos fitamos durante longo tempo. Jesus finalmente respondeu:

Não é terrível que eles tenham trucidado milhões de pessoas em meu nome? E ouço o clamor da alma dessa gente, todos meus irmãos e irmãs. Sempre que tiver a oportunidade, diga-lhes que parem de matar em meu nome.

MEU ALMOÇO COM JESUS

LAWRENCE KUSHNER

O pouco que sei a respeito de Jesus aprendi com certo homem. R. foi a pessoa que primeiro me ajudou, há uns vinte e cinco anos, a compreender de que maneira Deus poderia de fato se fazer homem. Ele e eu éramos jovens clérigos; ele era o padre episcopal e eu o rabino de uma cidadezinha da Nova Inglaterra. Tínhamos um cauteloso fascínio pela fé um do outro.

Visitávamos o local de oração um do outro; visitávamos a casa um do outro. Num serviço no Sabbath, até convidei R. para me ajudar na leitura de um rolo da Torá. Numa véspera de Natal, quando nossa família se preparava para pedir comida chinesa (só o restaurante chinês estava aberto), a campainha da cozinha tocou. Vi pela janela um carro, de faróis acesos, parado na entrada. Abri a porta; era R. Ele usava o colarinho — um padre pronto para a santa noite — diante de um rabino de pulôver prestes a pegar comida para viagem.

— Meu Deus, R., o que você está fazendo aqui? É véspera de Natal. Você não deveria estar na igreja?”

— Claro que sim — disse ele. — Estamos justamente a caminho, (ele estava fazendo uma visita social no Yom Kippur.) Trazia um presente embalado. — Isto estava sob nossa árvore e tinha seu nome escrito. Mas percebi que, como você poderia não saber procurar, eu deveria trazer pessoalmente.

Nossa amizade nos levou a ter uma data mensal marcada para almoçar juntos. Decidimos escrever um para o outro um ensaio de uma página sobre o mesmo assunto. Sentimos que essa poderia ser uma maneira pessoal de aprender mais profundamente sobre outra religião. Os tópicos eram previsíveis: Deus, Bíblia, Israel, a salvação. A única regra que estabelecemos para nós mesmos era que tínhamos de ser completamente imparciais e honestos. À altura do sexto ou sétimo tópico, concordamos que estávamos prontos para escrever sobre Jesus. Eis o que escrevi para R. há vinte e cinco

anos e lhe mostrei enquanto almoçávamos:

Acautelo-me de Jesus. Não por alguma coisa que ele ensinou nem por algo que seus discípulos ensinaram a seu respeito. (Embora algumas das coisas que João disse sobre eu e meu povo devesse ser banido para sempre da leitura pública de toda pessoa que julga que amar as pessoas é importante.) Quer eles estivessem enganados ou apenas tivessem agido prematuramente, a idéia de que Deus assumiria por fim a forma de um ser humano, de que o anseio de Deus e da humanidade participarem um do outro se concentrasse no *mythos* de uma pessoa é uma visão muito intensa: o Verbo tornado carne.

Durante milênios, nós judeus vínhamos tentando fazer a coisa funcionar de modo inverso, de baixo para cima: elevar-nos ao ideal do ensinamento da Torá. O judaísmo procura fazer que pessoas comuns se elevem à percepção da santidade, transformar carne em verbo. Veio então o cristianismo, ensinando que Jesus representava uma tentativa de compreender o anseio de amor a partir da outra direção. Verdade seja dita: nenhuma das tradições já alcançou sucesso.

Acautelo-me de Jesus por causa da história e daquilo que muitos que disseram acreditar nele fizeram ao meu povo. O cristianismo, você poderia dizer, arruinou Jesus para mim. De algum modo, ao longo dos séculos o sofrimento de Jesus se confundiu com o sofrimento do povo judeu, meu povo. Essa é a essência de meu problema em relação a ele. Sua morte veio até a se tornar causalmente vinculada com uma negação de *minha* parte. E isso, por sua vez, tem sido usado como justificativa para meu sofrimento.

Assim, Jesus significa para mim não aquele que sofreu pelos pecados do mundo, mas aquele por causa de quem tenho de sofrer. (Há alguém capaz de negar a relação íntima entre a Europa cristã e o Holocausto?) A maioria das coisas que aprendi sobre isso veio de judeus que não conseguiam esconder sua mágoa transformada em raiva, judeus que o retratavam inconscientemente como inimigo.

Mesmo assim, ainda acredito na vinda do Ungido. Um redentor cujo exemplo vivo vai dar início ao humanismo último e vai impelir até o cínico mais raivoso a confessar que ali finalmente está de fato uma pessoa cujo eterno anseio amoroso da consciência por contemplar a si mesma finalmente se realizou. O grande ensinamento do Sinai finalmente concretizado.

Foi o que escrevi e que passei a R. enquanto almoçávamos.

Mas então aconteceu uma coisa surpreendente e transformadora. R. acabou de ler a página e levantou os olhos em minha direção. Seu rosto estava lívido. Franzi o cenho, temendo ter ido além de algum limite, e que minha excessiva franqueza tivesse magoado meu novo amigo. Mas, para meu espanto, R. apenas murmurou: “Perdoe-nos por favor, perdoe-nos. Não pode ter sido a Jesus que esses cristãos serviam”. Seus olhos estavam umedecidos

de lágrimas.

E mais que isso, essa empatia que ele não conseguia ocultar parecia vir diretamente do âmago de sua fé. “Sua religião”, eu disse, “ela deseja que você se importe *tanto assim* comigo?”

“Ah, sim”, disse ele. “Veja que devo continuamente tentar encontrar Deus em todas as pessoas. Jesus é só o começo. Encontrar Deus em você, Larry, é fácil, mas a meta final é encontrar meu Senhor em todos, mesmo em pessoas de quem gosto bem menos do que de você, pessoas de quem não gosto e mesmo pessoas que desprezo”.

E a luz surgiu em mim: então é isso que significa dizer que Deus pode assumir a forma de um ser humano. Para R., aquele evento do passado impõe uma obrigação pelo que pode suceder no futuro. E cada encontro humano é mais uma oportunidade potencial de realizar esse objetivo último. Bem diante de mim, do outro lado da mesa, estava um homem verdadeiramente santo, um homem no qual o espírito se fizera carne.

JESUS E EU

LANCE FLITTER

Jesus. Nunca pensei de fato muito sobre Jesus quando mais jovem. No meu lar judeu liberal, o assunto simplesmente não era muito ventilado. Ele era um sujeito anglo-saxão de barba e ar beatífico que eu via às vezes na televisão perto do final de dezembro. Influenciado pela cultura judaica, eu também tinha alguns sentimentos, indefinidos e desagradáveis em relação a Jesus que era difícil definir. Eu sabia que os judeus tinham sido mortos e torturados em nome de Jesus ao longo dos séculos. Quando fiquei mais velho, aprendi que “Jesus” era um palavra blasfema. Mesmo quando me interessei pelo estudo da religião, por volta dos vinte anos de idade, na verdade nunca estudei muita coisa sobre Jesus e o cristianismo. Estudei um pouco de judaísmo e interessei-me por religiões orientais como o budismo e o taoísmo. A maioria de meus colegas de faculdade parecia ter os mesmos tipos de interesses; por isso, quando surgiam discussões sobre religião, raramente alguém mencionava Jesus.

Cresci na Filadélfia e mais tarde mudei-me para Maryland, perto de Washington D.C. Nenhuma dessas áreas poderia ser considerada um bastião de cristianismo fundamentalista ou evangélico, e eu nunca tivera muito contato com o cristianismo, de modo que estudar o cristianismo ou Jesus não era algo que me ocupasse os pensamentos. Eu sabia que Jesus era judeu, que era o centro do cristianismo e sabia ter algum tipo indefinido e desagradável de sensação em relação a ele.; mas, de modo geral, Jesus não tinha importância para mim. Exceto por ocasionais e suaves manifestações da cultura religiosa populares que eu presenciava, Jesus não era de modo algum parte de minha vida nem de meus pensamentos. Com base em minhas experiências com outros judeus, acho que essa ainda é uma atitude judaica razoavelmente típica em relação a ele, embora, como comento adiante, isso possa estar mudando.

Assim, durante boa parte de minha vida, Jesus era essencialmente algo

fora de cogitação, quase um completo estranho. Tudo isso se transformou há cerca de nove anos, quando comecei a sair com uma mulher cristã. Nunca fui o que se pode chamar de pessoa religiosa. O principal papel da religião em minha vida tinha sido o de estímulo intelectual. Ao lado de algumas celebrações de feriados sacros. Minha namorada, hoje esposa, porém, embora não pudesse de modo algum ser considerada fundamentalista, era religiosa e participava ativamente das atividades de sua igreja. Isso, além de aumentar meu interesse pelo estudo do judaísmo, fez que eu me interessasse pela primeira vez em saber algo sobre o cristianismo.

Com o amadurecimento de nossa relação e com o começo das conversas sobre casamento e filhos, meu desejo de saber mais sobre Jesus e sobre a religião de que ele era o foco tornou-se mais intensa. Agora sou casado e tenho dois filhos. Minha mulher e eu decidimos fazer que as crianças tivessem contato com as duas tradições religiosas de que viemos. Logo, Jesus deixou de ser um estranho. Através de associação íntima, Jesus é agora parte de minha vida. Ele não está “lá fora”; está dentro de meu lar.

A apatia em relação a Jesus e a dissociação dele deixaram de ser uma opção para mim. Jesus é parte da vida de minha mulher e vai ser uma parte da vida de meus filhos. A pergunta que tenho tido de responder a mim mesmo é: como me relaciono com Jesus? O que penso dele e sobre ele? Não sou estudioso judeu nem cristão. Não tenho uma perspectiva que se pretenda acadêmica, nem afirmo ter algum conhecimento que vá além de minha experiência pessoal e da de outras pessoas em circunstâncias semelhantes. Sou simplesmente um judeu americano bastante típico e primordialmente secular que teve Jesus introduzido em sua vida devido a certas circunstâncias e que tem tido de lidar com esse fato. Com base em minha experiência com famílias inter-religiosas em todo o país, na qualidade de líder do Interfaith Families Project of Greater Washington [Projeto de Famílias Inter-Religiosas da Região Metropolitana de Washington] e considerando o número crescente de judeus que desposam cristãos, dou-me conta de que muitos judeus estão vivenciando ou irão vivenciar esse fenômeno. Espero que um relato de minhas investigações nessa área seja benéfico a essa comunidade. O que vem a seguir é uma breve descrição de minha con-tínua jornada, procurando discernir o que penso sobre Jesus.

QUAL JESUS?

Comecei fazendo o que os judeus fazem há milênios quando têm uma pergunta: voltei-me para os livros. Há um imenso número de livros sobre Jesus, escritos com base em uma variedade de perspectivas. Uma das primeiras coisas que descobri ao tentar discernir o que pensava sobre Jesus foi que precisava antes responder à pergunta: qual Jesus? Há provavelmente tantas teorias e perspectivas acerca de Jesus quantas são as pessoas que têm refletido sobre ele, mas eu diria que há duas categorias primordiais de perspectivas a respeito de Jesus: a do Jesus teológico e a do Jesus histórico, cada vez mais popular. Há certa sobreposição entre as duas, mas acho que elas diferem o suficiente para ser consideradas distintas entre si.

O Jesus teológico representa a perspectiva religiosa tradicional sobre Jesus. Esse Jesus vem essencialmente de uma leitura razoavelmente correta das Escrituras cristãs e das interpretações teológicas e religiosas do clero e de pensadores cristãos ao longo da história. Trata-se de Jesus entendido como Deus. Jesus como o fazedor sobrenatural de milagres. O Jesus que ressurgiu dos mortos. O Jesus que traz a salvação. Também é esse o Jesus que inspira boa parte da prática e do pensamento religioso cristãos.

Em contraste com ele, o Jesus histórico é essencialmente um Jesus desmitologizado. Trata-se de uma tentativa de encontrar o Jesus que está por trás das histórias, de compreender quem foi o “verdadeiro” Jesus. Jesus, o homem, em vez de Jesus, o deus. A perspectiva do Jesus histórico vem não apenas das Escrituras cristãs como também de documentos históricos e de uma compreensão das culturas em que foram elaboradas as Escrituras. Embora não negue necessariamente algum caráter sobrenatural de Jesus, a perspectiva do Jesus histórico tem como foco quem foi Jesus como pessoa.

Como vocês podem imaginar, o que se pensa sobre Jesus varia consideravelmente a depender do Jesus de que se fala. A situação é ainda mais complicada porque há variados modos de ver Jesus no interior de cada uma dessas grandes categorias. Meu modo de ver Jesus também se altera, dependendo do tipo de perspectiva pessoal a que recorro. Sou tanto humanista como judeu, e ambas as perspectivas colorem minhas concepções. Logo, a pergunta sobre o que penso a respeito de Jesus não é respondida com facilidade. Contudo, dadas essas complicações, ainda posso mergulhar no assunto e compartilhar alguns pontos de vista.

O JESUS TEOLÓGICO

Vou considerar em primeiro lugar o Jesus teológico. Há muitas histórias sobre Jesus nas Escrituras cristãs. Do meu ponto de vista, as histórias que contêm elementos sobrenaturais em geral pertencem a essa categoria. Na próxima seção, sob o título “o Jesus histórico”, vou examinar histórias que são essencialmente de “pregação” ou não-sobrenaturais. Sob alguns aspectos, essa é uma distinção razoavelmente artificial, mas preciso organizar meus pensamentos, e isso é o que faz sentido para mim.

Por razões que julgo óbvias, não aceito as perspectivas teológicas a respeito de Jesus. Apesar das alegações de alguns grupos recentes como Jews for Jesus, o fato é que os conceitos teológicos primordiais a respeito de Jesus, notadamente o de Jesus como Deus, se acham firmemente fora da perspectiva judaica. Além disso, na qualidade de humanista, tenho muito ceticismo em relação a todo tipo de coisas sobrenaturais. Eu precisaria de boas provas e razões para crer nessas histórias, mas ainda não encontrei nenhuma — e não por falta de vontade de procurar. A partir da popularização da Internet, tenho tido discussões e debates mais do que suficientes com cristãos fundamentalistas. Tomadas literalmente, as histórias sobrenaturais não me servem de nada.

Há uma antiqüíssima tradição religiosa segundo a qual as histórias religiosas têm de ser consideradas em termos metafóricos, e não apenas literalmente. Muitas histórias são tratadas dessa maneira na tradição judaica. O que há de interessante, e por vezes frustrante, nas metáforas, é que, se tentar o suficiente, você pode extrair quase qualquer conceito de qualquer história. Mesmo que tentemos ficar nos limites do razoável. Acho possível extrair coisas significativas das histórias sobre Jesus que envolvem eventos sobrenaturais. Penso contudo que o tópico mais importante e rico é o do Jesus histórico. Esse é o Jesus potencialmente acessível ao judeu e, na verdade, a toda e qualquer pessoa. Deixo a teologia a quem tenha mais qualificações para abordá-la.

O JESUS HISTÓRICO

Tentar ter uma idéia do que foi de fato o Jesus histórico não é tarefa simples. Caso queiramos ser exaustivos, a primeira pergunta que devemos

fazer quando pesquisamos a respeito de uma personagem supostamente histórica é: essa personagem de fato existiu? A própria idéia de fazer essa pergunta pode chocar alguns, mas eu a considero razoável. A maioria dos estudiosos tende a concordar quanto à existência de uma pessoa histórica em quem se baseia a personagem Jesus, e acho que isso é significativo. Mas surpreendi-me ao ver que há quem discorde e diga que Jesus é essencialmente uma personagem fictícia. Também fiquei surpreso com as poucas provas confiáveis quanto à existência do Jesus histórico.

Fora da Escritura cristã, que por motivos óbvios deve ser considerada no mínimo um pouco tendenciosa, há notadamente poucas referências a uma tal pessoa: um par de referências suspeitas na obra de Josefo, uma ou duas menções em algumas outras obras que parecem falar de visões cristãs de Jesus em oposição à experiência direta com a pessoa de Jesus, um par de referências no Talmude que pode ou não se referir a Jesus e que são questionáveis em função da influência cristã sobre o Talmude.

Nenhuma dessas referências parece ter sido escrita na época em que Jesus viveu, ainda que algumas o tenham sido algumas décadas depois da época em que ele supostamente viveu. Para alguém que tem tido um impacto tão profundo sobre a sociedade humana, e que talvez tenha tido um profundo impacto sobre as pessoas de sua época, há significativamente pouca coisa que sustente objetivamente sua existência. Pessoalmente, quando examino as provas que encontro, julgo mais plausível crer de fato que existiu alguém em quem se baseou a personagem Jesus do que acreditar que todas as histórias a seu respeito foram simplesmente inventadas ou tomadas de outras fontes. Acho bem provável que um pouco disso também tenha ocorrido, mas, levando em conta os vários dados, acho mais provável que tenha existido alguma pessoa histórica na base de muitas dessas histórias. O fundamento disso é mais uma sensação que tenho diante das provas do que uma conclusão clara e lógica.

Seja como for, quando se busca o Jesus histórico, os principais documentos de referência são as Escrituras cristãs. Tentar fazer uma idéia de quem de fato foi Jesus envolve examinar as Escrituras cristãs à luz do que se conhece da cultura e do ambiente em que Jesus viveu. Podemos examinar as histórias sobre Jesus em termos desse pano de fundo e determinar parcialmente o que parece mais provavelmente verdadeiro.

Diante disso, como foi o verdadeiro Jesus? Em minhas leituras, encontrei

Jesus, o teólogo; Jesus, o revolucionário político; Jesus, o reformador; Jesus, o socialista; Jesus, o filósofo cínico — etc. Senhor Jesus verdadeiro, queira por favor dar um passo à frente! Creio que muitas dessas concepções têm algo a oferecer. Há, porém, um fundamento que sustenta todos os outros, e que considero fundamental para a compreensão de Jesus: Jesus, o judeu.

JESUS, O JUDEU

Como sabemos que Jesus era judeu? Ele entrou no negócio do pai, viveu na casa paterna até os trinta anos e tinha uma mãe que achava que ele era Deus! Brincadeiras à parte, embora não seja um erudito judeu nem especialista na história do período, sei bem que, quando leio histórias sobre ele, o pano de fundo judaico salta aos olhos. Ao que parece, Jesus pode ter rejeitado aspectos do judaísmo de sua época. Todavia, mesmo esse fato parece relevante, dado que ele era judeu e reagia a um sistema no qual fora educado. Acho que qualquer compreensão do Jesus histórico é impossível sem se levar em conta o contexto judaico de sua existência.

Uma das idéias centrais do cristianismo tradicional é a de que Jesus é visto como alguém que descarta a Antiga Lei. Ele costuma ser encarado como tendo uma atitude bastante negativa com respeito à Lei judaica, e o judaísmo é muitas vezes retratado como um sistema demasiado legalista que por vezes não percebe os desejos de Deus. O judaísmo é por certo uma religião legalista. Se o é excessivamente é questão de opinião. Há uma longa história do abandono pelo povo judeu da Lei, de uma ou de outra maneira, surgindo comumente os profetas para obrigar as pessoas a se comportar bem outra vez. Logo, se Jesus rejeitou parte do conjunto da Lei judaica, isso por certo nada tem de peculiar na história judaica.

Mas há outro aspecto da Lei e da tradição judaicas que julgo importante. O judaísmo sempre foi uma religião com prioridades. Na concepção judaica, nem todas as leis foram criadas iguais. Pensemos numa história sobre Hillel, um líder judaico e estudioso respeitado que morreu quando Jesus contava supostamente dezesseis anos. É até possível que Jesus o tenha conhecido. Há uma história segundo a qual certo dia Hillel foi abordado por um gentio que lhe pediu para resumir o judaísmo enquanto o autor da pergunta “se apoiava num só pé”. Hillel respondeu: “Não faça ao próximo o que você considerada

detestável. O resto é comentário. Agora, vá e estude.”

O resto é comentário? Isso parece excessivamente legalista? Mas Hillel é um dos mais reverenciados sábios do judaísmo. O pronunciamento de Hillel sobre a essência do judaísmo poderia também soar um tanto familiar a cristãos, dado que é a versão em negativo da “regra de ouro” tão freqüentemente atribuída a Jesus. O fato é que a regra de ouro existia no âmbito do judaísmo (bem como de outras culturas) bem antes da época de Jesus. É simplesmente uma expressão do mandamento bíblico “ama ao próximo como a ti mesmo” (Lv 19,18), que Jesus disse ser o segundo maior mandamento da Lei (Mc 12,31).

É surpreendente que Jesus seja com tanta freqüência retratado como desejoso de abolir a Lei, dado que ele mesmo diz o contrário. Segundo Mateus, ele afirmou que não veio para abolir a Lei, mas para fazer que ela se cumprisse, e que nenhuma parte da Lei deveria ser alterada antes de o céu e a terra deixarem de existir (Mt 5,17). Há algumas dúvidas sobre a autenticidade do dito, mas há nos evangelhos muitos exemplos de referências feitas por Jesus as Escrituras Judaicas ou a idéias judaicas. Logo, parece razoável supor que Jesus não pretendia abolir por inteiro a Lei ou a tradição judaica, ainda que partes dela não fossem de seu agrado.

JESUS, O REFORMADOR RELIGIOSO

Acho que outra perspectiva possível, talvez mais provável, é que Jesus, assim como o judaísmo, tinham um conjunto de prioridades. Embora seja verdade que o judaísmo tradicional dispõe de uma copiosa quantidade de leis, sempre houve um conjunto de prioridades para determinar o que tem mais importância. Considerem-se as palavras de Amós com respeito aos sacrifícios dos hebreus da época quando estes agiam supostamente de modo imoral. Falando em nome de Deus, o profeta diz: “Odeio, abomino vossas festas, e não me agradam vossas assembléias solenes. Ainda que me façam sacrifícios e oferendas gordas, não as aceitarei... O que eu quero é ver brotar o direito como água e a justiça correr como riacho que não seca” (Am 5,21.22.24).

Amós não condenava os sacrifícios em si, mas deixava claro quais eram as prioridades de Deus. Essa é ao menos a perspectiva do judeu de sua época e de épocas posteriores. Amós viveu em algum momento por volta do século

VIII a.C., e os rituais sacrificais continuaram a ser uma parte central do judaísmo até a destruição do segundo Templo no ano 70 d.C. Esses exemplos de prioridades podem ser encontrados em todo o judaísmo e em seus escritos. Por exemplo, o judaísmo valoriza bastante a vida. Não apenas se tem permissão para violar quase todos os mandamentos (e o judaísmo reconhece 613 mandamentos) para salvar uma vida, como na verdade se é obrigado a fazê-lo.

Dado o histórico do judaísmo de estabelecer prioridades em relação à justiça, à misericórdia, à gentileza e à vida humana, e considerando as referências que Jesus faz à Lei judaica, e, possivelmente, sua própria afirmação de que não deseja abolir a Lei, parece mais provável que Jesus, como muitos judeus antes e depois dele, tinha um conjunto de prioridades religiosas. Quando sentia que as pessoas não reconheciam essas prioridades, ele as admoestava. Acho que alguns ditos atribuídos a Jesus em que ele criticava a Lei ou os judeus legalistas fazem sentido se vistos dessa maneira. Parece-me que as provas sustentam a idéia de Jesus como reformador religioso.

JESUS COMO DEMOLIDOR DE BARREIRAS SOCIAIS

As objeções primordiais de Jesus à Lei parecem concentrar-se em certas áreas, particularmente a das leis vinculadas com a pureza ritual. O judaísmo está repleto desse gênero de leis. São leis vinculadas com o alimento (as leis do *kashrut*, ou alimento kosher) que especificam quais alimentos são aceitáveis e quais são “impuros”. Há leis de pureza ritual relativas ao corpo. Uma pessoa pode tornar-se ritualmente “impura” em certas circunstâncias.

Essas leis tendem a ter um impacto divisor. Elas por certo distinguiam os judeus dos povos que os cercavam, e também tinham um impacto divisor no meio dos próprios judeus. Algumas pessoas eram consideradas “suja” ou ritualmente impuras, como os leprosos e as mulheres durante a menstruação. Além das leis de pureza ritual, há leis que estabelecem o que é essencialmente um sistema de classes, estando os sacerdotes, de muitas maneiras, no topo.

Uma linha comum que vejo percorrer as histórias sobre Jesus é a de sua ação como demolidor de barreiras sociais. Ele parecia pregar a igualdade

entre as pessoas e é retratado como privando da companhia, por vezes preferencialmente, daqueles cujo *status* na cultura judaica da época teria sido baixo: mulheres, coletores de impostos, leprosos, e assim por diante. Acho provável que essas idéias venham de fato de um Jesus histórico, dado que se distinguem da perspectiva cultural comum da época. Isso as faria ter destaque no meio da população, deixar impressão mais forte e ter mais probabilidade de serem lembradas e registradas. Acho que as provas acerca de como viviam os primeiros cristãos também sustenta essa idéia. De acordo com as leituras que fiz, eles aparentemente viviam em comunidades bastante igualitárias, marcadas pela posse comum de bens, pelo respeito às mulheres e por uma abertura que parecem compatíveis com essas idéias.

Logo, tenho a impressão de que Jesus foi em larga medida judeu; mas ele estava seguindo também uma longa tradição judaica de estabelecimento de prioridades. Tal como foi o caso de muitos profetas e sábios judeus que viveram antes dele, ele parece ter posto alta prioridade no ideal de amar ao próximo e em dar primazia mais às pessoas do que ao ritual. Trata-se de uma tradição que existia antes dele e que permanece em nossos dias. Há hoje movimentos ou denominações no âmbito do judaísmo, como o Reform Judaism [Judaísmo Reformador], que acentua os aspectos morais e éticos do judaísmo, sobrepondo-os às preocupações rituais. A idéia de Jesus como reformador judaico é uma idéia aceitável e que julgo sustentada pelas provas. Esse Jesus rompeu barreiras sociais tradicionais e deu destaque a leis e ideais judaicos vinculados com o amor, a gentileza e o respeito acima ou mesmo com a exclusão das leis ligadas ao ritual.

JESUS E OS GENTIOS

Embora Jesus fosse certamente judeu e tivesse seus pensamentos formados em um contexto judeu, não fica muito claro como ele se relacionava com os não-judeus. Há mais de um exemplo em que Jesus invectiva de alguma maneira contra não-judeus. Um caso claro está em Mateus 15,21-26. Jesus ignora os apelos de uma gentia que lhe pede ajuda, referindo-se obliquamente ao povo a que ela pertence como “cães”. E diz explicitamente: “Fui enviado somente para as ovelhas perdidas do povo de Israel”. Isso parece incompatível com a idéia de um Jesus que rompia barreiras sociais. A cultura

judaica era, e em certos aspectos continua a ser, bastante separatista por sua própria natureza, e Jesus por certo vivenciou isso. Todavia, tem-se a impressão de que ele teria rejeitado essas atitudes se professava a abertura em relação a todas as pessoas, como ele parece ter professado.

A parábola do Bom Samaritano (Lc 10,29-37) me parece mais coerente com o Jesus autêntico. Nessa parábola, ele demonstra que não somente os não-judeus como também os odiados inimigos dos judeus, os samaritanos, podem ser boas pessoas. E a parábola é, mais do que isso, um comentário sobre o efeito das leis judaicas de pureza ritual, dado que as duas pessoas que passaram antes do samaritano foram um sacerdote e um levita. Sacerdotes e levitas estão proibidos de tocar em pessoas mortas, de modo que, se julgaram que o homem na estrada estava morto, eles não teriam se aproximado dele para evitar tornar-se ritualmente impuros. Logo, a parábola demonstra tanto uma abertura social como uma condenação de idéias de pureza ritual. Trata-se de conceitos que vejo aparecer repetidamente no que se refere a Jesus, de modo que estou inclinado a pensar que têm mais probabilidades de ser autênticas.

Parece-me provável que Jesus teria acolhido toda pessoa que partilhasse de sua filosofia igualitária e humanitária. Julgo evidente que ele cruzou fronteiras sociais, incluindo ocasionalmente mesmo as que separavam judeus de gentios, o que deve tê-lo tornado impopular entre alguns judeus, particularmente entre os que estavam associados com as estruturas tradicionais de poder, como os saduceus (os sacerdotes que controlavam o Templo) e os líderes dos fariseus (os precursores dos rabinos). Seria não obstante um erro sugerir que ele de algum modo estivesse se afastando do judaísmo. Ele pode ter sido receptivo a todas as pessoas, mas eu o vejo convidando-as a aceitar o judaísmo, pois penso que o que ele professava era sua própria visão do judaísmo. Não penso nem por um segundo que ele estivesse tentando iniciar uma nova religião. Na verdade, acho que ele provavelmente ficaria consternado diante dessa idéia.

JESUS MESSIAS?

Outra questão central, vinculada com os pressupostos básicos do cristianismo, é saber se Jesus se considerava o Messias. Eu, na realidade, não

tenho muita certeza disso. Duvido que ele tenha sido o primeiro a pensar isso, e certamente não será o último. Havia na verdade um candidato a Messias Judeu, que viveu no século imediatamente posterior ao de Jesus e era conhecido pelo nome de Simon bar Kosiba. Ele conseguiu seguidores em cujas fileiras estava o notável rabino Akiba, que lhe atribuiu o epíteto “Bar Kochba”, “Filho da Estrela”, um título messiânico (Nm 24,17). Bar Kochba liderou uma revolta contra os romanos que teve sucesso durante alguns anos, mas terminou em enorme desastre para o povo judeu. Assim, casos de judeus que alegam ser o Messias não são uma ocorrência tão extraordinária.

É contudo importante notar que a idéia judaica do messias é radicalmente distinta da cristã. “Messias” é a versão da palavra judaica *mashiah*, que significa literalmente “o ungido”. (“Cristo” vem da tradução grega dessa mesma palavra, *christos*.) Na tradição judaica, o rei é ungido com óleo como símbolo de sua realeza. Havia algumas variações entre concepções judaicas do Messias, mas a concepção tradicional do *maschiah*, ou messias, é a de que ele será um rei plenamente humano que vai libertar o povo judeu de sua servidão ou de seus problemas e introduzir uma “era messiânica”, uma sociedade idealizada em que “nação não vai manejar a espada contra nação, nem vão elas treinar mais para a guerra”, e “o leão viverá com o cordeiro e o leopardo deitará ao lado do bode”. Será o reino de Deus *na terra*. Em outras palavras, esse messias humano vai introduzir uma “nova era”, nova era que vai se estabelecer *imediatamente*, no espaço de tempo da vida desse messias, em oposição a um “segundo advento”, e vai ocorrer aqui na terra.

Isso difere radicalmente da concepção cristã do messias como salvador no sentido de redentor dos pecados, de Filho de Deus que desce do céu, na humildade de um corpo humano, a fim de oferecer-se em sacrifício redentor, o messias que vai voltar em glória para reunir os que lhe forem fiéis e estabelecer seu reino. (Não fica claro se esse reino será terreno ou celeste.) É certo que Jesus tinha familiaridade com as concepções judaicas do messias e, como se dirigia a públicos judaicos, se ele tivesse reivindicado algum tipo de condição de messias, este teria sido do tipo judaico.

Há grandes parcelas das Escrituras cristãs que tentam justificar Jesus como figura messiânica. Há referências freqüentes às Escrituras judaicas e a Jesus realizando certos atos ou dizendo certas palavras que poderiam ser interpretadas como a realização de “profecias” judaicas sobre o Messias. Mas, de modo geral, os perfis proféticos de Jesus me parecem vazios, dado

que costumam parecer forçados e em larga medida não representam uma compreensão judaica das profecias em questão. Às vezes, as representações errôneas são na realidade bastante risíveis, como ocorre quando se relata que Jesus entrou em Jerusalém montado numa jumenta e num jumentinho (Mt 21). Posso imaginar o pobre Jesus tentando montar os dois animais ao mesmo tempo. Trata-se de um erro de tradução ou de interpretação das Escrituras judaicas (Zc 9), em que um mesmo animal é chamado tanto de jumenta como de jumentinho.

Quando leio essas descrições, tenho a impressão de que os autores estão se esforçando bastante para enquadrar seu Jesus naquilo que percebem ser a concepção judaica do messias; mas eles não parecem entender bem as Escrituras judaicas. Outro erro comum de interpretação (que parece estar sendo abandonado na maioria dos círculos cristãos modernos) vem do livro de Isaías: a referência ao “servo sofredor”, que os judeus e a maioria dos estudiosos entendem como remetendo a Israel.

Assim, em geral encontro poucas coisas que sugiram que Jesus se considerasse uma figura messiânica. A abertura de Jesus, que parece autêntica, não parece se enquadrar no reinado razoavelmente militante que julgo ser a concepção dominante do Messias judaico na época, concepção que Jesus muito provavelmente conhecia bem. Logo, duvido que Jesus se apresentasse como figura messiânica.

É possível dizer muito mais coisas acerca do que melhor representa o Jesus autêntico, e foram escritos numerosos livros a esse respeito. Mas poucos são os trabalhos que examinam Jesus através de olhos judeus. Acho que, para compreender Jesus, você tem de colocá-lo no contexto em que ele viveu, e isso significa entendê-lo como judeu. Tentei abordar dois tópicos essenciais em relação a ele: o que penso ser seu caráter e sua missão básicos, e se ele se considerava ou não o Messias. Quanto a seu caráter básico, Jesus como reformador religioso faz mais sentido para mim. Julgo esse perfil coerente com sua condição de judeu e com a atmosfera geral que vem das histórias a seu respeito. Jesus, assim como outros judeus antes e depois dele, tentou enfatizar os aspectos morais e humanos do judaísmo em vez dos aspectos ritualísticos. Posso com certeza sentir empatia com isso, dado que tenho a mesma tendência; e acho que muitos judeus de nossos dias também a exibem. Mas acho igualmente que a dele foi a visão de um judaísmo reformado, não de um judaísmo abandonado, rejeitado ou substituído.

JESUS, UM DE NÓS

No começo deste artigo, observei que durante boa parte de minha vida Jesus não era algo que eu cogitasse. Historicamente, Jesus era um assunto desprezado pelos judeus. Ainda que isso continue a ocorrer com muitos judeus, creio que se trata de uma situação em mudança. Com o progresso da história e com a grande atenuação da animosidade contra os judeus (infelizmente não completa), um número maior de judeus está se interessando, creio eu, por alcançar alguma compreensão, de uma maneira significativa para judeus, de quem foi essa figura tão central do cristianismo. Afinal, Jesus era judeu. Compreender Jesus é compreender um de nós. Isso me lembra uma piada...

Uma senhora judia vai parar em um hospital católico. Há na cabeceira da cama um grande quadro retratando Jesus. Uma freira sensível, sabendo que a mulher é judia, pergunta-lhe se ela deseja que o quadro seja retirado. — Ah, não! — replica a senhora — Ele é um dos nossos rapazes que alcançou um imenso sucesso. Deixe-o aí!

Sei que vou continuar me esforçando por compreender quem foi Jesus e que aparência tem ele quando olhado por meio deste par de olhos judaicos. Suspeito que, com o passar do tempo, um número cada vez maior de judeus vai fazer o mesmo. Minha compreensão de Jesus por certo difere de modo radical da compreensão tradicional que dele tem o cristianismo. Todavia, quando meus olhos encontram algo que me parece o “autêntico” Jesus, vejo outro par de olhos judeus e posso respeitar a pessoa que me olha de volta com esses olhos.

QUATRA PARTE
A CONVERSAÇÃO CONTINUA

“COMO VOCÊS LÊEM?”

Jesus Conversa com seus Colegas¹

LAWRENCE EDWARDS

Todo ato de reconstrução histórica é em parte um ato de imaginação. Logo, depende em larga medida do desejo, da parte de quem imagina, de “ler” as provas de maneira particular. No caso de Jesus, por exemplo, o que se quer é encontrar razões para maior separação, para o estabelecimento de rígidas demarcações entre judaísmo e cristianismo? Deseja-se borrar as fronteiras de modo a criar algo vagamente denominado “tradição judaico-cristã”? Como deveremos ler a história da época e do lugar de Jesus de modo a ouvi-lo outra vez neles inseridos, como parte de uma conversação judaica?

A MATRIZ JUDAICA

O século I da Era Cristã foi uma época de enorme complexidade, muito confusa, repleta de perigos, plena de potenciais. Consideremos o lugar do povo judeu no império romano. O judaísmo era uma religião legalmente reconhecida (*religio licita*), mas também suspeita. (Alguns acusavam os judeus de ateus, dado que ninguém conseguia ver seu Deus.) Havia ainda uma grande comunidade judaica na Babilônia, no império Parto (o principal rival de Roma). Jerusalém era o centro religioso do povo judeu, com seu Templo recém reformado e ampliado, e multidões de peregrinos nas grandes datas festivas, mas as sinagogas eram o principal local de assembléia para a maioria das comunidades judaicas. Fora da Terra de Israel vivia um número bem maior de judeus, e a maioria deles falava grego.

Havia a Torá e os livros proféticos, bem como vários outros escritos sagrados, mas a Bíblia tal como hoje a conhecemos ainda não fora canonizada. Traduções gregas e aramaicas das Escrituras judaicas eram mais

acessíveis que o hebraico original. Não havia livro de orações, não havia Talmude, não havia *seder* de páscoa que nos soassem familiares hoje.

Qual era a atitude dos judeus em relação aos não-judeus, a maioria dos quais (na época) era formada por pagãos idólatras? Que grau de assimilação se verificava? Qual o grau de preocupação, numa época de grande mistura cultural, com a maneira de preservar a identidade judaica e manter fronteiras comunitárias?

O Exílio na Babilônia e a destruição do primeiro Templo tinham dado início a uma nova era na história judaica. Alguns sugeriram que foi essa a época na qual o judaísmo se tornou pela primeira vez não somente uma identidade nacional como também uma religião que começou a atrair convertidos. Vemos provas disso nos capítulos finais de Isaías (Deutero-Isaías), e em outros lugares. Há referências às pessoas que foram atraídas pelo judaísmo (ver Is 56,3): eram às vezes chamados de “tementes a Deus”, indivíduos que se agregavam à sinagoga e à comunidade judaica sem passar necessariamente por uma conversão formal. Quando alguns judeus retornaram à terra de Israel, na época de Esdras e Neemias, tiveram eles de enfrentar o enorme desafio de como reconstituir a comunidade. Uma das grandes questões era a da identidade: quem é e quem não é parte da comunidade?

Cinco séculos mais tarde, as discussões continuavam. Havia muitos pontos de vista diferentes. No século I, sob ocupação romana, havia os que eram favoráveis à colaboração e os que defendiam a resistência violenta. Havia aqueles para quem o Templo era o centro de tudo e outros que consideravam a sinagoga como a maneira de desenvolver novas práticas judaicas. Alguns mergulhavam no caos da vida cotidiana e alguns iam para o deserto em busca de pureza.

Dentre as muitas facções e escolas judaicas de pensamento da época, aquela acerca da qual julgamos saber mais é a dos fariseus. Mas, na realidade, sabemos a seu respeito principalmente por fontes ulteriores — tradições rabínicas e Escrituras cristãs. Na verdade, os únicos escritos diretos que temos de pessoas que dizem ser membros desse grupo são as obras de Josefo e as cartas de Paulo.

Os fariseus parecem ter sido um grupo razoavelmente pequeno que se dedicava ao estudo e interpretação da Torá. Eles respeitavam os rituais do Templo, mas em larga medida realizavam seu trabalho fora dele. Adaptaram

algumas das leis de pureza do Templo para permitir que fossem observadas por judeus comuns. Viam a Torá como a Constituição de Israel e levavam a sério tudo o que nela estava contido. Não eram porém literalistas nem fundamentalistas. Em vez disso, abraçavam a idéia de uma tradição oral de ensinamento e de interpretação que remontava a Moisés. As fontes de sua autoridade eram seus estudos e sua piedade, e sua principal preocupação consistia em ensinar aos judeus maneiras de manter um sentido de santidade por meio da prática cotidiana. Pode ou não ter sido sua intenção, mas foram eles que recriaram e ampliaram a prática judaica de formas que permitiram ao judaísmo sobreviver e florescer depois da destruição do Templo.

JESUS EM SEU AMBIENTE

Situemos nesta leitura da história a figura de Jesus. Geza Vermes, que considera Jesus um “agente de cura-mestre-profeta carismático”, diz que a descrição de Jesus nos evangelhos Sinóticos “é perfeitamente adequada à Galiléia do século I, tal como conhecida diretamente por meio de Josefo e, indiretamente, através da literatura rabínica.² Harvey Falk alega que Jesus é melhor compreendido como membro da Escola Farisaica de Hillel.³ Tenha ele sido um mestre que realizava prodígios ou um fariseu hillelita, é certo que Jesus era um judeu de sua época. É fácil imaginar Jesus participando de muitas das conversações e debates que ajudaram a moldar aquilo que o judaísmo viria a ser.

Ou talvez se devesse dizer “re-imaginar”, visto que a maioria dos relatos que encontramos nos evangelhos das Escrituras cristãs parecem mostrar Jesus em conflito com os fariseus e outros líderes judaicos. Poderemos começar a recuperar as conversações que eram entabuladas então? Parte do esforço consiste em reconstruir os indícios e fragmentos remanescentes, examinando com distanciamento as fontes existentes, recobertas por muitas camadas de interpretação, tantas delas arraigadas na amargura e na separação. Mas por que deveriam os judeus desprezar os ensinamentos de Jesus simplesmente por causa da maneira como foram apropriados e usados contra nós? Claro que não era essa a intenção de Jesus! Afinal, ele foi um dos grandes gênios religiosos que o judaísmo produziu. Meu objetivo aqui é renovar a conversação com base num entendimento mais complexo do que pode ter

acontecido no século I, e levando Jesus a sério como mestre dessa época.

Entre os fariseus e entre seus sucessores rabínicos, havia significativas diferenças de interpretação. Isso chega até nós com maior clareza por meio dos ensinamentos muitas vezes conflituosos da Escola da Shammai e da Escola de Hillel. Há fortes indícios de que uma das diferenças entre esses grupos farisaicos/rabínicos tem que ver com a questão de “ampliar o alcance”. Algumas das histórias mais conhecidas do Talmude sugerem que Shammai costumava ser mais estrito em suas interpretações. Talvez ele tivesse uma especial preocupação em manter claras fronteiras entre judeus e não-judeus. Hillel, por outro lado, é retratado como bastante aberto e interessado em ensinar a Torá tanto a gentios como a judeus. Consideremos esta famosa história do Talmude:

Houve outro incidente particular no qual um idólatra específico dirigiu-se a Shammai e lhe disse: “Converte-me, desde que me ensines toda a Torá enquanto consigo me manter num só pé.” Shammai o fez ir-se embora com o bastão que trazia na mão. E o pagão foi procurar Hillel, que o converteu e lhe disse: “Não faça ao próximo o que você considera detestável para você. Isso é toda a Torá; o resto é comentário. Agora, vá e estude.”

Jesus se envolve numa discussão semelhante, relatada em várias versões. No Evangelho de Marcos (12,29-34), perguntam-lhe qual o mais importante mandamento. Ele começa sua resposta com o *Shema*:

“O primeiro mandamento é este: Ouve, ó Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor! E ama ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com toda a tua força [Dt 6,4-5]. O segundo mandamento é este: Ama o teu próximo como a ti mesmo [Lv 19,18]. Não existe outro mandamento mais importante do que esses dois”. O doutor da Lei disse a Jesus: “Muito bem, Mestre! Como disseste, ele é, na verdade, o único Deus, e não existe outro além dele. E amá-lo de todo o coração, de toda a mente, e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, é melhor do que todos os holocaustos e do que todos os sacrifícios”. Jesus viu que o doutor da Lei tinha respondido com inteligência e disse: “Não estás longe do Reino de Deus”. E ninguém mais tinha coragem de fazer perguntas a Jesus.

Na versão de Mateus (22,34-40), Jesus também cita as mesmas passagens da Torá (mais resumidamente, sem “Ouve, ó Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor”.) Também nessa versão a discussão é encerrada abruptamente com sua declaração: “Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas”.

“MAS COMO VOCÊS LÊEM ‘PRÓXIMO’?”

A versão de Lucas (10,25-37) é a que oferece a mais extensa discussão do assunto, e me parece a mais compatível com um mestre na maneira como entabula e estende a conversação. Em primeiro lugar, a pergunta é feita de outra maneira: “Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?” Jesus replica não com uma resposta, mas, da maneira bem típica dos judeus, com outra pergunta: “O que está escrito na Lei? Como lê?” E observe-se aqui que não é só “Que *achas?*”, mas “Como *lê?*” Em outras palavras, veja o texto e me diga o que lhe causa a impressão mais forte. Seu interlocutor diz o que Jesus considera a resposta correta: “Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com toda a tua força; e o teu próximo como a ti mesmo”. E Jesus diz ao homem: “Deste a resposta correta; faze isto e viverás”.

Dessa vez a discussão se estende, no bom estilo rabínico, com uma solicitação de maiores esclarecimentos: “E quem é o meu próximo?” A essa pergunta Jesus responde com a famosa parábola do Bom Samaritano:

“Um homem ia descendo de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos de assaltantes, que lhe arrancaram tudo e o espancaram. Depois foram embora, e o deixaram quase morto. Por acaso um sacerdote estava descendo por aquele caminho; quando viu o homem, passou adiante, pelo outro lado. O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu e passou adiante, pelo outro lado. Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu, e teve compaixão. Aproximou-se dele e fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas. Depois colocou o homem em seu próprio animal e o levou a uma pensão, onde cuidou dele. No dia seguinte, pegou duas moedas de prata e as entregou ao dono da pensão, recomendando: ‘Tome conta dele. Quando eu voltar, vou pagar o que ele tiver gasto a mais’”. E Jesus perguntou: “Na tua opinião, qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: “Aquele que praticou misericórdia para com ele.” Então Jesus lhe disse: “Vai e faze a mesma coisa.”

Uma interessantíssima inversão: a pergunta era “Quem é o meu próximo?” Em outras palavras: “A quem sou obrigado a amar?” Uma interpretação tradicional e razoável de “Ama o teu próximo como a ti mesmo” compreendia como aplicável apenas a um conterrâneo judeu (alguém igual a ti). A resposta sugerida pela parábola de Jesus é que “próximo” é “aquele que praticou misericórdia para com ele”. Não é quem deve ser ajudado, mas aquele que deve ajudar. Em outros termos, Jesus parece estar dizendo:

‘Fizestes a pergunta errada. O que importa discernir não é *com quem* tenho compromisso, mas *agir* como próximo’. Trata-se de um belo exemplo de entabular uma discussão da Torá, e de lê-la de maneira que amplia o círculo de compromisso.

Se a parábola de Jesus pode ser entendida como estendendo a categoria de “próximo”, há outra passagem na literatura rabínica que se vê às voltas com a mesma questão. Ela se inicia com o mesmo versículo do Levítico, e registra uma diferença de opinião entre o rabino Akiba e Ben Azzai:

Ama o teu próximo como a ti mesmo [Lv 19,18]. O rabino Akiba disse: Este é o grande princípio da Torá. Ben Azzai disse: *Lista dos descendentes de Adão: Quando Deus criou Adão, ele o fez à semelhança de Deus. Homem e mulher ele os criou* [Gn 5,1-2] afirma um princípio ainda mais amplo. Não deveis dizer “Como fui humilhado, que meu semelhante também o seja; como fui amaldiçoado, que meu semelhante também o seja.” Porque, como R. Tanhuma destacou, se assim agires, deverás perceber quem queres que seja humilhado: alguém a quem Deus criou à semelhança divina.⁴

O rabino Akiba (que de modo geral está alinhado com a Escola de Hillel) está claramente citando uma tradição de longa data que vê “Ama o teu próximo como a ti mesmo” como o ensinamento central da Torá. Jesus, mais ou menos um século antes, era parte da mesma tradição. Akiba parece entender “próximo” como referência a concidadãos judeus. Jesus (na versão de Lucas) amplia o sentido do termo “próximo”. Ben Azzai, contemporâneo de Akiba, encontra um versículo da Torá que nos lembra de que *todos* os seres humanos foram criados à imagem de Deus e que, por conseguinte, o círculo de obrigação se estende a todos.

Cada um desses sábios judeus — Hillel, Jesus, Akiba, Ben Azzai — labuta com interrogações que atingem o âmago do sistema de valores da Torá. Jesus tenta resumir o ensinamento essencial da Torá citando na verdade dois versículos, tal como o fazem Akiba e Ben Azzai. Examinemos agora outra vez a primeira história: Hillel apresenta um ensinamento semelhante a “Ama o teu próximo como a ti mesmo”, mas sem citar a Escritura. Hillel, de modo geral considerado firmemente situado dentro das fronteiras do judaísmo, não cita nesse caso a Torá. (David Flusser de fato assinala, no entanto, que a frase usada é próxima de uma tradução/paráfrase em aramaico feita antes.⁵ Por outro lado, Jesus, que muitas vezes é considerado como tendo ultrapassado as fronteiras do ensinamento tradicional, cita a Torá. Qual o contexto desses

ensinamentos? Para onde estão sendo eles dirigidos?

UMA CONVERSAÇÃO JUDAICA

Nas narrativas dos evangelhos, Jesus se dirige a judeus. Trata-se de uma conversa privada entre judeus. É o estudo da Torá entre judeus, e todos eles conhecem bem os versículos citados. Hillel, por outro lado, fala de uma passagem do Talmude a um gentio, um convertido potencial. Hillel está “ampliando o alcance”, falando de maneira que seja mais imediatamente acessível a quem não conhece as meias palavras por meio das quais os conhecedores citam a Torá. Akiba e Ben Azzai travam uma discussão judaica interna, mas pensando em círculos cada vez mais amplos de contato social (e talvez também no movimento cristão em crescimento).

O essencial dessa breve comparação não é defender a superioridade de uma passagem em relação à outra. É, pelo contrário, sugerir que não devemos fazer suposições acerca de quais mestres judaicos estavam se dirigindo a judeus e quais a gentios. Cada uma dessas passagens relata partes de uma conversa em andamento acerca de questões que continuam a nos preocupar: quais os ensinamentos essenciais da Torá? O que Deus espera de nós? O que esperamos uns dos outros? Até onde vão minhas obrigações?

Até onde mesmo? Parece provável que, por volta do século I, já houvesse uma tradição oral que considerava “Ama o teu próximo como a ti mesmo” o ensinamento central da Torá. A discussão pode então ter girado em torno de quem está incluído na categoria de próximo. Mas pode-se imaginar porque Levítico 19,18 tenha sido considerada passagem tão central. Por que poucos versículos adiante, no mesmo capítulo, encontramos a passagem “Quando um estrangeiro vive convosco na vossa terra, não deveis enganá-lo. O estrangeiro que reside convosco será para vós como um de vossos concidadãos; vós o amareis como a vós mesmos, porque fostes estrangeiros na terra do Egito: Eu, o Senhor, sou vosso Deus” (Lv 19,33-34, NJPS⁶)?

Indica-se no Talmude que advertências contra a opressão ao estrangeiro são repetidas ao menos 36 vezes (*B. Baba Metzia* 59b). Mas o termo “estrangeiro” costuma ser entendido pelos rabinos como referência a conversos ao judaísmo (isto é, o cidadão naturalizado em contraste com o nascido no país), e um versículo como Levítico 19,34 é compreendido como

advertência contra obter vantagens indevidas de todo recém-chegado à comunidade. Mesmo assim, parece claro que a Torá já tinha posto em movimento uma tendência na direção de um círculo cada vez mais amplo de obrigação. A compreensão que Jesus tem de “próximo” segue essa tendência.

No século XX, o filósofo e mestre judeu Emanuel Levinas situou o princípio de “Ama o estrangeiro como a ti mesmo” no centro de sua compreensão ética. Tal como Hillel na história acima, em seus escritos filosóficos Levinas em geral não cita diretamente a Torá nem outras fontes judaicas. Contudo, em seus ensaios explicitamente judaicos, fica muito claro que esse princípio tem importância fundamental: “As boas-vindas dadas ao Estrangeiro, a que a Bíblia nos conclama incansavelmente, não constitui um corolário do judaísmo e de seu amor a Deus..., mas é o próprio conteúdo da fé. Trata-se de uma responsabilidade indeclinável.”⁷

O judaísmo nos séculos I e II era uma obra de progresso, e continua a sê-lo em nossos dias. Um número cada vez maior de cristãos se dá conta hoje de que o cristianismo não pode ser compreendido sem um exame de suas raízes no judaísmo. E uma compreensão judaica de Jesus o verá não como alguém que tentou sobrepujar os ensinamentos judaicos de sua época, mas como alguém plenamente envolvido nas questões judaicas do período. Para os judeus, na medida em que pudermos resgatar e recuperar Jesus como um mestre judaico, ele também pode ter algo a nos ensinar. Devemos no mínimo ser receptivos para ouvi-lo — não por certo como portador da última palavra, mas como parte integrante de uma contínua conversação sobre a Torá.

¹ O autor deseja agradecer à Irmã Mary Ellen Coombe, N.D.S., com a qual preparou uma sessão de estudos para educadores católicos e judaicos que constituiu a semente deste ensaio.

² Geza Vermes, *The Religion of Jesus the Jew*, Mineápolis, Fortress, 1993, p. 4.

³ Harvey Falk, *Jesus the Pharisee: A New Look at the Jewishness of Jesus*, Nova York, Paulist Press, 1985.

⁴ Registrada em várias versões no Talmude de Jerusalém *Nedarim* 9,4; *Gênesis Rabbah* 24,7; *Sifra Kedoshim* IV, 12 (adaptação minha).

⁵ David Fluser, “Jesus, His Ancestry, and the Commandment of Love”, in *Jesus’ Jewishness: Exploring the Place of Jesus in Early Judaism*, org. por James H. Charlesworth, Nova York, Crossroad, 1991, p. 169.

⁶ Nova versão da Bíblia da Jewish Publication Society. N. do T.

[7](#) Emmanuel Levinas, “Religion and Tolerance”, in *Difficult Freedom*, trad. Seán Hand, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1990, p. 173.

NOVOS OLHOS

A atual renovação judaica poderia ver Jesus como um dos seus

MICHAEL LERNER

Muitos dos primeiros cristãos percebiam a si mesmos como parte de um movimento de renovação judaica. Como membros de movimentos de renovação anteriores, eles consideravam que as instituições judaicas se achavam dominadas por elites que muitas vezes davam a impressão de estar usando o ritual judaico em substituição ao envolvimento espiritual. Acomodando-se ao espírito helenista da época, muitos intelectuais judaicos distanciavam-se do espírito da Torá a fim de melhor imergir em sua letra. Outros viam sua tarefa como a de “construir uma nação”, preocupando-se mais com a sobrevivência do corpo judaico e da comunidade judaica do que com a alma judaica. Havia entre os primeiros judeus-cristãos muitos que sentiam estar criticando essas distorções do judaísmo e ajudar a restaurar as intuições básicas que haviam animado originalmente o judaísmo.

Jesus parece ter sido motivado por um desgosto com as maneiras pelas quais o *establishment* judaico de sua época tinha se fixado excessivamente no ritual religioso em detrimento da fidelidade ao âmago da espiritualidade judaica e do amor judaico. De formas inovadoras e enfáticas, ele tentou enfrentar esse *establishment* e validar as experiências e necessidades de alguns dos mais oprimidos elementos da Judéia ocupada e dominada pelos romanos. Ele pode não ter tido uma adequada compreensão dos modos pelos quais as distorções da vida judaica eram elas próprias o produto de tentativas feitas por alguns para se acomodar à ocupação romana e, por outros, para resistir a essa ocupação. Mas, mesmo assim, teve percepções perspicazes e concebeu formas de formular verdades da Torá que pudessem servir de inspiração a muitos judeus. Sua insistência na integridade ética e espiritual; sua mensagem de que, em nossa vida individual e em nossas modalidades de relacionamento com os que constituem os mais oprimidos da sociedade,

temos de personificar a mensagem de compaixão da Torá; e sua contestação do ritual apartado da sensibilidade ética — tudo isso poderia facilmente ter encontrado lugar na tradição judaica, caso não lhe tivesse sido agregada uma metafísica do messianismo e, mais tarde, uma religião que oprimiu os judeus. Na verdade, à medida que nos afastamos do período histórico em que cristãos oprimiram e menosprezaram judeus, vai ser possível aos judeus considerar o ensinamento de Jesus com novos olhos, e resgatar o Jesus judeu como um mestre honrado, sem ter de rejeitar tudo aquilo que ele disse apenas por causa das maneiras como mais tarde suas palavras foram usadas para nos ferir.

Uma apropriação saudável do Jesus judeu vai evitar o tipo de tons reverenciais que por vezes se ouvem de judeus que desejam de tal forma enfatizar o diálogo inter-religioso que falam de Jesus como profeta e agente de cura, a fim de mostrar que agora podemos ser gentis com ele. É mais adequado tratá-lo como outros mestres judeus, submetendo-o ao mesmo escrutínio irreverente, reconhecendo suas limitações tal como se reconhecem as de outros mestres do período talmúdico, assimilando as partes que parecem boas e rejeitando o resto, sem permitir que uma concepção internalizada de como isso vai afetar nossas relações com os cristãos interfira no que é aceito ou rejeitado. Quando pudermos chegar a esse ponto, Jesus vai recuperar seu lugar de direito como mestre respeitado e por vezes perspicaz do povo judeu.

YEHOSHUA E A ALIANÇA INTACTA

DREW LEDER

Há duas experiências fundacionais para o povo judeu. A primeira é a da aliança. “Eu vos adotarei como o meu povo, e serei o vosso Deus” (Ex 6,7). Os judeus são o povo escolhido, ou, o que talvez seja adequado, o povo *que escolhe*; o povo que fez um acordo sagrado: seguir os mandamentos de seu Criador e receber em troca proteção divina.

A segunda experiência fundacional dos judeus parece estar em contradição direta com a primeira. Trata-se do fato do *sofrimento*. Da destruição do Templo aos fornos crematórios de Auschwitz, a história do povo judeu tem sido afetada por carnificinas e perseguições, guetos e *pogroms*, zombaria e exílio. Pode-se imaginar um judeu dizendo a Deus: “Ai, com amigos como estes, quem precisa de inimigos?” Do Livro de Jó a *Night*, de Elie Wiesel, uma questão universal de teodicéia assume uma forma distintivamente judaica: por que os bons sofrem num mundo da aliança?

Duas respostas parecem possíveis, e até óbvias, inevitáveis. A primeira é que o judeu quebrou a aliança. Não recordam os profetas repetidas vezes ao povo judeu suas profundas falhas em termos de justiça e de misericórdia? Moisés não atirou as tábuas indignado com a idolatria de seus seguidores? Quando os problemas se abatem sobre Jó, seus amigos têm de supor que ele cometeu gravíssimos pecados. A alternativa parece impensável.

Mas vamos raciocinar até o fim: talvez seja Deus quem cai diante de Jó — cai sobre Jó, por assim dizer. O próprio Jó não consegue identificar nenhuma falha que tenha cometido. E, remontando aos milênios, Elie Wiesel não consegue encontrar nenhum pecado judeu comensurável com os horrores que visitaram seu povo. Nos campos da morte, onde estava Deus? Ou deveríamos dizer “*Onde diabos estava Deus*”? — porque, para os prisioneiros, tratava-se de um inferno em vida. A aliança parece uma zombaria, ou o produto de ingênuos devaneios, num mundo governado pela ignorância e pela malícia.

É nesse contexto que a vida de Yehoshua pode assumir para os judeus um

significado especial. Ele foi um messias, um *avatar* — uma encarnação divina —, uma figura profética, um rabino reformador, um insurgente radical, um homem santo infundido do espírito? Pouco importa. Deixe de lado por um momento os debates teológicos. Imagine apenas que de alguma maneira ele veio, como ele mesmo o afirma, primeiro e principalmente para falar com seus concidadãos judeus. Imagine ainda que ele veio, como o vivenciaram muitos, trazendo uma mensagem muito importante de Deus. Imagine por fim que as circunstâncias de sua vida e de sua morte foram parte dessa mensagem de uma maneira que ele mesmo pode não ter compreendido plenamente. Qual teria sido essa mensagem? O que poderia Deus ter dito aos judeus por meio da vida e da morte de Yehoshua?

Simplemente isto: em meio ao sofrimento, *a aliança se mantém intacta*. Um homem bom pode ver-se sujeito a terríveis privações: dor, zombaria, abandono, morte cruel. Mas isso não precisa significar que ele rompeu a aliança. “Este é meu filho bem amado, que muito me apraz” (Mt 3,17). Nem significa que Deus se esqueceu da aliança, embora por alguns momentos se possa ter essa impressão: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34). Sabemos que essas palavras são do Salmo 22, e que antecedem sua afirmação retumbante: “Porque Ele não desdenhou, não rejeitou o apelo do humilde: Ele não lhe ocultou a face; quando ele clamou, Ele o escutou” (Sl 22,24). No cristianismo, essa afirmação do amor de Deus foi encontrada na experiência da Páscoa e na teologia da redenção.

Todavia, deixando o fato de Yehoshua ser judeu, a mensagem ainda tem ressonância: o sofrimento é compatível com a incolumidade da aliança. Mesmo em meio à agonia física, ao ostracismo social, à noite escura do espírito, Deus está profundamente *conosco* — Emmanuel. O sofrimento não precisa ser marca de nossa deficiência nem da duplicidade de Deus. Há para além dessas duas respostas uma terceira: O amor de Abba está conosco até a eternidade. Esse amor pode não se traduzir na forma da boa sorte — saúde, riqueza e outros deleites mundanos. Em vez disso, é oferecida a nós a pérola inestimável: o relacionamento com o divino. A pérola mantém seu valor, pode até brilhar ainda mais, quando colocada contra o mais tenebroso pano de fundo.

Para o judeu, a vida e a morte de Yehoshua, portanto, tem de falar, finalmente, de Auschwitz. Não chegamos à teologia cristã, que proclama: “Jesus morreu pelos nossos pecados”. Pelo contrário, a morte de Yehoshua

proclama que as vítimas de Auschwitz *não* morreram por pecados cometidos por elas — nem por Deus. A aliança está intacta. Esse Hitler não pode destruir mais do que Pilatos destruiu. O judeu, ao longo da história, teve ocasião de exclamar: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” Mas continua a ser “*Meu Deus*”, o Deus da aliança, mesmo em meio às nossas crucificações.

JESUS

Um profeta do judaísmo universalista

LEWIS D. SOLOMON

Há dois mil anos, Jesus caminhou sobre a face da terra — disso não há dúvida. Mas até nossos dias prossegue a busca do Jesus histórico. Em termos específicos, o que Jesus ensinou?

Se você viajasse no tempo e fosse para o século I E.C., descobriria que a maior parte dos ensinamentos de Jesus, mas não todos eles, enquadrava-se nas fronteiras éticas do judaísmo. Jesus foi educado como judeu e observou muitas tradições judaicas, bem como os preceitos do monoteísmo ético. Ele leu ou ouviu a Torá, os Profetas e os Provérbios; ele cantou os Salmos.

A insistência de Jesus em um judaísmo universalista de orientação espiritual fez eco aos grandes profetas hebreus. Concentrando-se em nossa necessidade de amar e perdoar os outros, Jesus enfatizou a universalidade de sua mensagem, em lugar do separatismo característico do judaísmo palestino de sua época. Ele estava comprometido com toda a humanidade e conclamou outros a fazer o mesmo.

Destacando princípios éticos e rejeitando muitas regras e práticas judaicas legalistas tradicionais, que sufocavam não só o Sabbath como também a vida em geral, Jesus seguiu o profeta Isaías, que citou como palavras de Deus: “Esse povo se aproxima de mim só com palavras, e somente com os lábios me glorifica, enquanto o seu coração está longe de mim. O culto que me prestam são regras e tradições humanas que simplesmente memorizou” (Is 29,13).

Tais como sumariados neste ensaio, os ensinamentos de Jesus incidem sobre sete áreas: A visão do reinado soberano de Deus; Os atributos de Deus; As virtudes humanas pessoais e sociais; O *status* social e os marginalizados; As críticas das regras e rituais religiosos; As reversões das expectativas normais; e A vida e a morte.

A VISÃO DO REINADO SOBERANO DE DEUS

Jesus concentrou-se no reinado soberano de Deus, uma área em que o domínio de Deus é imediato e absoluto, embora não observável. Jesus nos pediu que atentássemos para duas questões últimas: qual o propósito da criação e por que cada um de nós está aqui. Tal como Buda, outro grande sábio, Jesus queria que nosso olhar se alçasse para além do ilusório, da paisagem enganosa do mundo conhecido, material, concentrando-nos na maneira como as coisas de fato são — o mundo real do domínio de Deus, em que o Eterno sempre vela e cuida de cada um de nós.

Ao falar do reinado soberano de Deus (Lc 17,21), Jesus indica que o domínio de Deus, a retidão e o amor do Eterno, é esperado iminentemente, se já não estiver presente. De acordo com Jesus, “Não podereis ver o advento do regime soberano de Deus. As pessoas não vão dizer: “Olha, ei-lo aqui!” ou “Ali!”. Ao contrário, o reinado soberano de Deus está bem aqui em vossa presença, mas as pessoas não o vêem” (*Evangelho de Tomé*, Logion 113).

O reinado soberano de Deus resulta na manifestação do poder do Santificado em todo o mundo e em um reino global divinamente governado, relegando os elementos particularistas e materialistas em favor dos elementos universalistas e espirituais. A noção do reinado soberano de Deus permeou o ensinamento de Jesus. Ele não sugeriu que a nova era permanente precisasse de alguma intermediação, como o é buscar a salvação por meio de crença em Jesus. O arrependimento pessoal e o comportamento virtuoso vão lograr seu estabelecimento. A presença de Deus é dominante em nossa existência; logo, devemos honrar o Eterno em tudo o que fizermos, empenhando-nos em emular os modos de agir do Santificado.

Embora o conceito do reino de Deus apareça em numerosas fontes bíblicas, o que havia de peculiar nos ensinamentos de Jesus sobre o reinado soberano de Deus era sua implementação. Longe estavam as sangrentas batalhas finais lideradas pelo Eterno na condição de guerreiro. Por exemplo, o profeta hebreu antigo Ezequiel imaginou Deus como o grande conquistador (Ez 39,3-5). O domínio de Deus não requer a intervenção de anjos e de arcanjos descrita nos Manuscritos do Mar Morto. No *Pergaminho da Guerra* (1QM 17,6-7), a vitória sobre as “forças das trevas” e o estabelecimento do reinado de Deus resultou de uma batalha travada pelos exércitos combinados das forças da luz angélica e humana sob a liderança do príncipe celestial

Miguel.

Jesus assumiu uma atitude universalista. Percebeu o papel essencial que os seres humanos teriam na implementação do reinado soberano de Deus. Cada pessoa deve dedicar-se à implementação do reino de Deus. Na parábola da pérola (Mt 13,45-46), um mercador, presumivelmente bem abastado, depois de uma busca destemida, investiu tudo o que tinha numa só pérola, de valor inestimável. Em nível material, a pérola simboliza alguma coisa preciosa; no plano espiritual, um tipo especial de conhecimento, a saber, o do domínio de Deus. Logo, a pérola representa um novo tesouro, uma esplêndida descoberta, uma riqueza superlativa bem mais valiosa do que todos os bens materiais do mercador. De acordo com Jesus, os seres humanos têm de concentrar deliberadamente seus esforços e seu sacrifício para alcançar a implementação do reinado soberano de Deus.

Além de sua visão do domínio de Deus, no qual o poder e os atributos beneficentes de Deus seriam evidentes para todos, Jesus trouxe à nossa atenção dois relacionamentos essenciais: o primeiro entre Deus e os seres humanos e, o segundo, dos seres humanos entre si.

OS ATRIBUTOS DE DEUS

Jesus explicou o relacionamento de Deus com a humanidade. Ele acentuou a proximidade e a presença de Deus. Temos acesso imediato aos cuidados, à bondade e à providência de Deus. Jesus nos aconselhou a confiar, a depositar nossa fé no divino, que é misericordioso e benéfico a todos.

A injunção de Jesus, “pedir-buscar-bater” (Mt 7:7-8; Lc 11:9-10), representou a promessa incondicional de uma resposta a cada um dos três pedidos. Jesus ensinou: “Pedi, e vos será dado. Buscai, e encontrareis. Batei, e vos será aberto. Tranqüilizai-vos: todo aquele que pede recebe; todo aquele que busca encontra; todo aquele que bate tem a porta aberta.” Essas garantias absolutas refletiam a crença e a confiança serenas de Jesus na benevolência e providência de Deus. Jesus buscava nossa completa entrega a Deus.

Não tenha medo de pedir, de buscar e de bater continuamente. Reze com persistência a Deus, que escuta cada um de nós e cuida de cada um de nós. Se você submeter suas necessidades ao Santíssimo, confie que vai ser atendido. Talvez não imediatamente, mas, se confia no Eterno, você vai receber,

encontrar e vivenciar uma porta aberta. De acordo com o salmista, Deus declarou: “Abra bem a boca e eu a encherei” (Sl 81,10).

“Peça”, lembrava um versículo bíblico: “Peça a mim, e eu lhe darei” (Sl 2,8). Como lemos, aparecendo a Salomão durante a noite, em sonho, Deus disse: “Peça o que quiser que eu lhe dê” (1Rs 3,5). “Buscar” tem paralelos bíblicos. De acordo com o redator dos Provérbios, Deus afirmou: “Amo os que me amam, e os que me buscarem me encontrarão” (Pr 8,17). Numa carta aos exilados judeus na Babilônia, o profeta hebreu Jeremias escreveu: “Vocês [os judeus] me [a Deus] buscarão e me encontrarão quando procurarem de todo o coração (Jr 29,13). “Bata” ecoou: É a voz de meu amado que bate, dizendo: “Abra para mim...” (Cântico dos Cânticos 5,2).

Jesus também usou duas perguntas retóricas: “Quem de vocês daria uma pedra ao próprio filho quando ele pede pão? Quem lhe daria uma serpente quando ele pede peixe? Naturalmente, ninguém!” Essas respostas de pais, que podem não ter sido perfeitas, aos pedidos de boas dádivas dos filhos (Mt 7,9-11) nos mostram como Deus trata a humanidade. O Santíssimo, que é pura bondade, que é pai cheio de compreensão, amor e cuidados, vai dar boas dádivas a todos os que pedirem.

Deus era visto como pai na Bíblia Hebraica. O autor do Deuteronômio perguntou: “Não é o Eterno seu pai, seu criador, que fez você e o formou?” (Dt 32,6). De acordo com o Salmista: “Assim como o pai se compadece do filho, assim também Deus tem compaixão dos que reverenciam o eterno” (Sl 103,13).

Mais tarde, materiais bíblicos não-canônicos também se concentram em Deus como o protetor amoroso de cada pessoa. Seguindo o Eterno como modelo, Jesus desejava aderir aos princípios do amor, da compaixão e da não-violência. Nos Apócrifos, o Sirácida observou: “Louvarei a ti, Ó meu Deus, minha salvação; agradecerei a ti, meu Deus, meu pai” (Eclo 51,1). Assim, para Jesus e em materiais hebraicos anteriores, vemos a imagem parental de um Deus amoroso e providencial, de um Santíssimo próximo e abordável.

VIRTUDES HUMANAS PESSOAIS E SOCIAIS

No âmago dos ensinamentos de Jesus estavam relações humanas

construídas com base em certas virtudes e modos pessoais e sociais de comportamento. Seguindo o Eterno como modelo, Jesus queria que aderíssemos aos princípios do amor, da compaixão e da não-violência. Além disso, só se recebe perdão depois que se perdoa, isto é, depois de nos desapegarmos da ofensa do outro. Ele criticava tanto os que viviam criticando quanto os pomposos e moralistas. Jesus também aconselhou-nos a ser tranquilos e a não nos afligir e, em vez disso, a depositar nossa fé em Deus.

Amoroso. O dito “Ama teus inimigos” (Mt 5,44.46; Lc 6,27.32) foi uma das chaves dos ensinamentos de Jesus. Jesus perguntou: “Se vocês amam apenas as pessoas que os amam, para que um mandamento lhes diria isso? Mesmo os pecadores gostam dos que gostam deles!” Para Jesus isso era uma maneira curta de resumir o mandamento básico da Bíblia Hebraica no tocante às relações humanas.

A palavra “amor” representa uma genuína preocupação por outra pessoa, seja qual for seu grau de atratividade ou as perspectivas de que também nos ame. Amor significa desejar o bem-estar de outrem; tem a conotação de ser bom com outrem. Um “inimigo” é aquele que nos persegue. Jesus nos pediu que amássemos a todos, independentemente de seus atributos, incluindo nossos inimigos. Não é preciso nenhum esforço para amar quem é gentil conosco. Mas o conselho para que se dê amor incondicional, desinteressado e não influenciado por nenhuma expectativa de retorno representa um paradoxo. Se ama a todos, você não *terá* inimigos! Para Jesus, o amor aos inimigos era por si mesmo a recompensa.

Jesus se fundamentou quanto a isso no conselho bíblico: “Não seja vingativo nem guarde rancor contra seus concidadãos. Ame seu próximo como a si mesmo.” (Lv 19,18) e “O imigrante será para vocês um concidadão: você o amará como a si mesmo” (Lv 19,34; bem como Dt 10,18-19).

O mandamento fundamental a amar o próximo e, de modo mais amplo, os outros seres humanos, abrange ações específicas que demonstrem amor: deixar parte da safra para os pobres, não mentir, não enganar nem roubar, não oprimir o próximo, pagar no dia certo o salário do pobre, cuidar dos surdos e cegos, ser imparcial nos julgamentos, e não levantar falso testemunho (Lv 19,9-16). Também deriva de afirmações bíblicas que requerem que se ajude

ao próprio inimigo: “Se você encontrar, extraviados, o boi ou jumento do seu adversário, leve-os ao dono. Se você encontrar o jumento do seu adversário caído debaixo da carga, não se desvie, mas ajude a erguê-lo” (Ex 23,4;5).

Dizem-nos que não nos rejubilemos ao ver nosso inimigo acochado por problemas: “Se o seu inimigo tem fome, dê a ele de comer; se tem sede, dê a ele de beber. Desse modo, você o deixará corado de vergonha e Javé recompensará você” (Pr 25,21-22). O autor do livro dos Provérbios também nos recorda: “Não fique alegre quando seu inimigo cai, e não festeje quando ele tropeça. Javé poderia ver isso, ficar irritado, e desviar a ira de seu inimigo [uma pessoa iníqua] contra você” (Pr 24,17-18).

Obras bíblicas não-canônicas desenvolvem um tema semelhante. Nos Apócrifos, dizem-nos: “Não faça ao próximo o que julga odioso se feito a você mesmo” (Tobias 4,15). O Sirácida aconselhou: “Compreenda o que seu próximo quer a partir do que você mesmo quer. Pense naquilo que desagrade a você.” (Eclo 31,15).

Para Jesus, temos de nos empenhar por amar a humanidade inteira, refletindo os atributos do Santíssimo. Como nos diz o autor do livro do Levítico (19,2): “Seja santo porque eu, seu Deus Eterno, sou santo”. Refletindo nossa natureza Divina e a Divina misericórdia, o amor humano deve ser desinteressado e nada buscar em troca.

Compassivo. Os ditos relativos ao “dar e emprestar” (Mt 5:42; Lc 6:30) são paradoxais. Jesus ensinou que, quando alguém lhe pede alguma coisa, você a deve dar a esse alguém; quando alguém deseja algo emprestado, empreste, ainda que não venha a tê-la de volta. O seguimento literal dessas injunções levaria ao desastre financeiro. Logo, esses ditos refletem uma antiga injunção para que nos dediquemos a atos de caridade e coloquemos as necessidades alheias antes das nossas. Ser compassivos nos permite ser Divinos.

Jesus se apoiou no conselho dado pelo autor do livro do Deuteronômio, em que lemos: “Seja generoso e empreste de bom grado segundo as necessidades do pobre” (Dt 15,8; ver também Lc 25,35-36). Além disso, nos Apócrifos, o Sirácida nos insta a não desprezar a súplica do pobre nem deixar sem atendimento a alma aflita (Eclo 4,4).

Acresce que Jesus defendeu a fé no reinado soberano de Deus a ponto de se saber que Deus tudo provê. Quem tem esse tipo de confiança nunca será

afetado pelo desastre. Quem dá com esse tipo de ligação, assim como com amor e compaixão, só vai receber ainda mais. Se você for compassivo com o próximo, ele será compassivo com você. Você recebe para dar e então recebe ainda mais.

Misericordioso. Na parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-32), Jesus falou de alguma coisa perdida e recuperada e da importância do perdão. Ao abordar diferentes reações ao filho pródigo, a parábola revelou como Deus é — pleno de amor e dotado de ilimitada misericórdia — e o que os seres humanos deveriam aspirar a ser.

Jesus tinha a reputação de freqüentar a companhia de “pecadores” obstinados e contumazes, representados pelo filho pródigo, pessoas que só podem experimentar o júbilo de voltar depois de partir. Para Jesus, a partida de um membro amado da família e o risco que esse membro correu precederam seu retorno. Depois de pedir e receber de imediato uma parcela da propriedade do pai que de outra maneira só iria para suas mãos depois da morte deste (de acordo com Dr 21,17, um terço da propriedade), o filho mais novo dilapidou a fortuna e acabou empregando-se como encarregado de porcos, animais que o judaísmo considera impuros (Lc 11,7-8; Dt 14,8). Caindo em si, voltando a seu verdadeiro eu, esse filho, que possuía suficiente auto-estima, mas também estava cômico de sua corrupção moral, toma a iniciativa, reconhecendo seu comportamento pecaminoso (em paralelo com Sl 51,4), confiando de maneira absoluta na misericórdia do pai.

A reconciliação entre pai e filho segue a linguagem da reconciliação bíblica de dois irmãos, Jacó e Esaú. Embora temesse o que o esperava, Jacó foi bem recebido. Ficamos sabendo que “Esaú correu ao encontro de Jacó e o abraçou; pondo os braços ao redor de seu pescoço, ele o beijou, e os dois choraram” (Gn 32,10-11; 33,4). De igual forma, na parábola de Jesus o pai corre ao encontro do filho, ação pouco comum para uma pessoa mais velha nos tempos antigos.

O perdão desempenha importante papel na tradição judaica, refletindo o atributo divino da misericórdia. Nas celebradas palavras do profeta hebreu Isaías, “Eu [Deus] afastei tuas ofensas como a nuvem, teus pecados como a névoa da manhã. Volta a mim porque eu te redimi” (Is 44,22) e “Ainda que teus pecados tenham a cor vermelha, ficarás branco como a neve; embora eles tenham a cor carmesim, ficarás branco como o algodão” (Is 1,18).

A parábola de Jesus ilustra o amor de Deus e a propensão do Eterno a acolher pecadores arrependidos. Nunca é tarde para se arrepender e ser acolhido pela compaixão divina. Deus não considera indigna pessoa alguma. Em vez disso, a porta está sempre aberta, a qualquer momento, para todos os que se arrependerem.

Na parábola de Jesus, além do pai, que simboliza um Deus compassivo e misericordioso, que perdoa de maneira total e imediata o filho pródigo com grande ternura, faz-se presente o filho mais velho, chamado pelo pai a unir-se à celebração a fim de mostrar a reconciliação da família. Não podia haver ressentimentos. O filho pródigo devia ser reabsorvido na família.

Do mesmo modo, com amor e paciência, Deus aceita os excluídos da sociedade que se voltam de braços abertos para o Eterno. O pai tentou fazer o filho mais velho compreender que aquela também era sua festa, desde que ele, pessoa acomodada que nunca deixara o lar, pudesse encontrar em seu próprio íntimo a propensão para unir-se à celebração. Porém o filho mais velho, pio mas não justo, evidenciou uma atitude de ressentimento, uma atitude de grande amargura. Ele se ressentiu da generosidade do pai para com o irmão mais novo e para com o perdão paterno. Embora tivesse agido com absoluta correção, particularmente na obediência aos mandamentos do pai, o filho mais velho julgou estar sendo tratado injustamente. Sentiu-se alienado com o retorno do filho pródigo.

Porém a raiva do filho mais velho era coerente com Deuteronômio 21,18-22, em que se lê que o pai que tem um filho re-belde e incorrigível, que não obedece os pais nem ouve suas injunções disciplinares, devem os pais pegá-lo e levá-lo aos anciãos nos portões da cidade. Os pais devem dizer aos anciãos “Este nosso filho é rebelde e incorrigível. Ele não nos obedece. É um devasso e beberrão.” E todos os homens de sua cidade devem apedrejá-lo até que morra.

Não-Judicativo. Os ditos sobre o cisco e a trave (Mt 7,3-5) usam imagens marcantes, numa comparação deveras grotesca, a fim de chamar a atenção para o aspecto irônico da atitude de viver apontando as faltas alheias e condenando os outros. Jesus ensinou: “Por que você fica olhando o cisco no olho de seu irmão e não presta atenção à trave que está em seu próprio olho? Ou, como você se atreve a dizer ao irmão: ‘deixe-me tirar o cisco de seu olho’, quando você mesmo tem uma trave no seu? Hipócrita! Tire primeiro a

trave de seu próprio olho, e então você enxergará bem para tirar o cisco do olho de seu irmão.!”

Pessoas negativas, que vivem apontando os defeitos alheios, ao ver de Jesus, têm de concentrar-se antes de tudo em seus próprios defeitos antes de cuidar dos defeitos alheios. Tendo removido a trave do próprio olho, a pessoa tem a responsabilidade de ajudar o próximo a remover o cisco do seu. Em termos positivos, Jesus recomendou que hesitássemos antes de julgar outrem, concedendo a todos o benefício da dúvida. Se vemos uma pessoa fazendo o que parece uma coisa “errada”, temos de tentar ver sua atitude de uma postura favorável. Temos de tentar nos colocar no lugar dela. Contemplar toda a humanidade com o olho não-judicativo do amor. Como somos todos filhos de Deus, mantenha seu coração aberto a quem quer que seja. Em algum lugar está viva a inocência que habita cada um de nós.

Não-Violento. Nas paródias — exageros cômicos — da outra face e do manto e da túnica (Mt 5,39-40; Lc 6,29), Jesus desafiou os ouvintes a reagir de uma maneira que difere de nossa inclinação natural a cometer atos de agressão. Ele declarou: “Se alguém lhe dá um tapa numa face, ofereça também a outra; se alguém lhe toma o manto, deixe que leve também a túnica”.

Na época de Jesus e na nossa, um golpe das costas da mão de alguém mostra o mais amplo desprezo possível. Além disso, no mundo antigo, o manto da pessoa, uma vestimenta cara, era posse de extremo valor. Cada uma dessas paródias representa um possível modo de ação. Quando golpeados, ainda que desejemos revidar, é possível dar a outra face para bater. É possível oferecer a túnica quando alguém toma nosso manto, objeto a que o judeu tinha um direito inalienável segundo a Bíblia Hebraica (Ex 22,26). Se só se tivesse duas vestes, deixar que alguém as leve equivale a ficar despido. Podemos responder à agressão com uma restrição não-violenta.

De acordo com Jesus, aquele que sofre, cujo impulso natural é revidar aos golpes recebidos, precisa de autocontrole. Sendo indiferente à agressão pessoal, ele precisa se concentrar no reinado soberano de Deus, desistindo do desejo de vingança ou de retaliação. A admoestação de Jesus tem paralelos na Bíblia Hebraica que nos dizem para ser tolerantes e não buscar vingança. Conforme o Segundo Isaías: “Dei as costas aos que me golpearam e ofereci a face aos que me puxaram a barba” (Is 50,60. O autor do livro dos Provérbios

nos diz: “Não diga ‘Farei aos outros o que fizeram a mim’” (Pr 24,29).

Quando alguém o fere com atos ou palavras, sua primeira reação é revidar. Contudo, ao lidar com conflitos e ofensas interpessoais, não pague golpe com golpe e raiva com raiva. Não lute fisicamente nem ataque verbalmente os outros a fim de reparar erros que foram cometidos contra você ou para proteger sua posses. Diante de um ataque ou insulto não decorrentes de uma provocação de sua parte, seja tolerante, suporte e mostre-se paciente. Dê muito e suporte ainda mais para evitar conflitos. Submeta-se aos erros alheios e suporte em vez de causar querelas.

Humilde. A parábola do fariseu e do coletor de impostos (Lc 18,10-14) pôs em contraste as orações e a conduta de dois homens: o fariseu moralmente rigoroso (ao menos nos termos da prática religiosa tradicional judaica), respeitado, orgulhoso e ostentatório — ancestral dos judeus pios — e o coletor de impostos marginalizado, considerado pelos fariseus moralmente lasso, desonesto nos negócios e negligente quanto aos deveres religiosos.

O coletor de impostos, que fica em segundo plano, bem distante de outros fiéis, ofereceu uma oração humilde, pessoal e sincera: “Meu Deus, tem piedade de mim, que sou pecador”, procurando obter a misericórdia e a compaixão divinas. Foi uma expressão de desespero que faz eco ao clamor do salmista: “Porque conheço minhas transgressões, e meu pecado se acha sempre diante de meus olhos... Os sacrifícios para Deus são um coração esmagado; um coração esmagado e contrito, ó Deus, Tu não desprezarás” (Sl 52,3.17).

Ao falar contra o orgulho legalista, a parábola de Jesus recomendou a prática da virtude da humildade, uma virtude essencial da tradição judaica. Fala-se de Moisés como “o homem mais humilde dentre todos na terra” (Nm 12:3). De acordo com o Segundo Isaías, Deus afirma: “Eu olho para o aflito e de espírito abatido” (Is 66,2).

Tranquilo. Numa série de pronunciamentos sobre as preocupações e a ansiedade como fatores que nos deixam imobilizados (Mt 6,25-31; Lc 12,22-29), Jesus enfatizou a confiança serena em Deus e a entrega a Ele. Como o divino cuida de todas as criaturas, o Eterno provê nossas necessidades básicas — alimento, vestes, abrigo.

Jesus nos disse:

Por isso é que lhes digo: não fiquem preocupados com a vida, com o que comer; nem com o corpo, com o que vestir. Afinal, a vida não vale mais que a comida? E o corpo não vale mais que a roupa? Olhem os pássaros do céu: eles não semeiam, não colhem, nem ajuntam em armazéns. No entanto, o Pai que está no céu os alimenta. Será que vocês não valem mais que os pássaros? Quem de vocês pode crescer um só centímetro, à custa de se preocupar com isso? E por que vocês ficam preocupados com a roupa? Olhem como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam. Eu, porém, lhes digo: nem o rei Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. Ora, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é queimada no forno, muito mais ele fará por vocês, gente de pouca fé! Portanto, não fiquem preocupados, dizendo: O que vamos comer? O que vamos beber? O que vamos vestir?

A preocupação nada produz. Dado o impacto pernicioso dela, é mais provável que leve ao encurtamento da vida do que a seu prolongamento. Jesus nos aconselhou a não nos preocupar com nossas necessidades fundamentais. Tudo aquilo que temos vem de Deus, que provê nosso sustento. Não se aflija. Lembre-se de que Jesus nos disse que sempre haveremos de ter o suficiente.

Segundo Jesus, Deus não proporciona alimento e roupas [*sic*] apenas aos pássaros, mas também aos seres humanos. Essa noção tem vínculos retrospectivos com várias fontes bíblicas, incluindo o livro de Jó (“Quem fornece alimento aos corvos quando seus filhotes clamam a Deus e vagueiam ao léu por falta de alimento?” [Jó 38,41]) e o salmista (e “Quem proporciona alimento a toda criatura?” [Sl 136,25]; “Os olhos de todos se voltam para Ti e Tu lhes forneces alimento no momento certo. Tu abres tuas mãos e satisfazes os desejos de todo ser vivo [Sl 145,15-16]; “Deus provê alimento ao gado e aos jovens corvos quando clamam” [Sl 147,9]).

Somos lembrados a confiar em Deus, que vai proporcionar o sustento. Como aconselha o salmista: “Descarregue seu fardo em Javé, e ele cuidará de você. Ele jamais permitirá que o justo venha a tropeçar” (Sl 55,22[23]).

O *STATUS* SOCIAL E OS MARGINALIZADOS

Jesus foi um astuto comentarista de assuntos socioeconômicos. Ele desejava que derrubássemos paredes divisórias, por exemplo, as que separam os ricos dos pobres. Jesus exprimiu profundo sentimento em relação aos

pobres, prevendo infortúnios para os ricos complacentes e opressivos.

Em três conjuntos de Bem-Aventuranças (Mt 5,3-4.6; Lc 6,20-21), Jesus reconhece jubilosamente o valor dos pobres, dos famintos e dos que choram. “Pobres” pode referir-se aos economicamente destituídos — referindo-se ao comportamento exterior — ou aos mansos de espírito — referindo-se à sua qualidade interior. Da mesma maneira, os famintos podem ser pessoas privadas de alimento ou pessoas que anseiam por retidão. Aqueles que choram não trazem só a carga da angústia pessoal, mas também os golpes que recebem da própria sociedade. Devido ao fato de serem, todos eles, inocentes, merecendo pois o favor de Deus, esses desvalidos se vêem aliviados de suas difíceis circunstâncias. Os pobres podem rejubilar-se, mesmo afligidos pela destituição, porque já partilham do domínio no qual Deus exerce sua soberania. Os famintos e aqueles que choram têm de esperar um tempo futuro. Mas, disse-nos Jesus, “Os famintos participarão de um banquete! Aqueles que choram haverão de rir”.

A primeira Bem-Aventurança segue o Salmista: “Quem é igual a ti, ó Deus, para livrar o fraco do mais forte, e o pobre e indigente de seu explorador?” (Sl 35,10). E o Segundo Isaías diz: “Eu olho para o aflito e de espírito abatido...” (Is 66,2).

A segunda Bem-Aventurança reflete as palavras do Segundo Isaías: “Vinde a mim todos os que têm sede, eis água; e vós que não tendes dinheiro, acorrei, comprai grãos e comei! Vinde, comprai vinho e leite sem pagar” (Is 55,1).

A terceira Bem-Aventurança, referente aos que choram, é paralela às palavras do Segundo Isaías, que proclama: “... para promulgar o ano da graça do Santíssimo, o dia da vingança do nosso Deus, e para consolar todos os aflitos, os aflitos de Sião, para transformar sua cinza em coroa, seu luto em perfume de festa, seu abatimento em roupa de gala. Eles serão chamados de carvalhos da justiça, plantação do Santíssimo para a sua glória do Eterno” (Is 61,2-3). O Salmista escreve: “Quem semeia em meio a lágrimas, com júbilo colherá” (Sl 126,5).

Os Manuscritos do Mar Morto (Bem-Aventuranças 4Q525), que examinam de modo primordial as coisas que as pessoas podem fazer no presente, como viver no aqui e no agora, oferecem a série de Bem-Aventuranças apresentadas a seguir; mas, à diferença dos ditos de Jesus, não mencionam recompensas: “Bem-Aventurados os puros de coração e que não

dão falso testemunho. Bem-Aventurados os que observam teus preceitos e não seguem os caminhos da injustiça. Bem-Aventurados os que juram por tua Torá e não se deixam dominar pela insensatez. Bem-Aventurados os que buscam com as mãos limpas e não com o coração traiçoeiro. Bem-Aventurados os que alcançaram a sabedoria e caminham na Lei do Altíssimo”.

No dito sobre o buraco da agulha, (Mt 19,23-24; Mc 10,23-25; Lc 18,24-25), Jesus advertiu, em um nível, que a riqueza serve de impedimento à entrada no reino de Deus. Jesus disse a seus ouvintes: “Então Jesus disse aos discípulos: “Eu garanto a vocês: um rico dificilmente entrará no Reino do Céu. E digo ainda: é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus”.

Como Jesus provavelmente não queria sugerir que todos devemos adotar uma vida de pobreza e de completo desapego de nossas posses mundanas, não se deve tomar essa afirmação literalmente. Logo, Jesus pode estar fazendo referência a quão “ricas” são as pessoas em termos da importância que se auto-atribuem, de orgulho e de auto-adoração. Ocorre que muitas pessoas abastadas se sentem demasiado importantes e se julgam auto-suficientes. A fama e a riqueza são imensas provas espirituais nas quais muitos podem ser reprovados. A riqueza de uma pessoa pode vir a se tornar uma deficiência que inclina ao orgulho, à lassidão moral, ao amor do mundo material e à busca de confortos terrenos. Tudo se resume ao coração que tem a pessoa abastada, ao amor, compaixão, misericórdia e humildade que ela ou ele têm. A imagem do camelo, o animal de maior porte no Antigo Israel, tentando passar pelo buraco de uma agulha representa o uso sobremodo memorável que faz Jesus de um exagero expressivo, de uma hipérbole.

CRÍTICA DAS NORMAS E RITUAIS RELIGIOSOS

Jesus ofereceu uma acerbada crítica às normas de pureza religiosa judaicas tradicionais que delineavam (e continuam a delinear) as fronteiras entre o sagrado e o profano. A observação desses códigos mantinha, de acordo com fontes judaicas tradicionais, a santidade dos judeus, promovendo sua distinção com respeito aos gentios. Jesus nos aconselhou a ignorar essas regras. Podemos ingerir alimentos julgados impuros, partilhar refeições com

peessoas que não observam os padrões de pureza, bem como entrar em contato com certas pessoas consideradas ritualmente impuras — e até mesmo tocar nelas. Buscando uma religião do coração em vez de uma religião da forma — as exterioridades sem importância —, Jesus do mesmo modo situou as necessidades humanas acima da observância de cerimônias religiosas, por exemplo, a observância do Sabbath.

Num par de afirmações, “O sábado foi feito para servir o homem, e não o homem para servir o sábado. Portanto, o Filho do Homem [os membros da raça humana são] é senhor até mesmo do sábado” (Mc 2,27-28), Jesus concedeu aos seres humanos proeminência sobre os rituais religiosos, incluindo a observância do Sabbath — um dia destinado a honrar a santidade do senhor — um dos rituais mais generalizadamente praticado entre os judeus tradicionalistas. Em Êxodo 20,10 e Deuteronômio 5,14, lemos: “Não faça nenhum trabalho [no Sabbath], nem você, nem seu filho, nem sua filha... (ver também Ex 34,21; 35,2; Lv 19,3). Há ainda um mandamento positivo de “santificar” o dia, de torná-lo “santo”, de “lembrar-se” dele, de “observá-lo”, de nele “se refazer” (Ex 23,12).

A observância do Sabbath tornou-se característica importante e distintiva da vida judaica durante o exílio na Babilônia e depois dele, seis séculos antes de Jesus (Ez 20,12-24; Nm 10,31; 13,15-22). A maioria dos grandes grupos judaicos antigos observava estritamente o Sabbath. O modo de vida da comunidade judaica na Palestina na época de Jesus achava-se centrado no Sabbath.

Para Jesus, as necessidades humanas e a preocupação com o indivíduo assumiam a primazia sobre a necessidade de as pessoas se conformarem a requisitos e restrições legalistas. O Sabbath podia ser ocasião para a pessoa fazer o bem, ser amorosa, compassiva e misericordiosa, de ajudar e servir os outros, e não para colocar os seres humanos em uma camisa-de-força ritualista.

No dito sobre o que entra no corpo (Mt 15,10-11; Mc 7,14-15), Jesus ensinou: “Escutem e compreendam. Não é o que entra na boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isso torna o homem impuro”. Ao transmitir esse ensinamento, Jesus desafiou as leis judaicas tradicionais que regulavam a pureza ritual.

Apoiando-se em várias passagens da Bíblia Hebraica, os grupos judaicos antigos acentuavam leis alimentares especiais e buscavam diligentemente

cumpri-las. No capítulo 11 do Levítico há toda uma seção relacionando o que se pode e não se pode comer (ver também Dt 14,3-21). Êxodo 23,19; 34,22, e Deuteronômio 14,21 afirmam: “Não cozinhe o cabrito no leite da mãe dele.” Em termos da prática diária do judaísmo, as leis alimentares mereciam destaque na época de Jesus, ao lado da observância do Sabbath, na qualidade de aspectos definitórios da tradição judaica. Toda transgressão dessas leis era bastante óbvia; mas sua observação identificava indivíduos como judeus observantes. Contudo, Jesus se opôs a essas leis judaicas fundamentais. Ao ensinar que nada que entra na boca pode tornar impuro, ele transgrediu as leis judaicas de pureza estabelecidas no tocante a alimentos próprios para o consumo humano. A impureza religiosa causada por coisas como os alimentos anima os Cinco Livros de Moisés e os ensinamentos dos rabinos, que viam a não observância dessas leis como corrupção da Lei de Deus, ao longo das épocas. Um judeu observante que ingerisse alimentos considerados impróprios para o consumo ou fizesse refeições com não-judeus desafiava os códigos e práticas judaicos tradicionais. Ele ou ela precisavam purificar-se ritualmente, por meio de várias técnicas, de modo geral através da imersão num banho ritual, antes de poder participar das observâncias religiosas judaicas. Essas preocupações com a pureza serviam de marcadores de fronteiras e recursos de promoção da identidade judaica.

Mas a observância das leis alimentares pode levar à hipocrisia e ao falso moralismo. A “pureza” exterior pode mascarar a corrupção interior.

Embora literalmente aplicáveis aos alimentos, os ditos também se aplicam a todo gênero de poluentes. Para Jesus, as pessoas se tornavam impuras em função daquilo que expeliam — atos e palavras, “más” qualidades, como mau comportamento, inveja ou orgulho. Falando em muitos níveis, Jesus deixava ambíguo a que orifício se referia. Mas talvez o nível mais importante seja o das palavras que se proferem. O que sai da boca, representando a maldade do coração — eis o que torna impuro. O que “sai” é provavelmente as palavras que se dizem. Jesus deu-se conta de que as palavras são energia. Quando se falam coisas negativas, cria-se uma energia venenosa, negativa, ao redor de si e dos outros. Logo, o que torna uma pessoa impura vem de dentro, irradiando-se a partir do coração de cada um e conotando tanto o que se diz como o que se pensa e se faz.

Refletindo uma perspectiva espiritual oposta à ritualista, Jesus preocupava-se com a impureza interior. Ele seguia o profeta Oséias, que

afirma: “Porque Eu [Deus] desejo teu amor, não teus sacrifícios animais” (Os 6,6). No livro pseudepígrafo *Testamento dos Doze Patriarcas*, lemos: “Da mesma maneira como o Sol não se torna impuro devido à incidência de seus raios sobre o esterco e a lama, mas antes seca os dois e faz que desapareça o odor desagradável, assim também a mente pura, ainda que ocupada das impurezas da terra, torna-se antes uma fonte de força, purificando-as, sem ser ela mesma tornada impura” (*Testamento de Benjamim* 8,3).

Jesus contestou repetidas vezes a classificação de pessoas e coisas em puras e impuras. Rejeitou práticas religiosas cujo fim fosse apartar pessoas umas das outras ou colocar umas acima das outras.

REVERSÃO DAS EXPECTATIVAS NORMAIS

As reversões das expectativas normais desempenharam importante papel para Jesus. As recompensas não eram distribuídas necessariamente de acordo com o tempo dedicado ou o mérito acumulado. Os pobres, ao lado de outros grupos marginalizados, assumiriam um lugar de destaque no reino de Deus — não os que se davam ares de importância.

O dito “Os últimos serão os primeiros, e os primeiros os últimos” (Mt 20,16) representavam uma reversão de expectativas. Segundo Jesus, os que julgam que serão os primeiros, presumivelmente no pós-vida — os “alguéns” que gozam de proeminência terrena — serão os últimos, ao passo que os ocupantes das últimas posições — os “ninguéns” — acabarão na frente.

Na parábola dos operários da vinha (Mt 20,1-15), que enfatiza a igualdade da recompensa, dois grupos obtêm algo que não esperam obter. A parábola de Jesus tem como foco a bondade, a generosidade e, em última análise, a graça divina. O proprietário da vinha vai ao mercado, a praça pública da cidade em que se fazem negócios e se contratam trabalhadores temporários ao romper da manhã, e continuou a contratar operários para a colheita até a décima primeira hora da jornada de trabalho de doze horas. No mundo antigo, o dia era dividido em doze horas, que começavam com o nascer do Sol e terminavam com o ocaso. A décima primeira hora era cinco horas da tarde.

O proprietário da vinha continuou a contratar operários para terminar uma tarefa num dado dia, ao que parece porque as uvas tinham de ser esmagadas

antes de se iniciar a estação das chuvas. Assim, tratava-se de tarefa urgente. Ele precisava de mais trabalhadores que trabalhassem até o pôr-do-sol, quando já não havia luz natural nos campos. Ele prometeu pagar aos operários que trabalhassem horas adicionais o preço de praxe. Não está claro se os trabalhadores que trabalhavam durante uma jornada menor estavam em falta por terem chegado atrasados ou se não tinham cometido nenhum erro. Mas todos fizeram o máximo possível no decorrer das horas que trabalharam.

Na hora do ocaso, os trabalhadores foram chamados a receber os salários do dia a fim de não passarem fome. Como nos conta o autor do livro do Levítico (19,13), “e que o salário do operário não fique com você até o dia seguinte”. E lemos no livro do Deuteronômio (24,15): “Pague-lhe o salário a cada dia, antes que o Sol se ponha, porque ele é pobre e sua vida depende disso”.

Era de esperar que os contratados no começo do dia, que trabalharam toda a jornada sob o sol escaldante, recebessem mais, apesar do que haviam combinado com o proprietário da vinha. Embora o proprietário não tenha pago menos a eles, esses trabalhadores reclamaram. Em contrapartida, o proprietário recompensou os contratados mais tarde, que receberam mais porque lhes foi pago o salário de um dia inteiro por uma hora de trabalho. Havia desigualdade entre as tarefas, mas a recompensa foi a mesma.

Jesus pode nos estar dizendo que as recompensas podem não ser dadas no reino de Deus de acordo com o tempo dedicado ou o mérito acumulado. Deus recompensa segundo os conceitos divinos de equidade. O Santo trabalha de outra maneira. O amor gracioso e misericordioso de Deus é dado em igual medida àqueles que o Eterno escolhe. Não devemos ter ciúmes nem inveja; mas ninguém vai receber menos do que esperou. Além da noção de recompensa divina, essa parábola refletiu também o princípio da graça, que tinha muita importância para Jesus. Ainda que a pessoa não se arrependa, existe a graça divina, que vai se sobrepor à ira divina. A misericórdia de Deus vai prevalecer sobre a raiva de Deus.

VIDA E MORTE

Jesus nos proporcionou suas reflexões acerca da vida e da morte, em particular no tocante à impermanência da vida. Na parábola do homem rico

ou do “não podes levá-las [as riquezas] consigo” (Lc 12,16-20), Jesus comentou a difícil, e mesmo triste, vida dos abastados, que com frequência se concentravam somente em coisas terrenas. O homem dessa parábola tinha de decidir o que fazer com sua colheita superabundante. Não tendo conseguido considerar a impermanência da vida e o vazio da vida voltada exclusivamente para os confortos da criatura, o fazendeiro fracassou ao dar uma resposta apropriada à sua situação tão favorável. Tratou a riqueza como objeto de sua preocupação última. Não partilhou sua abundância. Não se sentiu responsável pelas outras pessoas. Entesourou suas posses por causa da convicção de que esta vida e o mundo material é tudo o que existe. De acordo com Jesus, Deus disse ao fazendeiro: “Insensato! Hoje tua vida se acabará. Quem ficará com todas essas coisas que conservaste para ti?”

Na hora de maior necessidade do homem, sua riqueza material mostrou ser inútil. Apesar da riqueza, ele não tinha controle sobre o próprio destino. Não tinha como usar as riquezas terrenas ao morrer, e é justo isso que há de ocorrer conosco na hora de nossa partida.

No Sirácida, lemos um comentário semelhante: “Há um homem que ficou rico por sua diligência e autonegação, e é essa a recompensa que lhe foi destinada. Quando diz ‘Gozarei de minha riqueza!’, ele não sabe quanto tempo vai passar até que ele a deixe para outras pessoas e morra” (Eclo 11,18-19). Essa noção do caráter imprevisível da vida se apóia no Salmo 39,6 [7] (“O homem vai e vem como sombra, e labuta por um nada: amontoa, e não sabe quem vai recolher”) e, de modo mais geral, no livro do Eclesiastes. Ali o autor aconselha: “Existe outro mal que observei debaixo do sol, e é grave para o homem. Para um, Deus concede riquezas, recursos e honras, e nada lhe falta de tudo o que poderia desejar. Deus, porém, não lhe permite desfrutar essas coisas, porque um estrangeiro é que vai desfrutá-las.” (6,1-2). Além disso, no livro de Jó lemos: “Ele não terá alívio desse anseio [por riqueza]; não se salvará por causa de seus tesouros” (20,20).

O homem rico autocentrado era, segundo Jesus, um insensato no sentido bíblico do termo, alguém que praticamente negou a existência de Deus (Sl 14,1). Como não temia a morte, deveria ter tido como prioridade, de acordo com Jesus, o desenvolvimento de uma genuína relação com Deus e uma ênfase em preocupações espirituais, em vez de materiais, por meio do amor, da compaixão e do serviço aos outros. Como alerta o profeta Jeremias: “Que o sábio não se glorie de sua sabedoria, o forte não se glorie de sua força, e o

rico não se glorie de sua riqueza. Se alguém quer gloriar-se, que se glorie de conhecer e compreender que eu sou Deus, o Santo, que na terra estabeleço o amor, o direito e a justiça, pois é disso que eu gosto” (9,23-24).

A parábola de Jesus também se fundamentava na prudência bíblica, que acautela contra o excesso de otimismo. O livro dos Profetas afirma: “Não se glorie do amanhã, porque você não sabe o que o dia de hoje vai gerar”. (Pr 27,1).

Jesus buscou uma religião universalista, não-legalista e não-ritualista de perfeição espiritual interior e exterior baseada no monoteísmo ético. Ele acreditava na existência de um só Deus, o Criador e Provedor de todos nós, desejando que nos concentrássemos tanto na maneira como levamos nossa vida quanto nas palavras e ações que enunciamos e praticamos perante os outros, em contraposição à adesão a uma multiplicidade de detalhes, de regras e mais regras, rituais e mais rituais.

Os ensinamentos éticos de Jesus não se afastam dos judaicos. Esses ensinamentos se resumiam ao amor incondicional pelo próximo e à fé no amor divino, que nos guia e protege. Do mesmo modo, não temos por que nos preocupar, dado que somos conduzidos e amados por Deus. Tudo dará certo. Os ensinamentos de Jesus não continham prescrições legais. Ele julgava ter um papel educacional e inspiracional. Buscou promover o conceito de judaísmo como ensinamento universal que tem valor para toda a humanidade.

ESCUTANDO JESUS PARA OUVIR A DEUS

RAMI M. SHAPIRO

— Rabino, você está escrevendo sobre Jesus? Você não acredita nele, não é?

Bem, acredito?

Acredito que Jesus existiu? Sim, Jesus era da Galiléia, era filho de Maria e de José, o cortador de pedras, que viveu nos primeiros anos do século I.

Acredito que Jesus era judeu? Sim, Jesus viveu e ensinou inteiramente enquadrado no judaísmo; seu objetivo não era inventar uma nova religião, mas reformar a sua.

Acredito que Jesus era intoxicado de Deus e repleto do *Ruach haKodesh*, o Espírito Santo? Sim, a partir do momento de seu batismo no Jordão pelas mãos de João Batista, Jesus despertou para a presença de Deus na realidade, com a realidade e como toda a realidade.

Creio que Jesus foi crucificado pelos romanos? Sim. Jesus atraía grandes multidões, e estas deixavam os romanos nervosos. Eles eram o exército de ocupação e muito odiados pelos judeus. Sempre havia a possibilidade de uma multidão se rebelar.

Creio que as autoridades judaicas fizeram um acordo com Pilatos para acabar com a ameaça de violência que a atração de multidões por Jesus representava? Sim. A fim de manter a integridade do Templo, os sacerdotes tiveram de fazer um acordo com Roma. Acho que a motivação da liderança judaica era política e não teológica, ao contrário do que alegam os Evangelhos. A Palestina do século I estava repleta de candidatos a Messias, e Jesus teria sido visto como apenas um outro numa longa linhagem de pretendentes ao trono de Davi. O que lhes causava preocupação era a ameaça que Jesus representava para a sobrevivência nacional.

Creio que o povo judeu rejeitou Jesus e trocou sua vida pela de Barrabás? De modo nenhum. Em primeiro lugar, a lei e os costumes romanos não permitiam a libertação de um criminoso. Em segundo lugar, a história de

Barrabás é muito provavelmente uma versão distorcida do evento que de fato ocorreu. O nome “Barrabás” significa em hebraico “Filho do Pai”. O fato de o primeiro nome de Barrabás ser Jesus sugere intensamente que os judeus foram procurar Pilatos pedindo a libertação de Jesus bar Abbas, Jesus que é o Filho do Pai. A história foi deliberadamente invertida a fim de passar a culpa pela morte de Jesus dos romanos para os judeus, e com isso facilitar a propagação do cristianismo entre os romanos.

Creio que Jesus ressurgiu dos mortos literalmente no terceiro dia? Não. Creio que a ressurreição simboliza a presença e o poder contínuos de Jesus na vida daqueles para quem ele é o Messias.

Creio que Jesus foi o Filho unigênito de Deus por meio de quem vem a redenção do pecado original e a vida eterna no mundo que há de vir? Não. Como judeu, não acredito no pecado original nem preciso da redenção do Messias. Como judeu, continuo a esperar a vinda do Messias cujo reinado é deste mundo, e que há de fazer aquilo que os profetas disseram que faria: trazer a paz a Israel e ao mundo.

Dado tudo isso, creio que vale a pena o estudo de Jesus pelos judeus? Não somente vale a pena como é vital. Jesus é o judeu mais famoso que já viveu. Ignorá-lo ou permitir que outras pessoas o retirem de sua judaicidade e de seu contexto histórico a fim de defini-lo como deus-homem equivale a renunciar a uma importante parte de nosso legado de judeus.

Compreendo Jesus como um judeu intoxicado de Deus, um místico tomado pelo *Ruach haKodesh*/Espírito Santo. Esse Jesus se torna um importante mestre de uma expressão judaica da filosofia perene que místicos de todas as fés têm ensinado há milhares de anos. Ler Jesus como um místico judaico da filosofia perene o recupera como judeu e libera sua mensagem mais profunda tanto da rejeição judaica como da adulação cristã.

Nas páginas a seguir, vou tentar articular a mensagem perene de Jesus por meio da interpretação de uma seleção de textos do evangelho segundo João, o Evangelho mais teológico. Ao assim proceder, espero resgatar a mensagem de Jesus, bem como fazer que os judeus o escutem de outra maneira.

O QUE É A FILOSOFIA PERENE?

A filosofia perene é o núcleo místico de toda a sabedoria espiritual.

Existente em virtualmente todas as culturas ao longo do tempo e do espaço, essa filosofia tem sido articulada de muitas maneiras. Apesar de diferenças culturais, todos os mestres dessa filosofia concordam no que se refere aos seus elementos nucleares:

1. A Realidade Divina existe. Podem chamá-la de Deus, de Alá, de Tao, de Dharmakaya, de Brahma, de Iahweh, de Shiva — há uma Realidade que é a fonte e a substância de tudo.
2. Essa Realidade divina é a nossa verdadeira natureza. Assim como a onda não difere do oceano, não somos distintos de Deus.
3. Não nos damos conta de nossa verdadeira natureza porque nossa percepção da realidade se acha toldada pelo pensamento dualista e centrado no *ego*.
4. A meditação é uma maneira de ver por entre o véu do dualismo e de despertar para a identidade suprema de mulher, de homem, de natureza e de Deus.
5. Despertar para essa identidade suprema é algo que substitui o egoísmo e o medo pelo compromisso amoroso com a justiça e a compaixão, transformando não somente nossa vida como também, por nosso intermédio, a vida do mundo inteiro.

Dada essa filosofia, afirmo que Jesus articulou uma versão judaica da filosofia perene; que Jesus viu Deus não como apenas seu eu mas como muitos eus; que as referências fei-tas por Jesus a si mesmo não visavam sua pessoa, mas o nível da consciência de Deus que ele havia alcançado; que o chamado de Jesus para que as pessoas o seguissem não era um chamado a se submeter a ele como mestre, mas para seguir o caminho que ele trilhava e descobrir Deus cada qual por si mesmo.

LEITURAS DO EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus. No começo ela estava voltada para Deus. Tudo foi feito por meio dela, e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela. Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens. Essa luz brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram apagá-la (Jó 1,1-5).

Nada há na afirmação de João que não seja judaico. No começo era Deus e a palavra de Deus era o meio de criação. Toda vida procede de Deus. Reconhecer que toda vida procede de Deus é o primeiro passo para ver toda a vida como manifestação de Deus. E isso é o que Jesus e todos os filósofos perenes proclamam: Deus não se acha separado da criação. Ainda que Deus seja por certo mais grandioso do que a natureza, esta não é distinta de Deus.

Todos os ensinamentos de Jesus têm de ser compreendidos sob essa ótica. No princípio era Deus, e a criação é a manifestação de Deus; e os homens e mulheres são dotados da capacidade de elevar sua consciência a ponto de buscar o reino de Deus em tudo e em todos. Foi isso que Jesus fez pessoalmente e o que ele queria ensinar todas as outras pessoas a fazer.

A Palavra estava no mundo, o mundo foi feito por meio dela, mas o mundo não a conheceu (Jo 1,10).

Quando você olha para um espelho, quem você vê? Seu eu exterior, o eu que você chama de “eu”, aquele que parece distinto de todos os outros eus? Ou vê Deus, o “EU SOU” revelado a Moisés, o eu verdadeiro que está por trás do diminuto eu da personalidade, da *persona* e do *ego*? Vê a parte ou o Todo? É provável que veja o eu pequenino, o eu temporário, aquele que vem a ser e perece. É provável que imagine que esse eu é tudo o que você é. E você se aflige: o que vai suceder comigo depois da morte? É a partir desse medo da morte que surge toda teologia.

Jesus não temia a morte porque não confundia seu eu com o Eu. Jesus sabia que era Deus — não a totalidade de Deus que lhe é atribuída pelos que o cultuam, mas uma manifestação de Deus, a imagem e semelhança de Deus de que fala a Torá, tendo a seu cargo a tarefa de fazer que os atributos divinos incidissem sobre o plano da criação. Jesus não temia a morte porque se identificava com o intemporal, com o que não tem começo nem fim. Jesus, a parte, identificava-se com Deus, o Todo e o Santo.

E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. E nós contemplamos sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade (Jo 1,14).

A consciência crítica, a introvisão de que cada um de nós e todos nós somos manifestações da Realidade Una Verdadeira, não é alheia a nós. Ela habita nosso íntimo. Pode ser nutrida e cultivada por nós até alcançarmos o que Jesus alcançou: o conhecimento de que o eu e Deus — o “eu” e o EU

SOU — são um só. O fato de João falar de “filho único” de Deus é simplesmente reflexo de sua incapacidade de compreender a plenitude da mensagem de seu Messias.

Porque de sua plenitude todos nós recebemos, e um amor que corresponde ao seu amor. Porque a Lei foi dada por Moisés, mas o amor e a fidelidade vieram através de Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus; quem nos revelou Deus foi o Filho único, que está junto do Pai (Jo 1,16-18).

Há duas manifestações de Deus: a relativa e a absoluta. Há dois lados de uma única realidade, dado que Deus é tudo e é sem-pre Uno. Quando buscamos revelar o absoluto de Deus, falamos da verdade. Quando buscamos aplicar os atributos divinos no mundo relativo dos homens e das mulheres, falamos de lei. Separar verdade de lei e lançá-los um contra o outro é trair a integralidade que é Deus. A lei aplica a verdade a situações cotidianas de nossa vida. A verdade revela que nossa vida nada tem de nosso, dado que ela pertence a Deus; revela que não somos eus separados, porém manifestações sem par e temporárias do Eu Uno, do EU SOU que se acha por trás de todo aquele que diz “eu sou”.

Essa consciência de Deus como fonte e substância de todas as coisas requer radical mudança de consciência. Exige de nós que vejamos o Uno que é igualmente muitos. É essa mudança radical de consciência que Jesus alcançou, e que tantos de seus intérpretes oficiais não conseguiram alcançar. Jesus despertou nas mãos de João Batista para a verdade de que formava unidade com Deus. Voltou então ao mundo de seus compatriotas judeus e tentou ensinar-lhes que também eles contêm o reino dos céus em si mesmos, que também eles são a um só tempo humanos e divinos:

Pois Deus amou de tal forma o mundo que entregou o seu Filho único para que todo o que nele acredita não morra, mas tenha a vida eterna (Jo 3,16).

O amor de Deus é o que torna possível a realização de Deus. O amor de Deus fala à intimidade da matéria e espírito. Estes últimos não são opostos, mas lados gêmeos de um Deus que não pode ser restrito por um nem por outro nem ser reduzido a um deles. Deus transcende com sua grandeza nossas dualidades. Se ao menos pudéssemos confiar no amor de Deus, poderíamos alçar nosso olhar para além do eu e descobrir o Eu; poderíamos olhar para além do *ego* isolado e solitário e descobrir a face original do Filho, do

rebento de Deus que é nosso eu mais verdadeiro. Não se trata de crer em Jesus, mas de acreditar naquilo que Jesus revelou e nos entregar: o fato de que eu e o Pai somos um, de que todo eu é também o EU SOU que é Deus.

Quem acredita nele, não está condenado; quem não acredita, já está condenado... O julgamento é este: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz... Quem pratica o mal, tem ódio da luz, e não se aproxima da luz... Mas quem age conforme à verdade, se aproxima da luz... (Jo 3,18-21).

A insistência no caráter sem par de Jesus torna essa passagem uma condenação de todos os que não são cristãos. Mas examinemo-la outra vez. A condenação consiste em continuar a viver nas trevas da ignorância. Ignorando nosso eu verdadeiro, vivemos na sombria solidão do eu separado. As sombras são nosso sentido de alienação e de solidão existencial, que assombra todo aquele que insiste que é antes separado do que uma parte de Deus. A luz da verdade é revelada somente quando abandonamos nosso ponto de vista autocentrado e nos damos conta da verdade de que somos todos a luz, e de que todas as nossas ações realizadas com o Todo em mente são realizadas EM DEUS, ou seja, elas revelam o fato ao mesmo tempo profundo e simples de que estamos sempre em Deus.

ESTE CONHECIMENTO TEM PODER TRANSFORMADOR

Mas que impacto tem este conhecimento? Que diferença faz ele no mundo? O encontro no poço entre Jesus e a samaritana é um belo modelo do poder transformador do divino despertar. A fim de compreender a história, você tem de lembrar que tanto as mulheres como os samaritanos representavam um problema para os homens judeus fiéis ao judaísmo convencional de sua época. As mulheres eram uma fonte de tentação, e os samaritanos, fonte de heresia. O contato com as mulheres era objeto de extensos regulamentos. O contato com os samaritanos era evitado o máximo possível.

Mas Jesus não evita nem uns nem outros. Ele lança seu olhar para além do gênero e da etnia, para além dos códigos arbitrários de comportamento adequado que separam as pessoas umas das outras. Jesus olha para a mulher e vê uma filha de Deus, uma manifestação do Uno que não é distinto dele mesmo, Jesus. Uma vez desperto para a divindade manifesta como toda a

humanidade, Jesus não mais dá importância a rótulos nem às divisões que se pretende sustentar com esses rótulos.

Esta é a primeira lição da história. O Deus realizado não é vítima das divisões arbitrárias da humanidade.

Jesus revela então à mulher que, enquanto ela pode ter acesso à água da natureza, ele tem acesso à “água viva”. Diz-lhe que a sede que o poço de água aplaca vai voltar, mas que a sede aplacada pelo que Jesus tem a oferecer é aplacada de uma vez por todas. Jesus está falando da sede que todos temos de sentido, de propósito, de verdade. Por mais que tentemos aplacar essa sede, ela retorna. Por quê? Porque nada há fora de nosso ser que possa aplacar a sede que vem com a insistência de que somos eus separados, apartados de Deus. Essa sede só chega ao fim quando se mostra que o eu é uma manifestação de Deus, só quando a parte percebe que é uma com o Todo, apenas no momento em que se desvela o caráter da sede ser criação não da verdade de nossa unidade, mas da decepção com nossa alteridade.

Jesus não indica mais uma distração, mais um remédio exterior que funciona por curto espaço de tempo, mas que no final fracassa. Jesus oferece à mulher uma fonte interior que sempre “jorra para a vida eterna” (Jo 4,4-16). Encontra-se em nosso íntimo a fonte de Deus. Não se volte para os outros em busca de sua salvação; volte-se para o núcleo de seu próprio ser, dado que somente quando a pessoa se volta para esse núcleo interior ela está de fato se voltando para Deus.

A samaritana pergunta a Jesus qual o lugar próprio para o culto a Deus. Os judeus insistem que se restrinja o culto ao Templo em Jerusalém. Os samaritanos insistem que se restrinja à sua montanha sagrada. Qual é, pergunta a mulher, o verdadeiro lugar de Deus?

Jesus, o judeu, sabe que um dos nomes hebreus sagrados para designar Deus é *HaMakom*, O Lugar. Jesus, o judeu, sabe que Deus é o lugar do mundo, o fundamento de toda criação. Jesus, o místico infundido de Deus, não pode imaginar que O Lugar seja concebido como algo que se restrinja a uma localização física. Deus é o Lugar de todos os lugares; é infinito; todo o mundo se acha infundido de sua divina glória — Como então pode um lugar ser mais santo do que outro ou uma pessoa mais divina do que outra?

Assim, Jesus diz: “Mulher, acredite em mim. Está chegando a hora, em que adorarão o Pai não sobre esta montanha nem em Jerusalém, mas em espírito e verdade” (Jo 4,21.23). E espírito e verdade estão à disposição em

toda parte. Não se pode restringir o culto a Deus a um lugar determinado, nem torná-lo objeto de legislação por parte de uma pessoa ou do sacerdócio, Deus é realizado quando nos abrimos ao *Ruach haKodesh*, o Espírito Santo que é a essência mais profunda de todos nós. Quando despertamos para o *Ruach haKodesh*, conhecemos a verdade: somos um em Deus, com Deus e como Deus. Essa abertura ao espírito não conhece fronteiras nem limites. O Espírito Santo não é judeu nem samaritano; não é cristão nem muçulmano; o Espírito Santo é o próprio alento de Deus que é soprado em cada um de nós como se o fosse em Adão, o primeiro de nós. Jesus conhecia a artificialidade das fronteiras e recusou-se a ser coagido por elas.

Com o avançar da história, Jesus revela sua verdadeira identidade à samaritana, tornando assim clara como cristal que a verdade não se restringe a nenhum povo específico.

A mulher disse a Jesus: “Eu sei que vai chegar um Messias; e, quando chegar, ele nos vai mostrar todas as coisas. Jesus disse: “Esse Messias sou eu...” (Jo 4,25-26).

Lembre-se de que Jesus é judeu. A expressão EU SOU traz para ele um significado penetrante e profundo para ele. Jesus não diz “Eu sou o Messias”. Ele articula a revelação da verdadeira natureza de Deus: deus é EU SOU, o puro Ser, manifesto como o pequeno “eu sou” que cada eu é.

Jesus revela à samaritana a mesma Divindade que Deus revelou a Moisés a partir da sarça ardente; o EU SOU que constitui a real identidade de todos nós. A revelação de que Deus é o EU SOU, o verdadeiro eu que se manifesta nos multitudinários eus que habitam o mundo, é a revelação mais profunda de todas. Ela não se limita a uma pessoa. O EU SOU é você e eu; o verdadeiro eu que torna possíveis nosso eus temporários.

Assim é que Jesus diz em Mateus 16,24: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga”. Isso equivale a dizer: quem me seguir e aprender a ser como eu sou, um filho realizado de Deus, tem de renunciar à ilusão de um eu separado, dado que é essa ilusão que nos mantém nas trevas da ignorância, cegos à luz que é a verdade universal de Deus. Compreender isso é crucial para entender a mensagem de Jesus, o místico judaico da filosofia perene.

O NOME DE DEUS; EU SOU

Quando encontra Deus na sarça ardente, Moisés lhe diz que o povo hebreu não vai acreditar que ele Moisés lhe foi enviado por Deus. Moisés pede a Deus que lhe diga seu nome.

Na cultura israelita, o nome refletia a essência da pessoa. Moisés pede que Deus revele o que é ser divino. Deus lhe diz que o povo O conheceu no passado como o Todo-Poderoso, um poder que se acha acima e além de tudo aquilo que o próprio povo pode imaginar ou pretender ser. Chegou o momento de liberar o povo da escravidão, não somente do jugo da escravidão física, mas também do arnês da ignorância. É chegada a hora de revelar a verdade mais profunda de Deus, não só do Deus Cósmico como também do EU SOU íntimo que está no coração de cada pessoa que existe.

Assim, Deus diz a Moisés: *Ehyeh asher Ehyeh*, eu sou o que eu sou, e serei o que serei. Em outras palavras, Deus diz a Moisés: “Eu sou o estado incondicionado e incondicional de puro Ser que se manifesta como toda a realidade condicionada. Sou o sol que se manifesta na luz do Sol; sou o oceano que se eleva na forma das ondas; sou o Uno que é o Muitos. Diga ao povo que EU SOU o enviou para que ele possa descobrir a verdadeira liberdade que vem do conhecimento de que aquilo que eles são é o que EU SOU”.

Tudo isso era sabido pelo místico Jesus. E ele sabia não em termos de alguma idéia abstrata, porém na forma de seu eu mais íntimo. “EU SOU”, diz ele à samaritana. EU SOU, não sou o Messias, nem aquele a quem esperas. Simplesmente EU SOU.

O que Jesus faz é refletir para a mulher a verdadeira natureza dela mesma como EU SOU. Ele diz a ela: “EU SOU! Você pode ver a si mesma em mim? Pode ver seu ‘eu’ refletido como o EU SOU que ele é? Olhe! Olhe! Justamente agora que falo, você pode ver a verdade? Você não é somente uma samaritana. Não é somente uma mulher. É o UM QUE É. É o EU SOU. Conheça isso e seja libertada.”

Saber quem somos, saber que o EU SOU é nosso eu mais verdadeiro, tem profundo efeito libertador. Não há escravidão mais terrível do que a do *ego* como eu separado. Não há jugo mais pesado do que o forjado pelos anseios intermináveis de um eu tomado por ilusões. Estamos escravizados por nossa fome de sentido, por nossa sede de conhecimento. Escravizamos-nos a todo ensinamento ou mestre que nos prometa levar esse nosso anseio ao fim. Renunciamos à nossa verdade e à nossa liberdade ao transferi-la para alguém

que não é menos iludido que nós, mas que nos convence de que dispõe daquilo que buscamos de modo tão desesperado.

Quando os messias apontam antes para si do que para nosso próprio coração, quando as religiões nos chamam a atenção para o ritual, afastando-a de nosso Eu, quando ideologias exigem antes a obediência cega do que o desvendamento da verdade — então eles são coisas falsas e perigosas. O verdadeiro messias aponta, ultrapassando a si mesmo, para Deus; a verdadeira religião é antes um meio do que um fim, é um veículo para a realização de Deus, não um caminho para a piedade institucional; a verdadeira ideologia transcende a si mesma no conhecimento de que Deus não pode ser reduzido ao catecismo.

É, portanto, bastante triste que se confunda Jesus, o mensageiro, com a mensagem. Jesus diz: “Eu não posso fazer nada por mim mesmo ... não procuro fazer a minha vontade, e sim a vontade daquele que me enviou”. A pessoa que percebeu Deus não inventa nenhuma coisa nova; em vez disso, reflete algo que é intemporal. Não projeta seu próprio *ego*, mas manifesta Aquilo Que É. Jesus na verdade diz: “Não pense que eu, Jesus, realizo todas essas coisas. Não sou o juiz, e meu *ego* não está desejando o que acontece. Sou o veículo da condição divina, sou uma manifestação do EU SOU. Meu eu desejoso passa para o segundo plano e o divino age por meio de mim. Não me confunda, o eu chamado Jesus, com Aquele Que É, que não tem ‘eu’”.

A pessoa que percebeu Deus sabe que o eu diminuto, o *ego*, não é o solo no qual se erige uma vida de santidade. Na verdade, o conhecimento de que eu e o Pai somos um revela que somente quando permitimos que o divino que habita em nós aja, nós nos elevamos acima dos limites do egóico. Jesus deixa claro que não é Jesus que é Deus, e sim Deus que é Jesus.

É essa percepção da verdadeira natureza do eu e de Deus que impele Jesus a dizer “Meu reino não é deste mundo” (Jo 18,36), significando que a revolução espiritual que ele vivenciou e que deseja que outros vivenciem é essencialmente interior, só tendo de exterior sua manifestação fenomenológica. Embora seja de fato um problema, não é Roma o principal problema. Os escribas e fariseus não são o problema. Os samaritanos também não. O problema de base é que cada um de nós vive em sombria ignorância de nossa verdadeira natureza de seres santos que manifestam a imagem e semelhança de Deus.

NOSSO EU ORIGINAL NÃO É O NOME HUMANO

Quando despertamos para nossa verdadeira natureza como manifestações de Deus, tornamo-nos o “pão da vida que veio do céu” (Jo 6,41) e acabamos com a ávida fome inevitavelmente criada pela redução do eu para o *ego*. Quando conhecemos o EU SOU que é nosso eu original, descobrimos subitamente que nossa sede de integralidade foi aplacada. Não que tenhamos recebido aquilo de que carecíamos: é que descobrimos que nunca tivemos essa carência — eu e o Pai somos Um. Ou, como cantou o rei Davi no Salmo 23: “O Senhor é meu Pastor; nada me falta.” Embora o corpo físico do iluminado ainda requeira cuidados, sua alma nunca mais voltará a ter fome:

E comentavam: “Esse Jesus não é o filho de José? Nós conhecemos o pai e a mãe dele. Como é que ele diz que desceu do céu?” (Jo 6,42).

O Jesus que fala dessa maneira não é o filho de José, mas o filho auto-realizado de Deus. Quando alega ser o EU SOU, Jesus não imagina ser ele e somente ele o Deus encarnado, mas que o próprio EU SOU está vivo nele e pode ser despertado em cada um de nós. Os judeus têm razão em questionar o egotismo da afirmação de Jesus de que foi enviado do céu, porém não é Jesus quem diz isso, é Deus manifesto nele. É a permanência numa escuta errônea das palavras de Jesus que leva os judeus a rejeitá-lo e os cristãos a deificá-lo. Nenhuma dessas reações é fiel à mensagem trazida por Jesus: “Não sou Deus”, diz Jesus. “Deus está agindo por meio de mim como eu; meu *ego* não é divino, minha vontade não é divina, mas esse *ego* e essa vontade não são meu eu mais verdadeiro, meu eu originário – o Eu que é cada um de nós. Esse eu mais verdadeiro é Deus. É esse Eu que fala por meio de mim. Não confundam a mensagem com o mensageiro”.

Jesus diz aos judeus: “Vocês vão me procurar, mas não me encontrarão, porque vocês não podem ir para onde eu estou” (Jo 7,34). Se buscamos o homem Jesus no Jesus divino, não vamos encontrá-lo. Ele se acha totalmente subsumido em Deus. Sua vontade está a serviço da vontade de Deus. Seu “eu” nada é diante do EU SOU de Deus. Nossa busca da Verdade exterior a nós redonda sempre em fracasso. No lugar em que Jesus se encontra, o lugar da absoluta unidade com Deus, nenhum eu separado pode ir. Enquanto insistirmos em nossa distinção em relação a Deus, não podemos vivenciar o EU SOU que somos nós.

Jesus tenta revelar de inúmeras maneiras a verdadeira natureza daquilo que realizou. Uma das afirmações mais enigmáticas, porém mais desveladoras, é: “Antes de Abraão vir a existir, EU SOU” (Jo 8,58). Jesus faz essa afirmação no decorrer de um confronto com os líderes judeus no Templo. Esse encontro entre ele e seus compatriotas judeus é apenas outro elo em uma longa cadeia de incompreensões.

No Templo, Jesus parece afirmar que nasceu antes de Abraão. Seus ouvintes objetam, dizendo que, se ainda não tem nem cinquenta anos, como pode ser ele mais velho que Abraão? Eles estão, no entanto, confundindo realidades. Jesus se pronuncia do ponto de vista do absoluto, ao passo que esses seus ouvintes escutam a partir da perspectiva do relativo.

No mundo do absoluto, não existe tempo, não há nascimento nem morte, não existe mudança. Deus foi, é e será o EU SOU de todos. Deus em si transcende todas as suas manifestações particulares. Jesus como homem de carne e osso não é mais velho que Abraão; nem é esse EU SOU “mais velho que” Abraão, e sim intemporal.

Todavia, seus ouvintes escutam apenas o Jesus relativo, o filho de Maria e José, que nasceu e vai morrer. Eles perderam o contato com o EU SOU que é tudo, não podendo por isso ver que Jesus está tentando espelhar esse EU SOU para eles a fim de permitir que O encontrem dentro de si mesmos: “O Pai e eu somos um” (Jo 10,30). Ou seja, o Eu Verdadeiro, a Verdadeira Identidade de vocês, não é o *ego* mortal amarrado pelo tempo que vocês supõem erroneamente ser, mas o EU SOU intemporal que é Deus. Contemplem o Pai em mim e vejam o Eu de vocês mesmos!

Jesus usa a si mesmo a fim de ilustrar o Eu que habita cada um de nós. “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11,25). A morte se aplica apenas à personalidade; o verdadeiro eu é eterno. “E todo aquele que acredita em mim, ainda que morra não morrerá para sempre” (Jo 11,26); tudo o que vocês têm a fazer é ver esse EU SOU que vocês são, e a morte da personalidade não vai extinguir a vida — porque o EU SOU não teve nascimento nem morte, e também não tem tempo, pois o EU SOU é tudo.

E se acaso ainda confundirmos Jesus com Deus em vez de ver que Deus é Jesus: “Aquele que crê em mim não é em mim que crê, mas Naquele que me enviou. E todo aquele que me vê, vê Aquele que me enviou” (Jo 12,44-45). Jesus se empenha em deixar clara a distinção entre Jesus como homem e o estado de realização de Deus por ele alcançado. O que tem valor não é o

homem Jesus, porém o EU SOU de que ele tomou consciência.

Assim, mais uma vez: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6a); EU SOU o caminho para a verdade e para a vida. “Ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14,6b); se não agirem como eu, se não virem seu próprio eu como reflexo do Eu, vocês não poderão descobrir a unidade suprema de Pai e Filho. “Eu estou no Pai e o Pai está em mim” (Jo 14,11); EU SOU tanto Pai como Filho, tanto o absoluto como o relativo — eis a verdade essencial que todos os sábios da filosofia perene vieram ensinar.

O pensamento judaico convencional entende que Jesus situa a si mesmo como intermediário entre as pessoas e Deus, algo que o judaísmo considera desnecessário e mesmo inexistente. É assim que o judaísmo tradicional pode rejeitar Jesus e ignorar o radical despertar que ele personificou.

O pensamento cristão convencional entende que Jesus é na verdade o intermediário entre os seres humanos e Deus, e que somente invocando o Filho podemos ter acesso ao Pai. Assim, o cristianismo convencional pode erigir Jesus como um elo entre o eu e o Eu, entre o eu do *ego* e o EU SOU de Deus, e ignorar o radical despertar que ele personificou.

É isso que a religião convencional sempre faz: negar a identidade suprema entre Criador e criatura, bem como procurar nos vender uma ponte que transponha a lacuna cuja existência está apenas em sua própria imaginação. Nada separa Criador de criatura, nada separa o raio de sol e o Sol, a onda e o oceano. Não há um hiato a separar o eu relativo e o EU SOU absoluto.

Da perspectiva da ordem absoluta, cada um de nós pode fazer as mesmas afirmações de Jesus: EU SOU o caminho, a verdade e a vida; EU SOU a essência de todo o existente. Não se pode chegar ao Infinito exceto descobrindo que o finito é o Infinito. E, quando se faz isso, obtém-se a revelação da unidade inextricável entre Pai e Filho.

CONCLUSÃO

Jesus disse ao judeus de sua época:

Escutem-me! Vocês estão dividindo seu mundo em campos adversários: sagrado e profano, pagador e coletor de impostos, estudioso da religião e pecador, homem e mulher, judeu e samaritano. Todas essas divisões apenas perpetuam o medo e o sentido de separação entre vocês e Deus. Realizei o EU SOU que habita cada um de nós, e deixei de viver num mundo de campos em concorrência uns com os outros. Não estou limitado pelas divisões impostas pelos costumes, divisões que restringem nossas preocupações antes à pureza entendida de modo formal do que à santidade transcendente. Meu caminho é o caminho da unidade, é a maneira como Deus concebeu o mundo. Quando olham para mim, vocês simplesmente vêem refletida a natureza do Eu Verdadeiro de vocês mesmos. Não confundam o espelho com a imagem por ele refletida. Não sou o que vocês vêem. O que vocês vêem em mim é o EU SOU. Contemplem profundamente o próprio íntimo de vocês, e verão o EU SOU que são. Realizem esse EU SOU como seu verdadeiro eu e a Luz que vão ver iluminará a unidade de todos em Deus.

Há um nível da Realidade que se acha além do eu e do *ego*. Trata-se do reino do céu, que está dentro de vocês. Para ter acesso a ele, vocês não precisam ir a lugar nenhum nem seguir qualquer pessoa. Tudo o que precisam é fazer o que fiz: deixar de lado a ilusão do *ego*; reconhecer que o eu que imaginam ser não é mais do que a reunião de imagens, pensamentos, sentimentos e sensações fugidios. Afastem-se disso e esse eu se desfaz, revelando o Eu Uno que se manifesta como todos os eus: Deus, o Pai, que habita cada um de nós, da mesma maneira como cada um de nós O habita. Não sigam a mim, sigam antes meu exemplo. Não me vejam como Deus, vejam antes o Deus Que é eu.

EU SOU o Caminho – percorram-no!

EU SOU a Verdade – percebam-na!

EU SOU a Vida – vivam-na!

E assim vocês vão manifestar o reino de Deus dentro de si mesmos e no exterior.

EPÍLOGO

Foi uma prodigiosa experiência trabalhar com todos esses colaboradores. Trata-se de pessoas altamente criativas que têm por trás de si todo um conjunto impressionante de realizações. Agradou-me conhecê-los, quase todos somente por telefone, bem como ver que são calorosos e amigáveis, bem humorados e grandemente dispostos a cooperar. Passamos bons momentos juntos, e desejo aproveitar a oportunidade para lhes agradecer.

Teremos realizado aquilo que nos propuséramos fazer? Creio que demos um bom passo em termos de iniciar uma “nova conversação”. Será sobremodo interessante ver a que outros passos isso vai levar. Claro que há algumas outras pessoas que também se ocupam disso. E tudo isso tem um caráter muito positivo. Dados os imensos malefícios advindos de batalhas em relação a Jesus, nunca são demasiados quaisquer esforços feitos com vistas a tentar acertar as coisas se e quando estiverem erradas, e especialmente com vistas a tentar sanar e prevenir mágoas de todas as formas que estiverem a nosso alcance. Creio que as palavras aqui proferidas constituem valiosa contribuição para que as coisas sigam esse curso.

O que com efeito se espera é que desse nosso esforço resulte algo a mais. Espero que ele siga três direções.

Espero que outras pessoas escrevam — e colecionem — textos como os aqui apresentados, ou que façam palestras sobre esse tópico: palestras acadêmicas, teológicas, pastorais, espirituais, palestras de todo gênero. Penso em editar mais uma coletânea como esta, quem sabe promover uma conferência nacional [nos EUA].

Interesso-me especialmente por ver estudos — ou especulações — sobre qual pode ter sido o programa prático de Jesus. Dispomos de grande quantidade de material acerca de suas concepções religiosas, de seus princípios espirituais e de suas opiniões morais. Terá ele tido também sugestões de cunho econômico e social para as pessoas de sua época, de seu lugar e de suas circunstâncias? Se sim, há nessas idéias algo que possamos adaptar de modo útil às nossas próprias circunstâncias?

Outra linha de desenvolvimento seria passar do nível acadêmico ao congregacional e familiar. Os estudiosos dão a impressão de que agem em um mundo em que só se fala uma mesma linguagem, em que se aplicam os

mesmos critérios de julgamento e em que diversas opiniões são bem recebidas e respeitadas. Mas as pessoas que tomam assento nos bancos das casas de culto vivem em um conjunto distinto de contextos. A questão relativa a Jesus, quando lhes causa impacto, se acha vinculada não com a interpretação dos textos, mas com o que acontece com seus filhos. Terá valor para essas pessoas uma maneira renovada de considerar Jesus? Será que suavizar sensações desagradáveis que se possam ter com respeito a ele pessoalmente — o que difere das batalhas travadas em torno dele na cultura majoritária —, e permitir que Jesus tenha seus méritos e deméritos, tal como tantas outras figuras antigas na tradição, alteraria as coisas o suficiente para que devêssemos tentar dar uma oportunidade a todos os que desejarem fazer parte desse esforço? Por exemplo, que opinião teriam líderes de Hillels sobre fazer algumas experiências nessa direção?

Há muitas atividades inter-religiosas ocorrendo no presente momento. É provável que toda cidade americana de tamanho razoável seja sede de ao menos uma dessas atividades. Um acontecimento nesse campo que me pareceu particularmente estimulante foi a iniciativa “A Jewish Statement on Christians and Christianity [Declaração Judaica sobre os Cristãos e o Cristianismo]”, publicada pelo Institute for Christian and Jewish Studies como anúncio de página inteira no *New York Times* e no *Baltimore Sun* em 10 de setembro de 2000. Essa declaração é desenvolvida em um livro intitulado *Christianity in Jewish Terms* (Cristianismo da perspectiva judaica); espera-se que ela venha a se constituir em um fundamento para anos de exploração por grupos de estudo em todo o país. A idéia é que os judeus devem compreender seus vizinhos, mas que eles precisam abordar essa compreensão em seus próprios termos.¹

Espero que o que os colaboradores deste livro fizeram possa ser considerado mais uma iniciativa dessa natureza, um esforço de ver Jesus “em seus [dos autores] próprios termos”. E, à medida que essa iniciativa alcançar sucesso, talvez possamos levar Jesus mais uma vez a se tornar presente nas discussões em família, atraindo-lo para uma nova conversação.

¹ O editores do livro dizem no Prefácio: “Acreditamos que chegou a hora de os judeus aprenderem sobre o cristianismo em termos judaicos: redescobrir as categorias básicas do judaísmo rabínico e escutar a maneira como soam as categorias cristãs básicas quando ensinadas nos termos desse judaísmo

rabínico. Ouvir o cristianismo em nossos próprios termos é de fato compreendê-lo, quem sabe pela primeira vez” (*Christianity in Jewish Terms*, organizado por Tikva Frymer-Kensky, David Novak, Peter Ochs, David Fox Sandmel e Michael A. Signer, Boulder, Colorado, Westview, 2000, p. xii).

RECURSOS PARA CONTINUAR A CONVERSAÇÃO

- Ben-Chorin, Shalom. The Image of Jesus in Modern Judaism. *Journal of Ecumenical Studies*, n. 11, 1974, pp. 401-430.
- Cohn, Haim H. *The Trial and Death of Jesus*. Nova York: Harper & Row, 1971.
- Cook, Michael J. The Death of Jesus: A Catholic-Jewish Dialogue [opposite Raymond Brown]. In: *No Religion is an Island: The Nostra Aetate Dialogues*. Nova York: Fordham University Press, 1998.
- . Jesus and Christian Origins through Jewish Eyes. In: *Proceedings of the Klutznick Colloquium*. Org. por Leonard Greenson. Omaha, Nebraska: Creighton University Press, 2001.
- Hagner, Donald. *The Jewish Reclamation of Jesus*. Grand Rapids: Zondervan, 1984.
- Jocz, Jakob. *The Jewish People and Jesus Christ*. Reimpressão. Grand Rapids: Baker, 1981.
- Rivkin, Ellis. Resenha de *The Trial and Death of Jesus*, de Haim H. Cohn. *Saturday Review*, 19 de junho de 1971, pp. 22, 61-62.
- Sandmel, Samuel. *We Jews and Jesus*. Nova York: Oxford University Press, 1965.
- Schwartz, G. David. Is There a Jewish Reclamation of Jesus? Resposta a Donald Hagner, *The Jewish Reclamation of Jesus*. In: *Journal of Ecumenical Studies*, n. 24. n. 1, inverno 1987.

Recursos na Internet

Institute for Christian and Jewish Studies: <http://www.icjs.org/>
Jewish Christian Relations: <http://www.jcrelations.net/index.htm>
Internet Resources for the Study of Judaism and Christianity:
http://www.sas.upenn.edu/religious_studies/research

COLABORADORES

[Em ordem alfabética de *sobrenomes*]

O RABINO HOWARD ADDISON foi ordenado pelo Jewish Theological Seminary e obteve o grau de Doutor em Ministério no Chicago Theological Seminary e o Ph.D em Estudos Teológicos na Graduate Theological Foundation. Ele é também habilitado em animação de grupos de contemplação pelo Shalem Institute e autor de *Show Me Your Way: The Complete Guide to Exploring Interfaith Spiritual Direction*. É rabino do Temple Sinai em Dresher, Pensilvânia, EUA, e colaborou com o *Emet Ve'Emunah*, a obra teológica definitiva do movimento dos conservadores das duas últimas décadas. Dirige retiros e oficinas de liturgia judaica e meditação sobre questões masculinas e que abordam o desenvolvimento espiritual pessoal, tanto em ambientes judaicos como inter-religiosos.

LAURA BERNSTEIN é mestre pela University of Chicago e habilitada em Psicoterapia Infantil pelo Chicago Institute of Psychoanalysis. Fez estudos rabínicos no Hebrew Seminary of the Deaf em Skokie, Illinois. É colaboradora freqüente da Common Ground, centro de estudos inter-religiosos em Deerfield, Illinois, e colaborou com o livro *Finding a Way: Essays on Spiritual Practice*. Seus artigos foram publicados em *The American Vandantist*, *Sacred Journey* e *Schola*. Seu atual interesse é o cântico sagrado inter-religioso; ela dirige sessões de cânticos numa variedade de circunstâncias, incluindo oficinas, retiros, igrejas e sinagogas.

O RABINO HERBERT BRONSTEIN é Chefe de Estudos da North Shore Congregation Israel, destacada congregação da Região Metropolitana de Chicago, na qual foi rabino-chefe por mais de um quarto de século. Foi presidente do Chicago Board of Rabbis. Foi conferencista e professor de história e de filosofia da religião na University of Rochester, na Northwestern University e na University of Illinois em Chicago, e professor visitante da Oxford University, na Inglaterra. É no momento professor de religião comparada no Lake Forest College e aceita convites para falar em igrejas e sinagogas de todo o país (EUA). É organizador de “um clássico moderno” de liturgia judaica, o Haggadah of Reform Judaism, tendo sido por muitos anos Presidente da Seção de Liturgia da Central Conference of American Rabbis [Conferência Central dos Rabinos Americanos] e Presidente da Commission on Worship of Reform Judaism [Comissão para o Culto do Judaísmo da Reforma].

O RABINO MICHAEL J. COOK é Professor Sol and Arlene Bronstein de Estudos Judeu-Cristãos do Hebrew Union College-Jewish Institute of Religion (HUC-JIR), Campus de Cincinnati, Ohio. Educou-se na Faculdade Haverford da Universidade de Jerusalém e no

HUC-JIR de Nova York, onde fez o M.A. em Literatura Hebraica e Ordenação. Seus estudos de doutoramento no *campus* de Cincinnati tiveram como foco o período do Segundo Templo, tendo-se concentrado no Novo Testamento. Tem participado de conselhos consultivos de vários institutos de estudos judaico-cristãos e na Joint Commission on Interreligious Affairs [Comissão Conjunta de Assuntos Inter-Religiosos] da Central Conference of American Rabbis [Conferência Central dos Rabinos Americanos], da Union of American Hebrew Congregations [União de Congregações Hebraicas Americanas] e do HUC-JIR. Viaja costumeiramente fazendo palestras para públicos judaicos e cristãos, acadêmicos e religiosos em geral, incluindo líderes de destaque da Southern Baptist Convention [Convenção Batista do Sul] e o Advisory Committee on Christian-Jewish Relations [Comitê Consultivo para Relações Entre Cristãos e Judeus] do Bispo Episcopal. O doutor Cook tem muitas obras publicadas na área das relações entre judeus e cristãos e está atualmente escrevendo um importante livro com o título *Removing the Veil: Modern Jews and the New Testament*.

O RABINO LAURENCE EDWARDS serve à Congregação B'nai Abraham in Beloit, Wisconsin. Graduado pela University of Chicago, foi ordenado pelo Hebrew Union College-Jewish Institute of Religion, cursando agora o doutorado no Chicago Theological Seminary. Vem de longa data seu interesse pelo diálogo inter-religioso. Na qualidade de Diretor Hillel e Capelão Judaico da Dartmouth College e da Cornell University, envolveu-se profundamente no ministério inter-religioso. É atualmente professor de quatorze escolas secundárias católicas na área de Chicago, no âmbito do Catholic-Jewish Educational Enrichment Project [Projeto de Enriquecimento Educacional Católico-Judeu] do American Jewish Committee [Comitê Judaico Americano]. É ainda Diretor Nacional Associado de Assuntos Inter-Religiosos do American Jewish Committee.

ANDREW VOGEL ETTIN é o líder espiritual do Temple Israel, Salisbury, Carolina do Norte, e professor de inglês na Wake Forest University. Graduou-se na Rutgers College (Bacharelado), na Washington University (Mestrado, Doutorado) e no Spertus Institute of Jewish Studies (M.S.J.S). Publicou, entre outros, os livros *Speaking Silence: Stillness and Voice in Modern Thought and Jewish Tradition*.

LANCE FLITTER é cientista de computação em um centro de pesquisas na Marinha Americana (inteligência artificial aplicada, autor de numerosos artigos técnicos e apresentações de conferência) e casado com uma cristã. Devido à sua experiência pessoal, tem tido há vários anos profundo envolvimento com grupos de famílias inter-religiosas. É membro do Conselho Diretor do InterFaith Families Project of Greater Washington [Projeto Famílias Inter-Religiosas da Grande Washington], colaborando com suas conferências e publicações. Também atua em vários grupos da Internet ligados a questões vinculadas com famílias inter-religiosas e com a religião.

O RABINO JOSEPH H. GELBERMAN é rabino hasídico moderno, à “maneira de Martin Buber”, e psicoterapeuta. É no momento rabino do New Light Temple e Diretor do

Mid-Way Counseling Center da cidade de Nova York. O doutor Gelberman foi fundador da The Little Synagogue e foi seu rabino durante vinte anos. Também fundou e dirigiu o Kabbalah Center, the Wisdom Academy, The Foundation for Spiritual Living e The New Seminary. É editor de *Kabbakhan for Today*. É membro da Associação de Psicologia Humanista e membro participante da Academia de Ciências de Nova York; é autor de sete livros. Atua presentemente no The All Faiths Seminary International [Seminário Internacional de Todas as Fés] (com sucursais em vários países), que ordena Ministros Inter-Religiosos e oferece um programa de doutorado em associação com o International Institute of Integral Human Sciences [Instituto Internacional de Ciências Humanas Integrais] (afiliado à Organização das Nações Unidas).

O RABINO LAWRENCE KUSHNER é rabino residente do Hebrew Union College-Jewish Institute of Religion (HUC-JIR), onde dá aulas de espiritualidade e misticismo judaicos e é mentor de estudantes do rabinismo. Antes de seu atual cargo, foi durante vinte e oito anos rabino da Congregation Beth El, de Sudbury, Massachusetts. Graduado pelo University of Cincinnati, foi ordenado rabino no Hebrew Union College. Foi por mais de uma década conferencista visitante do HUC-JIR em Nova York e também comentarista do programa de rádio da National Public Radio *All Things Considered*. Suas palestras e publicações, incluindo dez livros, traduzidas para cinco idiomas, tem contribuído para a atual pauta judaica de renovação espiritual pessoal e institucional. Nesse sentido, criou *havurots* (grupos de famílias amigas) no contexto da sinagoga, inspirando os membros de sua congregação a publicar seu próprio livro de orações, a primeira liturgia neutra em termos do gênero. Dirigiu mais de setenta e cinco fins de semana *kalla* de crescimento religioso pessoal e foi o primeiro Presidente Rabínico da Comissão on Religious Living [Comissão de Vivência Religiosa] do Judaísmo da Reforma.

DREW LEDER é quaker judaico. É médico por Yale e Doutor pela State University of New York em Stony Brook. É professor de filosofia oriental e ocidental no Loyola College de Baltimore. Em seu livro *The Absent Body* e outros textos, trata amplamente da experiência corporal e seu impacto no contexto da medicina. Livros mais recentes têm como foco o cultivo do sagrado na vida cotidiana. *Spiritual Passages* examina as possibilidades de transformação inerentes ao processo de envelhecimento e à terceira idade. *Games for the Soul* oferece uma abordagem descontraída das disciplinas espirituais. *The Soul Knows no Bars: Inmates Reflect on Life, Death, and Hope* se baseia em sua obra com internos de prisões de segurança máxima, que obteve reconhecimento nacional dos EUA.

O RABINO MICHAEL LERNER é fundador e editor da *TIKKUN*, revista bimensal de crítica judaica da política, da cultura e da sociedade. Ativo como teólogo judaico da libertação, é discípulo do falecido Abraham Joshua Heschel e exerce a função de rabino da Beyt Tikkun Synagogue, de São Francisco. É doutor em filosofia e psicologia clínica e autor de *Surplus Powerlessness; The Psychodynamics of Individual and Social*

Transformation. Publicações recentes suas são *The Politics of Meaning*; *Jewish Renewal* e *Spirit Matters*. A *Utne Reader* o considerou um dos cem pensadores mais visionários. Dedicou-se atualmente a um comentário da Torá e à criação de uma rede de profissionais de orientação religiosa de todos os campos, a fim de implementar a visão articulada em seus livros.

DANIEL MATT é autor de *The Essential Kabbalah*; *God and the Big Bang* e de *Zohar: The Book of Enlightenment*. Foi professor de espiritualidade judaica na Graduate Theological Union de Berkeley, Califórnia, e também lecionou na Stanford University e na Universidade Hebraica, em Jerusalém. Está atualmente no Shalom Hartman Institute, de Jerusalém, onde compõe uma tradução anotada para o inglês do *Zohar*, a obra-prima da Cabala (a tradição mística judaica).

O RABINO DANIEL POLISH é diretor da Joint Commission on Social Action [Comissão Conjunta para a Ação Social] da Union of American Hebrew Congregations [União das Congregações Hebraicas Americanas] e da Central Conference of American Rabbis [Conferência Central de Rabinos Americanos]. Educado na Northwestern University e no Hebrew Union College, Cincinnati, onde também foi ordenado, é doutor em história da religião (Harvard). Foi professor em Harvard, Tufts, e na University of Maryland, bem como na Occidental College e no HUC-JIR, em Los Angeles. É autor de muitas obras, a maioria delas versando sobre relações entre judeus e cristãos. Por exemplo, organizou dois livros com o doutor Eugene Fischer, da United States Conference of Catholic Bishops [Conferência Nacional dos Bispos Católicos Americanos], tendo colaborado com *Issues of Jewish Christian Dialogue*. Escreve regularmente para a *Journal of Ecumenical Studies*. Seu editorial “A Painful Legacy: Jews and Catholics Struggle to Understand Edith Stein and Auschwitz [Um Legado Doloroso: Judeus e Cristãos se Empenham em Compreender Edith Stein e Auschwitz]”, publicado em *Ecumenical Trends*, foi escolhido pela Catholic Press Association como um dos melhores editoriais a aparecer numa publicação católica.

STANLEY N. ROSENBAUM atribui seu casamento com uma católica, Mary, como elemento que fez dele um judeu devoto e observante. Os dois fizeram carreira no campo do fornecimento de recursos para famílias inter-religiosas. Escreveram um livro intitulado *Celebrating Our Differences: Living Two Faiths in One Marriage* e, ao lado de outras pessoas, fundaram o Dovetail Institute for Interfaith Family Recourses [Instituto Dovetail de Recursos para Famílias Inter-Religiosas]. Mary Rosenbaum é responsável pela publicação da revista do Instituto. Stanley Rosenbaum é doutor em estudos judaicos e do Oriente Médio pela Brandeis, dando durante vinte e oito anos, na Dickinson College, aulas de estudos judaicos. O casal vive atualmente em Boston, Kentucky, e Stanley Rosenbaum dá aulas na University of Kentucky em Louisville, no Louisville Presbyterian Theological Seminary e, ocasionalmente, na Abadia Trapista de Gethsemani. Sua publicação mais recente é *Amos in Israel: A New Interpretation*, e sua história do Israel bíblico será

publicada este ano. Ele considera Jesus, que se acha totalmente enquadrado na tradição profética israelita, como indiscutivelmente uma das cinco pessoas mais importantes que já viveram.

O RABINO ALLEN A. SECHER dirige uma comunidade de renovação judaica na Congregação Makom Shalom, em Chicago. Ao lado de dois sacerdotes, é conselheiro do Jewish-Catholic Dialogue Group [Grupo de Diálogo Judeu-Cristão] de Chicago, um grupo de apoio e educação formado por 550 casais destinado a casais inter-religiosos. Ele ocupa um cargo no Dovetail Institute for Interfaith Family Recourses [Instituto Dovetail de Recursos para Famílias Inter-Religiosas]. É membro da Aleph, a organização que representa a Renovação Judaica. Graduado da Brandeis University em filosofia, foi ordenado na Hebrew Union College, Nova York. O Rabino Secher é ainda profissional da área de comunicações. Foi por trinta anos apresentador do programa de rádio de distribuição internacional *East of Eden*. Como produtor de televisão, ganhou sete Emmys, o mais recente por um especial para a PBS sobre a resistência em Auschwitz, apresentado por Ellen Burstyn, ganhadora do Oscar.

O RABINO RAMI SHAPIRO é presidente do Metivta Center for Contemplative Judaism [Centro Metivta de Judaísmo Contemplativo], de Los Angeles, Califórnia, e diretor da Simply Jewish Foundation (www.simplyjewish.com). Ordenado pelo Hebrew Union College-Jewish Institute of Religion (HUC-JIR) e graduado pela Union Graduate School com um doutorado em pensamento judaico contemporâneo, é autor de *Wisdom of the Jewish Sages*, *Minyan: The Principles for Living a Life of Integrity*, *The Way of Solomon* e *The Book of Proverbs*. É um membro de destaque do movimento de renovação judaica e conhecido conferencista.

O RABINO BYRON L. SHERWIN é professor David C. Verson de filosofia e misticismo judaicos no Spertus Institute of Jewish Studies in Chicago, onde é igualmente Reitor de Faculdades e Vice-Presidente de Assuntos Acadêmicos e diretor do Joseph Cardinal Bernardin Center for the Study of th Eastern European Jewry. Tem graus da Columbia University, do Jewish Theological Seminary of América, mestrado da New York Up, mestrado da New York University e doutorado da University of Chicago. Foi ordenado no Jewish Theological Seminary. Suas atividades inter-religiosas incluem o ensino na Mundelein College (católica) e no Chicago Theological Seminary (Igreja de Cristo); é membro do Conselho Consultivo do Institute for Jewish-Christian Understanding [Instituto para a Compreensão entre Judeus e Cristãos]. É co-autor, e co-organizador, com Harold Kasimov, de *No Religion Is an Island: Abraham Joshua Heschel and Interreligious Dialogue* e *John Paul II e Interreligious Dialogue*.

O RABINO LEWIS D. SOLOMON é Professor Theodore Rinehart de direito comercial da George Washington University Law School, onde dá aulas de leis das corporações e leis fiscais há vinte anos, sendo autor e co-autor de mais de quarenta volumes que abordam temas do direito. Recebeu sua ordenação como rabino pós-denominacional do

Departamento de Estudos Rabínicos do The New Seminary sob o mentorado do doutor Joseph H. Gelberman. É também habilitado em clínica médica na área de medicina psicossomática, tendo escrito *The Jewish Book of Living and Dying* e *The Jewish Tradition and Choices at the End of Life: A New Judaic Approach to Illness and Death*. Tem dado cursos de bioética judaica, sobre concepções judaicas do pós-morte e sobre espiritualidade judaica. Um de seus livros recentes é *Jewish Spirituality: Revitalizing Judaism for the Twenty-First Century*, vinculado com suas preocupações como presidente da Federação Internacional de Rabinos, organização profissional de rabinos unidos por meio de um compromisso com a tradição judaica e o desejo de facilitar o desenvolvimento espiritual judaico e as necessidades do ciclo de vida de todas as pessoas. Outra área em que o rabino dá aulas e escreve encontra expressão em seu mais recente livro, *A Modern Day Rabbi's Interpretation of the Teaching of Jesus*.

O RABINO ARTHUR WASKOW é um dos principais criadores da teoria, da prática e das instituições do movimento da renovação judaica. É um Pathfinder [Buscador de Caminhos] da ALEPH Alliance for Jewish Renewal. Em 1983, fundou o Shalom Center (que continua a dirigir), divisão da ALEPH concentrada no pensamento e na prática judaicas destinada a proteger e a curar a terra e a sociedade. Entre suas obras seminais no campo da renovação judaica figuram *The Freedom Seeder; Godwrestling; Seasons of Our Joy; Down-to-Earth Judaism: Food, Money, Sex, and the Rest of Life. Godwrestling – Round Two* recebeu o Benjamin Franklin Award em 1996. É co-organizador de *Trees, Earth, & Torah: A Tu B'Shvat Anthology*, um importante novo livro da série clássica de Festival Anthologies da Jewish Publication Society. Sua mais recente publicação é, na qualidade de organizador, *Torah of the Earth: Exploring 4000 Years of Ecology in Jewish Thought*. Em 1996, o rabino Waskow foi nomeado pela Organização das Nações Unidas um dos quarenta “Guardiões da Sabedoria”, grupo de líderes religiosos e espirituais de todo mundo que se reuniu por ocasião da Conferência Habitat II, realizada em Istambul.

O RABINO ARNOLD JACOB WOLF é o rabino da mais antiga congregação judaica de Illinois, a Kehilath Anshe Maarav Isaiah Israel, de Chicago, desde 1980, e emérito a partir de 2000. Foi antes rabino da Congregation Emmanuel, de Chicago, e rabino fundador da Congregatio Solel, experimental e de vanguarda, de North Shore, Chicago. Formou-se na University of Chicago, na University of Cincinnati e na Hebrew Union College, onde foi ordenado e doutorou-se em estudos religiosos. Deu aulas na HUC-JIR, em Nova York e Los Angeles, na University of Chicago Divinity School, na Loyola Marymount University, no Spertus Institute na Yale University. Foi conferencista em Amherst, Harvard, Williams, Princeton, Colgate, Illinois, Cornell, Brandeis, Wisconsin, Dillard, Michigan e muitas outras universidades, bem como em igrejas e sinagogas. Foi o primeiro representante judeu oficial junto à Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas em 1975. Em 1963, foi agraciado com o Prêmio da National Conference of Christians and Jews Brotherhood. Foi membro diretor do Jewish Peace Fellowship [Fraternidade Judaica da Paz], do Jewish Council of Urban Affairs [Conselho Judaico de Assuntos Urbanos] e da

Commission on Social Action of Reform Judaism [Comissão de Ação Social do Judaísmo da Reforma]. Foi editor fundador da *Sh'ma: A Journal of Jewish Responsibility*, sendo atualmente editor teológico da revista trimestral *Judaism*. *É autor de cinco livros e de mais de duzentos e cinquenta ensaios.*

BIBLIOTECA DE ESTUDOS BÍBLICOS

- *Bíblia AT* – introdução aos escritos e aos métodos de estudo, H. W. Wolff
- *Os partidos religiosos hebraicos na época neotestamentária*, K. Schubert
- *Jesus e as estruturas de seu tempo*, E. Morin
- *Chave para a Bíblia*, W. J. Harrington
- *Bíblia, palavra de Deus* – curso de introdução à sagrada escritura, V. Mannucci
- *Paulo, a lei e o povo judeu*, E. P. Sanders
- *As origens cristãs a partir da mulher* – uma nova hermenêutica, E. S. Fiorenza
- *Jesus e a sociedade de seu tempo*, J. Mateos e F. Camacho
- *A utopia de Jesus*, J. Mateos
- *Libertando Paulo* – a justiça de Deus e a política do apóstolo, N. Elliott
- *Ásia Menor nos tempos de Paulo*, Lucas e João, E. Arens
- *A voz necessária* – encontro com os profetas do século VIII a.C., Airton J. da Silva
- *Movimentos messiânicos no tempo de Jesus* – Jesus e os outros messias, D. Scardelai
- *Evangelhos apócrifos*, Luigi Moraldi
- *O Deus de Jesus*, Jacques Duquesne
- *A teologia do apóstolo Paulo*, James D. G. Dunn
- *Jesus segundo o Judaísmo* – Rabinos e estudiosos dialogam em nova perspectiva a respeito de um antigo irmão, Beatrice Bruteau (org.)

Direção Editorial
Claudio Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Imagem da capa
Jesus on the Shore, de Ir. Marie Celeste, ocd

Desenvolvimento digital
Patrícia Pimenta

Conversão EPUB
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jesus segundo o judaísmo: rabinos e estudiosos dialogam em nova perspectiva a respeito de um antigo irmão [livro eletrônico]/ Beatrice Bruteau, (organizadora) ; [tradução Adail Sobral]. — São Paulo : Paulus, 2003.
— (Biblioteca de estudos bíblicos)
803Kb; ePUB

Título original : Jesus through Jewish eyes : rabbis and scholars engage an ancient brother in a new conversation.

Bibliografia.
eISBN 978-85-349-3944-7
1. Cristianismo e outras religiões – Judaísmo 2. Jesus Cristo – Historicidade 3. Jesus Cristo – Interpretações judaicas
4. Jesus Cristo como judeu 5. Judaísmo – Relações – Cristianismo
I. Bruteau, Beatrice, 1930. II. Série.

02-6639

CDD-232.906

Índices para catálogo sistemático:
1. Jesus Cristo : Interpretações judaicas 232.906

Título original
Jesus through Jewish Eyes:
Rabbis and Scholars Engage an Ancient Brother
in a New Conversation
© 2001 Orbis Books, Maryknoll, Nova Iorque
ISBN 1-57075-388-1
Tradução – Adail Sobral

© PAULUS – 2014
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 978-85-349-3944-7

Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)

Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

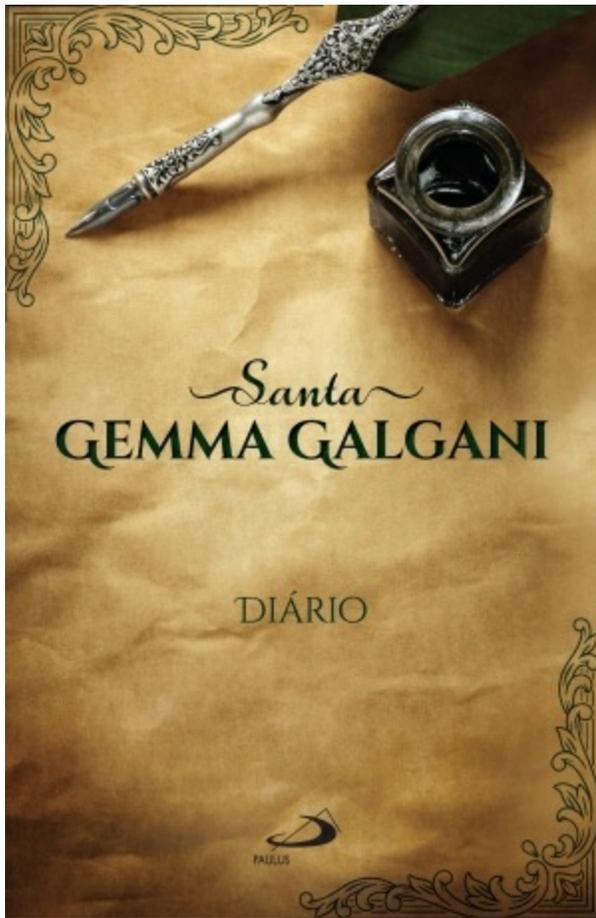
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Vv.Aa.

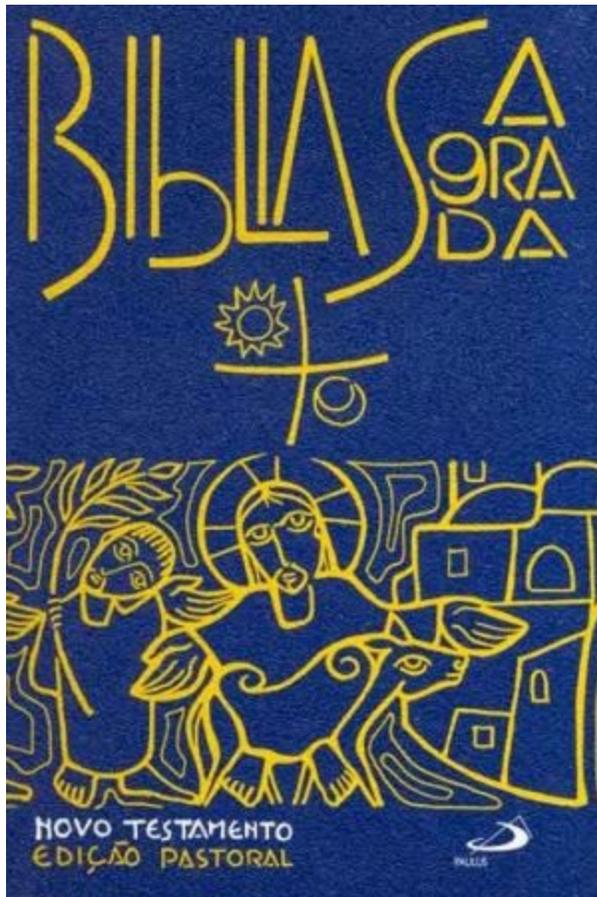
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)

LEE MARTIN McDONALD

A origem da Bíblia

Um guia para os perplexos



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Prefácio	4
Convite aos colaboradores	7
Agradecimentos	9
Uma judia escreve sobre Jesus, o judeu - LAURA BERNSTEIN	10
PRIMEIRA PARTE - CONCEPÇÕES HISTÓRICAS E TEOLÓGICAS	12
1. A Evolução das concepções judaicas a respeito de Jesus - MICHAEL J. COOK	13
2. Jesus como judeu histórico - ARNOLD JACOB WOLF	37
3. “Quem você diz que sou?” - BYRON L. SHERWIN	44
4. Conversando sobre a Torá com Jesus - HERBERT BRONSTEIN	58
SEGUNDA PARTE - AVALIAÇÕES E INTERPRETAÇÕES	76
5. O primo incômodo - ANDREW VOGEL ETTIN	77
6. Yeshua, o hasid - DANIEL MATT	89
7. Carta do Rabino Gamaliel ben Gamaliel - STANLEY NED ROSENBAUM (tradutor)	97
8. Reflexão judaica sobre imagens de Jesus - DANIEL F. POLISH	112
9. Jesus, os rabinos e a imagem numa moeda - ARTHUR WASKOW	118
10. Que tipo de homem? - HOWARD AVRUHM ADDISON	123
TERCEIRA PARTE - CONCEPÇÕES PESSOAIS	128
11. A palavra “J” - ALLEN SECHER	129
12. Meu amigo Jesus - JOSEPH GELBERMAN	138
13. Meu almoço com Jesus - LAWRENCE KUSHNER	141
14. Jesus e eu - LANCE FLITTER	144
QUARTA PARTE - A CONVERSAÇÃO CONTINUA	157
15. “Como Vocês Lêem?” - LAWRENCE EDWARDS	158

16. Novos olhos - MICHAEL LERNER	167
17. Yehoshua e a Aliança intacta - DREW LEDER	169
18. Jesus - LEWIS D. SOLOMON	172
19. Escutando Jesus para ouvir a Deus - RAMI M. SHAPIRO	191
Conclusão	204
Epílogo	205
Recursos para continuar a conversação	208
Colaboradores	209